
LAUREN
OLIVER
PANDEMÔNIO
intrínseca

LAUREN OLIVER

PANDEMÔNIO

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2012 by Laura Schechter
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Pandemonium

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Flora Pinheiro

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-312-1

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para meus pais:
Obrigada por todos os livros, telefonemas,
refeições grátis, paciência infinita e amor sem limites.

agora

Alex e eu estamos deitados em um cobertor no quintal do número 37 da rua Brooks. As árvores parecem maiores e mais escuras que de costume. As folhas estão quase pretas, tão entrelaçadas que encobrem o céu.

— Acho que não foi um bom dia para um piquenique — diz Alex, e só então percebo que, é claro, não foi mesmo: não comemos nada da comida que trouxemos.

Aos nossos pés, no cobertor, tem uma cesta cheia de frutas quase estragadas, cobertas por formiguinhas pretas.

— Por que não? — pergunto.

Estamos olhando para a teia de folhas lá em cima, compacta como uma parede.

— Porque está nevando.

Alex ri, e mais uma vez percebo que ele tem razão: está nevando, grandes flocos cinzentos girando à nossa volta. Também está muito frio. Minha respiração forma nuvens no ar, e colo meu corpo no dele, tentando me aquecer.

— Alex, me dê seu braço — digo, mas ele não responde. Tento me encaixar no espaço entre seu braço e o peito, mas o corpo dele está rígido, não mexe. — Alex — insisto. — Ei, estou com frio.

— Estou com frio — repete ele mecanicamente, mal movendo os lábios.

A boca está azulada e rachada. Ele fita as folhas sem piscar.

— Olhe para mim — peço, mas ele não vira a cabeça, não pisca, não se mexe. Uma histeria começa a surgir dentro de mim, uma voz aguda que diz *tem algo errado, algo errado*, e eu me sento e coloco a mão no peito dele, frio como gelo. — Alex — digo, e depois solto um grito breve: — Alex!

— Lena Morgan Jones!

Desperto de repente, em meio a um coro de risadinhas abafadas.

A Sra. Fierstein, professora de biologia do terceiro ano no Quincy Edwards, um colégio para meninas situado no Brooklyn, Setor 5, Distrito 17, está me encarando. É a terceira vez que durmo na aula dela esta semana.

— Já que você parece achar a Criação da Ordem Natural tão exaustiva — diz ela —, que tal um passeio à sala do diretor, para despertar?

— Não! — disparo, mais alto do que pretendia, e provoco uma nova onda de risadinhas entre as garotas.

Vim estudar no Edwards após as férias de inverno, há pouco mais de dois meses apenas, e já fui eleita a Esquisita Número Um. As pessoas me evitam como se eu tivesse alguma doença: como se eu tivesse a doença.

Se elas soubessem…

— Este é seu último aviso, Srta. Jones — adverte a Sra. Fierstein. — Está me entendendo?

— Não vai se repetir. — Tento parecer obediente e arrependida.

Procuro afastar a lembrança do pesadelo, os pensamentos sobre Alex, sobre Hana e sobre meu antigo colégio, fora, fora, fora, como Graúna me ensinou a fazer. Aquela vida de antes morreu.

A Sra. Fierstein me encara uma última vez (para me intimidar, suponho) e se vira novamente para o quadro, retomando a aula sobre a energia divina dos elétrons.

A Lena antiga teria pavor de uma professora como Fierstein. Ela é velha, má e parece ter nascido do cruzamento de um sapo com um pit bull. É uma daquelas pessoas que fazem a cura parecer redundante: não dá para imaginar que ela algum dia fosse capaz de amar, mesmo sem a intervenção.

Mas a Lena de antes também morreu.

Eu a enterrei.

Deixei-a do outro lado de uma cerca, atrás de uma parede de fumaça e chamas.

antes

No começo, há fogo.

Fogo nas minhas pernas e nos pulmões, fogo dilacerando cada nervo e cada célula do meu corpo. É assim que eu nasço de novo, em agonia: emergindo da escuridão e do calor sufocante. Forço passagem por um espaço escuro e úmido de ruídos e odores estranhos.

Corro e, quando não consigo mais correr, sigo mancando, e quando não consigo nem mais mancar rastejo, centímetro por centímetro, cravando as unhas no solo como uma minhoca que desliza pela vegetação alta de uma selva nova e estranha.

E sangro, também, ao nascer.

Quando percebo que fui atingida, não sei ao certo o quanto avancei na Selva nem há quanto tempo estou me embrenhando cada vez mais na mata. Ao menos um dos reguladores deve ter me acertado enquanto eu pulava a cerca. Uma bala me atingiu de raspão logo abaixo da axila, e minha camiseta está encharcada de sangue. No entanto, tive sorte: o ferimento é superficial. Mas ver tanto sangue, a pele arrancada, torna tudo real: este lugar novo, a vegetação densa, monstruosa, por todos os lados, o que aconteceu, o que deixei para trás.

O que me foi tirado.

Não tenho nada no estômago, mas ainda assim vomito. Tusso e cuspo bile nas folhas finas e lustrosas que me rodeiam. Pássaros piam lá no alto. Um animal que veio investigar o que acontecia volta apressado para o emaranhado de vegetação.

Pense, pense. Alex. Pense no que Alex faria.

Alex está aqui, bem aqui. Imagine isso.

Tiro a blusa, rasgo uma tira da barra e amarro a parte mais limpa no peito, com força, para comprimir a ferida e estancar o sangramento. Não faço ideia de onde estou, tampouco sei para onde estou indo. Meu único pensamento é seguir em frente, continuar andando, adentrando cada vez mais a mata, seguindo para longe das cercas e do mundo de cães, armas e...

Alex.

Não. Alex está aqui. Você precisa imaginar.

Passo a passo, luto contra espinhos, abelhas e mosquitos, afasto os galhos grossos e cheios de ramos, atravesso nuvens de pernilongos e a bruma que paira no ar. Em determinado momento chego a um rio: estou tão fraca que quase sou arrastada pela correnteza. À noite, cai uma chuva forte e gelada; fico encolhida junto às raízes de um carvalho enorme enquanto à minha volta animais que não enxergo gritam, chocalham e estalam na escuridão. Estou apavorada demais para dormir; se eu dormir, vou morrer.

Não nasço de repente, a nova Lena.

Passo a passo — e depois, centímetro a centímetro.

Engatinho, as entranhas retorcidas, virando pó, a boca cheia do gosto de fumaça.

Unha por unha, como uma minhoca.

É assim que ela vem ao mundo, a nova Lena.



Quando não consigo mais seguir em frente, nem sequer um centímetro, deito a cabeça no chão e espero a morte. Estou cansada demais para sentir medo. Acima de mim há escuridão, e tudo ao meu redor é escuridão, e os sons da floresta são uma sinfonia que canta minha despedida deste mundo. Já estou em meu enterro. Estou sendo baixada para um espaço estreito e escuro, e minha tia Carol está lá, e também Hana, e minha mãe e minha irmã e até meu pai há muito falecido. Todos vendo meu corpo ser colocado no túmulo e estão cantando.

Estou em um túnel preto cheio de névoa e não sinto medo.

Alex está esperando por mim do outro lado; Alex de pé, sorrindo, banhado na luz do sol.

Alex esticando os braços para mim, chamando…

Ei. Ei.

Acorde.

— Ei. Acorde. Vamos, vamos, vamos.

A voz me arranca do túnel, e por um momento fico muito decepcionada quando abro os olhos e vejo não o rosto de Alex, mas outro rosto, um distinto

e nada familiar. Não consigo pensar; o mundo está todo em pedaços. Cabelo preto, um nariz pontudo, olhos verdes intensos: peças de um quebra-cabeça que não consigo montar.

— Isso mesmo, fique comigo. Lupi, cadê a droga da água?

Alguém sustenta meu pescoço, e, de repente, a salvação. Uma sensação gelada, líquido escorrendo: água enche minha boca, minha garganta, escorre pelo meu queixo, remove a poeira, o gosto de fogo. Primeiro eu tusso, engasgo, quase choro. Depois sorvo, engulo, sugo, enquanto a mão permanece sob meu pescoço e a voz não para de sussurrar palavras de encorajamento:

— Isso mesmo. Tome o quanto precisar. Você está bem. Está tudo bem agora.

Cabelos pretos e soltos, uma tenda a meu redor: uma mulher. Não, uma garota; uma garota de boca fina e tensa, com rugas nos cantos dos olhos e mãos ásperas como o tronco de um salgueiro e grandes como cestas. Eu penso: *Obrigada.* Eu penso: *Mãe.*

— Você está segura. Está tudo bem. Você está bem.

É assim que os bebês nascem, afinal: aninhados nos braços de alguém, sugando, indefesos.

Depois disso, a febre me domina de novo. Meus momentos de vigília são poucos, e minhas impressões, desconexas. Mais mãos e mais vozes; sou erguida; um caleidoscópio de verde acima de mim e desenhos fractais no céu. Mais tarde sinto cheiro de fogueira e uma coisa fria e úmida ser pressionada em minha pele, e há fumaça e vozes sussurradas, e uma dor lancinante na lateral do corpo, depois gelo, alívio. Uma maciez deslizando pelas pernas.

E no meio disso tudo tenho sonhos diferentes de todos os que já tive. São cheios de explosões e violência: sonhos de pele derretendo e esqueletos queimados até virarem fragmentos pretos.

Alex nunca volta para mim. Ele seguiu na minha frente e desapareceu no túnel.

Quase todas as vezes que acordo ela está lá, a garota de cabelo preto, me mandando beber água ou pressionando uma toalha fria em minha testa. Suas mãos cheiram a fumaça e cedro.

E por baixo de tudo, por baixo do ritmo do despertar e de dormir, da febre e dos calafrios, está a palavra que ela repete sem parar, fazendo-a penetrar em meus sonhos, afastar parte da escuridão que lá existe, puxar-me quando estou me afogando: *Segura. Segura. Segura. Você está segura agora.*

A febre enfim cede, depois de não sei quanto tempo, e acabo recuperando a consciência agarrando-me a essa palavra, uma viagem de volta delicada e suave, como se fosse levada por uma única onda até a praia.



Antes mesmo de abrir os olhos ouço pratos batendo e o murmúrio de vozes, sinto o cheiro de fritura. Meu primeiro pensamento é de que estou em casa, na casa de tia Carol, e que ela está vindo me chamar para tomar café da manhã... uma manhã como qualquer outra.

E então as lembranças — o voo com Alex, a fuga fracassada, meus dias e noites sozinha na Selva — voltam com violência, e abro os olhos de súbito e tento me sentar. Mas meu corpo não me obedece. Só consigo erguer a cabeça; parece que estou presa em um bloco de pedra.

A garota de cabelo preto, que deve ter me encontrado e me trazido até aqui, seja lá que lugar for este, está de pé no canto, junto a uma pia grande de pedra. Ela se vira rapidamente quando me ouve me mexendo na cama.

— Calma — diz ela, tirando as mãos da pia. Seus braços estão molhados até os cotovelos. Seu rosto é astuto, extremamente alerta, como o de um animal. Seus dentes são pequenos, pequenos demais para a boca, e um pouquinho tortos. Ela cruza o aposento e se agacha ao lado da cama. — Você passou o dia inteiro inconsciente.

— Onde estou? — pergunto com um gemido. Minha voz está rouca, quase irreconhecível.

— Na base principal — responde a garota. Ela está me observando com atenção. — Bem, é como chamamos.

— Não, perguntei… — Estou tentando entender o que aconteceu depois que pulei aquela cerca. Só consigo pensar em Alex. — Perguntei se aqui é a Selva.

Uma expressão — de desconfiança, talvez — cruza rapidamente o rosto dela.

— Estamos em uma zona livre, sim — diz ela com cuidado, e então fica de pé e, sem dizer outra palavra, afasta-se da cama e desaparece por uma porta que leva a uma parte escura.

De algum lugar do prédio ouço vozes indistintas. Sinto uma leve pontada de medo, pergunto-me se cometi um erro ao mencionar a Selva, pergunto-me se essas pessoas são confiáveis. Nunca ouvi ninguém chamar o território não regulamentado de "zona livre".

Mas não. Sejam elas quem forem, essas pessoas devem estar do meu lado; ela me salvaram, durante dias me tiveram inteiramente nas mãos.

Consigo me erguer um pouco e ficar quase sentada, então apoio a cabeça na parede de pedra atrás de mim. O aposento todo é de pedra: piso de pedra áspera, paredes de pedra com uma fina camada de mofo crescendo em algumas partes, uma pia de pedra em estilo antigo com uma torneira enferrujada que claramente não funciona há anos. Estou deitada em um leito estreito e duro, coberto com colchas velhas. É a única mobília que vejo, além de alguns baldes de metal em um canto debaixo da pia velha e de uma única cadeira de madeira. Não há janelas, nem lâmpadas — só dois lampiões à pilha que enchem o quarto com uma luz azulada fraca.

Em uma parede há uma pequena cruz de madeira com a figura de um homem suspenso no meio dela. Reconheço o símbolo: é uma cruz de uma das antigas religiões, da época anterior à cura, apesar de eu agora não conseguir lembrar qual era.

Tenho um flashback repentino da aula de história americana do segundo ano, a Sra. Dernler olhando para nós com raiva por trás dos seus enormes óculos, apontando para o livro aberto e dizendo:

— Estão vendo? Estão vendo? Essas religiões antigas manchavam tudo com amor. Fediam a *deliria*; exploravam a doença.

E, é claro, na época isso me pareceu terrível e verdadeiro.

Amor, o mais mortal de todos os males.

O amor pode matar.

Alex.

Você pode tanto morrer de amor…

Alex.

... quanto da falta dele.

Alex.

— Você estava quase morta quando a encontramos — diz, sem rodeios, a garota de cabelo preto quando volta para o quarto. Ela leva nas mãos, com cuidado, uma tigela de cerâmica. — Mais do que quase. Pensamos que não fosse sobreviver. Mas achei que devíamos ao menos tentar.

Ela me lança um olhar duvidoso, como se não tivesse certeza de ter valido a pena o esforço, e por um momento me lembro da prima Jenny, do modo como ela colocava as mãos na cintura e me examinava, e preciso fechar os olhos rapidamente para impedir que aquilo tudo me inunde mais uma vez: a imensa onda de imagens, lembranças de uma vida que agora se foi.

— Obrigada — digo.

Ela dá de ombros, mas diz com aparente sinceridade:

— Não foi nada.

Ela puxa a cadeira de madeira para perto da cama e se senta. Seu cabelo é comprido e está embaraçado acima da orelha esquerda. Atrás, ela tem a marca da intervenção, uma cicatriz de três pontas, igual à de Alex. Mas ela não pode estar curada, pois está aqui, do outro lado da cerca: uma Inválida.

Tento me sentar ereta, mas preciso me recostar, exausta, depois de apenas alguns segundos de esforço. Sinto-me como uma marionete que ganhou vida apenas parcialmente. Sinto uma dor lancinante atrás dos olhos e, quando abaixo a cabeça, vejo que minha pele ainda está marcada com uma teia de cortes e arranhões, picadas de insetos e feridas.

A tigela está cheia de um caldo praticamente transparente, tingido de verde-claro. Ela faz menção de passá-la para mim, mas hesita.

— Você consegue segurar?

— É claro que consigo — respondo, mais rude do que pretendia.

A tigela é mais pesada do que eu supunha. Tenho dificuldade em levá-la à boca, mas acabo conseguindo. Minha garganta está arranhando como lixa, e, ao engolir o caldo, a sensação é divina; apesar de deixar um gosto estranho de musgo na boca, no final tomo tudo com avidez.

— Devagar — diz a garota, mas não consigo parar. De repente a fome se escancara dentro de mim, negra e infinita e desmedida. Assim que o caldo acaba, fico desesperada por mais, apesar de imediatamente meu estômago começar a doer. — Assim você vai ficar enjoada — continua ela, balançando a cabeça, e pega a tigela vazia das minhas mãos.

— Tem mais? — pergunto, rouca.

— Daqui a pouquinho.

— Por favor.

A fome é uma cobra, atacando-me a boca do estômago, consumindo-me por dentro.

Ela suspira, fica de pé e desaparece para a área escura além da porta. Tenho a impressão de que as vozes que vêm do corredor estão mais altas, amplificadas. E então, abruptamente, silêncio. A garota de cabelo preto volta com uma segunda tigela de caldo. Pego-a de suas mãos, e ela se senta de novo e puxa as pernas na direção do peito, como uma criança. Seus joelhos são ossudos e marrons.

— E então, onde você cruzou? — Quando eu hesito, ela acrescenta: — Tudo bem. Não precisa falar sobre isso se não quiser.

— Não, não. Tudo bem. — Tomo essa segunda tigela mais devagar, saboreando a estranheza terrosa do caldo, como se tivesse sido cozido com pedras. Pelo que ouvi, é bem possível. Alex me contou uma vez que os Inválidos, as pessoas que moram na Selva, aprenderam a se virar com o mínimo de provisões. — Eu vim de Portland. — Logo a tigela está novamente vazia, apesar de a cobra no meu estômago continuar se contorcendo. — Onde estamos agora?

— Alguns quilômetros a leste de Rochester — diz ela.

— Rochester, New Hampshire? — pergunto.

Ela dá um sorrisinho.

— Isso. Você deve ter vagado por aí. Por quanto tempo andou sozinha?

— Não sei. — Apoio a cabeça na parede. Rochester, New Hampshire. Devo ter cruzado a fronteira norte quando estava perdida na Selva; acabei indo parar cem quilômetros a sudoeste de Portland. Estou exausta de novo, apesar de ter dormido dias seguidos. — Perdi a noção de tempo.

— Você é uma mulher de peito — diz ela. Não sei bem o que isso significa, mas imagino. — Como você cruzou?

— Eu não estava… não estava sozinha — digo, e a cobra chicoteia e para. — O que quero dizer é que eu não ia cruzar sozinha.

— Você estava acompanhada? — Ela está com aquele olhar penetrante de novo, com os olhos quase tão escuros quanto o cabelo. — Era um amigo?

Não sei como corrigi-la. Meu melhor amigo. Meu namorado. Meu amor. Ainda não estou completamente à vontade com essa palavra, e parece quase sacrílega, então apenas faço que sim com a cabeça.

— O que aconteceu? — insiste ela, agora com um tom um tanto mais suave.

— Ele… ele não conseguiu. — Os olhos dela brilham de compreensão quando digo "ele": se estávamos vindo juntos de Portland, um local de segregação, devíamos ser mais do que apenas amigos. Felizmente ela não

insiste no assunto. — Conseguimos chegar à cerca da fronteira. Mas aí os reguladores e os guardas… — A dor em meu estômago se intensifica. — Eram muitos.

Ela fica de pé em um pulo, vai até o canto, pega um dos baldes de metal salpicado de manchas de água, coloca-o ao lado da cama e se senta de novo.

— Ouvimos boatos — diz ela sucintamente. — Histórias de uma grande fuga em Portland, com muito envolvimento policial, e que foi completamente encoberta.

— Então você soube? — Tento mais uma vez me erguer, mas as cólicas me fazem recostar na parede. — E disseram o que aconteceu com meu… meu amigo?

Faço a pergunta mesmo já sabendo a resposta. É claro que sei.

Eu o vi ali de pé, coberto de sangue, enquanto eles caíam em cima dele e o cercavam, como as formigas pretas de meu sonho.

Ela não responde, apenas aperta com força os lábios e balança a cabeça. Não precisa falar mais nada: está claro o que ela quer dizer. Está escrito na piedade que vejo em seu rosto.

A cobra se desenrola completamente e começa a se debater. Fecho os olhos. Alex, Alex, Alex: minha razão para tudo, minha nova vida, a promessa de algo melhor: morto, transformado em cinzas. Nada vai voltar a ficar bem, nunca.

— Eu tinha esperanças de que…

Deixo escapar uma exclamação de dor quando a coisa terrível que se debatia em meu estômago sobe pela garganta em uma onda de enjoo.

Ela suspira de novo, e eu a escuto ficar de pé e afastar a cadeira da cama.

— Acho… — Mal consigo forçar as palavras a saírem; estou tentando engolir a náusea. — Acho que vou…

E então me inclino na cama e vomito no balde que ela colocou ao meu lado, o corpo tomado por ondas de enjoo.

— Eu sabia que comendo daquele jeito você ia acabar vomitando — diz a garota, balançando a cabeça. Em seguida desaparece no corredor escuro. Segundos depois, enfia a cabeça pelo vão da porta. — Aliás, eu sou Graúna.

— Lena — digo, e a palavra provoca uma nova onda de vômito.

— Lena — repete ela. Ela bate uma vez na parede com os nós dos dedos. — Bem-vinda à Selva.

Em seguida ela some, e eu fico sozinha com o balde.

Mais tarde Graúna reaparece, e tomo o caldo de novo. Dessa vez vou mais devagar e consigo manter a comida no estômago. Ainda estou tão fraca que mal consigo levar a tigela à boca, então Graúna me ajuda. Eu deveria estar envergonhada, mas não consigo sentir nada. A náusea desaparece e é substituída por um entorpecimento tão completo que é como afundar em água gelada.

— Muito bem — diz Graúna, em aprovação, quando tomo metade do caldo. Ela pega a tigela e desaparece de novo.

Agora que estou acordada e consciente, só quero dormir de novo. Pelo menos enquanto durmo posso sonhar que estou com Alex, posso sonhar que estou em um mundo diferente. Aqui, neste mundo, não tenho nada: nem família, nem casa, nenhum lugar aonde ir. Alex se foi. A esta altura, até minha identidade já deve ter sido Invalidada.

Não consigo chorar. Minhas entranhas viraram pó. Relembro sem parar aquele último momento, quando me virei e o vi de pé atrás da parede de fumaça. Em minha mente, tento voltar pela cerca e cruzar a fumaça; tento segurar a mão dele e puxá-lo.

Alex, volte.

Não há nada a fazer exceto me deixar levar. As horas me cercam, envolvem-me por completo.

Pouco depois ouço passos arrastados, e então ecos de risada e conversa. Isso pelo menos me dá alguma coisa em que me concentrar. Tento diferenciar as vozes, adivinhar quantas pessoas são, mas o máximo que consigo é identificar alguns tons graves (homens, garotos) e algumas risadinhas agudas, além de uma ocasional gargalhada. Em um momento ouço Graúna exclamar "Tudo bem, tudo bem", mas na maior parte do tempo as vozes são ondas de som, tons apenas, como uma canção distante.

É claro que faz sentido que, na Selva garotas e rapazes morem juntos — essa é a questão, afinal: liberdade de escolha, liberdade para estar perto das outras pessoas, liberdade para olhar e tocar e amar uns aos outros —, mas a ideia é bem diferente da realidade, e não consigo evitar: começo a sentir um pânico leve.

Alex é o único garoto que já conheci e com quem falei de verdade. Não gosto de pensar em todos esses estranhos do sexo masculino apenas do outro

lado da parede de pedra, com suas vozes de barítono e suas gargalhadas graves. Antes de conhecer Alex, vivi quase dezoito anos acreditando piamente no sistema, acreditando cem por cento que o amor era uma doença, que precisamos nos proteger, que garotas e garotos devem ficar rigorosamente separados para impedir o contágio. Olhares, toques, abraços: tudo isso carregava o risco de contaminação. E apesar de o contato com Alex ter me mudado, não dá para se livrar do medo imediatamente. Não dá.

Fecho os olhos, respiro fundo, tento mais uma vez me forçar a descer as camadas de consciência e ser levada pelo sono.

— Muito bem, Azul. Fora daqui. Hora de dormir.

Abro os olhos de repente. Uma garota de seis ou sete anos está de pé na porta me olhando. Ela é magra e bastante bronzeada, usa short jeans sujo e um suéter de algodão grande demais — uns catorze tamanhos acima do seu. É tão grande que escorrega pelos ombros e deixa à mostra uma escápula pontuda como uma asa. Seu cabelo é louro-escuro e vai quase até a cintura, e ela está descalça. Graúna tenta contorná-la para entrar carregando um prato.

— Não estou cansada — diz a garota, os olhos fixos em mim.

Ela pula de um pé para o outro, mas não chega a entrar no quarto. Seus olhos são de um tom de azul surpreendente, da cor vívida do céu.

— Nada de discussão — replica Graúna, batendo com o quadril na garota, de brincadeira, ao passar. — Fora.

— Mas…

— Qual é a regra número um, Azul? — A voz de Graúna fica séria.

A menina leva o polegar à boca e rói a unha.

— Obedecer Graúna — murmura ela.

— *Sempre* obedecer Graúna. E Graúna diz que é hora de dormir. Agora vá.

Azul me lança um último olhar pesaroso e então sai correndo.

Graúna suspira, revira os olhos e puxa a cadeira para perto da cama.

— Sinto muito — diz ela. — Todo mundo está louco para ver a garota nova.

— Quem é todo mundo? — pergunto. Minha garganta está seca. Não consegui ficar de pé e ir até a pia, mas, de qualquer modo, está claro que os canos não funcionam. Não tem como haver encanamento na Selva. Todas as redes de água e eletricidade foram cortadas anos atrás, durante a *blitz*. — Quer dizer, quantos vocês são?

Graúna dá de ombros.

— Ah, você sabe, varia. As pessoas vêm e vão, transitam entre lares. Devem ser umas vinte agora, mas em junho tivemos quase quarenta passantes, e no inverno lotamos este lar.

Concordo com a cabeça, apesar de esse papo sobre lares e passantes me confundir. Alex me contou muito pouco sobre a Selva, e cruzamos uma vez sem problemas. Foi a primeira e última vez que estive em território não regulamentado antes de nossa grande fuga.

Antes de minha grande fuga.

Enterro as unhas nas palmas das mãos.

— Você está bem?

Graúna me observa com atenção.

— Queria um pouco de água — peço.

— Tome — diz ela. — Pegue isto.

Ela me entrega o prato que trouxe: no meio há duas pequenas panquecas salgadas, redondas, escuras e cheias de grãos. Em uma prateleira no canto ela pega uma lata amassada de sopa e a usa como concha para tirar um pouco de água de um dos baldes que estão sob a pia e a traz até mim. Só posso torcer para que aquele balde não seja usado também para vomitar.

— É difícil conseguir copos aqui — diz ela quando ergo as sobrancelhas para a lata de sopa, e acrescenta: — Bombas.

Ela fala como se estivesse em um mercado e dissesse *laranja*; como se fosse a coisa mais rotineira do mundo. Graúna se senta de novo e fica distraída trançando algumas mechas de cabelo com seus compridos dedos morenos.

Levo a lata de sopa aos lábios. As bordas são denteadas, portanto bebo com cuidado.

— Aqui a gente aprende a se virar — diz Graúna, com uma espécie de orgulho. — Construímos coisas do nada, usando restos e lixo e ossos. Você vai ver.

Olho para o prato em meu colo. Estou com fome, mas as palavras *lixo* e *ossos* me deixam nervosa quanto a comer.

Graúna deve entender o que estou pensando, porque ri.

— Não se preocupe — diz ela. — Não tem nada de nojento. Algumas frutas secas, um pouco de farinha, um tanto de óleo. Não é a melhor coisa que você já comeu, mas vai lhe dar forças. Estamos ficando sem suprimentos; não recebemos entregas há uma semana. A fuga ferrou muito a gente, sabe.

— A minha fuga?

Ela assente.

— A semana inteira as cercas ficaram ligadas em todas as cidades em um raio de cento e cinquenta quilômetros, e dobraram a segurança. — Abro a boca para me desculpar, mas ela me interrompe: — Não tem problema. Eles fazem isso toda vez que há uma falha. Sempre ficam com medo de ocorrer um levante em massa e as pessoas correrem para a Selva. Mas daqui a alguns dias vão voltar a relaxar, e receberemos nossos suprimentos. Enquanto isso… — Ela aponta com o queixo para o prato. — Frutas secas.

Dou uma mordiscada na panqueca. Não está ruim, na verdade: torrada, crocante e só um pouco oleosa, deixando em meus dedos uma camada fina de gordura. É bem mais gostoso do que o caldo, e digo isso a Graúna.

Ela sorri para mim.

— É, Barata é o nosso cozinheiro. Ele consegue fazer qualquer coisa virar uma boa refeição. Bem, consegue transformar qualquer coisa em uma refeição comível.

— Barata? É o nome dele de verdade?

Graúna termina uma trança, joga-a por cima do ombro e começa outra.

— Tão de verdade quanto qualquer nome — diz ela. — Barata passou a vida toda na Selva. Ele vem de um dos lares do sul, perto de Delaware. Alguém de lá deve ter escolhido o nome dele. Quando chegou aqui, já era Barata.

— E quanto a Azul? — pergunto.

Acabo a primeira panqueca sem ficar enjoada e coloco o prato no chão, ao lado da cama. Não quero abusar da sorte.

Graúna hesita por uma fração de segundo.

— Ela nasceu aqui no lar.

— Então esse nome é por causa dos olhos azuis — concluo.

Graúna fica de pé de repente e se vira antes de dizer "Aham". Ela vai até as prateleiras perto da pia e apaga um dos lampiões, fazendo o quarto afundar ainda mais na escuridão.

— E você? — pergunto a ela.

Ela aponta para o próprio cabelo.

— Graúna. — Ela sorri. — Não é muito original.

— Não, eu quis dizer… você nasceu aqui? Na Selva?

O sorriso desaparece de repente, como uma vela sendo soprada. Por um segundo Graúna parece quase zangada.

— Não — responde ela. — Vim com quinze anos.

Sei que não deveria, mas não consigo deixar de insistir no assunto:

— Sozinha?

— Sim.

Ela pega o segundo lampião, que ainda emite um brilho azul-claro, e vai até a porta.

— E qual era seu nome? — pergunto, e Graúna para de repente, de costas para mim. — Antes de você vir para a Selva — insisto.

Por um momento ela permanece parada. Mas então se vira. Como está segurando o lampião em uma altura baixa, seu rosto fica na escuridão. Seus olhos são dois reflexos vazios, brilhando como pedras negras ao luar.

— É melhor se acostumar logo — diz ela, com uma intensidade contida. — Tudo o que você era, a vida que tinha, as pessoas que conhecia… adeus. — Ela balança a cabeça e completa, com um pouco mais de firmeza: — Não existe o antes. Só existem o agora e o que vem depois.

Ela então vai para o corredor com o lampião, deixando-me na escuridão total, meu coração batendo muito acelerado.

Na manhã seguinte, acordo morrendo de fome. O prato ainda está ali com a segunda panqueca, e ao esticar a mão para pegá-lo caio da cama e bato com os joelhos no chão frio de pedra. Um besouro está explorando a superfície da comida. Se fosse antigamente, isso teria me enojado, mas agora estou com fome demais para me importar. Dou um peteleco no inseto, vejo-o correr para um canto, como a panqueca avidamente segurando-a com as duas mãos e ainda lambo os dedos quando termino. Isso aplaca só uma pontinha da minha fome.

Fico de pé devagar, apoiando-me na cama. É a primeira vez em dias que me levanto, a primeira vez que faço mais do que rastejar até uma bacia de metal no canto, colocada ali por Graúna, que usei como banheiro. Encolhida no escuro, a cabeça baixa e as coxas tremendo, sou um animal, não mais humana.

Estou tão fraca que preciso parar ao alcançar a porta, onde me recosto. Sinto-me como uma das garças reais que eu via às vezes na enseada lá em

Portland: o bico e a barriga inchados sobre pernas finas e compridas; completamente fora de proporção, desequilibrada.

Saio do quarto para um corredor comprido e escuro, também sem janelas, também de pedra. Ouço pessoas conversando e rindo, o ruído de cadeiras sendo arrastadas e água caindo: sons de cozinha. Sons de comida. O corredor é estreito, e passo as mãos pelas paredes enquanto me desloco, reaprendendo a usar as pernas e o corpo. Um vão à minha esquerda, sem porta, leva a uma sala grande. Em um dos lados há muitos suprimentos médicos e de higiene (gaze, tubos e mais tubos de bacitracina, centenas de caixas de sabonetes, ataduras), e, do outro, quatro colchões estreitos direto no chão, com uma variedade de roupas e cobertores empilhados. Mais adiante vejo outro aposento, que deve ser usado apenas para dormir: tem colchões de uma parede à outra, cobrindo praticamente cada centímetro do chão, o quarto parecendo uma enorme colcha de retalhos.

Sinto uma pontada de culpa. Obviamente me deram a melhor cama, o melhor quarto. Ainda fico abismada ao pensar no quanto me enganei todos aqueles anos em que acreditei em boatos e mentiras. Eu achava que os Inválidos fossem animais; achava que me estraçalhariam. Mas essas pessoas me salvaram, me deram o lugar mais macio para dormir e cuidaram de mim até eu me recuperar, sem pedir nada em troca.

Os animais estão do outro lado da cerca: monstros de uniforme. Falam com suavidade e contam mentiras e sorriem enquanto cortam sua garganta.

O corredor continua para a esquerda, e o volume das vozes aumenta. Agora sinto cheiro de carne cozinhando, e meu estômago ronca alto. Passo por mais quartos, alguns de dormir, um quase totalmente vazio e cheio de prateleiras: em um canto, empilhados, estão meia dúzia de latas de feijão, um saco de farinha pela metade e, estranhamente, uma cafeteira empoeirada; em outro canto há baldes, latas de café e um esfregão.

O corredor vira mais uma vez para a direita e então termina de repente em um aposento grande, bem mais iluminado do que os outros. Uma pia de pedra, parecida com a do meu quarto, ocupa uma parede inteira. Acima dela, uma prateleira comprida comporta meia dúzia de lampiões à pilha, que preenchem o espaço com uma luz morna. No centro do aposento há duas mesas de madeira compridas e estreitas, cheias de gente sentada à volta.

Quando entro, a conversa é interrompida abruptamente: dezenas de olhos se viram em minha direção, e de repente me dou conta de que só estou vestindo

uma camiseta grande e suja que não passa do meio da minha coxa.

Há homens no aposento também, sentados lado a lado com as mulheres. Pessoas de todas as idades, todas não curadas. É algo tão estranho e distorcido que quase me tira o fôlego. Fico petrificada. Abro a boca para falar, mas nada sai. Sinto o peso do silêncio, o calor de todos aqueles olhos.

Graúna vem em meu socorro.

— Você deve estar com fome — diz ela, levantando-se e fazendo sinal para um garoto na ponta da mesa. Ele deve ter treze, catorze anos. É magro, forte, com algumas espinhas.

— Esquilo — chama ela, com austeridade. Mais um apelido maluco. — Já comeu tudo?

Ele olha com tristeza para o prato vazio, como se pudesse fazer mais comida se materializar ali.

— Já — responde lentamente, olhando do prato vazio para mim e de novo para o prato.

Cruzo os braços, abraçando minha cintura.

— Então se levante. Lena precisa de um lugar para se sentar.

— Mas… — começa Esquilo a protestar, e Graúna lhe lança um olhar feroz.

— Levante logo, Esquilo. Vá fazer algo de útil. Veja se tem mensagem nos ninhos.

O menino me lança um olhar emburrado, mas se levanta e leva o prato até a pia, onde o solta com um estrondo. Isso faz Graúna, que estava sentada de novo, gritar:

— Quebrou, tem que pagar, Esquilo.

Ouvem-se algumas risadinhas, e Esquilo sai batendo o pé dramaticamente pelos degraus de pedra na extremidade do aposento.

— Sarah, pegue alguma coisa para Lena comer.

Graúna se volta para a própria comida: um morro de mingau cinzento no meio do prato.

Uma garota surge ávida à minha frente, como um boneco de mola saído de uma caixa. Ela tem olhos enormes e o corpo fino como um arame. Todos aqui são magros, na verdade: por todo lado só vejo cotovelos e ombros, todos ossudos e angulosos.

— Venha, Lena. — Ela parece se deliciar em dizer meu nome, como se fosse um privilégio especial. — Vou lhe fazer um prato.

Ela aponta para um canto: há uma enorme panela de ferro amassada e uma panela empenada coberta em um fogão à lenha antigo. Ao lado, pratos e travessas de modelos variados — e algumas tábuas de carne — estão empilhados desordenadamente.

Isso significa entrar no cômodo e passar pelas duas mesas. Se minhas pernas já estavam bambas antes, agora sinto que vou desabar a qualquer momento. Estranhamente, sinto a textura dos olhos dos homens de maneira diferente. Os olhares das mulheres são afiados, avaliadores; os dos homens são mais quentes, sufocantes, como um toque. Estou com dificuldade para respirar.

Caminho hesitante em direção ao fogão, onde Sarah está de pé, assentindo para mim encorajadoramente, como se eu fosse um bebê — apesar de ela própria não ter mais de doze anos, aposto. Fico o mais perto possível da pia, pois, caso eu tropece, quero ter algo por perto em que me apoiar.

Os rostos na cozinha são quase todos um borrão, uma mistura de cores, mas alguns se destacam: Azul me observa com olhos arregalados; um garoto louro, provavelmente da minha idade, com o cabelo todo bagunçado, parece prestes a cair na risada a qualquer segundo; outro garoto, um pouco mais velho, olha para mim com desprezo; uma mulher de cabelo castanho-avermelhado e comprido lhe caindo pelas costas. Por um momento nossos olhares se cruzam, e meu coração salta: eu penso, *Mãe.* Até agora não tinha me ocorrido que minha mãe podia estar aqui — que ela deve estar aqui, em algum lugar da Selva, em um desses lares ou acampamentos ou seja lá como se chamam. Então a mulher se mexe um pouco e vejo seu rosto e percebo que não, claro que não é ela. É jovem demais, deve ter a idade de minha mãe quando a vi pela última vez, doze anos atrás. Não sei nem se eu reconheceria minha mãe se a visse de novo; minhas lembranças dela são confusas, distorcidas pelo tempo e pelos sonhos.

— Gororoba — diz Sarah assim que chego ao fogão.

Estou exausta com essa breve caminhada pela cozinha. Não consigo acreditar que este é o mesmo corpo que costumava correr dez quilômetros tranquilamente, que subia e descia correndo o Munjoy Hill como se não fosse nada.

— O quê?

— Gororoba. — Ela levanta a tampa da panela. — É como chamamos. É o que comemos quando estamos com o estoque baixo de suprimentos. Aveia,

arroz, às vezes um pouco de pão, mais qualquer tipo de grãos que tivermos. Juntamos essa merda toda, fervemos e é isso aí. Gororoba.

Levo um susto ao ouvir um palavrão vindo da menina.

Sarah pega um prato de plástico — com silhuetas fantasmagóricas de animais ainda debilmente visíveis na superfície, um prato de criança — e coloca uma grande porção de gororoba no meio. Atrás de mim, às mesas, as pessoas voltaram a falar. A cozinha se enche do zumbido baixo de conversas e começo a me sentir um pouco melhor; pelo menos isso significa que parte da atenção não está mais em mim.

— A boa notícia — continua Sarah, com alegria — é que ontem Barata nos trouxe um presente.

— O que quer dizer? — É difícil absorver o vocabulário, o dialeto local. — Ele trouxe suprimentos?

— Melhor. — Ela sorri para mim e tira a tampa da outra panela. Dentro há uma carne marrom, levemente dourada, tostada e crocante: um cheiro que quase me faz chorar. — Coelho.

Nunca comi coelho, nunca encarei esse animal como comestível, muito menos para o café da manhã, mas aceito o prato com gratidão e não consigo parar de atacar a carne bem ali, ainda de pé. Na verdade, até prefiro ficar de pé. Qualquer coisa seria melhor do que ter que me sentar entre todos esses estranhos.

Sarah deve ter notado meu desconforto.

— Venha — diz ela. — Você pode se sentar ao meu lado.

Ela estica a mão, me segura pelo cotovelo e me guia até a mesa. Isso também é surpreendente. Em Portland, em comunidades cercadas, todo mundo é muito cuidadoso com a questão do toque. Até mesmo Hana e eu raramente nos abraçávamos, ou mesmo passávamos os braços ao redor uma da outra, e ela era minha melhor amiga.

Sinto uma câimbra, arqueio o corpo e quase deixo o prato cair.

— Calma. — Do outro lado da mesa está o garoto louro, aquele que antes mal parecia ser capaz de conter o riso. Ele ergue as sobrancelhas, que são do mesmo tom bem claro do cabelo, praticamente invisíveis de tão louras. Reparo que ele, assim como Graúna, tem a marca da intervenção atrás da orelha esquerda, que, assim como a dela, deve ser falsa. Só pessoas não curadas moram na Selva; só pessoas que escolheram ou foram forçadas a fugir das cidades cercadas. — Você está bem?

Não respondo. Não consigo. Uma vida inteira de medos e alertas pulsa em mim, e as palavras piscam rapidamente em minha cabeça: *ilegal, errado, simpatizante, doença*. Respiro fundo e tento ignorar a sensação ruim. São palavras de Portland, palavras velhas; assim como a antiga Lena, palavras que foram deixadas do outro lado da cerca.

— Ela está bem — diz Sarah em meu lugar. — É só fome.

— Estou bem — ecoo, com um atraso de uns quinze segundos.

O garoto dá um sorrisinho debochado de novo.

Sarah se senta no banco e dá tapinhas no lugar vazio a seu lado, o que Esquilo acabou de desocupar. Pelo menos estamos na ponta da mesa, não preciso me preocupar em ficar entre ela e outra pessoa. Eu me sento, mantendo os olhos no prato. Sinto que todo mundo voltou a olhar para mim. Pelo menos a conversa continua, formando um reconfortante cobertor de barulho.

— Vá em frente.

Sarah olha para mim de maneira encorajadora.

— Não tenho garfo — digo baixinho.

O garoto louro finalmente ri, uma risada alta e demorada. Sarah também.

— Não tem garfo aqui — diz ela. — Nem colher. Nem nada. Apenas coma.

Arrisco olhar para a frente e vejo que as pessoas ao redor estão sorrindo com a cena, aparentemente achando graça. Um homem grisalho que deve ter no mínimo setenta anos assente para mim, e eu baixo os olhos rapidamente. Meu corpo todo está quente de vergonha. É claro que eles não se importariam com talheres e coisas assim na Selva.

Pego o pedaço de coelho com as mãos e arranco do osso um pedacinho de carne. E nesse momento acho que vou chorar de verdade: em toda a minha vida, nunca comi nada tão gostoso.

— Bom, né? — diz Sarah, mas só consigo assentir.

De repente esqueço todos aqueles estranhos e toda aquela gente me observando. Devoro o coelho como se eu fosse um animal. Pego um pouco de gororoba com os dedos e enfio na boca. Até isso eu acho gostoso. Tia Carol simplesmente surtaria se me visse agora. Quando eu era pequena, nem comia as ervilhas que encostavam no frango; fazia porções bem separadinhas no prato.

O prato se esvazia em questão de segundos, e sobram apenas alguns ossos. Limpo a boca com as costas da mão. Então sinto uma onda de náusea e fecho

os olhos na tentativa de afastá-la.

— Muito bem — diz Graúna, ficando de pé de repente. — Hora de trabalhar.

A cozinha se agita: pessoas que se levantam ruidosamente dos bancos, conversas que não consigo acompanhar ("Montei armadilhas ontem", "Sua vez de ver a Vovó"), e aqueles estranhos que passam atrás de mim para colocar os pratos na pia com estardalhaço e então sobem a escada à minha esquerda, logo depois do fogão. Sinto o corpo e o cheiro das pessoas: um fluxo quente, um rio humano. Fecho os olhos, e quando o local se esvazia a náusea diminui um pouco.

— Como está se sentindo?

Abro os olhos e vejo Graúna de pé na minha frente, as mãos apoiadas na mesa. Sarah ainda está sentada a meu lado. Ela dobrou uma perna apoiada no banco e está abraçando o joelho. Nessa pose, finalmente parece ter a idade que tem.

— Melhor — respondo, e é verdade.

— Você pode ajudar Sarah a lavar a louça — diz ela — se quiser.

— Tudo bem — digo, e ela assente.

— Ótimo. E depois, Sarah, você pode levá-la para cima. É bom você conhecer o lar, Lena. Mas não exagere. Não quero ter que arrastar você do bosque até aqui de novo.

— Tudo bem — repito, e ela sorri satisfeita.

Ela está acostumada a dar ordens. Quantos anos deve ter? Fala com uma autoridade natural, apesar de provavelmente ser mais nova do que metade dos Inválidos aqui. *Hana iria gostar dela*, penso, e a dor volta, como uma faca perfurando logo abaixo das minhas costelas.

— E, Sarah — acrescenta Graúna, dirigindo-se à escada —, pegue uma calça para Lena no depósito, ok? Ela não precisa desfilar por aí seminua.

Sinto que estou ficando vermelha de novo e por reflexo começo a mexer na barra da camiseta, puxando-a para baixo até as coxas. Graúna flagra meu movimento e ri.

— Não se preocupe — diz ela —, não é nada que já não tenhamos visto antes.

Em seguida ela sobe a escada dois degraus de cada vez e some.

Eu tinha que lavar a louça todas as noites na casa da tia Carol e acabei me acostumando. Mas lavar a louça na Selva é outra coisa. Primeiro, tem a água. Sarah me conduz pelo corredor até um dos cômodos pelos quais passei a caminho da cozinha.

— Esta é a despensa — diz ela e por um momento franze a testa ao ver as várias prateleiras vazias e o saco de farinha quase no fim. — Estamos com o estoque meio baixo — explica ela, como se eu não pudesse perceber isso sozinha.

Sinto a ansiedade retorcer minhas entranhas; por ela, por Azul, por todos ali, só ossos e magreza.

— Aqui nesta parte é onde guardamos a água. Pegamos de manhã, mas eu não: ainda sou muito pequena. — Ela vai até o canto onde estão os baldes, que agora vejo que estão cheios, e levanta um deles pela alça com as duas mãos, gemendo. É grande demais, quase do tamanho do tronco dela. — Mais um deve dar — diz ela. — Um pequeno.

Ela sai da sala lutando com o balde à sua frente.

Para meu constrangimento, vejo que mal consigo levantar um dos menores. A alça de metal afunda dolorosamente na palma das minhas mãos, ainda cobertas de feridas e bolhas do período que passei sozinha na Selva, e antes de chegar ao corredor preciso colocar o balde no chão e me apoiar na parede.

— Você está bem? — grita Sarah.

— Ótima! — digo, minha voz aguda demais.

Não vou deixar que ela venha em meu socorro. Levanto o balde de novo, avanço alguns passos hesitantes, coloco-o de novo no chão, descanso. Levanto, ando, solto, descanso. Levanto, ando, solto, descanso. Quando chego à cozinha, estou sem fôlego e suando; o sal faz meus olhos arderem. Felizmente Sarah não repara. Ela está agachada em frente ao fogão, atiçando o fogo com a ponta queimada de uma vara de madeira, fazendo-o aumentar.

— Fervemos a água de manhã — diz ela —, para que fique limpa. É importante, senão não vamos parar de cagar do café ao jantar.

Nas palavras finais dela reconheço a voz de Graúna; deve ser um dos mantras dela.

— De onde vem essa água? — pergunto, aliviada por ela estar de costas para mim, pois assim posso descansar por um momento em um dos bancos próximos.

— Do rio Cocheco — responde ela. — Não é longe daqui. Pouco mais de um quilômetro; dois, no máximo.

Impossível: não consigo me imaginar carregando esses baldes cheios por dois quilômetros.

— É também nesse rio que pegamos suprimentos — continua Sarah. — Amigos lá de dentro mandam para nós, vem tudo boiando na água. O Cocheco cruza Rochester. — Ela ri. — Graúna diz que um dia vão obrigá-lo a preencher um formulário de Motivo de Viagem.

Sarah alimenta o fogo com toras de madeira que pega de uma pilha no canto. Em seguida ela fica de pé e assente uma vez; parece satisfeita.

— Vamos só esquentar um pouco a água. Assim limpa melhor.

Em uma das prateleiras altas acima da pia há uma panela enorme, tão grande que poderia facilmente servir de bacia para uma criança tomar banho. Antes que eu tenha tempo de me oferecer para ajudá-la, Sarah sobe na pia, equilibra-se com cuidado na beirada como uma ginasta, pega a panela e pula de volta para o chão, caindo sem fazer ruído.

— Pronto. — Ela afasta do rosto algumas mechas que se soltaram do rabo de cavalo. — Agora a água vai para a panela, e a panela vai para o fogo.

Tudo na Selva envolve um processo, passos lentos, um arrastar-se para a frente. Tudo leva tempo. Enquanto esperamos que a água esquente, Sarah lista as pessoas que vivem no lar, um borrão de nomes que não vou lembrar: Vovô, o mais velho; Fê, redução de Felizarda, que perdeu um dedo devido a uma grave infecção, mas não perdeu a vida, tampouco os outros membros; Lupi, redução de Lupino, que apareceu milagrosamente na Selva um dia, no meio de um emaranhado de arbustos e espinhos, como se tivesse sido deixado ali por lobos. Há uma história para os nomes de quase todo mundo, até para o de Sarah. Quando ela chegou à Selva, sete anos atrás, com a irmã mais velha, implorou para que seu novo nome fosse bem legal. Ela faz uma careta ao lembrar, porque queria algo radical — Lâmina ou Aço —, mas Graúna apenas riu, colocou a mão em sua cabeça e disse: "Você para mim tem cara simplesmente de Sarah." E assim ela se tornou Sarah.

— Quem é sua irmã? — pergunto.

Por um momento penso em minha irmã, Rachel — não a Rachel que deixei para trás, aquela que foi curada, ficando vazia e distante, mas a Rachel de quem ainda me lembro da infância —, mas logo deixo que a imagem se desfaça em minha mente.

— Ela não está mais aqui. Deixou o lar no começo do verão para se unir à R. Vai voltar para me buscar assim que eu tiver idade para ajudar.

Há um tom de orgulho na voz dela, então concordo com entusiasmo, apesar de não fazer ideia do que seja a "R".

Mais nomes: Alistar, o louro que estava sentado em minha frente à mesa ("É o nome dele de antes", diz Sarah, pronunciando a palavra *antes* em um quase sussurro, como se fosse um palavrão. "Ele não participou de nenhum alistamento, na verdade"); e Prego, que veio do norte alguns anos atrás.

— Todo mundo diz que ele é desagradável — diz ela, e mais uma vez ouço o eco da voz de Graúna em suas palavras. Sarah está puxando o tecido da camiseta, já tão esgarçada que é praticamente transparente. — Mas eu não acho. Ele sempre foi legal comigo.

Por essa descrição, concluo que Prego é o cara de cabelo preto que me olhou com desprezo quando entrei na cozinha. Se aquele é o olhar normal dele, entendo por que o acham desagradável.

— Por que Prego? — pergunto.

Ela dá uma risadinha.

— Ele é um tanto afiado — explica ela. — Foi Vovô quem deu o nome.

Decido me manter longe de Prego se eu ficar aqui no lar. Acho que não tenho muita escolha, mas sinto que aqui não é meu lugar, e parte de mim pensa que teria sido melhor se Graúna tivesse me deixado onde me encontrou. Eu estava mais próxima de Alex naquele momento. Ele estava logo ali, do outro lado daquele túnel comprido e escuro. Eu podia ter percorrido aquela escuridão; podia tê-lo encontrado de novo.

— A água está pronta — anuncia Sarah por fim.

O processo é agonizante de tão lento: enchemos uma das pias com a água quente e Sarah coloca devagar a medida certa de sabão, sem desperdiçar uma gota sequer. Mais uma coisa que percebo na Selva: tudo é usado, reutilizado, racionado, calculado.

— E quanto a Graúna? — pergunto ao enfiar os braços na água quente.

— O que tem ela?

O rosto de Sarah se ilumina. Ela adora Graúna, dá para perceber.

— Qual é a história dela? De onde ela era, antes?

Não sei por que estou forçando o assunto. Só por curiosidade, eu acho, curiosidade por saber como alguém se torna daquele jeito: confiante, forte, uma líder.

O rosto de Sarah se anuvia.

— Não existe o antes — responde ela, lacônica, e fica em silêncio pela primeira vez em uma hora.

Lavamos a louça sem conversar.



Sarah volta a ficar falante quando terminamos de lavar a louça, e chega a hora de arrumar roupas para mim.

Ela me leva até um cômodo pequeno, que eu tinha imaginado ser um dos quartos. Há roupas espalhadas por todo lado, pilhas e mais pilhas, cobrindo o chão e ocupando as prateleiras.

— Aqui é o closet — diz ela, rindo um pouco e fazendo um gesto grandioso com a mão.

— De onde vieram todas essas roupas?

Entro com cuidado no quarto, passando por cima de meias enroladas e camisas. Cada centímetro do chão está coberto de tecido.

— A gente encontra por aí — diz Sarah de modo evasivo. E então, com súbita coragem: — A *blitz* não funcionou como eles dizem, sabe. Os zumbis mentiram. Eles mentem sobre tudo.

— Zumbis?

Ela sorri.

— É como chamamos os curados depois da intervenção. Graúna diz que eles parecem zumbis. Ela diz que a cura deixa as pessoas burras.

— Não é verdade — digo instintivamente.

E quase a corrijo: são as paixões que nos deixam burras, como animais. "Quem está livre do amor está perto de Deus." É um antigo provérbio da *Shhh*. A cura deveria nos livrar das emoções extremas, para nos trazer clareza em nossos pensamentos e sentimentos.

Mas, quando me lembro dos olhos vidrados da tia Carol e do rosto sem expressão de minha irmã, penso que o termo *zumbis* é bastante preciso. E é

verdade que todos os livros de história e todos os nossos professores mentiram sobre a *blitz*; a Selva foi supostamente evacuada por completo durante a campanha de bombardeios. Os Inválidos, ou habitantes dos lares, nem deveriam existir.

Sarah dá de ombros.

— Se você é inteligente, você se importa com as pessoas. E se você se importa, você ama.

— Isso também foi Graúna quem lhe disse?

Ela sorri de novo.

— Graúna é superinteligente.

Levo um tempo revirando aquelas roupas, mas enfim encontro uma calça verde-exército e uma camiseta de algodão de mangas compridas. Seria estranho demais colocar uma calcinha usada por outra pessoa, então fico com a minha mesma. Sarah quer que eu desfile com meu novo visual — está se divertindo com isso e pede que eu experimente outras peças, pela primeira vez agindo como uma menina normal — e, quando peço que ela se vire para eu me trocar, ela olha para mim como se eu fosse louca. Acho que não há muita privacidade na Selva. Mas ela acaba dando de ombros e se vira de frente para a parede.

É ótima a sensação de tirar esta camiseta comprida que estou usando há dias. Sei que estou fedendo e estou desesperada por um banho, mas por ora me sinto apenas aliviada pelas roupas relativamente limpas. A calça fica boa, com o caimento um pouco baixo no quadril, e nem mesmo arrasta no chão depois que dobro algumas vezes a cintura. A camiseta é macia e confortável.

— Nada mau — diz Sarah quando se vira de novo. — Você quase parece humana.

— Obrigada.

— Eu disse quase. — Ela ri de novo.

— Bem, então quase obrigada.

É mais difícil encontrar os sapatos. A maioria das pessoas na Selva passa o verão descalça, e Sarah me mostra com orgulho a sola dos pés, que é marrom e endurecida, cheia de calos. Mas acabamos encontrando um par de tênis só um pouquinho grande para mim; com meias grossas, vai ficar ótimo.

Quando me ajoelho para amarrar os cadarços, sinto mais uma pontada de dor. Já fiz isso muitas vezes — antes de corridas de *cross-country*, em vestiários, sentada ao lado de Hana, cercada de uma confusão de corpos, disputando com

ela quem corria mais —, mas, não sei por quê, nunca dei o devido valor ao momento.

Pela primeira vez o pensamento me ocorre — *Seria melhor não ter cruzado* —, mas o afasto imediatamente, tento enterrá-lo. Agora está feito, e Alex morreu por isso. Não faz sentido olhar para trás. Não posso olhar para trás.

— Está pronta para conhecer o restante do lar? — pergunta Sarah.

O simples ato de tirar a roupa e vestir outra me exauriu. Mas estou desesperada por ar e por espaço.

— Vamos lá — digo.

Voltamos à cozinha e subimos a escada estreita de pedra que começa ao lado do fogão. Sarah corre na minha frente e desaparece quando a escada faz uma curva acentuada.

— Quase chegando! — grita ela lá da frente.

Uma última curva e de repente não há mais degraus: vejo-me em uma claridade intensa, e o chão é macio sob meus pés. Cambaleio, confusa e temporariamente cega. Por um segundo sinto como se tivesse adentrado um sonho, e fico ali parada, piscando e me esforçando para entender este outro mundo.

Sarah está a alguns metros de mim, rindo. Ela levanta os braços, banhados pela luz do sol.

— Bem-vinda ao lar — diz ela, e dança na grama dando pulinhos.

Tenho dormido no subterrâneo — isso eu podia ter adivinhado pela falta de janelas e pela umidade —, e a escada leva para cima, para a superfície, e acaba de repente. Onde deveria haver uma casa, uma estrutura, só há uma vasta área de grama coberta de madeira carbonizada e enormes fragmentos de rochas.

Eu não estava preparada para sentir a luz do sol nem o cheiro de plantas e de vida. Por toda a nossa volta há árvores enormes, folhas com a ponta amarela como se estivessem pegando fogo lentamente, cobrindo o chão com um pontilhado de luz e sombra alternadas. Por um segundo, algo antigo que vem lá do fundo cresce dentro de mim, e eu poderia cair no chão e chorar de alegria, ou abrir os braços e girar. Depois de tanto tempo presa, quero sorver todo o espaço, toda a luz, o ar livre se espalhando ao meu redor por todos os lados.

— Aqui era uma igreja. — Sarah aponta para trás de mim, na direção das pedras rachadas e a madeira enegrecida. — Mas as bombas não atingiram o

porão. Há muitos lugares subterrâneos na Selva que as bombas não atingiram. Você vai ver.

— Uma igreja?

Isso me surpreende. Em Portland, nossas igrejas são feitas de aço e vidro, as paredes são de gesso, brancas e limpas. São espaços esterilizados, lugares onde o milagre da vida e a ciência de Deus são celebrados e demonstrados com microscópios e centrífugas.

— Uma das antigas igrejas — explica Sarah. — Existem também muitas dessas. No lado oeste de Rochester tem uma inteira, ainda de pé. Posso mostrar a você um dia se quiser. — Ela se inclina para a frente e puxa a beirada da minha camiseta para me chamar. — Vamos. Tem muita coisa para ver.

A única vez que vim à Selva antes foi com Alex. Um dia cruzamos a fronteira para que ele pudesse me mostrar onde morava. Aquele assentamento, assim como este, ficava em uma grande clareira, um lugar outrora habitado, uma área que as árvores e as plantas rasteiras ainda não tinham tomado para si. Mas esta clareira é enorme e cheia de arcos de pedra quase caindo e paredes que mal se sustentam de pé, e, em determinada parte, há uma série de escadas de concreto que sobem em espiral mas não levam a lugar algum. No último degrau, várias espécies de pássaros fizeram ninhos.

Mal consigo respirar enquanto Sarah e eu andamos lentamente pela grama, que está úmida e em certos trechos bate quase na altura do joelho. É um mundo de ruínas, um lugar desprovido de sentido. Portas que se abrem para o nada; um caminhão enferrujado, sem rodas, largado no centro de uma área de grama desbotada, com uma árvore despontando bem do meio do veículo; pedaços retorcidos de metal reluzente por todo lado, derretidos e formando desenhos irreconhecíveis.

Sarah caminha a meu lado, praticamente pulando, borbulhando de animação agora que estamos ao ar livre. Ela desvia facilmente das pedras e dos lixos de metal que cobrem a grama enquanto eu preciso manter os olhos constantemente no chão. Progredimos lentamente, e é cansativo.

— Aqui era uma cidade — diz Sarah. — Aqui devia ser a rua principal. Algumas árvores ainda são jovens, mas não sobrou quase nenhuma construção. É assim que dá para saber onde ficavam as casas. A madeira queima bem mais fácil. Claro. — Ela baixa a voz para um sussurro e arregala

os olhos. — O pior nem foram as bombas, sabe. Foram os incêndios que se sucederam.

Consigo assentir.

— Aqui era uma escola. — Ela indica outra enorme área coberta de vegetação rasteira, de formato mais ou menos retangular. As árvores ao redor do perímetro têm marcas do incêndio: brancas do fogo e praticamente sem folhas, lembram fantasmas altos e esguios. — Alguns dos armários estavam aqui, abertos. Alguns tinham roupas dentro e tudo.

Ela adquire um ar de culpa por um momento, e então me dou conta: as roupas da sala de depósito, incluindo a calça e a camiseta que estou vestindo, vieram de algum lugar, devem ter sido achadas dessa forma.

— Vamos parar um segundo.

Estou sem fôlego, então paramos em frente à antiga escola enquanto descanso. Estamos em uma área iluminada pelo sol, e o calor é um alívio para mim. Pássaros gorjeiam e voam acima de nossa cabeça, sombras rápidas e pequenas contra o céu. Ao longe, consigo distinguir gritos alegres e risadas, Inválidos andando pelo bosque. Inúmeras folhas verde-douradas rodopiam no ar.

Um esquilo se senta no degrau superior do que deve ter sido uma das entradas da escola e gira uma noz rapidamente entre as patas. Agora a escada não leva a nada, só à terra macia e sua cobertura de flores silvestres. Penso em todos os pés que devem ter pisado bem ali, onde o esquilo está. Penso em todas as mãos pequenas e quentes girando combinações de armários, em todas as vozes, na confusão e no movimento. Penso em como deve ter sido durante a *blitz*: o pânico, os gritos, a correria, o fogo.

Na escola, sempre aprendemos que a *blitz* — o saneamento — foi rápida. Vimos filmagens de pilotos acenando dos aviões enquanto as bombas caíam em um distante tapete verde, árvores tão pequenas que pareciam brinquedos, nuvens estreitas de fumaça subindo da vegetação como plumas. Sem sujeira, sem dor, sem sons de gritos. Só uma população inteira — as pessoas que resistiram e ficaram, as que se recusaram a se mudar para as cidades reconhecidas e cercadas, aquelas que não acreditavam e as contaminadas — apagada de uma só vez, com a rapidez de um toque no teclado, transformadas em sonho.

Mas é claro que não foi assim. Não podia ter sido. Os armários ainda estavam cheios: é claro. As crianças não devem ter tido tempo para nada além

de lutar para chegar às saídas.

Algumas delas, bem poucas, podem ter escapado e se abrigado na Selva, mas a maioria morreu. Nossos professores nos contaram a verdade sobre isso, pelo menos. Fecho os olhos e me sinto oscilando.

— Você está bem? — pergunta Sarah. Ela coloca a mão nas minhas costas. — Podemos voltar.

— Eu estou bem.

Abro os olhos. Só andamos poucas centenas de metros. A maior parte da antiga rua principal ainda se estende à nossa frente, e estou determinada a ver tudo.

Caminhamos ainda mais devagar agora enquanto Sarah vai me mostrando os espaços vazios e as fundações destruídas onde antes devia haver prédios: um restaurante ("uma pizzaria; foi onde conseguimos o fogão"); uma delicatéssen ("ainda dá para ler a placa com o nome, está vendo? Meio que enterrada ali? 'Sanduíches sob encomenda'"); uma mercearia.

A mercearia parece deprimir Sarah. O chão aqui está revirado, a grama ainda mais recente que nas outras partes; local de anos e anos de escavações.

— Por muito tempo achamos coisas de comer enterradas por toda essa área. Latas de comida, sabe, e até alguns pacotes que sobreviveram aos incêndios. — Ela suspira com ar de melancolia. — Mas agora já não tem mais nada.

Continuamos. Outro restaurante, identificado por uma enorme bancada de metal e duas cadeiras com encosto de metal lado a lado em um quadrado de sol; uma loja de material de construção ("salvou nossa vida várias vezes"). Ao lado da loja há um antigo banco: aqui também há escadas que penetram no chão, uma boca bocejante recortada na terra. O garoto de cabelo escuro — o do olhar de desprezo — surge neste momento, emergindo pela escada para a luz do sol. Ele carrega um rifle casualmente pendurado no ombro.

— Oi, Prego — diz Sarah timidamente.

Ele bagunça o cabelo dela quando passa.

— Só garotos — diz ele. — Você sabe disso.

— Eu sei, eu sei. — Ela revira os olhos. — Só estou mostrando o lugar para Lena. Aqui é onde os garotos dormem — explica Sarah para mim.

Então até os Inválidos não acabaram definitivamente com a segregação. Esse pequeno elemento de normalidade, de familiaridade, é um alívio.

Prego me olha e franze a testa.

— Oi. — Minha voz sai como um guincho.

Tento sorrir, mas sem sucesso. Ele é muito alto e, como todo mundo na Selva, magro; mas seus braços são definidos e o maxilar é quadrado e forte. Ele também tem a marca da intervenção, uma cicatriz de três pontas atrás da orelha esquerda. Fico me perguntando se é falsa, como era a de Alex; ou se, talvez, a cura não funcionou nele.

— Fique longe dos cofres.

As palavras são dirigidas a Sarah, mas ele mantém os olhos em mim. Olhos frios e avaliadores.

— Pode deixar — diz Sarah. Quando ele se afasta, ela sussurra para mim: — Ele é assim com todo mundo.

— Entendo o que Graúna quer dizer quanto a ele ser desagradável.

— Mas não se incomode. Quer dizer, você não pode levar para o lado pessoal.

— Claro — digo, mas a verdade é que o breve encontro me abalou.

Está tudo errado aqui, de cabeça para baixo e invertido: as portas que levam ao nada, estruturas invisíveis — prédios, placas, ruas, ainda lançando sombras do passado sobre tudo. Eu sinto, ouço a torrente de centenas de pés em movimento, ouço risadas antigas soando por baixo do canto dos pássaros: um lugar feito de lembranças e eco.

De repente me sinto exausta. Só percorremos metade da rua, mas minha decisão de percorrê-la inteira agora me parece absurda. A claridade do sol, o ar e o espaço ao meu redor... tudo é desorientador. Eu me viro — rápido demais, desajeitada — e tropeço em um pedaço de calcário coberto de cocô de passarinho; por um segundo me vejo em queda livre e então caio de cara na terra, com força.

— Lena! — Em um segundo Sarah está ao meu lado e me ajuda a ficar de pé. Mordi a língua, e minha boca está com gosto de metal. — Você está bem?

— Já vou me recuperar — digo, um pouco ofegante. Eu me sento na pedra. Então algo me ocorre: nem sei em que dia estamos, qual é o mês. — Que dia é hoje?

— Vinte e sete de agosto — responde ela, ainda me olhando com o rosto todo enrugado de preocupação. Mas não tenta se aproximar demais.

Vinte e sete de agosto. Saí de Portland dia 21 de agosto. Perdi quase uma semana na Selva, neste lugar de cabeça para baixo.

Este não é o meu mundo. Meu mundo está se desenrolando a quilômetros daqui: um mundo de portas que levam a quartos de paredes brancas e limpas e

do zumbido baixinho de geladeiras; um mundo de ruas cuidadosamente planejadas e de asfalto que não é todo rachado. Outra pontada me atinge. Em menos de um mês Hana vai fazer a intervenção.

Alex era quem entendia das coisas aqui. Ele poderia ter reconstruído esta rua destruída para mim, poderia tê-la transformado em um lugar que fizesse sentido, que tivesse ordem. Ele ia me guiar pela floresta. Ao lado dele eu estaria bem.

— Quer que eu busque alguma coisa para você? — A voz de Sarah está incerta.

— Vou ficar bem. — Mal consigo forçar as palavras a saírem da boca, por causa da dor. — É só a comida. Não estou acostumada.

Vou vomitar de novo. Abaixo a cabeça entre os joelhos e tusso para engolir o choro.

Mas Sarah deve entender, porque diz, bem baixinho:

— Você acaba se acostumando depois de um tempo.

Tenho a sensação de que ela não está se referindo apenas ao café da manhã.

Depois disso, não há nada a fazer a não ser voltar: pela rua bombardeada, pelos destroços e pedaços reluzentes de metal em meio à grama alta como cobras à espreita, prontas para dar o bote.



O sofrimento é como afundar, como ser enterrada. Estou imersa em uma água marrom, cor de terra remexida. Cada respiração é um engasgar sem fim. Não há nada em que me segurar, nenhuma margem, nada em que eu possa me agarrar para emergir. Não há nada a fazer a não ser se entregar.

Entregar-se. Sentir o peso ao redor, sentir os pulmões sendo comprimidos, a pressão baixa e lenta. Permitir-se afundar ainda mais. Não há nada além do fundo. Não há nada além do gosto de metal e dos ecos de coisas velhas e dos dias que parecem escuridão.

agora

Esta é a garota que eu era antes: cambaleando, afundando, perdendo-se na luz e no vasto espaço. Meu passado tinha sido limpo, lavado até ficar de uma brancura impecável e sem manchas.

Mas é possível construir um futuro a partir de qualquer coisa. Um detrito, uma centelha. O desejo de ir em frente, lentamente, um passo de cada vez. É possível construir uma cidade arejada a partir de ruínas.

Esta é a garota que sou agora: os joelhos devidamente unidos, mãos nas coxas. Blusa de seda bem apertada no pescoço, saia com cintura de lã, seguindo o padrão, com o emblema do Colégio Quincy Edwards. O uniforme incomoda; eu queria poder me coçar, mas não vou fazer isso. Ela interpretaria como sinal de nervosismo, e eu não estou nervosa, nunca mais vou ficar nervosa na vida.

Ela pisca. Eu não. É a Sra. Tulle, a diretora, com seu rosto que mais parece o de um peixe colado no vidro do aquário; olhos tão grandes que parecem distorcidos.

— Está tudo bem em casa, Magdalena?

É estranho ouvi-la usar meu nome inteiro. Todo mundo sempre me chamou de Lena.

— Sim — respondo.

Ela mexe nos papéis que estão na mesa. Tudo na sala é organizado, tudo perfeitamente alinhado. Até o copo d'água repousa no exato centro do porta-copos. Os curados sempre gostaram de ordem: ajeitar, alinhar, ajustar. *A limpeza é quase sagrada, e organização é elevação.* Acho que é uma forma de eles terem o que fazer, tarefas que preencham tantas horas vazias.

— Você mora com sua irmã e o marido dela, correto?

Confirmo com um movimento de cabeça e repito a história da minha nova vida:

— Meus pais morreram em um dos Incidentes.

Pelo menos isso não é propriamente mentira. A velha Lena também era órfã; praticamente órfã, pelo menos.

Não preciso explicar a referência aos Incidentes. A esta altura, todo mundo já ouviu falar disso: no outono passado, a resistência coordenou seus primeiros ataques de grande porte, violentos e visíveis. Em algumas cidades, membros da resistência, ajudados por simpatizantes e, em alguns casos, por jovens não curados, provocaram explosões simultâneas em prédios municipais importantes.

Em Portland, a resistência escolheu explodir parte das Criptas. No caos que se seguiu, duas dezenas de civis morreram. A polícia e os reguladores conseguiram restaurar a ordem, mas centenas de prisioneiros escaparam antes.

Que ironia. Minha mãe passou dez anos cavando um túnel para sair daquele lugar e, se tivesse esperado apenas alguns meses, podia ter saído andando.

A Sra. Tulle estremece.

— Sim, eu vi em seus registros.

Atrás dela, um umidificador zumbe baixinho. Ainda assim, o ar está seco. A sala cheira a papel e levemente a laquê. Uma gota de suor escorre por minhas costas. A saia é quente.

— Estamos preocupados porque você parece estar tendo problemas para se adaptar — diz ela, observando-me com aqueles olhos de peixe. — Você anda almoçando sozinha. — É uma acusação.

Até mesmo esta nova Lena se sente um pouco envergonhada; a única coisa pior do que não ter amigos é sentirem pena por você não ter amigos.

— Para ser sincera, estou tendo problemas com as garotas — diz a nova Lena. — Acho que elas são um pouco… imaturas.

Enquanto falo, inclino a cabeça ligeiramente, de forma que ela veja a cicatriz triangular atrás da minha orelha esquerda: a marca da intervenção, a marca da cura.

Imediatamente a expressão dela se suaviza.

— Bem, sim, é claro. Muitas delas são mais novas do que você, afinal. Ainda não têm dezoito anos, não estão curadas.

Abro as mãos, como quem diz "É claro".

Mas a Sra. Tulle ainda não terminou sua conversa comigo, apesar de sua voz ter perdido a rispidez.

— A Sra. Fierstein disse que você dormiu na aula de novo. Estamos preocupadas, Lena. Você sente que a carga de trabalho é excessiva para você?

Está com dificuldade para dormir à noite?

— Ando meio cansada — admito. — Essas coisas todas da ASD, sabe.

A Sra. Tulle ergue as sobrancelhas.

— Eu não sabia que você era da ASD.

— Da Divisão A — digo. — Vamos fazer uma grande manifestação na sexta. Aliás, temos uma reunião de planejamento hoje à tarde, em Manhattan. Não quero me atrasar.

— Claro, claro. Sei tudo sobre a reunião. — A Sra. Tulle ergue seus papéis, bate-os na mesa para alinhar todas as bordas e os guarda em uma gaveta. Percebo que estou liberada. ASD é a expressão mágica: América Sem *Deliria*. Abre-te, Sésamo. Ela agora é só gentileza. — É impressionante ver que você tenta conciliar suas atividades extracurriculares com o colégio, Lena. E nós apoiamos o tipo de trabalho que a ASD faz. Você só precisa encontrar um equilíbrio. Não quero que suas notas sejam prejudicadas por causa de seu trabalho social, por mais importante que seja.

— Eu entendo.

Baixo a cabeça e pareço penitente. A nova Lena é uma boa atriz.

A Sra. Tulle sorri para mim.

— Agora vá. Não queremos que você se atrase para a reunião.

Fico de pé e penduro minha bolsa no ombro.

— Obrigada.

Ela aponta com a cabeça para a porta, um sinal de que posso ir embora.

Sigo pelos corredores de linóleo encerado: mais paredes brancas, mais silêncio. Todos os outros alunos já foram para casa a essa altura.

Em seguida saio pela porta dupla, para a paisagem luminosa e branca: uma neve inesperada em março, luzes frias e intensas, árvores cobertas de placas grossas e escuras de gelo. Aperto o casaco no corpo e passo pelos portões de ferro em direção à Oitava Avenida.

Essa é a garota que eu sou agora. Meu futuro é aqui, nesta cidade, cheia de gelo pendurado como adagas prestes a cair.

O tráfego nas cidades-irmãs está intenso como nunca vi. Em Portland, quase não havia carros funcionando; em Nova York, as pessoas são mais ricas e têm

dinheiro para pôr gasolina. Quando cheguei ao Brooklyn, eu ia para a Times Square só para vê-los passar, às vezes uma dezena de uma vez, um atrás do outro.

Meu ônibus fica parado na Rua 31, atrás de um caminhão de lixo que ficou preso em um banco de neve da cor de cinzas e, quando chego ao Javits Center, a reunião da ASD já começou. A escada está deserta, assim como o enorme saguão de entrada, e ouço o som distante e alto de um microfone, aplausos que mais parecem um rugido. Corro para o detector de metais e tiro a bolsa, depois fico de pé com braços e pernas abertos enquanto um homem desliza impassivelmente um detector portátil por meus seios e entre minhas pernas. Já superei faz tempo aquela fase em que ainda sentia vergonha ao passar por esses procedimentos. Sigo então para a mesa dobrável montada em frente a uma enorme porta dupla, atrás da qual ouço uma nova rodada de aplausos, e a voz falando no microfone, amplificada, trovejante, apaixonada. As palavras são indecifráveis.

— Identidade, por favor — diz a mulher atrás da mesa, uma voluntária.

Espero enquanto ela confere meu documento; logo depois, ela acena com a cabeça para que eu passe.

O auditório é enorme. Deve ter capacidade para pelo menos duas mil pessoas, e está, como sempre, quase lotado. Há alguns assentos vazios na extrema esquerda, perto do palco; sigo até lá pela lateral, tentando me acomodar em uma cadeira o mais discretamente possível. Não preciso me preocupar. Todos no auditório estão hipnotizados pelo homem atrás do púlpito. O ar está carregado; tenho a sensação de que há milhares e milhares de gotas suspensas, esperando para cair.

— … não é o suficiente para garantir nossa segurança — diz o homem. A voz dele ecoa retumbante pelo auditório. Sob as intensas luzes fluorescentes, o cabelo dele tem um brilho negro, como um capacete. É Thomas Fineman, o fundador da ASD. — Eles falam de riscos e males, danos e efeitos colaterais. Mas que risco vai haver para nós como povo, como sociedade, se não agirmos? Se não insistirmos em proteger o todo, que benefício há na saúde de uma mera porção?

Uma salva de palmas. Thomas ajeita os punhos da camisa e se aproxima ainda mais do microfone.

— Esse deve ser nosso propósito exclusivo e unificado. É o objetivo de nossa manifestação. Pedimos que nosso governo, nossos cientistas, nossas agências nos protejam. Pedimos que confiem em seu povo, confiem em Deus e em Sua Ordem. Deus mesmo não rejeitou, durante milhares de anos, milhões de espécies que eram defeituosas ou deficientes de alguma forma, em Seu caminho rumo à criação perfeita? Não aprendemos que às vezes é necessário extirpar os fracos, os doentes, a fim de evoluir para uma sociedade melhor?

O aplauso cresce como uma onda. Eu também aplaudo. Lena Morgan Jones aplaude.

Esta é minha missão, o trabalho que me foi dado por Graúna: ficar de olho na ASD. Acompanhar. Infiltrar-me.

Não me contaram mais nada.

— Por fim, pedimos ao governo que mantenha a promessa da *Shhh*: garantir o que é correto em termos de Hábitos, Higiene e Harmonia para nossas cidades e nosso povo.

Eu observo:

Fileiras de luzes altas.

Fileiras de rostos como meias-luas, pálidos, inchados, temerosos e agradecidos: o rosto dos curados.

Tapete cinza, gasto pela pressão de tantos pés.

Um homem gordo à minha direita, ofegante, a calça presa lá no alto da pança com a ajuda de um cinto.

Uma pequena área isolada ao lado do palco, três cadeiras, apenas uma ocupada.

Um garoto.

De tudo o que vejo, o garoto é o mais interessante. As outras coisas (o tapete, os rostos) são sempre iguais em toda reunião da ASD. Até o homem gordo. Às vezes ele é gordo, às vezes é magro, às vezes é uma mulher. Mas é sempre a mesma coisa: eles são sempre iguais.

Os olhos do garoto são azul-escuros, cor de tempestade. O cabelo é louro-caramelo e ondulado e bate quase no queixo. Ele está usando camisa polo vermelha, de mangas curtas apesar do frio, e calça jeans escura perfeitamente passada. Os sapatos são novos, e ele também usa relógio prateado reluzente no pulso. Tudo nele expressa riqueza. Suas mãos estão unidas no colo. Tudo nele expressa também correção. Até a expressão sem piscar enquanto ele observa o

pai no palco é perfeição e prática, a personificação do distanciamento controlado de um curado.

É claro que ele não é curado, ainda não. Esse garoto é Julian Fineman, o filho de Thomas Fineman, e, apesar de ter dezoito anos, ainda não passou pela intervenção. Os cientistas vêm se recusando a tratá-lo. Mas na sexta-feira, o dia da grande manifestação na Times Square, isso vai mudar. Ele vai passar pela intervenção e será curado.

Possivelmente. Também é possível que morra ou que seu sistema nervoso seja tão severamente afetado que vai ser como se estivesse morto. Mas ainda assim ele vai passar pela intervenção. Seu pai insiste. Julian insiste.

Eu nunca o tinha visto pessoalmente, apesar de já ter visto seu rosto em pôsteres e no verso de panfletos. Julian é famoso. Ele é um mártir para a causa, um herói para a ASD e o presidente da divisão jovem da organização.

Ele é mais alto do que eu esperava. E mais bonito. As fotos não fizeram justiça ao ângulo de seu maxilar nem à largura de seus ombros: ele tem corpo de nadador.

No palco, Thomas Fineman está encerrando seu discurso:

— Nós não negamos os perigos de insistir em que a cura seja administrada mais cedo, mas afirmamos que os perigos de se fazer a intervenção muito tarde são ainda piores. Estamos dispostos a aceitar as consequências. Temos a coragem de sacrificar alguns pelo bem do todo.

Ele faz uma pausa enquanto o auditório é mais uma vez tomado por aplausos, inclinando a cabeça em aprovação até o barulho diminuir e por fim cessar. A luz reflete em seu relógio: ele e o filho têm modelos idênticos.

— Bom, agora eu gostaria de apresentar a vocês uma pessoa que incorpora todos os valores da ASD. Esse jovem entende melhor do que ninguém a importância de insistir em uma cura, mesmo para quem é jovem, mesmo para aqueles que talvez estejam correndo riscos ao se submeterem à intervenção. Ele entende que, para nosso país prosperar, para todos nós vivermos felizes e em segurança, ocasionalmente é necessário sacrificar as necessidades individuais. Sacrifício é segurança, e a saúde existe apenas no todo. Membros da ASD, recebam no palco meu filho, Julian Fineman.

Clap, clap, clap, faz Lena com as demais pessoas. Thomas deixa o palco enquanto Julian entra. Eles passam um pelo outro nos degraus, dirigem um sutil aceno um para o outro. Não se tocam.

Julian carrega consigo algumas anotações, que coloca no púlpito à sua frente. Por um momento ecoa pelo auditório o ruído amplificado de papel sendo mexido. Os olhos de Julian percorrem a plateia e por um segundo pousam em mim. Ele entreabre a boca, e meu coração para: é como se ele me reconhecesse. Mas então seus olhos continuam a varrer a imensa plateia, e meu coração volta ao lugar, martelando no peito. É paranoia minha, só isso.

Julian ajusta o microfone a sua altura. Ele é ainda mais alto que o pai. Curioso que eles sejam tão diferentes fisicamente: Thomas é alto e moreno e tem uma aparência feroz, como um falcão; o filho é alto e largo e de pele clara, com aqueles olhos azuis inacreditáveis. Em comum, só o maxilar pronunciado.

Ele passa a mão no cabelo: será que está nervoso? Mas, quando começa a falar, sua voz é plena e firme.

— Eu tinha nove anos quando soube que estava morrendo — diz ele com franqueza, e mais uma vez sinto aquela expectativa no ar, gotas brilhantes flutuando, como se todo mundo tivesse se inclinado uma fração de centímetro para a frente. — Foi quando as convulsões começaram. A primeira foi tão forte que quase arranquei a língua com uma mordida; durante a segunda convulsão, bati a cabeça na lareira. Meus pais ficaram preocupados.

Alguma coisa se retorce em meu estômago, lá dentro, por baixo das camadas que formei ao longo desses seis meses, por baixo da falsa Lena com sua carapaça e suas carteiras de identidade e sua cicatriz de três pontas atrás da orelha. Este é o mundo em que vivemos, um mundo de segurança e felicidade e ordem, um mundo sem amor.

Um mundo onde crianças batem com a cabeça em lareiras de pedra e quase cortam a língua com os dentes e os pais ficam preocupados. Não inconsoláveis, enlouquecidos, desesperados. Preocupados, como ficam quando o filho tira uma nota ruim em matemática, ou quando atrasam o pagamento de alguma conta.

— Os médicos disseram que um tumor no cérebro estava provocando as convulsões. A cirurgia para retirá-lo envolvia risco de morte. Eles duvidavam de que eu fosse sobreviver. Mas se não operassem… se deixassem o tumor crescer... eu não teria nenhuma chance.

Julian faz uma pausa, e tenho a impressão de que o vejo olhar rapidamente na direção do pai. Thomas Fineman ocupou a cadeira em que o filho estava, e agora está sentado de pernas cruzadas, o rosto sem expressão.

— Nenhuma chance — repete Julian. — Portanto, aquele mal, aquilo que crescia em mim, tinha que ser extirpado. Tinha que ser removido do tecido sadio. Senão, o tumor só se espalharia e contaminaria o restante.

Julian mexe em suas anotações e mantém os olhos nas páginas à sua frente enquanto lê:

— A primeira cirurgia foi um sucesso, e por um tempo não houve convulsões. Mas então, quando eu tinha doze anos, o problema voltou. Lá estava o câncer de novo, dessa vez pressionando a base de meu tronco cerebral.

Ele aperta com força as laterais do púlpito, depois relaxa as mãos. Por um momento há silêncio. Alguém na plateia tosse. Gotas, gotas: somos todos pingos, gotas idênticas de pessoas, flutuando, esperando cair, esperando que alguém nos mostre o caminho, nos derrame em uma direção.

Julian levanta a cabeça. Atrás dele sua imagem é projetada em uma tela, seu rosto quinze vezes maior. Seus olhos são uma mistura de azul, verde e dourado, como a superfície do oceano em um dia de sol, e atrás da frieza, da calma experiente, penso ver o lampejo de algo mais: uma expressão que some antes que eu consiga definir o que é.

— Fiz mais três cirurgias depois da primeira — prossegue ele. — Removeram um tumor quatro vezes, e três vezes ele voltou a crescer, como acontece com as doenças a não ser que sejam extirpadas rápida e completamente. — Ele faz uma pausa para que o significado dessa afirmação seja absorvido. — Há dois anos estou livre do câncer.

Uma onda de aplausos. Julian levanta uma das mãos, e o auditório fica em silêncio de novo.

Julian sorri, e o enorme Julian atrás dele também sorri: uma versão pixelada, um borrão.

— Os médicos me disseram que outras cirurgias podem colocar minha vida em risco. Muito tecido já foi retirado, muitas remoções executadas; se eu for curado, posso perder toda a capacidade de regular minhas emoções. Posso perder a capacidade de falar, de ver, de me mexer. — Ele muda de posição no púlpito. — É possível que meu cérebro pare de funcionar completamente.

Não consigo evitar; também prendi a respiração, com todo mundo. Só Thomas Fineman parece relaxado; eu me pergunto quantas vezes ele já ouviu este discurso.

Julian se aproxima mais alguns centímetros do microfone, e de repente parece que está se dirigindo a cada um de nós individualmente: sua voz sai baixa e urgente, um sussurro em nossos ouvidos.

— Por esse motivo eles se recusaram a me curar. Por mais de um ano lutamos por uma data para fazer a intervenção, e enfim conseguimos. No dia vinte e três de março, o dia de nossa manifestação, estarei curado. — Mais uma onda de aplausos, mas Julian segue falando mesmo assim. Ele ainda não acabou: — Será um dia histórico, embora talvez seja também meu último dia de vida. Não pensem que não compreendo os riscos, porque compreendo. — Ele se empertiga, e sua voz fica mais alta, trovejante. Os olhos na tela brilham agora, ofuscantes, cheios de luz. — Mas não há escolha, assim como não havia quando eu tinha nove anos. Precisamos extirpar a doença. Precisamos arrancá-la, independentemente dos riscos. Ou o mal só vai crescer. Vai se espalhar como o pior câncer e colocar todos nós, cada pessoa nascida neste vasto e maravilhoso país, em risco. Por isso eu digo a vocês: nós vamos eliminar, precisamos eliminar a doença, onde quer que ela esteja. Obrigado.

Pronto; é isso. Ele conseguiu. Com um peteleco, ele fez todos nós, gotas em um equilíbrio temporário cheio de expectativas, finalmente cairmos, e agora estamos todos fluindo na direção dele, seguindo uma onda de som, de gritos e urros e aplausos. Lena aplaude com todo mundo até as palmas das mãos arderem; e continua aplaudindo até ficarem dormentes. Metade da plateia se levanta, gritando em celebração. Alguém puxa um coro de "ASD! ASD!" e logo estamos todos gritando: é de rachar os ouvidos, um rugido ensurdecedor. Em determinado ponto, Thomas se junta ao filho no palco e eles ficam ali de pé solenemente, lado a lado — um claro, o outro mais escuro, como os dois lados da Lua —, nos olhando aplaudir, gritar, rugir nossa aprovação. Eles são a Lua; nós somos a maré, a maré deles, e sob a direção deles vamos acabar com todas as doenças e pragas do mundo.

antes

Tem sempre alguém doente na Selva. Assim que me recupero o bastante para sair do quarto de convalescença e dormir em um colchão no chão, Esquilo vai para lá; e depois de Esquilo é Vovô. À noite, o lar ecoa com os sons de tosse, vômito, murmúrios febris: barulhos de doença, que ultrapassam as paredes e nos enchem de medo. Os problemas são o espaço e a proximidade. Vivemos uns em cima dos outros, respiramos e espirramos uns nos outros, usamos os mesmos utensílios. E nada nem ninguém nunca está realmente limpo.

A fome nos consome, nos deixa de pavio curto. Depois daquela primeira exploração pelo lar, eu me escondi abaixo da superfície como um animal voltando para a segurança da toca. Passa um dia, depois passam dois. Os suprimentos ainda não chegaram. Cada manhã uma pessoa diferente vai verificar se recebemos mensagens; concluo que encontraram uma maneira de se comunicar com os simpatizantes e resistentes lá do outro lado. Isso é tudo que tenho para fazer: ouvir, observar, ficar em silêncio.

À tarde eu durmo, e, quando não consigo dormir, fecho os olhos e me imagino de volta à casa abandonada no número 37 da rua Brooks, deitada ao lado de Alex. Tento tatear pela cortina; imagino se, caso eu consiga de algum modo afastar os dias que se passaram desde a fuga, remendar a fenda no tempo, poderei tê-lo de volta.

Mas sempre que abro os olhos ainda estou aqui, em um colchão no chão, ainda com fome.

Depois de mais quatro dias, todo mundo está se movendo devagar, como se estivéssemos debaixo d'água. Não consigo levantar as panelas. Quando tento me erguer rápido demais, fico tonta. Tenho que passar mais tempo na cama, e quando não estou na cama, penso que todo mundo está me olhando com raiva, sinto o ressentimento dos Inválidos, duro como uma parede. Talvez seja só minha imaginação, mas no fim das contas a culpa é mesmo minha.

A caça também tem andado fraca. Às vezes Barata pega alguns coelhos e então há uma animação generalizada; mas a carne é dura e cheia de cartilagem,

e quando distribuímos os pedaços nos pratos quase não tem o suficiente para todo mundo.

Então um dia estou varrendo a despensa (Graúna insiste em manter a rotina, insiste em manter tudo limpo) quando escuto gritos vindos lá de cima, risadas e gente correndo. Pés batem com força na escada. Alistar surge cambaleando na cozinha, seguido de uma mulher mais velha, Miyako. Fazia dias que eu não via os dois — nem nenhum dos outros — demonstrando tanta energia.

— Cadê Graúna? — pergunta Alistar, sem fôlego.

Dou de ombros.

— Não sei.

Miyako solta um som de exasperação, e ela e Alistar se viram, preparados para subir a escada correndo.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Recebemos uma mensagem do outro lado — diz Alistar. É como as pessoas, quando estão com boa vontade, chamam as comunidades dentro das fronteiras: o outro lado. E, quando não estão, é Zumbilândia. — Os suprimentos chegam hoje. Precisamos de ajuda para receber tudo.

— Você pode ajudar? — pergunta Miyako, avaliando-me.

Ela tem ombros largos e uma boa altura. Se tivesse o suficiente para se alimentar, seria uma amazona. Na situação atual, ela é toda músculo e força.

Balanço a cabeça.

— Eu… eu não estou forte o suficiente.

Alistar e Miyako trocam olhares.

— Os outros vão ajudar — diz ele em voz baixa.

E saem pisando duro nos degraus da escada, deixando-me sozinha.

Mais tarde eles voltam, dez pessoas carregando sacos de lixo daqueles reforçados. Os sacos foram colocados em caixas de madeira cheias até a metade, que por sua vez foram lançadas no rio Cocheco na fronteira e chegaram até nós flutuando. Nem Graúna consegue manter a ordem, ou controlar a empolgação. Todo mundo rasga os sacos em pedaços, gritando e vibrando enquanto os suprimentos caem no chão: latas de feijão, atum, frango, sopa; sacos de arroz, farinha, lentilha e mais feijão; carne-seca, sacos de frutas secas e cereais; ovos cozidos aninhados em um cesto cheio de toalhas; band-aids, vaselina, protetor labial, produtos farmacêuticos; até mesmo um pacote novo de roupas íntimas, algumas outras roupas, sabonete e xampu. Sarah abraça a carne, apertando-a contra o peito, e Graúna enfia o nariz em um

pacote de sabonete e inspira. É como uma festa de aniversário, só que melhor: é de todos nós, e apenas por um momento sinto uma onda de felicidade. Só por este momento me sinto como se aqui fosse meu lugar.

Nossa sorte mudou. Algumas horas depois, Prego abate um cervo.

À noite fazemos a primeira refeição decente desde que cheguei. Enchemos travessas enormes de arroz integral, coberto com carne ensopada temperada com tomates picados e ervas finas. Está tão gostoso que me dá vontade de chorar, e Sarah realmente chora, soluçando em frente a seu prato. Miyako passa o braço ao redor dos ombros dela e murmura palavras de conforto perto do cabelo. O gesto me faz pensar em minha mãe; alguns dias atrás, perguntei a Graúna sobre ela, mas não tive sorte.

Como ela é?, perguntou Graúna, e tive que confessar que não sabia. Quando eu era pequena, minha mãe tinha cabelo castanho, comprido e sedoso, e rosto redondo. Mas após mais de dez anos na prisão de Portland, nas Criptas — onde ela esteve durante toda a minha vida enquanto eu a dava por morta —, duvido que ela se pareça com a mulher das minhas nubladas lembranças de infância.

O nome dela é Annabel, falei, mas Graúna já estava balançando a cabeça em negativa.

— Coma, coma — diz Miyako para Sarah, e ela obedece.

Todos comemos com avidez: pegamos o arroz com as mãos e erguemos os pratos para lamber os últimos pedacinhos. Alguém do outro lado até se lembrou de incluir uma garrafa de uísque, enrolada cuidadosamente em um suéter, e todo mundo comemora enquanto a bebida passa de mão em mão. Quando morava em Portland só bebi álcool uma ou duas vezes e nunca entendi qual era a graça, mas tomo um gole da garrafa quando chega minha vez. A bebida queima ao descer, e começo a tossir. Alistar ri e me dá tapinhas nas cotas. Prego quase arranca a garrafa de minhas mãos e diz, curto e grosso:

— Não beba se vai cuspir.

— Você se acostuma — sussurra Alistar, inclinando-se para perto de mim.

É quase o mesmo comentário de Sarah há uma semana. Não sei se ele está falando do uísque ou da atitude de Prego. Mas já sinto um calor se espalhando na barriga. Quando a garrafa chega às minhas mãos de novo, tomo um gole ligeiramente maior, e mais outro, e o calor se espalha para minha cabeça.

Mais tarde: estou vendo tudo fragmentado e fracionado, como uma série de fotos embaralhadas ao acaso. Miyako e Fê no canto, braços entrelaçados,

dançando, enquanto todos batem palmas; Azul dormindo encolhida em um banco, depois sendo levada para o quarto, ainda dormindo, por Esquilo; Graúna de pé em um dos bancos, discursando sobre a liberdade. Ela está rindo, seu cabelo escuro como uma cortina brilhante, e então Prego a ajuda a descer: mãos morenas ao redor da cintura dela, um momento de suspensão em que ela pausa, no ar, nos braços dele. Penso em pássaros e em sair voando. Penso em Alex.



Um dia, Graúna se vira para mim e diz de repente:

— Se você quiser ficar, vai ter que trabalhar.

— Eu trabalho — retruco.

— Você limpa — diz ela. — Você ferve a água. O resto de nós carrega água, procura comida, verifica se chegaram mensagens. Até Vovó carrega água, por mais de dois quilômetros com baldes pesados. E ela tem sessenta anos.

— Eu…

É claro que ela tem razão, e eu sei disso. A culpa me acompanha diariamente, pesada como o ar de inverno. Ouvi Prego dizer a ela que sou um desperdício de uma boa cama. Depois disso, precisei ficar agachada na despensa por quase meia hora, abraçando os joelhos, até parar de tremer. Alistar é o único habitante que é legal comigo, e ele é legal com todo mundo.

— Não estou pronta. Não estou forte o bastante.

Ela me observa por um segundo e deixa o silêncio se prolongar desconfortavelmente entre nós, para que eu possa sentir o absurdo de minhas palavras. Se a esta altura não estou forte, também é minha culpa.

— Vamos nos mudar em breve. A realocação será daqui a algumas semanas. Vamos precisar de toda a ajuda possível.

— Mudar? — repito.

— Para o sul. — Ela se vira e começa a descer o corredor. — Vamos fechar o lar durante o inverno. E, se quiser vir, vai ter que ajudar. — Ela faz uma pausa. — Você pode ficar aqui, é claro — acrescenta, virando-se e erguendo uma sobrancelha. — Mas os invernos são mortais. Quando o rio congela, não recebemos nada. Mas talvez seja isso que você queira, não?

Não respondo.

— Você tem até amanhã para escolher — completa ela.



Na manhã seguinte, Graúna me acorda durante um pesadelo. Eu me sento, ofegante. Lembro-me de uma queda livre e de um monte de pássaros pretos. As outras garotas ainda estão dormindo, e o quarto está tomado pelo ritmo da respiração coletiva. Acho que há uma vela acesa no corredor, iluminando bem de leve o quarto. Vejo o contorno de Graúna, agachada à minha frente, e percebo que ela já está vestida.

— O que você escolheu? — sussurra ela.

— Quero trabalhar — sussurro em resposta, porque é a única coisa que posso dizer. Meu coração ainda bate com força.

Não consigo ver o sorriso dela, mas penso ouvi-lo: os lábios se entreabrindo, uma pequena expiração que poderia ser uma risada.

— Que bom para você. — Ela levanta um balde amassado. — É hora da água.

Graúna vai embora, e procuro minhas roupas no escuro. Quando cheguei ao lar, o quarto de dormir parecia uma confusão, uma explosão de tecidos e roupas e objetos variados. Com o tempo, percebi que não é assim tão desorganizado. Todo mundo tem uma pequena área, um espaço designado para seus pertences. Desenhamos círculos invisíveis ao redor de nossas pequenas camas, ou nossos cobertores, ou nossos colchões, e as pessoas tomam conta desses espaços com ardor, como cachorros demarcando o território. Você tem que limitar tudo que é seu e de que precisa dentro de seu pequeno círculo. Se sair dali, não pertence mais a você. As roupas que peguei no depósito estão dobradas bem na ponta de meu cobertor.

Saio do quarto, ainda atordoada, e sigo pelo corredor escuro. Encontro Graúna na cozinha, cercada de baldes vazios, mexendo no fogo da noite anterior com a ponta queimada de uma vareta comprida. Nem aqui ela ligou os lampiões. Seria um desperdício de pilhas. O cheiro de madeira queimando, as sombras baixas e bruxuleantes, os ombros dela delineados por um leve brilho laranja: tudo isso me faz sentir como se ainda não tivesse acordado do sonho.

— Pronta?

Ela se empertiga quando me ouve chegar e passa um balde por cada braço.

Faço que sim, e ela indica, com a cabeça, os baldes que sobraram.

Subimos a escada e somos lançadas ao mundo externo: a libertação do interior, do ar e do ambiente fechado é tão surpreendente e abrupta quanto na primeira vez que explorei o lar com Sarah. A primeira coisa que me atinge é o frio. O vento está gelado e penetra facilmente em minha camiseta, e sem querer solto um suspiro sufocado.

— Qual é o problema? — pergunta Graúna, falando em um volume normal agora que estamos aqui fora.

— Frio — respondo.

O ar já tem cheiro de inverno, apesar de eu ver que as árvores ainda não perderam as folhas. Na extremidade do horizonte, por cima da linha irregular de árvores, há um brilho dourado e suave do sol se erguendo. O mundo é todo em tons de cinza e roxo. Os animais e pássaros começam a despertar.

— Falta menos de uma semana para outubro — diz ela, dando de ombros e, quando tropeço em um pedaço de metal retorcido que desponta do chão, ela acrescenta: — Cuidado com onde pisa.

É quando a verdade finalmente me atinge: tenho seguido o ritmo dos dias, mantendo um registro mental da data. Mas na verdade venho fingindo que, enquanto estou enterrada no subterrâneo, o resto do mundo também fica imóvel.

— Se eu estiver indo rápido demais, me avise — diz Graúna.

— Tudo bem. — Minha voz soa estranha e vazia no ar esparso e oco deste mundo de outono.

Seguimos pela rua principal. Graúna anda com facilidade, desviando dos pedaços de concreto e de metal retorcido quase instintivamente, como vi Sarah fazer. Na entrada para o cofre do antigo banco, onde os meninos dormem, Lupi está esperando por nós. Ele tem cabelo escuro e pele cor de café com leite. É um dos garotos mais quietos, um dos poucos que não me assustam. Ele e Alistar sempre estão juntos; na Zumbilândia, teríamos chamado os dois de Antinaturais, mas aqui o relacionamento deles parece normal, tranquilo. Vê-los me lembra de fotos de mim e Hana: uma morena, uma loura. Graúna passa para ele vários baldes sem dizer nada, e ele se junta a nós em silêncio. Mas ele sorri para mim, e fico agradecida por isso.

Apesar do ar frio, em pouco tempo estou suando, e meu coração bate dolorosamente contra as costelas. Faz mais de um mês que não dou mais que sessenta passos seguidos. Meus músculos estão fracos, e carregar até mesmo

baldes vazios faz meus ombros doerem em poucos minutos. Fico o tempo todo mudando as alças de lugar nas mãos; recuso-me a reclamar e a pedir ajuda a Graúna, apesar de ela provavelmente ver que estou tendo dificuldade em acompanhá-la. Nem quero pensar no quão longa e lenta vai ser a volta, com os baldes cheios.

Já deixamos para trás o lar e a antiga rua principal e entramos por entre as árvores. Por toda a nossa volta, as folhas exibem tons diferentes de dourado, laranja, vermelho e marrom. É como se a floresta inteira estivesse pegando fogo, uma combustão bela e lenta. Sinto o espaço a meu redor, sem limites e sem paredes, ar puro livre. Animais transitam invisíveis para um lado e outro, provocando um farfalhar nas folhas secas.

— Estamos quase lá — diz Graúna. — Você está indo bem, Lena.

— Obrigada — respondo, ofegante.

O suor cai em meus olhos, e não acredito que algum dia já senti frio. Nem me dou o trabalho de afastar os galhos do caminho. Lupi os empurra à minha frente, de forma que eles voltam com violência e atingem minhas pernas e braços quando passo, deixando marcas ardidas por toda a minha pele. Estou cansada demais para me importar. Parece que estamos andando há horas, mas isso é impossível. Sarah disse que o rio ficava a pouco menos de dois quilômetros. Além do mais, só agora o sol nasceu.

Pouco mais adiante ouvimos finalmente o som baixo e repetitivo de água correndo acima dos gorjeios dos pássaros e do ruído do vento roçando as árvores. Em seguida a mata se abre e dá lugar a um terreno pedregoso, e nos vemos na beirada de um riacho largo e raso. A luz do sol reflete na água, dando a impressão de que há moedas escondidas sob a superfície. Quinze metros a nossa esquerda há uma cachoeira em miniatura, o fluxo d'água caindo sobre uma série de pequenas pedras pretas cobertas de líquen. De repente preciso lutar contra a vontade de chorar. Este lugar sempre existiu: enquanto as cidades eram bombardeadas e viravam ruínas enquanto muros eram erguidos, este riacho estava aqui, correndo sobre as pedras, cheio de sua risada secreta.

Como somos pequenos e idiotas. Durante a maior parte da vida, pensei que a idiota fosse a natureza: cega, animal, destrutiva. Nós, seres humanos, éramos limpos e inteligentes e estávamos no controle; tínhamos vencido o resto do mundo e o submetido a nós, tínhamos dominado o mundo, prendido-o em uma lâmina de microscópio e nas páginas da *Shhh*.

Graúna e Lupi já estão entrando no riacho com os baldes nas mãos, agachando-se para enchê-los.

— Ande logo — diz Graúna secamente. — Os outros já devem estar acordando.

Os dois vieram descalços; eu me agacho para desamarrar os tênis. Meus dedos estão inchados do frio, apesar de eu não senti-lo mais. O calor pulsa em meu corpo. Tenho dificuldade com o cadarço, e, quando me aproximo da água, Graúna e Lupi já estão com seus baldes cheios, alinhados na margem. Grama e insetos mortos rodopiam na superfície da água coletada; vamos tirar tudo isso depois e ferver a água para torná-la limpa.

Quase caio ao dar o primeiro passo no riacho. Mesmo perto da margem, a correnteza é bem mais forte do que parece. Mexo os braços desesperadamente, tentando me manter de pé, e deixo um dos baldes cair. Lupi, que está esperando na margem, começa a rir. A risada dele é alta e surpreendentemente doce.

— Muito bem. — Graúna dá um empurrão nele. — Já chega de show. Vemos você no lar.

Ele encosta dois dedos na têmpora obedientemente.

— Até mais tarde, Lena — diz ele, e me dou conta de que é a primeira vez em uma semana que alguém além de Graúna, Sarah ou Alistar fala comigo.

— Até mais — digo.

A margem do riacho está repleta de pedrinhas escorregadias que machucam minha sola dos pés. Pego o balde caído e me agacho, como Graúna e Lupi fizeram, e espero encher. Levá-lo de volta à margem é mais difícil. Meus braços estão fracos, e as alças de metal afundam dolorosamente na palma das mãos.

— Só mais um — diz Graúna, que me observa de braços cruzados.

O segundo é um pouco maior que o primeiro e mais difícil de manusear quando cheio. Tenho que carregá-lo com as duas mãos, meio curvada, e ele fica batendo em minhas canelas. Saio do riacho e o coloco no chão, suspirando de alívio. Não faço ideia de como vou conseguir voltar para o lar carregando os dois baldes de uma vez. É impossível. Vai levar horas.

— Pronta? — pergunta Graúna.

— Só um segundo — peço, e apoio as mãos nos joelhos.

Meus braços já estão tremendo um pouco. Quero ficar aqui o máximo de tempo que puder, com o sol irrompendo por entre as árvores, e o riacho

falando sua própria língua tão antiga, e os pássaros voando de um lado para o outro, sombras escuras em movimento. *Alex adoraria isso aqui*, penso involuntariamente. Venho me esforçando muito para não pensar no nome dele, nem mesmo respirar a ideia dele.

Na outra margem há um passarinho azul-escuro lavando as penas na beira da água; e de repente eu nunca quis nada tão intensamente quanto tirar a roupa e nadar, lavar todas as camadas de sujeira e suor e nojeira que não consegui remover no lar apenas com a esponja.

— Pode ficar de costas? — peço a Graúna.

Ela revira os olhos, parecendo achar graça, mas se vira.

Tiro a calça, a calcinha e a camiseta e jogo tudo na grama. Voltar para a água é dor e prazer na mesma medida: um frio cortante, uma sensação pura que percorre meu corpo todo. À medida que me aproximo do centro do riacho, as pedras do fundo ficam maiores e achatadas, e a corrente empurra minhas pernas com mais força. Apesar de o riacho não ser muito largo, logo além da cachoeira em miniatura há um espaço escuro onde o leito de água se abre, como uma piscina natural. Fico de pé, tremendo, a água passa correndo por meus joelhos, e no último segundo não consigo me forçar a mergulhar. Faz tanto frio: a água está muito escura e preta e profunda.

— Não vou ficar aqui esperando eternamente — grita Graúna, de costas para mim.

— Cinco minutos — grito e abro os braços e mergulho nas profundezas da água.

O impacto me atordoa: o frio é como um muro, frígido e impenetrável, e corta todos os nervos de meu corpo. Há um zumbido nos ouvidos e um som de correnteza por toda a minha volta. Quando fico sem ar, emerjo ofegante, rompendo a superfície, e acima de mim o sol avança ainda mais e o céu se aprofunda, fica mais sólido, para sustentá-lo.

E assim, tão de repente quanto veio, o frio some. Mergulho de novo e me movimento, deixo a corrente me trazer e me levar. Assim debaixo d'água quase consigo entender o sotaque do riacho, seus murmúrios e gorgolejos. Assim debaixo d'água ouço o riacho dizer o nome que venho me esforçando tanto para não repetir — *Alex, Alex, Alex* —, e também o ouço carregar esse nome para longe. Saio da água tremendo e rindo, e, enquanto me visto, meus dentes batem e minhas unhas estão azuladas.

— Nunca a ouvi rir antes — diz Graúna quando já estou vestida. Ela tem razão. Não rio com vontade desde que cheguei à Selva. A sensação é estupidamente boa. — Pronta?

— Pronta — respondo.

Neste primeiro dia, preciso carregar um balde de cada vez, com as duas mãos, derramando água enquanto ando, suando e xingando. É um progresso lento; coloco um balde no chão, volto e pego o outro. Ando alguns metros. Então faço uma pausa e descanso, ofegante.

Graúna vai na frente. De vez em quando ela para, pousa os baldes no chão e arranca pedacinhos de casca de árvores e joga no chão para me ajudar a encontrar o caminho depois de perdê-la de vista. Ela volta depois de meia hora, trazendo uma caneca de metal cheia de água limpa para eu beber e um saquinho de pano cheio de amêndoas e passas secas para eu comer. O sol está alto e forte agora, seus raios penetrando por entre as árvores como lâminas cortantes.

Graúna me acompanha, mas jamais oferece ajuda, e eu tampouco peço. Ela me observa impassivelmente, de braços cruzados, enquanto sigo lenta e agonizantemente pela floresta.

Tempo total: duas horas. Três bolhas nas mãos, uma delas do tamanho de uma uva. Braços tremendo tanto que mal consigo levá-los ao rosto para enxugar o suor. Um corte profundo e vermelho em uma das mãos, onde a alça de metal de um dos baldes dilacerou a pele.

No jantar, Prego me dá a maior porção de arroz e feijão, e, apesar de eu mal conseguir comer por causa das bolhas nas mãos e de Esquilo ter acidentalmente queimado o arroz, deixando-o com uma rapa marrom embaixo, é a melhor refeição que já tive desde que cheguei à Selva.

Estou tão cansada depois do jantar que durmo de roupa e tudo, assim que bato a cabeça no travesseiro, então me esqueço de pedir a Deus, em minhas orações, que não me deixe acordar.

Só pela manhã eu me dou conta de que dia é hoje: 26 de setembro.

Hana foi curada ontem.

Hana se foi.

Eu não me sentia tão triste desde a morte de Alex.

Alex está vivo.

Esse se torna meu mantra, as palavras que repito para mim mesma todos os dias quando saio na alvorada azul e na névoa e recomeço, lenta e dolorosamente, o treinamento.

Se eu conseguir correr até o antigo banco — os pulmões explodindo, as coxas tremendo —, então Alex vai estar vivo.

Primeiro são doze metros, depois dezoito, depois dois minutos sem parar, depois quatro.

Se eu conseguir chegar àquela árvore, Alex vai voltar.

Alex está logo além daquela colina; se eu conseguir chegar ao topo sem parar, vou encontrá-lo lá.

No início eu tropeço e quase torço o tornozelo meia dúzia de vezes. Não estou acostumada com o terreno cheio de entulho, mal enxergo na luz baixa e mortiça do alvorecer. Mas meus olhos melhoram, ou meus pés aprendem o caminho, e após algumas semanas meu corpo se acostuma com as planícies e ângulos do chão e com a geometria de todas essas ruas e prédios quebrados, e então consigo correr toda a rua principal sem olhar para os pés.

Depois disso é ir mais longe e mais rápido.

Alex está vivo. Só mais um pouco, só mais um impulso final, e você vai ver.

Quando Hana e eu éramos da equipe de corrida, costumávamos fazer joguinhos mentais como esse para manter a motivação. Correr é um esporte mental, mais do que qualquer coisa. O desempenho depende do treinamento, e o treinamento depende da concentração. Se você percorrer os doze quilômetros sem andar, vai ter nota dez de aproveitamento. É o tipo de coisa que costumávamos dizer juntas. Às vezes funcionava, às vezes, não. Às vezes desistíamos, rindo, no décimo quilômetro, dizendo *Ops! Já era nossa nota dez.*

Esta é a questão: não nos importávamos de verdade. Um mundo sem amor também é um mundo sem riscos.

Alex está vivo. Continue, continue, continue. Corro até meus pés ficarem inchados, meus dedos ensanguentados e com bolhas. Graúna grita comigo enquanto prepara baldes de água fria para meus pés, manda eu tomar cuidado e avisa sobre os perigos de pegar uma infecção. Não é fácil arrumar antibióticos aqui.

Na manhã seguinte, enrolo os dedos em tecido, enfio os pés nos tênis e vou correr de novo. Se você conseguir… só um pouco mais… só um pouco mais

rápido… você vai ver, você vai ver, você vai ver. Alex está vivo.

Não sou louca. Sei que ele não está vivo, não de verdade. Assim que paro de correr e estou no caminho de volta para o porão da igreja, a verdade me atinge como se eu batesse de cara em um muro: a estupidez, a inutilidade disto tudo. Alex se foi, e, por mais que eu corra e me esforce e sangre, nada vai trazê-lo de volta.

Eu sei disso. Mas a questão é: quando estou correndo, sempre tem aquela fração de segundo em que a dor me rasga por dentro, mal consigo respirar e só vejo cor e borrões. E, nessa fração de segundo, bem no ápice da dor, quando o esforço se torna demais e um branco toma conta de mim, vejo alguma coisa à minha esquerda, uma fagulha de cor — cabelos castanhos, queimando, uma coroa de folhas —, e sei naquele momento que, se eu virar a cabeça, ele estará lá, rindo, me observando, de braços abertos.

Jamais viro a cabeça, claro. Mas um dia vou olhar. Um dia vou olhar, ele vai estar de volta e tudo vai ficar bem.

E, até que isso aconteça, eu corro.

agora

Terminada a reunião da ASD, sigo a multidão que sai para a luz insípida do início de primavera. A energia ainda está lá, pulsando em nós todos, mas na luz do sol e no frio ela parece mais cruel, mais intensa: um impulso para destruir.

Vários ônibus esperam ao longo do meio-fio, e as filas para embarcar seguem em zigue-zague, chegando a subir as escadas do Javits Center. Estou esperando há meia hora e já vi os ônibus saírem e voltarem três vezes quando me dou conta de que deixei uma das luvas no auditório. Preciso me segurar para não soltar um palavrão. Estou entre curados, cercada deles, e não quero chamar a atenção.

Restam apenas vinte pessoas na minha frente na fila, e por um momento penso em deixar a luva para trás. Mas os últimos seis meses me ensinaram muito sobre necessidades: na Selva, desperdiçar é praticamente um pecado e definitivamente dá azar. Hoje, desperdício; amanhã, necessidade — outro dos mantras favoritos de Graúna.

Saio da fila, atraindo olhares perplexos e testas franzidas, volto para a escadaria e subo até as portas de vidro liso. O regulador responsável pelo detector de metais manual foi embora, mas deixou um rádio portátil ligado e, ao lado, um copo de café destampado pela metade. A mulher que verificou minha identidade também não está ali, e não há mais nenhum folheto da ASD na mesa dobrável. As lâmpadas do teto foram apagadas e o local parece ainda maior do que o normal.

Ao abrir as portas do auditório, fico desorientada por um momento. Estou olhando, de repente, para o pico enorme de uma montanha coberta de neve, de uma perspectiva que parece que eu estou caindo ali de cima. A imagem está projetada, imensa, na tela em que antes víamos o rosto ampliado de Julian Fineman. Mas, fora isso, o auditório está escuro, e a imagem é intensa e vívida. Consigo discernir o círculo denso de árvores na base da montanha, como uma

pelagem negra, e um pico fino como uma lâmina no alto, coroado com um gorro rendado branco. Quase perco o fôlego. É lindo.

Então a foto muda. Agora vejo uma praia iluminada, com uma faixa larga de areia e o agitado mar azul-esverdeado. Avanço vários passos auditório adentro, sufocando uma exclamação. Não vejo o mar desde que saí de Portland.

A foto muda de novo. Agora a tela está cheia de árvores enormes apontando para o céu, que só é visto por entre os galhos grossos das copas. A luz do sol se infiltra em ângulos por ali, incidindo nos troncos avermelhados e na vegetação de samambaias curvas e nas flores. Avanço mais ainda — hipnotizada, compelida — e esbarro em uma das cadeiras de metal dobráveis. Imediatamente uma pessoa na primeira fileira fica de pé em um pulo, e uma silhueta em contraluz cobre a tela, toldando parte da floresta. Em seguida a tela fica branca e as luzes se acendem, e a silhueta é de Julian Fineman. Ele está segurando um controle remoto.

— O que faz aqui? — pergunta ele. Fica claro que eu o peguei de surpresa. Sem esperar uma resposta, ele acrescenta: — A reunião acabou.

Por baixo da agressividade, percebo outra coisa: constrangimento. E nesse momento tenho certeza de que este é o segredo de Julian Fineman: ele se senta no escuro e se imagina em outros lugares. Fica olhando fotos bonitas.

Minha surpresa é tão grande que mal consigo gaguejar uma resposta:

— Eu… eu perdi minha luva.

Julian desvia o olhar. Vejo seus dedos apertarem com mais força o controle remoto. Mas, quando seus olhos voltam a se fixar nos meus, ele recuperou a compostura e a educação.

— Onde você estava sentada? — pergunta ele. — Posso ajudá-la a procurar.

— Não — respondo apressadamente e alto demais.

Ainda estou em choque. O ar entre nós ainda parece carregado e instável, como durante a reunião. Alguma coisa dói dentro de mim: aquelas fotos, aquele oceano, ampliados para caber na enormidade da tela, fizeram eu me sentir como se pudesse cair direto na floresta, como se eu pudesse lamber a neve do topo da montanha como se fosse chantili em uma colher. Eu queria poder pedir a ele que apague as luzes, que me mostre aquelas imagens de novo.

Mas ele é Julian Fineman, e é tudo o que odeio, e não vou lhe pedir nada.

Vou rapidamente até onde eu estava sentada. Julian me observa todo o tempo, apesar de não sair do lugar. Ele fica ali de pé, completamente parado, em frente à tela, agora branca. Só seus olhos se mexem, vivos. Sinto-os em

meu pescoço, nas costas, emaranhados em meu cabelo. Encontro a luva sem dificuldade e a pego do chão, levantando-a no alto para que Julian veja.

— Achei — digo, evitando de propósito seu olhar.

Dirijo-me rapidamente para a saída. Sua pergunta me faz parar:

— Quanto tempo você ficou aí?

— O quê?

Viro-me a fim de olhar para ele. Seu rosto agora está sem nenhuma expressão, indecifrável.

— Quanto tempo você ficou aí? Quantas fotos viu?

Eu hesito, perguntando-me se é alguma espécie de teste.

— Eu vi a montanha — respondo por fim.

Ele olha para o chão, depois volta a me fitar. Mesmo de longe, fico surpresa quando noto que os olhos dele são claros.

— Estamos procurando fortalezas — diz ele, erguendo o queixo como se esperasse ser contestado. — Campos de Inválidos. Estamos usando todos os tipos de técnicas de vigilância.

Portanto, mais um fato: Julian Fineman é mentiroso.

Ao mesmo tempo, o simples fato de alguém como Julian pronunciar a palavra denota algum progresso. Um ano atrás, Inválidos nem existiam. Em teoria, tínhamos sido exterminados durante a *blitz*. Éramos seres míticos, como unicórnios e lobisomens.

Isso foi antes dos Incidentes, antes de a resistência começar a se impor com mais força e nos tornarmos impossíveis de ignorar.

Eu me forço a sorrir.

— Espero que os encontre — digo. — Espero que encontre todos, até não sobrar mais nenhum.

Julian assente.

Quando me viro, acrescento:

— Antes que encontrem você.

A voz dele ressoa alta:

— O que você disse?

Lanço-lhe um olhar por cima do ombro.

— Antes que eles nos encontrem — digo, empurrando as portas, que se fecham atrás de mim.



Quando chego ao Brooklyn, o sol já se pôs. Faz frio no apartamento. As persianas estão fechadas, e uma única lâmpada ilumina o saguão. No aparador do corredor há uma pequena pilha de correspondências.

NINGUÉM ESTÁ A SALVO ATÉ QUE TODOS ESTEJAM CURADOS*,* está escrito no primeiro envelope, impresso com perfeição acima de nosso endereço. E embaixo: POR FAVOR, AJUDE A ASD.

Ao lado das correspondências está uma pequena bandeja para nossos documentos de identificação. Há dois deles, um ao lado do outro: Rebecca Ann Sherman e Thomas Clive Sherman, ambos sérios em seus retratos oficiais, olhando bem para a frente. Rebecca tem cabelo preto como carvão, repartido à perfeição, e grandes olhos castanhos. O cabelo de Thomas é tão curto que não dá para saber a cor. Seus olhos estão pesados, como se ele estivesse prestes a cair no sono.

Abaixo das identidades estão os documentos, organizadamente presos por um clipe. Quem folheasse os papéis descobriria todos os fatos relevantes a respeito de Rebecca e Thomas: data e local de nascimento, pais e avós, salários, notas escolares, incidentes de desobediência, avaliação e pontuação, data e local da cerimônia de casamento deles, todos os endereços anteriores em que já moraram.

É claro que Rebecca e Thomas não existem de verdade, assim como Lena Morgan Jones: uma garota de rosto fino, também séria em sua identidade. Deixo minha identidade ao lado da de Rebecca. Nunca se sabe quando haverá uma batida ou um censo. Será melhor se eu não tiver que sair à cata dos documentos. Será melhor, na verdade, se ninguém nunca vier procurar nada aqui.

Só entendi a obsessão por organização que Graúna tinha lá na Selva quando vim para Nova York: as fachadas precisam estar acertadas. Precisam estar imaculadas. Nunca deve haver pistas a serem apagadas.

Assim nunca há uma trilha a ser seguida.

As cortinas da sala estão fechadas. Isso mantém a casa quente e os olhos — dos vizinhos, dos reguladores, das patrulhas itinerantes — do lado de fora. Na Zumbilândia, sempre há alguém observando. As pessoas não têm mais nada para fazer. Elas não pensam. Não sentem paixão, nem ódio, nem tristeza; não

sentem nada além de medo e desejo de controle. Assim, elas observam, se intrometem, xeretam.

Nos fundos do apartamento fica a cozinha. Acima da mesa, pendurada na parede, há uma foto de Thomas Fineman e outra de Cormac T. Holmes, o cientista famoso por realizar a primeira cura bem-sucedida.

Depois do fogão fica uma pequena alcova que serve de despensa. É um cômodo coberto de prateleiras estreitas e repleto de comida. É difícil afastar a lembrança de um longo período de fome, e todos nós, os que sabemos, agora somos acumuladores em segredo. Enchemos nossas bolsas de barras de cereal e enchemos os bolsos de sachês de açúcar.

Nunca se sabe quando o período da fome vai voltar.

Uma das três paredes da despensa é, na verdade, uma porta disfarçada. Ao abri-la, vejo a escada de madeira rústica. Uma luz brilha fraca no porão, e ouço o ritmo de vozes em *staccato*. Graúna e Prego estão brigando — nenhuma novidade nisso —, e ouço Prego, aparentemente magoado, dizer:

— Só não entendo por que não podemos ser sinceros uns com os outros. Não estamos do mesmo lado?

— Você sabe que isso não é realista, Prego — responde Graúna com rispidez. — É melhor assim. Você precisa confiar em mim.

— É você quem não confia…

A voz dele silencia-se de uma só vez quando fecho a porta atrás de mim, um pouco mais alto do que faria normalmente, para que eles saibam que estou aqui. Odeio ouvir os dois brigando — eu nunca tinha ouvido adultos brigando até fugir para a Selva —, embora, com o tempo, tenha me acostumado um pouco. Tive que me acostumar. Parece que eles estão sempre batendo boca por algum motivo.

Desço a escada. Enquanto isso, Prego se vira e passa a mão nos olhos. Graúna simplesmente diz:

— Você está atrasada. A reunião terminou horas atrás. O que aconteceu?

— Perdi os primeiros ônibus. — Antes que ela possa começar um sermão, acrescento rapidamente: — Esqueci uma luva lá dentro e precisei voltar para pegar. Conversei com Julian Fineman.

— Você fez o quê? — explode Graúna, e Prego suspira e esfrega a testa.

— Coisa rápida, só por um minuto. — Quase conto a eles sobre as fotos, mas no último minuto decido não contar. — Está tudo bem. Não aconteceu nada.

— Não está tudo bem, Lena — diz Prego. — O que foi que dissemos para você? É imprescindível ficar longe do radar.

Às vezes acho que Prego e Graúna levam os papéis de Thomas e Rebecca — guardiões rigorosos — um pouco a sério demais, e preciso lutar contra a vontade de revirar os olhos em impaciência.

— Não foi nada importante — insisto.

— Tudo é importante. Você não entende? Nós…

— Ela entende — interrompe-o Graúna. — Já ouviu isso mil vezes. Dê um tempo para ela.

Prego olha para Graúna sem falar nada por um segundo, apertando os lábios com raiva. Ela sustenta seu olhar com firmeza. Sei que estão zangados por outros motivos — que não sou o único problema —, mas mesmo assim sinto uma onda quente de culpa. Estou piorando as coisas.

— Você é inacreditável — diz Prego. Acho que ele não pretendia que eu ouvisse isso.

Em seguida passa por mim e sobe a escada.

— Aonde você vai? — pergunta Graúna, e por um momento vejo um brilho nos olhos dela; uma necessidade ou um medo. Seja o que for, some antes que eu possa identificar.

— Vou sair — responde ele, ainda subindo. — Estou sem ar aqui embaixo. Mal consigo respirar.

Ele entra na despensa e a porta se fecha no alto da escadaria, e então Graúna e eu ficamos sozinhas.

Por um segundo nos mantemos em silêncio. Então ela dá uma risada.

— Não ligue para ele — diz ela. — Você conhece Prego.

— É — digo, sentindo-me desconfortável.

A briga azedou o ar; Prego tem razão. O porão parece pesado, desagradável. Normalmente é o meu lugar favorito da casa, este espaço secreto — de Prego e Graúna também. É o único lugar em que podemos abandonar a pele falsa, os nomes falsos, os passados falsos.

Pelo menos parece que alguém mora neste aposento. O andar de cima parece uma casa normal, e tem cheiro de casa normal, e está cheio de coisas de casa normal; mas, não sei por que, é estranho, como se sua estrutura estivesse inclinada alguns centímetros para o lado.

Em contraste com o restante do apartamento, o porão é uma desordem. Graúna não consegue limpar e arrumar com a mesma rapidez com que Prego

acumula e bagunça. Há livros — livros de verdade, livros banidos, livros antigos — empilhados por todo lado. Prego os coleciona. Não, mais do que isso. Ele os acumula, do mesmo jeito que o restante de nós acumula comida. Tentei ler alguns desses livros, apenas porque queria descobrir como a vida era antes da cura, e antes de todas as cercas, mas imaginar aquilo tudo fez meu peito doer: toda aquela liberdade, todos aqueles sentimentos e tanta vida. É melhor, muito melhor, não pensar tanto nisso.

Alex amava livros. Foi ele quem me apresentou à poesia. Mais um motivo para eu não conseguir mais ler.

Graúna suspira e começa a mexer em alguns papéis empilhados em desordem na mesa bamba de madeira que há no meio do aposento.

— É essa maldita manifestação — diz ela. — Está deixando todo mundo nervoso.

— Qual é o problema? — pergunto.

Ela balança a mão em desdém.

— O mesmo de sempre. Boatos sobre um tumulto. O subterrâneo está dizendo que vão aparecer Saqueadores, que eles vão tentar alguma coisa grande. Mas nada foi confirmado.

A voz dela adquire um travo amargo. Nem gosto de dizer a palavra *Saqueadores*. Deixa um gosto ruim na boca, de coisas apodrecendo, de cinzas. Todos nós — os Inválidos, a resistência — odiamos os Saqueadores. Eles geram má fama para nós. Todo mundo acha que eles vão arruinar, que já arruinaram, muito do que estamos trabalhando para construir. Os Saqueadores são Inválidos, como nós, mas não lutam por nada. Queremos destruir os muros e nos livrar da cura. Eles querem destruir tudo: queimar tudo até que vire pó, roubar e matar e fazer o mundo arder em chamas.

Só uma vez encontrei um grupo de Saqueadores, mas ainda tenho pesadelos com eles.

— Eles não vão conseguir — digo, tentando parecer confiante. — Não são organizados.

Graúna dá de ombros.

— Espero que não consigam.

Ela empilha livros, certificando-se de alinhar as lombadas. Por um segundo sinto uma onda de tristeza por ela: ali no meio de tanta bagunça, empilhando livros como se isso tivesse algum significado, como se fosse ajudar.

— Tem algo que eu possa fazer?

— Não se preocupe com isso. — Ela me dirige um sorriso tenso. — Este é o meu trabalho, certo?

Mais uma das máximas de Graúna. Assim como sua insistência em dizer que o passado está morto, esta acabou se tornando uma espécie de mantra. *Eu me preocupo; você faz o que eu mando.* Acho que todos precisamos de mantras; de histórias que contamos para nós mesmos para termos algo que nos ajude a seguir em frente.

— Certo.

Por um momento ficamos ali de pé. É estranho. Em alguns aspectos, Graúna parece mesmo fazer parte da minha família — e, de qualquer modo, ela é o mais próximo que tenho disso —, mas em outros momentos me ocorre que não a conheço nem um pouco melhor do que conhecia em agosto, quando ela me encontrou. Ainda não sei muito sobre a pessoa que ela era antes de ir para a Selva. Ela enterrou essa parte de si e guardou em um lugar bem lá no fundo, inalcançável.

— Pode ir — diz ela, indicando a escada com a cabeça. — Está tarde. Você precisa comer.

Quando vou subindo a escada, passo os dedos mais uma vez pela placa de carro que prendemos à parede. Nós a encontramos na Selva, parcialmente enterrada em lama e barro, durante a mudança; estávamos todos perto da morte naquele momento, exaustos e desnutridos, doentes e congelando. Foi Lupi quem a viu; e quando ele a pegou do chão, o sol surgiu em meio a uma nuvem e o metal refletiu de repente, quase me cegando, de forma que mal consegui ler as palavras impressas debaixo do número.

Palavras antigas; palavras que quase me fizeram cair de joelhos.

Viva livre ou morra.

Quatro palavras. Dezesseis letras. Sulcos, relevos, curvas em metal, sob a ponta de meus dedos.

Outra história. Nós nos agarramos a ela com força, e aquilo em que acreditamos acaba se tornando verdade.

antes

A cada dia fica mais frio. De manhã, encontramos a grama coberta de geada. O ar gelado faz meus pulmões arderem quando corro; as margens do rio têm uma camada de gelo fino, que se quebra em volta de nossos tornozelos à medida que avançamos na água carregando os baldes. O sol está preguiçoso, caindo atrás do horizonte cada dia mais cedo, depois de uma passagem fraca e insípida pelo céu.

Estou ficando mais forte. Sou uma pedra sendo erodida pela passagem lenta de um fluxo d'água; sou madeira sendo carbonizada pelo fogo. Meus músculos são cordas, minhas pernas são blocos de madeira. As palmas das minhas mãos estão cheias de calos — assim como as solas dos meus pés, grossas e ásperas como pedra. Nunca deixo de correr. Todas as manhãs eu me ofereço para ir buscar água, embora devêssemos nos revezar. Em pouco tempo carrego sozinha, sem parar nenhuma vez, os dois baldes durante todo o caminho até o acampamento.

Alex passa por mim, surgindo e sumindo nas sombras, percorrendo o caminho de árvores vermelhas e amarelas. No verão ele estava mais intenso: eu via seus olhos, o cabelo, um lampejo do cotovelo. À medida que as folhas começam a cair e mais e mais árvores ficam nuas, ele é uma sombra completamente negra, tremulando em minha visão periférica.

Estou aprendendo também. Alistar me mostra como as mensagens nos são enviadas, como os simpatizantes do outro lado nos alertam de carregamentos que estão para chegar.

— Venha — chama ele certa manhã, depois do café.

Azul e eu estamos na cozinha, lavando pratos. Ela nunca se abriu para mim. Responde às minhas perguntas apenas com movimentos de cabeça. Sua pequenez, sua timidez, seus ossos tão finos: quando estou com ela, não consigo deixar de pensar em Grace.

É por isso que a evito o máximo possível.

— Aonde? — pergunto a Alistar.

Ele sorri.

— Você sabe escalar?

A pergunta me pega de surpresa.

— Acho que sim — respondo e me vem à mente, de súbito, a lembrança de Alex e eu pulando a cerca da fronteira.

Rapidamente substituo essa lembrança por outra: estou subindo nos galhos cobertos de folhas de um dos grandes bordos no parque Deering Oaks. O cabelo louro de Hana aparece de relance por baixo das camadas de verde; ela está circulando o tronco, rindo, me chamando para subir mais.

Mas preciso tirá-la da memória. Aprendi a fazer isto aqui, na Selva. Afasto-a mentalmente — sua voz, sua cabeça lá embaixo — e deixo apenas a sensação de altura, das folhas balançando, da grama verde cobrindo o chão.

— Está na hora de você conhecer os ninhos, então — diz Alistar.

Não estou muito animada para sair. Ontem à noite estava extremamente frio. O vento gritou em meio às árvores, rasgou as escadas, entrou por todas as rachaduras e fendas do abrigo com seus dedos gelados e compridos. Voltei semicongelada da corrida hoje de manhã, com os dedos entorpecidos, insensíveis e imprestáveis. Mas estou curiosa quanto aos ninhos — já ouvi outras pessoas falando essa palavra — e ansiosa para me afastar de Azul.

— Você consegue terminar sozinha? — pergunto a ela.

Azul assente, mordendo o lábio inferior. Grace também fazia isso quando ficava nervosa. Sinto uma pontada de culpa. Não é culpa de Azul que ela me lembre Grace.

Não é culpa de Azul que eu tenha deixado Grace para trás.

— Obrigada, Azul — digo, tocando-a no ombro. Sinto-a tremer ligeiramente sob meus dedos.

O frio é um muro, uma força física. Encontrei no estoque de roupas um casaco corta-vento usado, mas é grande demais e não impede que o vento açoite meu pescoço e meus dedos ou entre pela gola e congele meu coração. O chão está coberto de gelo, e a geada na grama estala sob nossos pés. Andamos depressa para nos mantermos aquecidos; nossa respiração forma nuvens de fumaça no ar.

— Por que você não gosta de Azul? — pergunta Alistar, do nada.

— Eu gosto — respondo rapidamente. — Bom, ela não fala direito comigo, mas… — Não termino a frase. — É tão óbvio assim?

Ele ri.

— Então você não gosta dela.

— É só que ela me lembra uma pessoa, só isso — digo, lacônica, e ele fica sério.

— De antes?

Confirmo com um movimento de cabeça, e ele me toca, de leve, no cotovelo, para mostrar que entende. Alistar e eu conversamos sobre tudo, menos sobre antes. De todas as pessoas do lar, é dele que me sinto mais próxima. Sentamos ao lado um do outro no jantar; e às vezes permanecemos ali depois de comer, conversando até o aposento estar tomado de fumaça do fogo apagado.

Ele me faz rir, apesar de eu ter passado muito tempo achando que jamais riria de novo.

Não foi fácil me sentir à vontade perto dele. Foi difícil esquecer todas as lições que aprendi do outro lado, em Portland, alertas imprimidos em mim por todo mundo que eu admirava e em que confiava. A doença, eles me ensinaram, crescia no espaço entre homens e mulheres, meninos e meninas; era transmitida por olhares e sorrisos e toques, e criava raízes dentro deles como o mofo que faz uma árvore apodrecer de dentro para fora. Depois, descobri que Alistar era um Antinatural, coisa que sempre me ensinaram a repudiar.

Agora, Alistar é Alistar, um amigo e nada mais.

Seguimos para o norte, longe do lar. É cedo, e o bosque está em silêncio exceto pelo som dos nossos tênis esmagando o grosso tapete de folhas mortas. Há várias semanas não chove. A floresta está ávida por água. É engraçado como aprendi a sentir a floresta, a entendê-la: os estados de espírito e os acessos, as explosões de alegria e cor. Tão diferente dos parques e espaços naturais cuidadosamente preservados de Portland... Aqueles lugares eram como animais no zoológico: enjaulados e, de alguma forma, também insípidos. A Selva é viva, temperamental e linda. Apesar das dificuldades daqui, estou passando a amar este lugar.

— Já estamos chegando — diz Alistar. Ele indica a nossa esquerda. Vejo, para lá dos galhos desnudos, um emaranhado de arame farpado desenhando círculos no alto de uma cerca e sinto uma pontada de medo, um medo quente e repentino. Não tinha me dado conta de que havíamos chegado tão perto da fronteira. Devemos estar próximos do limite de Rochester. — Não se preocupe. — Ele aperta meu ombro. — Este lado da fronteira não é vigiado.

Estou na Selva há um mês e meio, e nesse período quase me esqueci das cercas. É incrível como esse tempo todo estive tão perto de minha antiga vida. No entanto, a distância que me separa dela é enorme.

Nós nos afastamos da cerca de novo. Logo chegamos a uma área de árvores enormes, com galhos nus cinzentos e retorcidos como dedos artríticos. Há anos não devem dar flores; as árvores parecem estar mortas faz muito tempo. Mas, quando digo isso, Alistar apenas ri e balança a cabeça em negativa.

— Mortas, não. — Ele bate em uma delas com os nós dos dedos quando passamos. — Estão apenas à espera. Armazenando energia. Durante o inverno elas guardam bem no interior toda a vida que têm em si. Quando o tempo esquentar, vão florescer de novo. Você vai ver.

As palavras dele me confortam. *Você vai ver* quer dizer *Vamos voltar aqui.* Quer dizer *Agora você é uma de nós*. Passo os dedos por uma árvore, sinto a casca ressecada se quebrar sob meus dedos. É impossível imaginar qualquer coisa viva sob algo tão duro, qualquer coisa fluindo ou se movendo.

Alistar para tão de repente que quase dou um encontrão nele.

— Chegamos — diz ele, sorrindo. — Os ninhos.

Ele aponta para cima. Lá no alto, nos galhos das árvores, há enormes emaranhados de ninhos de pássaros: ramalhetes e galhos, pedaços de musgo e trepadeiras, todos entrelaçados de forma que parece que as árvores têm cabelos.

Mais estranho ainda: os galhos estão pintados.

Gotas de tinta verde e amarela mancham o tronco; marcas delicadas de patas, também coloridas, cobrem os ninhos.

— O que…?

Vejo um pássaro grande, mais ou menos do tamanho de um corvo, vir voando em direção a um ninho bem acima de nossa cabeça. Tudo no pássaro é preto, exceto pelos pés, pintados de um tom vívido de verde. Ele carrega alguma coisa no bico. Em um momento ele chega ao ninho, e então um coro de gorjeios começa.

— Verde — diz Alistar, parecendo satisfeito. — É um bom sinal. Os suprimentos vão chegar hoje.

— Não entendi.

Estou andando de lá para cá debaixo da rede de ninhos. Deve haver centenas deles. Alguns estão instalados em galhos de árvores diferentes,

formando um teto denso. Está ainda mais frio aqui; o sol mal consegue nos alcançar.

— Venha — diz Alistar. — Vou lhe mostrar.

Ele sobe na árvore mais próxima, usando os muitos galhos e protuberâncias como apoio para as mãos e os pés e elevando-se com facilidade pelo tronco.

Sigo-o desajeitadamente, apoiando pés e mãos nos mesmos lugares que ele. Faz muito tempo que não subo em uma árvore e lembro que na infância era algo muito simples: alçar o corpo nos galhos sem pensar, encontrar inconscientemente as reentrâncias e apoios na árvore. Agora é doloroso e difícil.

Por fim, chego a um dos galhos mais grossos e mais baixos. Alistar está montado ali, me esperando. Agacho atrás dele. Minhas pernas estão tremendo um pouco; ele estica a mão para trás e segura meus tornozelos, a fim de me ajudar.

Os ninhos estão cheios de pássaros: pilhas de penas negras reluzentes e olhos pretos piscando. Eles saltitam e bicam um amontoado de pequenas sementes marrons, estocadas para o inverno. Vários deles, perturbados por nossa chegada, saem em direção ao céu, gritando e grasnando.

Os ninhos estão cobertos com a mesma tinta de um tom vívido de verde, uma rede de manchas de patas enquanto os pássaros pulam de um ninho para outro.

— Ainda não entendi — digo. — De onde vem essa cor?

— Do outro lado — diz Alistar, e percebo o orgulho na voz dele. — Da Zumbilândia. No verão, arbustos de mirtilo crescem do outro lado da cerca. Os pássaros buscam comida lá. Ao longo dos anos, os infiltrados começaram a alimentá-los com sementes e comida, fazendo com que permanecessem gordos durante o inverno. Eles enchem tinas com cores diferentes quando precisam nos mandar mensagens: metade sementes, metade tinta. Os pássaros comem e voam de volta para cá, a fim de guardar mais sementes para depois. Os ninhos ficam coloridos, e assim recebemos as mensagens. Verde, amarelo ou vermelho. Verde quando está tudo bem e podemos esperar um carregamento. Amarelo quando há algum problema ou atraso.

— As cores não se misturam? — pergunto.

Ele se vira para olhar para mim, seus olhos brilhando.

— Essa é a parte brilhante do mecanismo — diz ele, e inclina a cabeça na direção dos ninhos. — Os pássaros não gostam das cores. Porque atraem

predadores. Então eles reformam constantemente os ninhos. É como uma tela em branco a cada dia.

E, enquanto observo, o pássaro no ninho mais próximo de nós está escolhendo galhos manchados de verde e arrancando-os com o bico: puxando, cortando, limpando, como uma mulher arrancando ervas-daninhas do jardim. O ninho está sendo transformado bem diante dos meus olhos, voltando a sua estrutura simples, marrom e de cor normal.

— É incrível — digo.

— É a natureza. — A voz de Alistar fica séria. — Os pássaros se alimentam; depois fazem o ninho. Você pode pintá-los da cor que quiser e enviá-los para qualquer parte do mundo: eles sempre encontram o caminho de volta. E acabam voltando às suas cores originais. É o que os animais fazem.

Enquanto ele fala, penso nas batidas do verão passado: quando os reguladores, em seus uniformes engomados, invadiram uma festa ilegal, brandindo tacos de beisebol e cassetetes, soltando cachorros furiosos em cima de todo mundo. Penso no arco de sangue que ficou em uma parede; nos sons de crânios sendo esmagados sob madeira pesada. Por baixo dos distintivos e dos olhares vidrados, os curados são cheios de um ódio que é mais frio, contudo também mais apavorante. São isentos de paixão, mas também de compaixão.

Por baixo de suas cores, eles também são animais. Eu não poderia ter ficado lá; jamais vou voltar. Não vou me tornar um dos mortos-vivos.

Só quando já descemos da árvore e estamos voltando para o lar é que me lembro de algo que Alistar disse.

— O que o vermelho significa? — pergunto.

Ele me olha assustado. Estávamos em silêncio havia algum tempo, ambos perdidos em pensamentos.

— O quê?

— Verde é para suprimentos. Amarelo quando acontece um atraso. E o vermelho, o que significa?

Por um momento tenho um vislumbre de medo em seus olhos, e de repente sinto frio de novo.

— Vermelho é corram — explica ele.

Em breve a mudança vai começar de verdade. Vamos realocar todo mundo, o lar todo, para o sul. É um empreendimento enorme; Graúna e Prego passam horas planejando, debatendo, discutindo. Não é a primeira vez que orquestram uma mudança, mas concluo que das outras vezes o deslocamento foi difícil e perigoso, e Graúna considera que foram um fracasso.

Mas passar os invernos no norte tem sido ainda mais difícil e se mostrado ainda mais fatal, por isso nos mudaremos. Graúna insiste em afirmar que desta vez não vai haver mortes. Todo mundo que sair do lar vai chegar a salvo ao novo destino.

— Você não pode garantir isso. — Ouço Prego dizer para ela à noite.

Está tarde, e fui acordada pelo som de vômitos no quarto de convalescença. Desta vez é Fê.

Saio da cama e estou caminhando até a cozinha para pegar água quando percebo que Prego e Graúna ainda estão lá, iluminados pelo brilho baixo do fogo. A cozinha está nebulosa, tomada pela fumaça da madeira.

Paro no corredor.

— Todo mundo vai ficar vivo — diz ela com teimosia, e sua voz treme um pouco.

Prego suspira. Ele parece cansado — e incomodado com alguma outra coisa. Preocupado. Passei a pensar em Prego como um cachorro: só sabe morder e rosnar. Nada de delicadeza.

— Você não pode salvar todo mundo — diz ele.

— Eu posso tentar — retruca ela.

Volto para o quarto sem a água e puxo o cobertor até o queixo. A atmosfera está cheia de sombras, de formas dançantes que não consigo identificar.

Os dois principais problemas que teremos quando sairmos do lar: comida e abrigo. Há outros acampamentos, outros grupos de Inválidos mais para o sul, mas são poucos, e os assentamentos são separados por vastos territórios de terra. A Selva ao norte é implacável no outono e no inverno: dura e árida e infértil, cheia de animais famintos.

Ao longo dos anos, Inválidos viajantes mapearam uma rota: marcaram as árvores com um sistema de cortes e talhos para indicar o caminho mais fácil para o sul.

Na semana que vem, grupos de habitantes do lar — batedores — vão sair em expedições preliminares. Seis pessoas irão até o próximo grande

assentamento, que fica cento e vinte quilômetros ao sul, carregando comida e suprimentos em mochilas presas ao corpo com cintos. Quando chegarem ao assentamento, vão enterrar metade do alimento, para não ser comido por animais, e marcar o local com uma pilha de pedras. Dois vão voltar ao lar; os outros quatro vão prosseguir mais cem quilômetros, onde enterrarão metade do que tiver sobrado. Dois dos quatro vão, então, voltar para o lar.

O quinto batedor vai esperar lá enquanto o último percorre os sessenta quilômetros finais, levando consigo o restante da comida. Os dois vão voltar para o lar juntos, capturando animais e colhendo os frutos que conseguirem. A essa altura, teremos terminado todos os preparativos e arrumado as bagagens.

Quando pergunto a Graúna por que os assentamentos vão ficando mais próximos uns dos outros quanto mais seguimos para o sul, ela mal para o que está fazendo para me olhar.

— Você vai ver — responde ela simplesmente.

Seu cabelo está preso em dezenas de trancinhas, trabalho de Azul, e Graúna prendeu folhas douradas e frutinhas vermelhas secas, das venenosas, na ponta de cada uma.

— Não é melhor ir o mais longe possível a cada dia? — insisto.

Mesmo o terceiro assentamento fica a cento e sessenta quilômetros de nosso destino final, apesar da certeza de que, com o deslocamento para o sul, vamos encontrar outros lares, mais animais para caçar e pessoas que nos darão comida e abrigo.

Graúna suspira.

— A essa altura estaremos fracos — explica ela, finalmente me encarando. — Com frio. Com fome. É provável que esteja nevando. A Selva suga a vida de dentro de você, estou avisando. Não é como sair para essas suas corridinhas matinais. Não dá para simplesmente se forçar a ir em frente. Já vi… — Ela para de falar e balança a cabeça, como se quisesse afastar uma lembrança. — Precisamos ter muito cuidado.

Estou tão ofendida que por um momento sequer consigo falar. Graúna chamou meu esforço diário de "corridinhas", como se fossem uma espécie de brincadeira. Mas deixei partes de mim por aí, pele, sangue, suor e vômito, partes de Lena Haloway, pedaços espalhados na escuridão.

Ela percebe que me magoou.

— Quer me ajudar com isso? — sugere ela, que está montando bolsinhas de emergência, uma para cada pessoa, com comprimido para dor de cabeça,

band-aids, lenços antibacterianos. Ela empilha os suprimentos no meio de tecidos cortados em quadrados, tirados de lençóis velhos, gira-os até formar bolsinhas e amarra com barbante. — Meus dedos são tão gordos que acabo embolando tudo.

Não é verdade: os dedos de Graúna são magros, assim como ela toda, e sei que só está tentando fazer com que eu me sinta melhor. Mas eu digo:

— Sim, claro.

Graúna raramente pede ajuda; quando ela pede, você dá.

Os batedores vão ficar exaustos. Apesar de estarem carregados de comida, será tudo para estocar, não para comer, e eles só poderão carregar um pouquinho para si mesmos. O último batedor, o que vai percorrer todos os duzentos e oitenta quilômetros, deve ser o mais forte. Sem debater nem discutir, todo mundo sabe que vai ser Prego.

Uma noite, reúno coragem para me aproximar dele. Ele está de raro bom humor. Lupi trouxe quatro coelhos das armadilhas hoje, e ao menos uma vez todos comemos até ficarmos completamente satisfeitos.

Depois do jantar, Prego se senta junto ao fogo e se põe a enrolar um cigarro. Ele não ergue o olhar quando me aproximo.

— Que foi? — pergunta ele, brusco como sempre, mas sua voz não tem a rispidez de sempre.

Inspiro fundo e falo:

— Quero ser um dos batedores.

Passei a semana toda agonizando e pensando no que dizer a Prego — escrevi discursos inteiros na mente —, mas no último segundo essas cinco palavras são tudo o que sai.

— Não — responde ele, curto e grosso.

E assim, toda a minha preocupação, meu planejamento e minhas estratégias não serviram de nada.

Estou dividida entre decepção e raiva.

— Sou rápida — eu digo. — Sou forte.

— Não o bastante.

— Eu quero ajudar — insisto, consciente do choramingo que surge em minha voz, consciente do fato de que pareço Azul quando está tendo um de seus raros ataques de birra.

Ele passa a língua pelo papel e gira o cigarro, fechando-o com alguns movimentos experientes dos dedos. Nesse momento ele me olha, e então me

dou conta de que Prego quase nunca olha para mim. Os olhos dele são astutos, avaliadores, cheios de mensagens que não entendo.

— Depois — diz ele e então fica de pé e passa por mim para subir a escada.

agora

Está estranhamente quente na manhã da manifestação. A pouca neve que ficou no chão e nos telhados desce pelos escoadouros e pinga de postes e galhos de árvores. O sol está tão forte que quase cega. As poças na rua parecem metal polido, superfícies que são perfeitos espelhos.

Graúna e Prego vão me encontrar na manifestação, apesar de terem me avisado que não vão ficar comigo. Meu trabalho é ficar perto do palco. Devo observar Julian antes que ele siga para o norte, para o hospital Columbia Memorial, onde será curado.

— Não tire os olhos dele, aconteça o que acontecer — instrui-me Graúna. — Aconteça o que acontecer, entendeu?

— Por quê? — pergunto, mesmo sabendo que vou ficar sem resposta.

Apesar de eu fazer oficialmente parte da resistência, não sei quase nada sobre como o movimento funciona e o que temos que fazer.

— Porque estou mandando — responde ela.

Sem emitir um som, minha boca forma palavras ao mesmo tempo em que ela as pronuncia, mas fico de costas para ela não ver.

Há longas filas nada comuns nos pontos de ônibus. Dois reguladores estão distribuindo os números para os passageiros; Graúna, Prego e eu pegaremos o ônibus 5, seja lá quando chegar. Hoje a quantidade de ônibus e motoristas foi quadruplicada na cidade. São esperadas vinte e cinco mil pessoas na manifestação; cerca de cinco mil membros da ASD mais milhares de espectadores e curiosos.

Muitos dos grupos que são contra a ASD e contra a ideia da intervenção precoce também estarão lá. Isso inclui grande parte da comunidade científica. A intervenção ainda não é segura só para crianças, dizem eles, e leva a tremendas deficiências sociais: uma nação de idiotas e aberrações. A ASD alega que a oposição é exageradamente cautelosa. Os benefícios, dizem eles, são bem maiores que os riscos.

E, se necessário, vamos simplesmente ampliar a capacidade das prisões e colocar as pessoas com sequelas lá, longe de tudo.

— Andem, andem.

O regulador na frente da fila nos direciona para o ônibus. Seguimos em frente devagar, mostramos nossas identidades e depois as passamos na entrada do ônibus. Mais parecemos um rebanho, de cabeça baixa, nos arrastando para a frente.

Graúna e Prego não têm se falado ultimamente; devem ter brigado de novo. Sinto uma eletricidade tensa entre eles, e isso não está me ajudando a diminuir a ansiedade. Graúna encontra dois lugares lado a lado nos fundos, mas Prego, para minha surpresa, senta-se a meu lado.

— O que está fazendo? — pergunta ela, inclinando-se para a frente.

Ela tem que tomar o cuidado de manter a voz baixa. Curados não brigam. É um dos benefícios da intervenção.

— Quero ter certeza de que Lena está bem — murmura ele em resposta. Ele estica a mão e segura a minha, a pulsação acelerada. Uma mulher sentada do outro lado do corredor olha para nós com curiosidade. — Você está bem?

— Tudo bem — respondo, mas minha voz soa estrangulada.

Eu não estava nada nervosa hoje mais cedo. Prego e Graúna é que me deixaram irrequieta. Eles estão preocupados, e acho que sei qual é o motivo: devem estar acreditando nos boatos sobre os Saqueadores. Devem estar achando que os Saqueadores vão provocar uma baderna, tentar perturbar a manifestação de algum modo.

Mesmo cruzar a ponte do Brooklyn não tem o efeito calmante habitual. O trecho está, pela primeira vez, engarrafado: carros particulares e ônibus levam as pessoas para a manifestação.

À medida que nos aproximamos da Times Square, minha tensão aumenta. Nunca vi tanta gente. Temos que descer na rua 34, porque os ônibus não podem seguir adiante. As ruas estão tomadas de pessoas: um enorme emaranhado de rostos, um rio de cores. Há reguladores também — voluntários e oficiais —, em uniformes impecáveis; e membros da guarda armada, de pé com o corpo rígido em fila, olhando fixamente para a frente, como soldados de chumbo enfileirados, prestes a sair marchando. Só que esses soldados, os verdadeiros, carregam armas enormes, os canos brilhando à luz do sol.

Assim que me junto à multidão sou empurrada por todos os lados, e, apesar de Graúna e Prego estarem atrás de mim, perco os dois de vista algumas vezes, devido ao fluxo de pessoas passando entre nós. Agora entendo por que me deram as instruções cedo. Não tem como eu me manter por perto deles.

O barulho é ensurdecedor. Os reguladores sopram apitos, direcionando o fluxo de pessoas, e ao longe ouço batuques e gente cantarolando. A manifestação só começa oficialmente daqui a duas horas, mas mesmo agora acho que consigo identificar o ritmo do hino da ASD: *Há segurança nos números, e por nada nos deixe querer…*

Seguimos lentamente no sentido norte, espremidos por todos os lados, passando pelos inúmeros e profundos vãos entre os prédios. Pessoas se reuniram em algumas varandas para nos ver. Vejo centenas e centenas de bandeiras brancas sendo agitadas, uma forma de demonstrar apoio à ASD, e apenas algumas da cor de esmeralda, símbolo daqueles que se opõem.

— Lena! — Eu me viro. Prego passa com dificuldade em meio à massa e coloca um guarda-chuva em minha mão. — Deve chover mais tarde.

O céu está de um azul-claro perfeito, com nuvens finíssimas que parecem fios de cabelo branco.

— Acho que não… — começo a dizer, mas ele me interrompe:

— Apenas leve. Confie em mim.

— Obrigada.

Tento demonstrar gratidão. É raro Prego ser assim tão atencioso.

Ele hesita e morde o canto do lábio. Já o vi fazer isso quando está montando um quebra-cabeça em casa e não consegue encaixar todas as peças. Acho que está quase falando algo mais — algum conselho —, mas no último segundo ele diz apenas:

— Preciso voltar para perto de Rebecca.

Ele gagueja, quase imperceptivelmente, ao pronunciar o nome oficial de Graúna.

— Tudo bem.

Já a perdemos de vista. Tento enfiar o guarda-chuva na mochila. As pessoas a meu redor lançam olhares feios, pois mal há espaço para respirar, muito menos tirar a mochila das costas. É quando me ocorre que não planejamos nada para depois da manifestação. Não sei onde devo encontrar Graúna e Prego.

— Ei…

Ergo o olhar, mas Prego já foi embora. Não tem nenhum rosto a meu redor que seja familiar; estou completamente cercada de estranhos. Giro trezentos e sessenta graus e sinto uma cutucada nas costelas. Um regulador está me empurrando com o cassetete.

— Você está no caminho — diz ele secamente. — Ande.

Meu peito está tomando de uma sensação sufocante. Eu me obrigo a respirar. Não há motivo para me preocupar. É como ir a uma reunião da ASD, só que maior.

Na 38 passamos pelas barricadas, onde temos que aguardar em fila e somos apalpados e revistados por policiais com detectores de metais. Eles verificam também nosso pescoço — os não curados vão para uma ala segregada da manifestação — e olham nossas identidades, embora felizmente não confiram tudo no SSV, o Sistema Seguro de Validação. Mesmo assim, levo uma hora para passar. Atrás das barricadas de segurança, voluntários distribuem lenços antibacterianos: pacotinhos brancos com a logo da ASD impressa.

A LIMPEZA ESTÁ JUNTO AO SAGRADO. A SEGURANÇA ESTÁ NOS DETALHES. A FELICIDADE ESTÁ NO MÉTODO.

Permito que uma mulher de cabelo grisalho coloque um pacote em minha mão.

E então, enfim, chego. Os tambores estão furiosamente altos aqui, e o cantarolar é constante, como o som de ondas batendo na praia.

Certa vez vi uma foto da Times Square: tratava-se de uma imagem de antes da cura, antes de todas as fronteiras serem fechadas. Prego a encontrou perto de Resgate, um lar em New Jersey, logo do outro lado do rio que desce de Nova York. Foi onde nós nos refugiamos enquanto esperávamos a chegada dos documentos falsos. Teve um dia que Prego encontrou um álbum de fotografias, perfeitamente intacto, enterrado sob uma pilha de pedra calcária e madeira carbonizada. À noite eu ficava folheando o álbum e fingindo que aquelas fotos — aquela vida de amigos e namorados e registros de momentos ao sol, todos sorridentes e com os olhos estreitados — eram minhas.

A Times Square está muito diferente do que era naquela época. Enquanto avanço em meio à multidão, minha respiração entala na garganta.

Uma plataforma elevada e enorme, um palco, foi construída em uma extremidade da enorme área aberta, debaixo de um outdoor maior do que qualquer outro que eu já vi. Está todo coberto de cartazes da ASD: quadrados vermelhos e brancos, balançando de leve ao vento.

A Igreja Unificada de Religião e Ciência tomou conta de outro outdoor e o ocupou com uma versão enorme de seu principal símbolo: uma enorme mão aninhando uma molécula de hidrogênio. Os demais outdoors — e há dezenas deles, enormes paredes brancas — estão apagados a ponto de ficarem ilegíveis, de forma que é impossível saber o que anunciavam antes. Acho que identifico um sorriso espectral em um deles.

E, é claro, todas as luzes estão apagadas.

A foto que vi da Times Square tinha sido tirada à noite, mas poderia ter sido no meio da tarde: eu nunca vira tantas luzes na vida, nunca imaginaria nada assim. Luzes brilhando, piscando, emitindo cores loucas que me lembravam aqueles pontos que flutuam em nossa visão quando olhamos diretamente para o sol sem querer.

As lâmpadas ainda estão aqui, mas apagadas. Há pombos empoleirados entre os bulbos de vidro enegrecidos. Nova York e suas cidades irmãs passam por racionamentos obrigatórios de energia, assim como Portland, e apesar de haver um número maior de carros e ônibus aqui, os blecautes são mais rigorosos e mais frequentes. Simplesmente há pessoas demais e energia de menos.

O palco está equipado com microfones e cheio de cadeiras; atrás, vê-se uma tela enorme de vídeo, do tipo que a ASD usa nas reuniões. Homens uniformizados fazem ajustes de última hora. Ali é onde Julian vai estar; não sei como, mas preciso chegar mais perto.

Começo a forçar passagem aos poucos, e a duras penas, por entre a multidão. Bato e dou cotoveladas e peço licença cada vez que tento me espremer por entre as pessoas. Nem o fato de que tenho um metro e sessenta está ajudando. Simplesmente não há espaço suficiente entre os corpos, não há brechas nas quais eu possa me enfiar.

É quando começo a entrar em pânico de novo. Se os Saqueadores realmente aparecerem — ou se qualquer coisa der errado —, não há para onde correr. Vamos ficar presos como animais em um cercado. As pessoas vão pisotear as outras ao tentar fugir. Um estouro de boiada.

Mas os Saqueadores não vão aparecer. Eles não ousariam. É perigoso demais. Há policiais demais, reguladores demais, armas demais.

Eu me espremo por uma série de arquibancadas, todas separadas por cordas, onde membros da Jovem Guarda da ASD estão sentados: garotas e garotos

em arquibancadas separadas, é claro, todos tomando o cuidado de não olharem uns para os outros.

Enfim chego ao pé do palco. A plataforma deve ter de três a quatro metros de altura. Uma série de degraus íngremes de madeira permite aos oradores subir até lá. Um grupo de pessoas se reuniu ao pé da escada. Identifico Thomas e Julian Fineman atrás de uma confusão de guarda-costas e policiais.

Julian e o pai vestem roupas idênticas. O cabelo de Julian está esticado para trás e forma cachos logo atrás das orelhas. Ele está se mexendo muito, evidentemente tentando esconder o nervosismo.

Eu me pergunto o que ele tem de tão importante, por que Prego e Graúna me mandaram ficar de olho nele. Ele se tornou símbolo da ASD, é claro — o sacrifício em nome da segurança pública —, mas será que além disso ele representa mais alguma espécie de perigo?

Lembro-me do que ele disse na reunião. *Eu tinha nove anos quando soube que estava morrendo.*

Como será morrer aos poucos?

Como será morrer rápido?

Cravo as unhas na palma das mãos, em uma tentativa de afastar as lembranças.

As batidas estão vindo de detrás do palco, de uma parte da praça que está interditada e não consigo ver. Deve haver uma banda lá. O cantarolar prossegue, e agora todo mundo está se juntando, a multidão toda se balançando inconsciente ao ritmo. Ao longe, identifico um outro ritmo, um *staccato* irregular: *A ASD é perigosa para todos… A cura deve proteger, não ferir…*

Os dissidentes. Devem estar isolados em algum lugar, bem longe do palco.

Mais alto, e mais, e mais. Os hinos da ASD logo abafam todos os outros sons. Eu me entrego, deixo meu corpo encontrar o ritmo, sinto o zumbido de todas aquelas milhares de pessoas subir pelo meu corpo, dos pés até o peito. E apesar de eu não acreditar em nada daquilo, nas palavras, na causa, nas pessoas ao redor, ainda me impressiona a sensação que tenho por estar no meio de uma multidão, a eletricidade, a sensação de poder.

Perigoso.

Assim que o hino alcança o ápice, Thomas Fineman se afasta dos guarda-costas e sobe a escada para o palco, de dois em dois degraus. O ritmo se desfaz em uma onda de gritos e aplausos. Bandeiras e flâmulas brancas aparecem por todos os lados, abrindo-se, voando ao vento. Algumas são da ASD. Outras são

tiras longas de tecido que as pessoas cortaram. A Times Square está tomada de finos tentáculos brancos.

— Obrigado — diz Thomas Fineman no microfone.

A voz dele retumba sobre nós; em seguida há um som de microfonia, as caixas de som parecem reclamar. Fineman faz uma careta, tapa o microfone e se inclina para trás a fim de murmurar instruções para alguém. O ângulo em que seu pescoço se vira mostra a marca da intervenção perfeitamente. A cicatriz de três pontas é ampliada no telão.

Olho para Julian. Ele está de pé com os braços cruzados, observando o pai, atrás da parede de guarda-costas. Deve estar com frio; veste apenas paletó.

— Obrigado — tenta Thomas Fineman de novo, e, como não há microfonia, ele prossegue: — Muito melhor. Meus amigos…

E é então que acontece.

Pá. Pá. Pá.

Três miniexplosões, como as bombinhas que acendíamos na parada de Quatro de Julho.

Um grito alto e desesperado.

E depois: tudo é barulho.

Figuras de preto aparecem do nada, em toda parte. Saem do esgoto, materializam-se do chão, tomam forma em meio ao vapor fedorento. Descem pelas laterais de prédios como aranhas, presas em longas cordas pretas. Correm entre a multidão com facas afiadas e reluzentes, pegando bolsas e arrancando colares dos pescoços das pessoas, cortando anéis dos dedos delas. *Vum. Vum.*

Saqueadores. Minhas entranhas se liquefazem. Minha respiração fica presa na garganta.

As pessoas empurram e apertam, tentando desesperadamente fugir. Os Saqueadores nos cercaram.

— Para baixo, para baixo, para baixo!

Agora o ar está tomado de tiros. A polícia abriu fogo. Um Saqueador está descendo por um prédio a caminho do chão. Uma bala explode em suas costas e ele se sacode uma vez, depois fica pendurado, imóvel, na ponta da corda, balançando de leve ao vento. De algum modo, uma das bandeiras da ASD se emaranhou ao equipamento dele; vejo a mancha de sangue se espalhar lentamente pelo tecido branco.

Estou em um pesadelo. Estou no passado. Isto não está acontecendo.

Alguém me empurra por trás e caio no chão. O choque com o concreto me desperta. As pessoas estão correndo, desesperadas, e rapidamente rolo para o lado, saindo do caminho de um par de botas pesadas.

Preciso ficar de pé.

Tento me levantar e sou derrubada de novo. Desta vez fico sem ar e sinto o peso de alguém nas costas. E, de repente, o medo me deixa atenta e concentrada. Preciso me levantar.

Uma das barricadas da polícia já foi rompida, e um pedaço de madeira quebrada está à minha frente, no chão. Eu o pego e golpeio atrás de mim, no peso esmagador das pessoas, do pânico, e sinto a madeira batendo em pernas, músculos e pele. Por um breve segundo sinto o peso se mexer, aliviar. Fico de pé em um pulo e corro rumo ao palco.

Julian sumiu. Preciso ficar de olho nele. Aconteça o que acontecer.

Gritos agudos. Cheiro de fogo.

Eu o vejo à minha esquerda. Ele está sendo levado em direção a uma das antigas entradas do metrô, que está, como todas as outras, bloqueada com ripas de madeira. Quando ele se aproxima, porém, um dos guarda-costas dá um passo para a frente e empurra a madeira para dentro.

Não é uma barreira. É uma porta.

Eles somem de repente, e a folha de madeira se fecha de novo.

Mais tiros. A gritaria aumenta. Um Saqueador levou um tiro quando começou a descer. Ele é derrubado de uma varanda e cai no meio da multidão abaixo. As pessoas são uma onda: cabeças, braços, rostos contorcidos.

Corro em direção à entrada do metrô por onde Julian desapareceu. Acima vejo uma série antiga de letras e números, contornos apagados: N, R, Q, 1, 2, 3, 7. E, no meio de todo esse pânico e gritos, há algo de reconfortante: um código do mundo antigo, um sinal de outra vida. Eu me pergunto se o mundo antigo poderia ter sido pior do que isto, aquela época de luzes que cegavam e eletricidade vibrante e pessoas que se amavam em público, se elas também gritavam e pisoteavam as outras até a morte e apontavam armas para quem estava a seu lado.

De repente fico sem ar de novo e sou jogada para trás. Caio em cima do cotovelo esquerdo, ouço-o estalar. A dor me domina.

Um Saqueador está de pé sobre mim. É impossível dizer se é homem ou mulher. É uma figura toda de preto e com uma máscara de esqui cobrindo inclusive o pescoço.

— A bolsa — rosna o Saqueador.

Mas a voz não me engana. É uma garota. Ela está tentando fazer a voz soar mais grave, mas dá para ouvir a melodia feminina por baixo.

Por alguma razão, isso me deixa ainda mais zangada. *Como você ousa?*, tenho vontade de cuspir nela. *Você estragou tudo para todo mundo.* Mas eu me sento e começo a tirar a mochila dos ombros, sentindo pequenas explosões de dor irradiando do cotovelo até o ombro.

— Rápido. Ande logo com isso.

Ela está pulando de um pé para o outro, e enquanto isso mexe na faca comprida e afiada que tem presa ao cinto.

Avalio mentalmente todos os objetos que tenho na mochila: uma garrafa de metal para água, vazia. O guarda-chuva de Prego. Duas barras de cereal. Chaves. Uma edição de capa dura da *Shhh*. Prego insistiu para que eu trouxesse, e agora estou feliz por lhe ter dado ouvidos. Tem quase seiscentas páginas.

Deve ser o suficiente. Seguro as alças da mochila com a mão direita, segurando firme.

— Eu mandei ir rápido com isso.

Impaciente, a Saqueadora inclina-se para pegar a mochila, e neste momento eu a balanço com toda a minha força, superando a dor. A mochila bate na lateral da cabeça dela com impacto suficiente para desequilibrá-la, e ela cai pesadamente de lado, no chão. Eu fico de pé. Ela tenta segurar meus tornozelos, e eu a chuto com força, duas vezes, nas costelas.

Os padres e cientistas estão certos quanto a uma coisa: no coração, na essência, não somos mais do que animais.

A Saqueadora geme, se dobrando toda, e eu pulo por cima dela, desviando das barricadas da polícia, que estão todas quebradas pelo chão. A gritaria ao redor ainda persiste: virou um grito monstruoso, como uma sirene gigante amplificada.

Chego à antiga entrada do metrô. Por apenas um segundo hesito, com a mão na tábua. A textura é reconfortante: maltratada pelo tempo, aquecida pelo sol; um pouco de normalidade no meio de toda esta loucura.

Outro disparo de espingarda: escuto um corpo cair no chão atrás de mim. Mais gritos.

Inclino-me para a frente e empurro. A porta se abre alguns centímetros, revelando uma escuridão nebulosa e um aroma pungente e bolorento.

Não olho para trás.



Fecho a porta de novo e fico parada por um momento, esperando que meus olhos se adaptem à escuridão, atenta ao som de vozes e passos. Nada. O cheiro é mais intenso aqui; é o cheiro de morte velha, de ossos de animais e coisas apodrecidas. Levo o punho do casaco ao nariz e inspiro. Há uma goteira à esquerda. Fora isso, é tudo silêncio.

À frente fica uma escada coberta de pedaços de jornal amassado, copos descartáveis esmagados, guimbas de cigarro, tudo mal-iluminado por um lampião elétrico, do tipo que usávamos na Selva. Alguém deve tê-lo colocado ali mais cedo.

Vou em direção à escada, totalmente alerta. Os guarda-costas de Julian devem ter me ouvido abrir a porta. Podem estar parados à espera, prontos para pular em mim. Mentalmente, xingo os detectores de metal e todas as revistas. Eu daria qualquer coisa para ter uma faca, uma chave de fenda, alguma coisa.

E então me lembro das chaves. Tiro a mochila dos ombros de novo. Quando dobro o cotovelo, a dor me faz arfar com força. Que bom que caí sobre o braço esquerdo. Com o direito imobilizado, eu seria inútil.

Encontro as chaves no fundo da mochila, em movimentos agonizantemente lentos para não fazer barulho demais. Prendo as chaves entre os dedos, como Prego me ensinou. Não é lá grande coisa como arma, mas é melhor do que nada. Em seguida desço a escada, procurando pela sombra de qualquer coisa que se mexa, qualquer forma repentina surgindo na escuridão.

Nada. Tudo está perfeitamente parado e em silêncio completo.

No pé da escada, há uma cabine de vidro suja, ainda com marcas de dedos. Pouco mais adiante, roletas enferrujadas se alinham, uma dúzia delas, como moinhos em miniatura que foram desativados. Passo por cima de uma das roletas e desço suavemente do outro lado, sem fazer barulho. Daqui, vários túneis seguem pela escuridão, cada um marcado com sinais diferentes, mais letras e números. Julian pode ter seguido por qualquer um deles. E todos estão tomados pela escuridão. A luz do lampião não chega tão longe. Penso em voltar para buscá-lo, mas isso só denunciaria minha presença.

Mais uma vez paro e presto atenção aos sons. A princípio não há nada. Depois acho que escuto um baque abafado vindo do túnel à esquerda. Mas, assim que começo a andar em direção ao som, faz-se silêncio de novo. Agora tenho certeza de que apenas imaginei o que ouvi, e hesito, frustrada, sem saber o que fazer. Falhei em minha missão, isso é óbvio. Minha primeira missão de verdade do movimento. Por outro lado, Graúna e Prego não podem me culpar por ter perdido Julian de vista quando os Saqueadores atacaram. Eu não poderia ter previsto nem me preparado para aquele caos. Ninguém poderia.

Concluo que o melhor a fazer é esperar aqui embaixo por algumas horas, pelo menos até a polícia restabelecer a ordem, e não tenho dúvida de que isso acontecerá. Se necessário, posso passar a noite aqui. Amanhã eu descubro como voltar ao Brooklyn.

De repente uma sombra passa correndo à esquerda. Eu me viro, punho estendido, mas só acerto o ar. Um rato gigante dispara à frente, a centímetros dos meus pés. Solto o ar e observo o rato correr por outro túnel, seu comprido rabo arrastando a sujeira. Sempre odiei ratos.

É quando escuto, distintos e inconfundíveis: dois baques e um gemido baixo, uma voz choramingando:

— Por favor…

A voz de Julian.

Fico toda arrepiada. Agora o medo deixa minhas entranhas duras e tensas. A voz veio de algum ponto túnel adentro.

Eu me aproximo de uma parede e colo o corpo, sentindo musgo e azulejos escorregadios sob os dedos enquanto avanço devagar, tomando cuidado para não fazer barulho nenhum quando piso, tomando cuidado para não respirar alto demais. Depois de alguns passos, paro e escuto, torcendo para que haja outro som, torcendo para que Julian fale de novo. Mas a única coisa que escuto é um constante *ping, ping, ping*. Deve haver um cano vazando em algum lugar.

E então eu vejo.

O homem está pendurado de uma grade no teto, com um cinto apertado ao redor do grosso pescoço. Acima dele, a água condensa em um cano de metal e pinga no chão do túnel. *Ping, ping, ping*.

Está tão escuro que não consigo identificar o rosto do homem — a grade só permite a entrada de um pouco de luz cinzenta, vinda de cima —, mas reconheço os ombros largos de um dos guarda-costas de Julian. Aos pés dele,

outro guarda-costas está deitado, encolhido em posição fetal. Uma faca de cabo longo desponta das costas dele.

Cambaleio para trás, esquecendo-me de fazer silêncio. E então ouço a voz de Julian de novo, ainda mais baixa:

— Por favor…

Estou apavorada. Não sei de que direção vem a voz, não consigo pensar em nada além de sair dali, sair, sair. Eu preferia encarar os Saqueadores lá fora a ficar presa aqui, como um rato, no escuro. Não vou morrer no subterrâneo.

Corro às cegas, com os braços à frente do corpo, dou de cara em uma parede e tateio para encontrar o meio do túnel. Fiquei descuidada pelo pânico.

Ping, ping, ping.

Por favor. Por favor, me tire daqui. Meu coração vai explodir; não consigo respirar.

Duas formas negras surgem de uma vez a cada lado meu, e em meu pavor eles parecem enormes pássaros negros, abrindo as asas para me abraçar.

— Calminha aí — diz um deles.

Ele segura meu pulso. As chaves caem de minha mão. Em seguida, uma dor lancinante, um brilho branco.

Mergulho na escuridão.

antes

Miyako estava escalada para ser um dos batedores, mas, em vez disso, é a última pessoa a ir para o quarto da convalescença.

— Amanhã ela estará bem — diz Graúna. — Você vai ver. Ela é forte como um touro.

Mas no dia seguinte ela está tão mal que ouvimos sua tosse reverberando pelas paredes. Sua respiração parece, pelo som, difícil e úmida. Ela sua debaixo dos cobertores e ao mesmo tempo reclama de que está com frio, muito frio, congelando de frio.

Ela começa a tossir sangue. Quando é minha vez de cuidar dela, vejo placas vermelhas coaguladas nos cantos de sua boca. Tento limpar com um pano úmido, mas ela ainda tem forças para me repelir. A febre faz com que ela veja formas e vultos no ar; ela tenta bater no que vê, resmungando.

Miyako não consegue mais ficar de pé, mesmo quando Graúna e eu tentamos erguê-la juntas. Ela grita de dor, e acabamos desistindo. O que passamos a fazer é trocar o lençol quando ela urina na cama. Acho que deveríamos queimá-los, mas Graúna insiste em dizer que não podemos; de noite eu a vejo esfregando os lençóis furiosamente na pia, enquanto sobe o vapor da água escaldante. Seus antebraços estão de um tom vermelho intenso de carne crua.

Então uma noite eu acordo e o silêncio é total, uma piscina fria e escura. Por um segundo, quando ainda estou emergindo da névoa dos sonhos, penso que Miyako deve ter melhorado. Amanhã ela vai estar agachada na cozinha, atiçando o fogo. Amanhã vamos fazer as rondas juntas, e vou vê-la trançar armadilhas com seus dedos compridos e finos. Quando ela me pegar observando-a, vai sorrir.

Mas está silencioso demais. Eu me levanto, com um nó de medo dentro do peito. O chão está gelado.

Graúna está sentada ao pé da cama de Miyako, olhando para o nada. Seu cabelo está solto, e as sombras bruxuleantes da vela a seu lado fazem seus

olhos parecerem dois poços vazios.

Os olhos de Miyako estão fechados, e imediatamente percebo que ela morreu.

A vontade de gargalhar, histérica e imprópria, sobe pela garganta. Para abafá-la, pergunto:

— Ela…?

— Sim — responde Graúna, lacônica.

— Quando?

— Não sei direito. Peguei no sono. — Ela passa a mão nos olhos. — Quando acordei, ela não estava mais respirando.

Em um segundo meu corpo fica completamente quente e, logo depois, completamente frio. Não sei o que dizer, então fico ali de pé por um tempo, tentando não olhar para o corpo de Miyako: uma estátua, uma sombra, seu rosto afinado pela doença, definhado. Não paro de pensar nas mãos dela, que apenas alguns dias atrás se moviam tão experientes na mesa da cozinha, batucando um ritmo suave para que Sarah pudesse cantar. Eram um borrão, como asas de beija-flor: cheias de vida.

Parece que tenho alguma coisa presa no fundo da garganta.

— Eu… sinto muito.

Graúna não diz nada por um minuto. E então:

— Eu não devia ter insistido para que ela carregasse água. Ela disse que não estava se sentindo bem. Eu devia tê-la deixado descansar.

— Você não pode se culpar — digo rapidamente.

— Por que não?

Graúna levanta a cabeça para me olhar. Neste momento ela parece muito jovem: rebelde, teimosa, como o olhar de minha prima Jenny quando tia Carol dizia que era hora de fazer o dever de casa. Lembro a mim mesma que Graúna *é* jovem: tem vinte e um anos, pouco mais velha do que eu. A Selva envelhece as pessoas.

Quanto tempo será que vou durar aqui?

— Porque não é sua culpa. — O fato de eu não conseguir ver seus olhos me deixa nervosa. — Você não… você não pode se sentir mal.

Ela fica de pé e segura a vela com a mão em concha.

— Estamos do outro lado da cerca agora, Lena — diz ela com ar cansado, passando por mim. — Não entendeu ainda? Você não pode me dizer o que devo sentir.



No dia seguinte neva. No café da manhã, Sarah chora baixinho enquanto se serve de mingau de aveia. Ela e Miyako eram próximas.

Os batedores partiram do lar há cinco dias (Prego, Alistar, Barata, Prata, Fê e Esquilo), levando a pá para enterrar os suprimentos. Portanto temos que juntar pedaços de metal e madeira, quaisquer objetos que sirvam para cavar.

Cai pouca neve, felizmente; antes de dar meio-dia acumula pouco mais de um centímetro no chão. Está fazendo muito frio, no entanto, e a terra congelou. Depois de ficar meia hora batendo no gelo e tentando cavar, mal deixamos uma marca na superfície, e Graúna, Lupi e eu estamos suando. Sarah, Azul e alguns outros estão encolhidos a alguns metros de nós, tremendo.

— Não está dando certo — diz Graúna, ofegante. Ela joga no chão um pedaço retorcido de metal que estava usando como pá e o manda para longe com um chute. Em seguida ela se vira para voltar ao abrigo. — Vamos ter que queimá-la.

— Queimar? — As palavras irrompem de mim antes que eu possa impedir. — Não podemos queimá-la. Isso é…

Graúna se vira com os olhos em chamas.

— Ah, é? O que quer fazer então? Hã? Quer deixá-la no quarto de convalescença?

Normalmente eu recuo quando Graúna ergue a voz, mas desta vez finco o pé.

— Ela merece um enterro — digo, desejando que minha voz não tremesse.

Ela chega até mim com duas passadas largas.

— É um desperdício de energia — sibila ela, e então percebo o quanto ela está cheia de fúria e desespero. Lembro-me do que a ouvi dizer a Prego: *Todo mundo vai ficar vivo*. — E não estamos em condições de desperdiçar.

Ela vira as costas para mim de novo e anuncia bem alto, para que os outros possam ouvir:

— Precisaremos queimá-la.

Enrolamos o corpo de Miyako nos lençóis que Graúna tanto esfregou. Talvez o tempo todo ela soubesse que seriam usados para isso. Só consigo pensar em vomitar.

— Lena — diz Graúna para mim com severidade —, pegue-a pelos pés.

Eu obedeço. Parecia impossível que o corpo fosse assim tão pesado. Na morte, ela se tornou um peso de ferro. Estou furiosa com Graúna, tão furiosa que me dá vontade de cuspir. É a isso que somos reduzidos aqui. É isso que nos tornamos na Selva: passamos fome, morremos, enrolamos nossos amigos em lençóis velhos e surrados e os queimamos a céu aberto. Sei que não é culpa de Graúna — mas das pessoas do outro lado da cerca: eles, os zumbis, aqueles que costumavam ser minha gente —, mas a raiva se recusa a diminuir e queima um buraco em minha garganta.

A quatrocentos metros do lar há uma vala por onde, em alguma época, devia passar um riacho. Nós a colocamos ali, e Graúna a cobre de gasolina: só um pouco, pois não temos muita. A neve está caindo com mais força agora. A princípio ela não pega fogo. Azul começa a chorar alto, e Vovó a puxa para longe do corpo, dizendo:

— Quietinha, Azul. Você não está ajudando.

A menina vira o rosto para o casaco de veludo cotelê grande demais de Vovó, a fim de abafar o choro. Sarah está em silêncio, com o rosto pálido, tremendo.

Graúna encharca o corpo com mais gasolina e por fim consegue atear fogo. Imediatamente o ar é tomado por uma fumaça sufocante, pelo cheiro de cabelo queimado; o barulho também é terrível, um estalar que lembra carne sendo arrancada de ossos. Graúna sequer consegue fazer todo o discurso fúnebre e logo começa a ter ânsia de vômito. Eu me viro para o outro lado, as lágrimas fazendo meus olhos arderem — não sei dizer se por causa da fumaça ou da raiva.

De repente tenho a vontade louca de cavar, de enterrar, de revirar a terra. Ando até o abrigo, cega, entorpecida. Demoro para encontrar o short de algodão e a camiseta velha e surrada que eu estava usando quando cheguei à Selva. A camiseta tem sido usada como pano de prato. São as únicas coisas que sobraram de antes: os remanescentes da minha antiga vida.

Os outros agora estão reunidos na cozinha. Lupi mexe no fogo, tentando reavivá-lo. Graúna ferve água em uma panela: sem dúvida para fazer café. Sarah embaralha cartas enrugadas pela água e dobradas nas pontas. Todas as outras pessoas estão sentadas em silêncio.

— Ei, Lena — diz Sarah quando passo por ela. Enfiei o short e a camiseta por baixo do casaco e cruzei os braços na barriga; por algum motivo, não

quero que ninguém saiba o que estou fazendo, principalmente Graúna. — Quer jogar Paciência?

— Agora não — rosno em resposta.

A Selva nos torna também cruéis. Cruéis e insensíveis, distribuindo farpas.

— A gente podia jogar outra coisa — insiste ela. — A gente podia jogar…

— Já disse que não.

E subo a escada correndo, antes que eu me dê conta de que a magoei.

O ar está denso: um borrão branco. Por um momento o frio me deixa em choque, e fico ali parada olhando em volta, confusa. Sobre todas as superfícies brota uma camada de neve, uma cobertura fofa. Ainda sinto o cheiro do corpo de Miyako queimando. E imagino que, com a neve, haja cinzas caindo sobre nós. Imagino as cinzas nos cobrindo durante o sono, nos prendendo no abrigo e nos sufocando no subterrâneo.

Há um arbusto de zimbro em frente à entrada do lar; é onde começo e termino minhas corridas, e ali embaixo não acumulou neve. Há apenas uma leve camada branca cobrindo a terra, que afasto com o punho do casaco.

Então começo a cavar.

Enfio os dedos na terra. A raiva e a dor ainda latejam atrás de meus olhos, estreitando minha visão como se eu estivesse em um túnel. Nem sequer sinto frio e dor nas mãos. Terra e sangue se acumulam nas unhas, mas não me importo. Enfio essas últimas partes de mim, essas roupas surradas, ali, debaixo do zimbro, na neve.

Dois dias depois de cremarmos Miyako, ainda não parou de nevar. A cada dia Graúna observa o céu com ansiedade, xingando baixinho. É hora de partir. Fê e Esquilo, os primeiros batedores, já voltaram. Quase tudo está pronto para a mudança, apesar de continuarmos pegando comida e suprimentos no rio e tentando capturar o que conseguirmos. Mas a neve dificulta. Os animais ficam entocados.

Assim que o restante dos batedores voltar, partiremos. Eles chegarão a qualquer dia; é o que todos dizemos a Graúna, para aliviar a ansiedade dela. A neve cai devagar, com regularidade, e transforma o mundo em um manto branco.

Comecei a verificar os ninhos duas vezes por dia em busca de mensagens. Agora é mais difícil escalar as árvores, pois estão encobertas por gelo. Depois que desço e volto para o abrigo, volto a sentir meus dedos, que latejam dolorosamente. Durante semanas os suprimentos chegam flutuando na água até nós regularmente, embora às vezes os encontremos presos mais acima no curso, nas partes rasas, que congelam com mais facilidade. Temos que quebrar o gelo com cabos de vassoura. Barata e Prata chegam de volta ao lar, exaustos porém triunfantes. A neve enfim para. Agora estamos apenas esperando Alistar e Prego.

Até que um dia os ninhos estão amarelos. E no dia seguinte se repete: amarelos.

No terceiro dia de amarelo, Graúna me puxa de lado.

— Estou preocupada — diz ela. — Deve ter alguma coisa errada do outro lado.

— Talvez estejam patrulhando a fronteira de novo — digo. — Talvez tenham ligado a cerca.

Ela morde o lábio e balança a cabeça.

— Seja o que for, deve ser grave. Todo mundo sabe que está na hora de irmos embora daqui. Precisamos de todo o suprimento que pudermos conseguir.

— Tenho certeza de que é temporário — digo. — Tenho certeza de que amanhã vamos receber um carregamento.

Ela balança a cabeça de novo.

— Não temos muito tempo.

Sua voz sai estrangulada. Sei que ela não está pensando apenas nos suprimentos. Está pensando também em Alistar e Prego.

No dia seguinte, o céu está azul-claro e o sol, alto e maravilhosamente quente, penetrando por entre as árvores e transformando o gelo em riachos de água corrente. A neve trouxe o silêncio consigo, mas agora a floresta está viva de novo, cheia de pingos e gorjeios e estalidos. É como se tivessem tirado uma mordaça da Selva.

Estamos todos de bom humor; todos menos Graúna, que apenas murmura ao avaliar o céu, como faz todos os dias:

— Não vai durar.

A caminho dos ninhos, andando arduamente pela neve, estou tão aquecida que acabo tirando o casaco e o amarro na cintura. Os ninhos estarão verdes

hoje, eu sinto isso. Os ninhos vão estar verdes, os suprimentos chegarão, os batedores voltarão, e vamos todos juntos para o sul. A luz ofusca, refletindo nos galhos cintilantes e enchendo minha visão de pontos de cor, brilhos em vermelho e verde.

Quando chego aos ninhos, desamarro o casaco e o lanço por cima de um dos galhos mais baixos. Agora estou boa nisso de subir em árvores — meu corpo acha o caminho para cima com facilidade, e sinto uma espécie de alegria no peito que não experimento há muito tempo. Ouço de longe um zumbido vago, uma vibração baixa que me lembra grilos cricrilando no verão.

Há um mundo enorme para nós, um espaço ilimitado além das cercas e das regras. Vamos viajar por esse mundo livremente. Vamos ficar bem.

Estou quase nos ninhos. Ajusto o peso, procuro um apoio melhor para os pés e me ergo em direção ao último galho.

Neste momento uma sombra passa por mim voando, tão repentina e surpreendente que quase escorrego. Por um momento sinto o pavor da queda livre — a inclinação, o ar frio às minhas costas —, mas no último segundo me seguro. Meu coração, no entanto, está disparado, e não consigo afastar a impressão momentânea de estar caindo.

Então vejo que não foi uma sombra o que me assustou.

Foi um pássaro. Um pássaro lutando contra algo grudento: um pássaro coberto de tinta, debatendo-se em seu ninho, espalhando cor para todos os lados.

Vermelho. Vermelho. Vermelho.

Dezenas deles: penas pretas densamente cobertas por tinta carmesim, voando de um galho para outro.

Vermelho quer dizer corram.

Não sei como desço da árvore. Estou escorregando e deslizando, o pânico eliminou toda a graça e o jeito dos meus membros. Vermelho quer dizer corram. Caio na neve faltando um metro e meio para atingir o chão. O frio entra pela calça e o suéter. Pego o casaco e corro, como Alistar me disse para fazer, pelo mundo ofuscante de gelo derretendo, enquanto a escuridão consome minha visão periférica. Cada passo é uma agonia, e parece que estou em um daqueles pesadelos em que você tenta fugir mas não consegue nem se mexer.

Agora o zumbido que ouvi antes está mais alto; não parece nem um pouco com grilos. Parece mais com vespas.

Motores.

Meus pulmões queimam e meu peito dói e as lágrimas fazem meus olhos arderem enquanto sigo em disparada para o lar. Quero gritar. Quero criar asas e voar. E por um segundo eu penso: *Talvez tenha sido só um engano. Talvez não vá acontecer nada de ruim.*

É nessa hora que o zumbido vira um rugido, e vejo acima das árvores o primeiro avião cortando o céu, gritando.

Mas não. Quem está gritando sou eu.

Estou gritando enquanto corro. Estou gritando quando a primeira bomba cai e a Selva a meu redor vira fogo.

agora

Abro os olhos, engolfada pela dor. Por um segundo, tudo são cores rodopiantes, e tenho um momento de pânico total — *Onde estou? O que aconteceu?* —, mas então formas e contornos se ajustam. Estou em um quarto de pedra, sem janelas, deitada em um catre. Em minha confusão, penso que talvez eu tenha voltado para o abrigo e que estou no quarto da convalescença.

Mas não. Este quarto é menor e mais sujo. Sem pia, só um balde no canto, e o colchão no qual estou deitada é fino e manchado, sem lençol.

As lembranças voltam: a manifestação em Nova York; a entrada do metrô; a horrível cena dos guarda-costas. Eu me lembro da voz rouca em meu ouvido: *Calminha aí.*

Tento erguer o corpo, mas imediatamente preciso me deitar, tão forte que é a explosão atrás dos olhos, como a pressão exercida por uma faca.

— Água ajuda.

Desta vez eu me ponho sentada, e me viro apesar da dor. Julian Fineman está sentado em um catre estreito atrás de mim, a cabeça encostada na parede, observando-me com os olhos pesados, entreabertos. Ele segura uma caneca de lata e a estende em minha direção.

— Trouxeram mais cedo.

Um corte longo e fino vai de seu supercílio até o queixo, a extensão toda coberta de sangue seco, e há um hematoma do lado esquerdo da testa, bem abaixo da linha do cabelo. Há uma lâmpada pequena no quarto, bem alta no teto, e sob o brilho branco o cabelo dele é da cor de palha.

Meus olhos vão imediatamente para a porta atrás dele, e ele balança a cabeça.

— Trancada por fora.

Então... prisioneiros.

— Quem são eles? — pergunto, apesar de já saber.

Devem ter sido os Saqueadores que nos trouxeram para cá. Penso naquela cena infernal que vi nos túneis, um guarda pendurado e outro com uma faca nas costas… Ninguém além dos Saqueadores poderia ter feito aquilo.

Julian balança a cabeça. Vejo que ele também tem hematomas pelo pescoço. Deve ter sido estrangulado. Está sem casaco e com a camisa rasgada; vejo mais sangue ao redor de suas narinas e alguns pingos na camisa. Mas ele parece surpreendentemente calmo. A mão que segura a caneca está firme.

Só os olhos estão elétricos, agitados: daquele tom vívido e improvável de azul, alerta e atentos.

Estico a mão para pegar a caneca, mas no último segundo ele a puxa de volta alguns milímetros.

— Estou reconhecendo você… — diz ele — da reunião. — Seus olhos brilham. — Você perdeu a luva.

— É.

Tento de novo pegar a caneca. A água tem gosto de musgo, mas a sensação na garganta é incrível. Assim que tomo um gole, percebo que nunca na vida tive tanta sede. A quantidade é suficiente para satisfazer apenas uma pequena parte da sensação; engulo tudo de uma só vez antes de me dar conta, com uma sensação de culpa, de que Julian talvez pudesse querer um pouco. Sobrou um dedinho de água, que tento me obrigar a devolver para ele.

— Pode beber tudo — diz ele, e eu não discuto.

Enquanto bebo, sinto seus olhos pousados em mim de novo, e quando olho para ele percebo que está observando a cicatriz de três pontas em meu pescoço, o que parece tranquilizá-lo.

É incrível que eu ainda esteja com a mochila. Por alguma razão os Saqueadores não a tomaram. Isso me dá esperança. Eles podem ser cruéis, mas obviamente não têm muita prática em sequestrar pessoas. Pego uma barra de cereal da mochila, mas penso melhor. Ainda não estou com muita fome, e não faço ideia de por quanto tempo vou ficar presa neste buraco. Aprendi na Selva: é melhor esperar enquanto ainda pode. Acaba chegando uma hora em que se está desesperado demais para ter autocontrole.

As outras coisas que eu trouxe — a *Shhh*, o guarda-chuva idiota de Prego, a garrafa d'água, que eu bebi toda no trajeto de ônibus até Manhattan, e o rímel, provavelmente de Graúna, aninhado bem no fundo da mochila — são inúteis. Agora sei por que não se deram o trabalho de confiscar a mochila. Mesmo assim, tiro tudo, coloco os objetos na cama com cuidado e viro a mochila,

sacudindo-a com força, como se uma faca ou uma ferramenta para arrombar porta ou alguma outra espécie de salvação pudesse se materializar dali de repente.

Nada. Mesmo assim, tem que haver um jeito de sair daqui.

Fico de pé e vou até a porta, dobrando o braço esquerdo. A dor no cotovelo virou um latejar leve. Não está quebrado, então. Mais um bom sinal.

Testo a porta: trancada, como ele falou, e feita de ferro pesado. Impossível de derrubar. Tem uma porta menor, do tamanho de uma passagem para gatos, na parte de baixo da maior. Eu me agacho e a examino. Pelo jeito como as dobradiças estão presas, só é possível abri-la pelo lado de fora.

— É por aí que eles colocam a água — diz Julian. — E a comida.

— Comida? — Isso me surpreende. — Eles lhe deram comida?

— Um pouco de pão. Frutas secas também. Comi tudo. Eu não sabia quanto tempo você ficaria desmaiada. — Ele olha para o outro lado.

— Não tem problema. — Eu me ergo e procuro rachaduras e fissuras nas paredes, ou uma porta oculta, ou uma parte mais frágil que talvez consigamos empurrar. — Eu teria feito o mesmo.

Comida, água, uma cela subterrânea: esses são os fatos. Sei que estamos no subterrâneo por causa do padrão formado pelo mofo no alto das paredes. É um tipo específico que aparecia sempre no abrigo. É por causa da terra em volta.

Significa, essencialmente, que estamos enterrados.

Mas, se nos quisessem mortos, já estaríamos mortos. Isso também é um fato.

Ainda assim, não é lá muito reconfortante. Se os Saqueadores nos mantiveram vivos até agora, só podem estar planejando para nós algo bem pior do que a morte.

— Do que você se lembra? — pergunto a Julian.

— O quê?

— Do que você se lembra, do ataque? Barulhos, cheiros, ordem dos acontecimentos?

Quando fito diretamente Julian, ele desvia o olhar. É claro, ele passou por anos de treinamento. Segregação, princípios de evitação, os Três Protetores: Distância, Desapego, Desligamento. Fico tentada a lembrar-lhe que não é ilegal fazer contato visual com uma curada. Mas parece absurdo falar sobre certo e errado aqui.

Ele deve estar em negação. Por isso está tão calmo.

Ele suspira e passa a mão no cabelo.

— Não me lembro de nada.

— Tente.

Ele balança a cabeça, como se tentando desalojar as lembranças, depois se reclina para trás de novo e olha para o teto.

— Quando os Inválidos chegaram no meio da manifestação…

Faço uma careta inconsciente quando ele fala a palavra. Preciso morder o lábio para não corrigi-lo: Saqueadores. Não Inválidos. Não somos a mesma coisa.

— Continue — incentivo.

Agora estou andando junto à parede, passando as mãos pelo concreto. Não sei o que espero encontrar. Estamos presos, simples assim. Mas parece que para Julian é mais fácil falar quando não estou olhando para ele.

— Bill e Tony, os guarda-costas de meu pai, me pegaram e me arrastaram para a saída de emergência. Tínhamos combinado isso antes, caso alguma coisa desse errado; entraríamos nos túneis e, juntos, esperaríamos meu pai. — A voz dele falha um pouco na palavra *pai*, e ele tosse. — Os túneis estavam escuros. Tony foi procurar os lampiões. Ele os tinha guardado ali antes. Então ouvimos... ouvimos um grito e um estalo. Como alguém abrindo uma noz.

Julian engole em seco. Por um momento eu me sinto mal por ele. Ele viu muita coisa em muito pouco tempo.

Mas lembro a mim mesma que ele e seu pai são o motivo de os Saqueadores existirem — o motivo de serem forçados a existir. A ASD e organizações similares expulsaram e espremeram e extirparam todo o sentimentos do mundo. Eles tentaram impedir que um gêiser explodisse usando as mãos.

Mas a pressão acaba aumentando, e a explosão é inevitável.

— Então Bill foi ver se Tony estava bem. E me mandou ficar parado. Eu esperei. E então senti alguém apertando meu pescoço por trás. Não conseguia respirar. Tudo ficou embaçado. Vi alguém se aproximando, mas não pude ver o rosto. E então ele me bateu. — Ele indica o nariz e a camisa. — Eu desmaiei. Quando acordei, estava aqui. Com você.

Terminei minha ronda pela cela improvisada. Mas ainda estou cheia de energia, nervosa e não consigo me obrigar a sentar. Continuo andando, de um lado para o outro, mantendo os olhos no chão.

— E você não se lembra de mais nada? Nenhum outro barulho nem cheiro?

— Não.

— E ninguém falou? Ninguém disse nada para você?

Há uma pausa antes de ele dizer:

— Não.

Não sei se ele está mentindo ou não. Mas não insisto. Uma sensação de exaustão completa me sufoca. A dor volta com tudo em meu crânio, fazendo explodir pontinhos de cor atrás das pálpebras. Sento-me no chão, desabando com força, e puxo os joelhos em direção ao peito.

— E agora? — diz Julian.

Há um leve tom de desespero em sua voz. Eu me dou conta de que ele não está em negação. Tampouco calmo. Ele está apavorado e lutando contra isso.

Encosto a cabeça na parede e fecho os olhos.

— Agora a gente espera.



É impossível saber que horas são, se é dia ou noite. A lâmpada elétrica lá no alto lança sua luz branca em tudo. Horas passam. Pelo menos Julian sabe ficar quieto. Ele fica em seu catre, e, sempre que não estou olhando para ele, sinto-o me observando. É muito provável que seja a primeira vez que ele fica sozinho com uma garota da idade dele por um longo período de tempo, e seus olhos passeiam por meu cabelo, minhas pernas e meus braços, como se eu fosse uma espécie exótica de animal no zoológico. Isso me faz querer colocar meu casaco de novo, me cobrir, mas não o visto. Está quente.

— Quando você fez a intervenção? — pergunta ele em determinado momento.

— Em novembro — respondo automaticamente.

Minha mente está revirando as mesmas perguntas sem parar. Por que nos trazer para cá? Por que nos deixar vivos? Julian, eu entendo. Ele vale alguma coisa. Devem estar atrás de um resgate.

Mas eu não valho nada. E isso me deixa muito, muito nervosa.

— Doeu? — pergunta Julian.

Olho para ele. Mais uma vez levo um susto com a claridade dos seus olhos: agora da cor de um rio límpido, manchado de sombras roxas e azul-marinho.

— Não muito — minto.

— Odeio hospitais — diz ele, afastando o olhar. — Laboratórios, cientistas, médicos. Isso tudo.

Alguns segundos de silêncio se esticam entre nós.

— A esta altura você já não está meio que acostumado? — pergunto, porque não consigo evitar.

Ele retorce o canto esquerdo da boca para cima: um leve sorriso. E olha para mim de lado.

— Acho que tem coisas com as quais a gente nunca se acostuma — diz ele, e, sem motivo nenhum, penso em Alex e sinto um aperto no estômago.

— Acho que sim.



Mais tarde há uma mudança, uma variação no silêncio. Eu estava deitada no colchão, preservando minhas forças, mas agora ergo o corpo.

— O que foi? — pergunta Julian, e eu levanto a mão, pedindo silêncio.

Passos do outro lado da porta se aproximam. Em seguida há barulho de algo sendo arrastado, e as dobradiças da portinha de metal são forçadas e ela se abre.

Imediatamente mergulho no chão, tentando enxergar um vislumbre de nossos captores. Caio com força sobre o ombro direito justo no momento em que uma bandeja passa pela abertura e a porta de metal é fechada de novo, com um estrondo.

— Droga.

Eu me sento, massageando o ombro.

No prato há duas fatias grossas de pão e várias tiras de carne-seca. E também uma garrafa de metal cheia d'água. Nada mau, considerando algumas das coisas que eu costumava comer na Selva.

— Viu alguma coisa? — pergunta Julian.

Balanço a cabeça em negativa.

— Não ajudaria muito, imagino.

Ele hesita por um segundo e então desce do catre, juntando-se a mim no chão.

— Informação sempre ajuda — retruco, um pouco ríspida demais.

Mais uma coisa que aprendi com Graúna. É claro que Julian não entenderia. Pessoas como Julian não querem mais saber, nem pensar, nem escolher; faz parte do objetivo.

Nós dois tentamos pegar a água ao mesmo tempo, e nossas mãos esbarram acima da bandeja. Julian dá um pulo para trás, como se tivesse se queimado.

— Pode pegar — digo.

— Você primeiro — diz ele.

Pego a água e começo a beber, observando-o o tempo todo. Ele parte o pão em pedaços. Percebo que está tentando fazê-lo durar; deve estar morrendo de fome.

— Pode comer meu pão — digo.

Não sei bem por que o ofereço a ele. Não é inteligente de minha parte. Vou precisar de forças para fugir daqui.

Ele me encara fixamente. É estranho, mas, apesar das cores que predominam no restante de seu corpo — cabelo cor de caramelo e trigo, olhos azuis —, seus cílios são grossos e pretos.

— Tem certeza?

— Pode pegar — digo, e quase acrescento: *Antes que eu mude de ideia*.

Ele come o segundo pedaço com vontade, as duas mãos segurando-o. Quando termina, passo-lhe a garrafa de água, e ele hesita antes de levá-la à boca.

— Não tem como pegar de mim, você sabe — digo a ele.

— O quê?

Ele tem um ligeiro sobressalto, como se eu tivesse interrompido um longo período de silêncio.

— A doença. *Amor deliria nervosa*. Não tem como pegar de mim. Não sou uma ameaça. — Alex me disse exatamente a mesma coisa uma vez. Afasto as lembranças dele, mandando-as para bem fundo, para a escuridão. — Além do mais, a doença não se pega compartilhando água e comida. Isso é mito.

— Mas é transmitida pelo beijo — diz Julian depois de uma pausa.

Ele hesita antes de dizer *beijo*. Não é uma palavra muito usada hoje em dia, só em particular.

— É diferente.

— Bem, não estou preocupado com isso — diz Julian, de maneira forçada, e toma um grande gole d'água, como se quisesse provar para mim.

— Com o quê está preocupado, então?

Pego meu pedaço de carne, me recosto na parede e começo a mastigar.

Ele não me olha nos olhos.

— É que nunca passei tanto tempo com…

— Garotas?

Ele balança a cabeça.

— Com ninguém — diz ele. — Ninguém da minha idade.

Fazemos contato visual por um segundo, e um pequeno tremor percorre meu corpo. Os olhos dele mudaram: agora as águas cristalinas tornaram-se profundas, mais vastas, tornaram-se um oceano de cor rodopiante: verdes e dourados e roxos.

Julian age como se tivesse falado demais. Ele fica de pé, vai até a porta e volta. É o primeiro sinal de agitação que vejo nele. O dia todo ele tinha passado incrivelmente parado.

— Por que você acha que estão nos mantendo aqui? — pergunta ele.

— Para pedir resgate, provavelmente.

Só isso faria sentido.

Julian passa o dedo pelo corte em seu lábio, pensativo.

— Meu pai vai pagar — diz ele depois de um segundo. — Sou valioso para o movimento.

Não respondo. Em um mundo sem nenhum amor, é isto que as pessoas são umas para as outras: valores, benefícios e encargos, nada além de números e dados. Nós pesamos, quantificamos, medimos, e a alma é esmagada até virar pó.

— Mas ele não vai gostar de negociar com Inválidos — acrescenta ele.

— Você não sabe se são eles os responsáveis por isso — digo rapidamente, mas me arrependo. Mesmo aqui, Lena Morgan Jones precisa representar seu papel.

Julian franze a testa para mim.

— Você viu o que eles fizeram na manifestação, não viu? — Como eu não respondo, ele continua: — Não sei. Talvez o que aconteceu seja uma coisa boa. Talvez agora as pessoas entendam o que a ASD está tentando fazer. Vão entender por que é tão necessário.

Julian agora adotou o tom de voz que ele usa em público, como se estivesse se dirigindo a uma multidão. Quantas vezes será que enfiaram as mesmas palavras, as mesmas ideias, na cabeça dele? Será que ele alguma vez duvida de suas afirmações?

De repente tenho nojo dele, e da calma certeza que ele tem quanto ao mundo, como se tudo na vida pudesse ser dissecado e cuidadosamente rotulado, como uma amostra em laboratório.

Mas não falo nada disso. Lena Morgan Jones mantém sua máscara.

— Espero que sim — digo com veemência e vou para meu catre, onde me deito encolhida e virada para a parede, para que ele perceba que encerrei a conversa.

Por vingança, formo palavras com a boca, em silêncio, para o concreto: antigas palavras, hoje proibidas, que Graúna me ensinou, de uma das antigas religiões.

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.
Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente por águas tranquilas.
Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do Seu nome.
Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum…

Em determinado ponto, caio no sono. Abro os olhos no escuro, sufocando um grito. A luz foi apagada, deixando-nos na mais completa escuridão. Sinto calor e enjoo, e empurro o cobertor de lã até o pé do colchão, apreciando o ar frio na pele.

— Não consegue dormir?

A voz de Julian me assusta. Ele não está em seu catre. Mal consigo vê-lo. Ele é uma forma grande e preta na escuridão.

— Eu estava dormindo — retruco. — E você?

— Não — responde ele. Sua voz parece mais suave agora, menos cerimoniosa, como se a escuridão tivesse de alguma forma aliviado a aspereza de sua fala. — É bobagem, mas…

— Mas o quê?

Imagens de meu sonho ainda passam por minha cabeça, nos limites da consciência. Eu estava sonhando com a Selva. Graúna estava lá; Alistar também.

— Eu tenho sonhos ruins. Pesadelos. — Julian fala rápido, evidentemente envergonhado. — Sempre.

Por uma fração de segundo sinto um nó no peito. Afasto o sentimento. Estamos em lados opostos, Julian e eu. Não pode haver solidariedade entre

nós, nunca.

— Eles dizem que vai melhorar depois da intervenção — diz ele, quase como um pedido de desculpas, e me pergunto se ele está pensando o óbvio: *Se é que eu vou sobreviver.*

Não digo nada, e Julian tosse, depois limpa a garganta.

— E você? — pergunta. — Já teve pesadelos? Antes de ser curada, digo.

Penso nas centenas de milhares de curados dormindo sem sonhar em suas camas de casal, as cabeças envoltas em névoa, uma fumaça doce e vazia.

— Nunca — respondo e me viro para o outro lado, puxo o cobertor sobre a perna de novo e finjo dormir.

antes

Não há tempo para partirmos conforme planejamos. Pegamos o que conseguimos e saímos correndo enquanto a Selva atrás de nós se transforma em um rugido de fogo e fumaça. Nós nos mantemos perto do rio, torcendo para a água oferecer alguma proteção caso o fogo se espalhe.

Graúna carrega Azul, que está pálida e apavorada. Levo Sarah pela mão. Ela chora sem fazer ruído, enrolada no casaco enorme de Fê, pois não teve tempo de pegar o seu. Fê segue sem agasalho. Quando ela começa a sentir os membros enregelados, Graúna e eu lhe emprestamos nossos casacos alternadamente. O frio se aproxima, esmaga nossas entranhas, faz nossos olhos lacrimejarem.

E atrás de nós está o inferno.

Quinze de nós saímos a salvo do lar; Esquilo e Vovó sumiram. Em nossa pressa de deixar o abrigo, ninguém se lembra de tê-los visto. Uma das bombas explodiu uma parede do quarto da convalescença e fez chover pedras e terra e insetos no corredor. Depois disso, tudo foi gritaria e caos.

Quando os aviões se vão, é a vez de os helicópteros circularem sobre nossa cabeça durante horas. O ar se transforma em fragmentos, é estraçalhado pelo zunido interminável. A Selva é coberta de produtos químicos, que queimam nossa garganta, provocam ardência em nossos olhos, nos fazem engasgar. Enrolamos camisetas e panos de prato no pescoço e na boca, e avançamos pela neblina.

Por fim, fica escuro demais para os ataques prosseguirem. O céu noturno está tomado de fumaça. Muitas árvores sucumbem às chamas, e estalidos e estrondos ressoam ao longe na floresta. Mas pelo menos avançamos bastante ao longo do riacho, portanto estamos a salvo do fogo. Graúna finalmente acha seguro fazer uma pausa para descansar e avaliar o que temos.

Só temos um quarto da comida que vínhamos guardando, e nenhum produto farmacêutico.

Lupi acha que devemos voltar para pegar a comida.

— Nunca vamos chegar ao sul com o que temos — argumenta ele.

Vejo Graúna tremendo enquanto se esforça para acender uma fogueira. Ela mal consegue riscar um fósforo. Suas mãos devem estar congelando. As minhas estão dormentes há horas.

— Você não entende? — diz ela. — O lar já era. Não podemos voltar. Eles queriam nos exterminar hoje, todos nós. Se Lena não tivesse nos avisado, estaríamos todos mortos.

— E quanto a Prego e Alistar? — insiste Lupi, teimoso. — O que eles vão fazer quando voltarem para nos encontrar?

— Droga, Lupi.

A voz de Graúna se eleva um pouco, histérica, e Azul, que finalmente adormeceu, enrolada em cobertores, se mexe em espasmos. Graúna se levanta após fazer o fogo pegar. Ela dá um passo para trás e observa as chamas azuis e verdes e vermelhas.

— Eles vão ter que se virar sozinhos — diz ela mais baixo, e, apesar de ter recuperado o autocontrole, noto o sofrimento sob suas palavras, uma mistura de medo e dor. — Vamos ter que prosseguir sem eles.

— Isso é uma droga — diz Lupi, desanimado. Ele sabe que ela tem razão.

Graúna fica ali de pé por muito tempo enquanto outros andam em silêncio pela margem do rio, montando o acampamento: empilhando todas as mochilas para formar uma defesa contra o vento, desempacotando e organizando a comida, calculando novas porções. Vou até Graúna e fico a seu lado por um tempo. Quero passar os braços a seu redor, mas não posso. Não se faz esse tipo de coisa com Graúna. E, de maneira estranha, entendo que agora mais do que nunca ela precisa ser forte.

Mesmo assim, quero consolá-la de alguma forma. Então digo baixinho, de modo que ninguém ouça:

— Prego vai ficar bem. Se alguém pode sobreviver aqui, aconteça o que acontecer, esse alguém é ele.

— Ah, eu sei — diz ela. — Não estou preocupada. Ele vai saber se virar.

Mas, quando ela me encara, vejo a falta de vida em seus olhos, como se ela tivesse fechado uma porta bem dentro de si, e sei que nem ela acredita no que diz.

O dia amanhece cinzento e frio. Voltou a nevar. Nunca senti tanto frio. Leva uma eternidade para eu voltar a sentir meus pés. Todos dormimos a céu aberto. Graúna teve medo de as barracas chamarem atenção demais e nos tornarem alvos fáceis caso os helicópteros ou aviões voltassem. Mas os céus estão vazios e a floresta, quieta. Flocos de cinzas se misturam à neve, espalhando o leve aroma de fumaça.

Seguimos para o primeiro assentamento, o que Barata e Prata prepararam para nossa chegada: uma distância de 120 quilômetros. A princípio andamos todos em silêncio, ocasionalmente olhando para o céu, mas depois de algumas horas começamos a relaxar. A neve continua a cair, amaciando o terreno, purificando o ar, até que o cheiro de fumaça é todo eliminado.

Depois falamos com mais liberdade. Como nos encontraram? Por que o ataque? Por que agora?

Durante anos os Inválidos contaram com um fato crucial: eles supostamente não existiam. Durante décadas o governo negou que houvesse pessoas morando na Selva, e assim os Inválidos permaneceram em relativa segurança. Se o governo fizesse qualquer ataque físico em larga escala, seria o mesmo que admitir o erro.

Mas parece que isso mudou.

Só mais tarde descobriremos o motivo: a resistência dificultou o jogo. Cansou de esperar, de fazer pequenas manifestações e protestos.

E então vieram os Incidentes: explosivos plantados em prisões, prefeituras, repartições públicas por todo o país.

Sarah, que estava correndo na frente, vira-se para mim:

— O que você acha que aconteceu com Prego e Alistar? Será que eles vão ficar bem? Será que vão nos encontrar?

— Shhh — faço rapidamente em resposta. Graúna está bem à nossa frente, e olho de relance para ver se ela ouviu. — Não se preocupe com isso. Eles sabem se cuidar.

— E Esquilo e Vovó? Você acha que eles escaparam?

Penso naquele gigante tremor convulsivo — uma rajada de pedra e terra dentro do abrigo —, naquela confusão de gritos e fumaça. Houve tanto barulho, tanto fogo... Tento procurar uma lembrança de Esquilo e Vovó, alguma visão dos dois correndo para a floresta, mas tudo que vejo são silhuetas, gritos e ordens berradas, pessoas na fumaça.

— Você faz muitas perguntas — digo a ela. — Devia poupar energia.

Ela estava trotando como um cachorro. Agora diminui o passo para uma mera caminhada.

— Nós vamos morrer? — pergunta ela solenemente.

— Não seja burra. Você já se mudou antes.

— Mas as pessoas do outro lado da cerca… — Ela morde o lábio. — Elas querem nos matar, não querem?

Sinto um aperto dentro de mim, um espasmo de ódio profundo. Coloco a mão na cabeça dela.

— Ainda não nos mataram — digo.

E me imagino um dia sobrevoando Portland em um avião, e também Rochester, e todas as cidades cercadas do país inteiro, jogando bomba atrás de bomba atrás de bomba, e vendo todos os prédios virarem pó, e todas as pessoas derretendo e sangrando nas chamas, e quero ver se elas vão gostar.

Pegue algo de nós, e nós pegaremos de volta. Roube de nós, e roubaremos tudo de você. Se nos pressionar, vamos bater.

É assim que o mundo funciona agora.



Chegamos ao primeiro assentamento pouco antes da meia-noite do terceiro dia, depois de uma confusão de último minuto quanto a ir para leste ou para oeste quando alcançamos a enorme árvore derrubada com as raízes expostas ao céu, que Barata marcou com uma bandana vermelha. Perdemos uma hora indo para o lado errado e depois voltamos, mas, assim que vemos a pequena pirâmide de pedras que Barata e Prata fizeram para marcar o local onde enterraram a comida, há comemoração generalizada. Corremos gritando os últimos quinze metros até a pequena clareira, cheios de energia renovada.

O plano era ficar ali um dia, no máximo dois, mas Graúna acha que devemos ficar mais tempo, para capturar o que conseguirmos. Está ficando mais frio, portanto vai ser cada vez mais difícil encontrar carne de caça, e não temos comida suficiente para todo o caminho até o sul.

Agora podemos montar nossas barracas. Por um tempo é possível esquecer que estamos fugindo, esquecer que perdemos membros de nosso grupo, esquecer a quantidade enorme de suprimentos que deixamos no lar.

Acendemos uma fogueira; ficamos sentados ao brilho do fogo, aquecemos as mãos e contamos uns aos outros histórias para nos distrairmos do frio, da fome e do ar, cujo cheiro anuncia a neve que se aproxima.

agora

Conte uma história.

— O quê?

A voz de Julian me assusta. Fazia horas que ele estava sentado em silêncio. Estou andando de um lado para o outro de novo, pensando em Graúna e Prego. Será que eles conseguiram fugir da manifestação? Será que vão achar que eu me machuquei ou morri? Será que vão me procurar?

— Pedi para você me contar uma história. — Ele está sentado em seu colchão, as pernas cruzadas. Reparei que ele fica sentado assim durante horas, os olhos entreabertos, como se estivesse meditando. Essa calma está começando a me irritar. — Vai fazer o tempo passar mais rápido — acrescenta ele.

Mais um dia, mais horas arrastadas. A luz está acesa de novo, e entregaram o café da manhã (mais pão, mais carne-seca, mais água) também hoje cedo. Dessa vez colei o corpo no chão e vislumbrei uma calça escura e botas pesadas. Uma ríspida voz masculina me mandou devolver a outra bandeja pela portinhola, e eu obedeci.

— Não conheço história nenhuma — digo.

Julian agora já se sente confortável em olhar para mim. Confortável demais, na verdade. Sinto seus olhos em mim enquanto ando, como um toque leve em meu ombro.

— Então me conte sobre sua vida — insiste ele. — Não precisa ser uma história boa.

Suspiro, repassando mentalmente a vida que Graúna me ajudou a construir para Lena Morgan Jones.

— Nasci no Queens. Estudei na Unity até o quinto ano, depois fui para a Our Lady of the Doctrine. Ano passado vim para o Brooklyn e entrei no colégio Quincy Edwards, para fazer o último ano. — Julian ainda está me olhando, como se esperasse mais. Faço um gesto rápido e impaciente com a

mão e acrescento: — Fui curada em novembro. Mas vou fazer minha avaliação mais para a frente, neste semestre, com todo mundo. Ainda não fui pareada.

Não tenho mais o que dizer. Lena Morgan Jones, como todos os curados, é bem tediosa.

— Isso tudo são fatos — diz Julian. — Não é uma história.

— Tudo bem. — Eu me sento no colchão, em cima das pernas, e me viro para ele. — Se você é tão especialista assim em histórias, por que não me conta uma?

Achei que ele fosse ficar constrangido, mas apenas inclina a cabeça para trás, pensando, inflando as bochechas e soprando o ar. O corte no lábio parece ainda pior hoje, está roxo e inchado. Tons de amarelo e verde começaram a se espalhar no maxilar. Mas ele não reclamou, nem disso nem do corte na bochecha.

— Uma vez — começa ele, finalmente —, quando eu era bem pequeno, vi duas pessoas se beijando em público.

— Você quer dizer em um casamento? Para selar a cerimônia?

Ele balança a cabeça.

— Não. Na rua. Eram manifestantes, sabe? Foi bem em frente à ASD. Não sei se não eram curados ou se a intervenção não funcionou neles ou o quê. Eu só tinha, sei lá, uns seis anos. Eles estavam… — No último minuto ele para.

— O quê?

— Eles estavam usando as línguas.

Ele olha para mim por apenas um segundo, e então desvia o olhar.

Beijar de língua é ainda pior do que ilegal atualmente. É considerado sujo, nojento, um sintoma da doença enraizada.

— O que você fez?

Eu me inclino para a frente, involuntariamente. Estou impressionada, tanto pela história quanto pelo fato de Julian estar me contando isso.

Ele abre um sorriso.

— Sabe o que é engraçado? A princípio pensei que ele a estivesse comendo.

Não consigo segurar: solto uma gargalhada curta. E quando começo a gargalhar, não posso parar. Toda a tensão das últimas quarenta e oito horas se liberta em meu peito, e rio tanto que fico com lágrimas nos olhos. O mundo todo virou do avesso e de cabeça para baixo. Estamos em uma casa mal-assombrada de parque de diversões.

Julian também começa a rir, depois faz uma careta e toca o lábio ferido.

— Ai — diz ele, e isso me faz rir ainda mais, o que o faz rir e depois dizer "ai" de novo.

Em pouco tempo estamos rolando de rir. Julian tem uma gargalhada surpreendentemente gostosa, baixa e musical.

— Certo, sua vez — diz ele por fim, ofegante, quando as gargalhadas acabam.

Ainda estou recuperando o fôlego.

— Peraí… O que aconteceu depois?

Julian olha para mim, ainda sorrindo. Ele tem uma covinha na bochecha direita; uma linha apareceu entre suas sobrancelhas.

— Como assim?

— O que aconteceu com o casal? Os dois que estavam se beijando?

A linha entre as sobrancelhas dele fica mais funda e ele balança a cabeça, confuso.

— A polícia veio — diz ele, como se fosse óbvio. — Foram levados para uma quarentena na Rikers. Até onde sei, ainda devem estar lá.

E, de repente, toda a gargalhada que sobrou é arrancada de mim, como um golpe forte no peito. Lembro que Julian é um Deles; um dos zumbis, dos inimigos. Uma das pessoas que tiraram Alex de mim.

De repente me sinto enjoada. Eu estava rindo com ele. Compartilhamos um momento. Ele está me olhando como se fôssemos amigos, como se fôssemos iguais.

Eu poderia vomitar.

— Então — diz ele. — Agora você.

— Não tenho histórias — digo. Minha voz sai áspera, rude.

— Todo mundo tem… — começa ele a dizer.

— Eu não — interrompo-o e levanto do colchão de novo.

Estou toda me coçando. Tento andar para fazer isso passar.

Passamos o restante do dia sem trocar uma palavra. Algumas vezes Julian parece prestes a falar, então vou para o colchão e me deito, fecho os olhos e finjo dormir. Mas não durmo.

As mesmas palavras giram sem parar em minha cabeça: *Tem que haver um jeito de sair. Tem que haver um jeito de sair.*

O sono verdadeiro só chega muito mais tarde, depois que a luz é mais uma vez apagada. O sono verdadeiro é como afundar lentamente, como me afogar em uma névoa. Em pouco tempo estou acordada de novo. Eu me sento com o coração disparado.

Julian está gritando durante o sono, no catre ao lado, murmurando palavras embaralhadas. A única que identifico é *não*.

Espero um pouco, para ver se ele vai acordar sozinho. Ele chuta e se debate. A base de metal do catre range.

— Ei — digo. Os murmúrios desesperados continuam, e eu me sento mais ereta e digo mais alto: — Ei, Julian.

Ainda nada de resposta. Estico a mão à procura do braço dele no escuro. Seu peito está molhado de suor. Encontro o ombro e o balanço delicadamente.

— Acorde, Julian.

Por fim ele acorda, ofegante, afasta-se bruscamente de minha mão e em seguida se senta. Ouço o barulho do colchão quando ele muda de posição e identifico sua silhueta, uma pretidão grande, a curva da coluna. Ficamos sentados em silêncio por um momento. Sua respiração está pesada. Um som arranhado sai da garganta. Eu me deito de novo e escuto a respiração dele no escuro, esperando que diminua.

— Mais pesadelos? — pergunto.

— Sim — responde ele depois de um segundo.

Eu hesito. Parte de mim está inclinada a virar para o lado e dormir. Mas estou desperta agora, e a escuridão é opressiva.

— Quer falar sobre isso? — pergunto.

Há um longo minuto de silêncio. E então Julian começa a falar, todo apressado:

— Eu estava em um complexo de laboratórios. E do lado de fora havia uma cerca alta. Mas tinha um monte… Não consigo explicar, mas não era uma cerca de verdade. Era feita de corpos. Cadáveres. O ar estava negro de tantas moscas.

— Continue — sussurro quando ele faz outra pausa.

Ele engole em seco.

— Quando chegou a hora de minha intervenção, eles me amarraram a uma mesa de cirurgia e mandaram que eu abrisse a boca. Dois cientistas abriram meu maxilar à força, e meu pai, que também estava lá, pegou um barril enorme de concreto, e eu sabia que ele ia derramar aquilo tudo em minha garganta. E eu gritava, tentando impedir, e ele repetia que daria tudo certo, que tudo ia melhorar, e então o concreto começou a encher minha boca, e eu não conseguia respirar…

Julian para de falar. Sinto um aperto no peito. Por um louco segundo tenho vontade de abraçá-lo; mas isso seria horrível, além de errado em inúmeros níveis. Julian se deita de novo, então provavelmente se sente melhor depois de me contar o sonho.

— Eu também tenho pesadelos — digo, e rapidamente me corrijo: — Tinha, na verdade.

Mesmo no escuro, sinto que Julian me olha fixamente.

— Quer falar sobre isso? — Ele ecoa minhas palavras para mim.

Penso nos pesadelos que eu tinha com minha mãe: sonhos em que eu assistia, impotente, enquanto ela pulava de um precipício. Nunca contei isso a ninguém. Nem mesmo a Alex. Os pesadelos pararam depois que descobri que ela estava viva, nas Criptas, durante todos os anos em que achei que estivesse morta. Mas agora esses sonhos adquiriram novas formas. Agora são cheios de coisas queimando, e de Alex, e de espinhos que viram correntes e me prendem à terra.

— Eu costumava ter pesadelos com minha mãe — digo. Engasgo um pouco na palavra *mãe*; espero que ele não repare. — Ela morreu quando eu tinha seis anos.

Poderia muito bem ser verdade. Nunca mais vou vê-la mesmo.

Ouço movimento no colchão de Julian e, quando ele fala, percebo que se virou em minha direção.

— Bom, me fale sobre ela — diz ele, baixinho.

Fito a escuridão, que parece cheia de espirais.

— Ela gostava de fazer experimentos culinários — digo devagar. Não posso contar muito. Não posso dizer nada que o deixe desconfiado. Esta não é mais a história de Lena Morgan Jones. Mas falar para a escuridão traz alívio, então me permito prosseguir: — Eu ficava sentada na bancada vendo-a mexer nas coisas. A maior parte do que ela fazia ia para o lixo. Mas era sempre engraçado

e me fazia rir. — Faço uma pausa. — Lembro que uma vez ela fez panqueca de pimenta. Não ficou ruim.

Julian está em silêncio. O ritmo de sua respiração normalizou.

— Ela também fazia brincadeiras comigo — acrescento.

— Fazia? — A voz de Julian contém um toque de assombro.

— É. Brincadeiras de verdade, não aquelas coisas de estímulo ao desenvolvimento que aparecem na *Shhh*. Ela fingia…

Paro de falar e mordo o lábio, com medo de ter ido longe demais.

— Fingia o quê?

Uma pressão louca aumenta em meu peito, e agora tudo está voltando, minha vida verdadeira, minha vida antiga, a casa frágil em Portland e o som de água e o cheiro da baía; as paredes enegrecidas das Criptas e os desenhos em verde-esmeralda que o sol formava ao brilhar por entre as árvores na Selva; todos esses outros eus, empilhados uns nos outros, para que ninguém jamais os descubra. E de repente sinto que preciso continuar a falar, senão vou explodir.

— Ela dizia que tinha uma chave capaz de abrir portas para outros mundos. Era só uma chave comum, nem sei onde ela arranjou aquilo, provavelmente com alguém que estava de mudança. Mas ela a guardava em uma caixa vermelha e só a pegava em ocasiões especiais. E quando pegava, a gente fingia que estava viajando por um monte de dimensões diferentes. Em um mundo, os animais tinham seres humanos como bichos de estimação; em outro, podíamos pegar carona nas caudas de cometas. Havia um mundo subaquático e um outro onde as pessoas dormiam de dia e dançavam a noite inteira. Minha irmã também brincava.

— Qual era o nome dela?

— Grace — digo.

Minha garganta está se fechando, e agora estou juntando diferentes pessoas e lugares, combinando vidas. Minha mãe desapareceu antes mesmo de Grace ter nascido; além do mais, Grace era minha prima. Mas, estranhamente, visualizo as cenas: minha mãe erguendo Grace, girando-a em um enorme círculo enquanto uma música indistinta sai pelos alto-falantes; nós três correndo pelos corredores compridos de madeira, fingindo que estamos pegando uma estrela. Abro a boca para falar mais, mas descubro que não consigo. Estou quase chorando e tenho que combater a vontade engolindo em seco com força enquanto minha garganta sofre espasmos.

Julian fica em silêncio por um minuto. Em seguida, fala:

— Eu também fingia coisas.

— É?

Enfio o rosto no travesseiro, para abafar o tremor na voz.

— É. Em geral nos hospitais, e também nos laboratórios. — Mais um segundo de pausa. — Eu fingia que estava em casa. Transformava os barulhos em outras coisas, sabe? Como o bipe dos monitores cardíacos, que eu fingia ser só o bipe-bipe-bipe da cafeteira. E quando ouvia passos, eu fingia que eram dos meus pais, apesar de nunca serem. E eu fingia que o cheiro, sabe aquele odor, em hospitais, de água sanitária com um toque de flores? Eu fingia que minha mãe estava lavando os lençóis.

O aperto em minha garganta diminuiu, e respiro com mais facilidade. Estou grata a Julian; por não dizer que o comportamento de minha mãe parece irregular, por não desconfiar nem fazer perguntas demais.

— Velórios também têm esse cheiro — digo. — De água sanitária. E flores.

— Não gosto desse cheiro — diz Julian, baixinho.

Se ele fosse menos bem-treinado e menos cuidadoso, teria dito *odeio*. Mas ele não pode dizer; a palavra é próxima demais da paixão, e a paixão é próxima demais do amor, e o amor é *amor deliria nervosa*, o mais mortal dentre todos os males mortais; o amor é o causador de brincadeiras de faz de conta, de identidades secretas, de espasmos na garganta.

— Eu também fingia que era um explorador — diz ele. — Imaginava como seria viajar para… outros lugares.

Penso no momento após a reunião da ASD quando o vi sentado sozinho no escuro, olhando para aquelas imagens estonteantes de montanhas e florestas.

— Onde, por exemplo? — pergunto, meu coração acelerando um pouco.

Ele hesita.

— Por aí — responde Julian, por fim. — Outras cidades dos Estados Unidos.

Algo me diz que ele está mentindo de novo; será que na verdade ele estava falando sobre a Selva ou sobre outros lugares no mundo? Os lugares sem fronteiras, onde o amor ainda existe, onde a essa altura acredita-se que todo mundo já tenha sido consumido pela doença?

Talvez Julian perceba que não acredito nele, porque se apressa em continuar:

— Era coisa de criança, só isso. O tipo de coisa que eu fazia quando tinha que passar a noite em laboratórios por causa de exames e cirurgias. Para não

ficar com medo.

No silêncio, sinto o peso da terra acima de nossa cabeça: camadas e camadas de terra, compacta e pesada. Tento lutar contra o sentimento que me domina: ficaremos enterrados aqui para sempre.

— Você está com medo agora? — pergunto.

Ele faz uma pausa por apenas uma fração de segundo.

— Eu estaria com mais medo se estivesse sozinho — diz ele.

— Eu também — digo. Mais uma vez, sinto uma onda de compaixão por ele. — Julian?

— O quê?

— Me dê a mão.

Não sei bem o que me faz dizer isso — talvez seja o fato de eu não conseguir vê-lo. Parece mais fácil lidar com ele no escuro.

— Para quê?

— Vamos, me dê a mão — insisto e o ouço se mexendo; ele já está esticando o braço no espaço entre nossos catres. Estico também o meu e pego sua mão, que é fria, grande e seca, e ele tem um sobressalto quando nossa pele entra em contato.

— Você acha que estamos correndo perigo? — pergunta ele. Sua voz está rouca.

Não sei se ele está se referindo ao *deliria* ou ao fato de estarmos presos ali, mas ele me deixa entrelaçar os dedos nos seus. Julian nunca deu a mão a ninguém antes, dá para perceber. Ele demora um momento para entender como fazer.

— Vai dar tudo certo — digo.

Não sei se acredito ou não nisso. Ele aperta de leve minha mão, o que me surpreende. Talvez algumas coisas nos venham naturalmente, mesmo que você nunca as tenha feito. Ficamos de mãos dadas no escuro, e depois de um tempo ouço a respiração dele ficar mais lenta e mais profunda. Fecho os olhos e imagino ondas quebrando devagar em uma praia. Depois de um tempo também durmo e sonho que estou em um carrossel com Grace e, rindo, assisto a todos os cavalos de madeira se soltarem aos poucos e galoparem no ar.

antes

Durante três dias o tempo se mantém bom. A floresta é uma sinfonia de estalos e estrépitos, o gelo das árvores e do rio derretendo lentamente. Grossos pingos d'água da cor de pedras preciosas caem em nossa cabeça à medida que nos deslocamos pela mata à procura de frutas, esconderijos de animais e bons locais para caçar. O clima é de libertação e celebração, quase como se a primavera tivesse chegado mesmo, embora saibamos que seja apenas um alívio temporário. Graúna é a única que parece não estar nem um pouco mais feliz.

Agora precisamos procurar comida constantemente. Na terceira manhã Graúna me encarrega de verificar as armadilhas com ela. Cada vez que encontramos uma vazia, ela fala um palavrão baixinho. A maioria dos animais deve estar entocada debaixo da terra.

Ouvimos o animal preso antes de chegarmos à última armadilha, e ela acelera o passo. Há um som frenético de correria nas folhas que cobrem o chão da floresta e ruídos de pânico. Um coelho grande está com a perna traseira presa nos dentes de metal da armadilha. Seu pelo tem manchas escuras de sangue. Desesperado, o bicho tenta disparar para a frente, mas acaba desistindo e cai para o lado, ofegante.

Graúna se agacha e tira da bolsa uma faca de cabo longo. A lâmina é afiada, mas tem manchas de ferrugem e, imagino, sangue velho. Se deixarmos o coelho ali, sei que ele vai se contorcer até morrer de tanto sangrar pela perna; ou, o que é mais provável, vai desistir e morrer lentamente de fome. Graúna vai lhe fazer um favor ao matá-lo logo. Mesmo assim, não consigo assistir. Nunca cuidei das armadilhas. Não tenho estômago para isso.

Graúna hesita. Em seguida, coloca a faca na minha mão de repente.

— Tome — diz ela. — Faça você.

Sei que não é por frescura; ela caça o tempo todo. É mais um de seus testes.

A faca é surpreendentemente pesada. Olho para o coelho, lutando e se debatendo no chão.

— Eu… eu não sei. Nunca matei nada.

Graúna me fita com olhar severo.

— Bem, está na hora de aprender.

Ela coloca as mãos no coelho desesperado, uma na cabeça e outra na barriga, para mantê-lo parado. O coelho deve pensar que ela está tentando ajudar, pois para de se debater. Mesmo assim, percebo o desespero na respiração agitada dele.

— Não me obrigue — digo, envergonhada por ter que implorar e ao mesmo tempo irritada por ser obrigada a fazer isso.

Ela fica de pé outra vez.

— Você ainda não entende, não é? Isto não é uma brincadeira, Lena. E não termina aqui, nem quando chegarmos ao sul, nem nunca. O que aconteceu no lar… — Ela faz uma pausa e balança a cabeça. — Não tem mais espaço para nós em lugar nenhum. A não ser que as coisas mudem. Vamos ser caçados. Nossos lares vão ser bombardeados e queimados. As fronteiras vão crescer e as cidades vão se expandir, e não vai sobrar Selva nem ninguém para lutar nem nada por que lutar. Entende?

Não digo nada. Um calor sobe pela minha nuca, deixando-me tonta.

— Nem sempre estarei por perto para ajudá-la — diz ela, e se abaixa de novo, apoiando um joelho na terra. Desta vez ela afasta o pelo do coelho com os dedos, expondo um pedaço carnudo e rosado de pescoço, uma artéria pulsante. — Aqui. Ande.

Percebo, de súbito, que o animal sob as mãos dela é como nós: preso, expulso de casa, lutando desesperadamente para respirar, por alguns centímetros a mais de espaço. E de repente fico com uma raiva cega de Graúna, pelos sermões, pela teimosia e por pensar que o modo de ajudar pessoas é colocando-as contra a parede, batendo nelas até que reajam.

— Eu não acho que seja brincadeira — digo sem conseguir afastar a raiva da voz.

— O quê?

— Você acha que é a única pessoa que sabe das coisas. — Estou com os punhos fechados, um na coxa, outro segurando a faca. — Acha que é a única que entende de perda e de raiva. Acha que é a única que sabe como é fugir.

Estou pensando em Alex e a odeio por isso também; por fazer isso voltar à minha mente. A dor e a raiva estão aumentando, como uma onda negra.

— Não acho que sou a única — diz Graúna. — Todos nós perdemos alguma coisa. É a regra agora, não é? Até na Zumbilândia. Eles talvez tenham perdido mais do que a maioria.

Ela ergue o olhar para o meu. Por alguma razão, não paro de tremer.

Graúna fala com intensidade, mas em tom baixo:

— Mais uma lição que você podia muito bem aprender agora: se quiser alguma coisa, se for pegá-la para você, vai sempre estar tirando de outra pessoa. Isso também é regra. E coisas precisam morrer para que outras possam viver.

Paro de respirar. Por alguns momentos o mundo para de girar, e tudo se resume a silêncio e aos olhos de Graúna.

— Mas você entende muito bem isso, não entende, Lena?

Ela nunca ergue a voz, mas sinto fisicamente o efeito de suas palavras. Minha cabeça começa a latejar, meu peito está cheio de uma dor lancinante. Só consigo pensar *Não o mencione, não o mencione, não o mencione*, e estou caindo nos túneis longos e escuros dos olhos dela, de volta àquele terrível amanhecer na fronteira quando o sol penetrou na baía como uma mancha lenta.

— Você tentou atravessar com uma pessoa, não foi? Ouvimos os boatos. Você estava acompanhada… — E então acrescenta, como se estivesse apenas tentando se lembrar, embora agora eu veja que ela sabia o tempo todo, é claro que sabia, e o ódio e a fúria crescem tão rápido em mim e com tanta força que acho que vou me afogar: — O nome dele era Alex, não era?

Já estou me lançando sobre ela quando percebo que me mexi. A faca está em minha mão e vou enfiar no pescoço dela, fazê-la sangrar e arrancar-lhe as entranhas e deixá-la aqui para ser destroçada por animais.

Assim que caio em cima de Graúna, ela me golpeia nas costelas, tirando-me o equilíbrio. Ao mesmo tempo, sua mão esquerda agarra meu punho direito, e ela me puxa para baixo com força e enfia a faca bem no pescoço do coelho, exatamente no ponto em que estava expondo a artéria. Solto um gritinho. Ainda estou segurando a faca, e ela passa os dedos ao redor de minha mão para mantê-la no lugar. O coelho se debate uma vez, depois fica imóvel. Acho que por um momento ainda sinto seus batimentos sob as pontas dos dedos, como se fosse um eco rápido. O corpo do bicho está quente. Um pouco de seu sangue escorre da ponta da faca.

Graúna e eu estamos tão próximas que sinto seu hálito e o suor em suas roupas. Tento me afastar, com força, mas ela apenas me aperta mais.

— Não fique com raiva de mim — diz ela. — Não fui eu que fiz aquilo.

Para enfatizar isso, ela empurra minha mão um pouco mais. A faca penetra mais um centímetro no coelho, e mais sangue sai borbulhando.

— Vai se foder — digo, e de repente estou chorando pela primeira vez desde que cheguei à Selva; pela primeira vez desde que Alex morreu.

Minha garganta se fecha e mal consigo falar. Minha raiva está diminuindo agora, sendo substituída por uma angústia insana por esse animal burro, idiota, confiante, que estava correndo rápido demais, não olhou para onde estava indo e ainda assim, mesmo depois de prender a perna na armadilha, continuou a acreditar que poderia fugir. Burro, burro, burro.

— Sinto muito, Lena. É assim que as coisas são.

E ela parece mesmo sentir muito: seus olhos se anuviaram agora, e vejo o quanto está cansada, como provavelmente sempre esteve; cansada de viver anos e anos e anos desta maneira, tendo que conseguir na marra um mero espaço para respirar.

Graúna enfim me solta e tira o coelho morto da armadilha, com rapidez e destreza. Ela puxa a faca da carne do animal, limpa a lâmina na terra uma vez e a enfia no cinto. Então passa os pés do coelho por um anel de metal na mochila, de forma que ele fica pendurado de cabeça para baixo. Quando ela se levanta, o bicho balança como um pêndulo. Ela ainda está me observando.

— E agora podemos sobreviver mais um dia — diz ela, vira-se e sai andando.



Uma vez eu li sobre um tipo de fungo que cresce em árvores. O fungo começa a invadir o sistema que leva água e nutrientes das raízes aos galhos, inutilizando-os um a um, dominando-os. Em pouco tempo o fungo, e apenas o fungo, está carregando a água, os nutrientes e tudo mais de que a árvore precisa para sobreviver. Ao mesmo tempo em que decompõe a árvore lentamente por dentro, apodrecendo-a minuto a minuto.

O ódio é isso. Alimenta você e ao mesmo tempo o faz apodrecer.

É um sentimento difícil, profundo e inflexível, um sistema de bloqueios. É tudo e inteiro.

O ódio é uma torre alta. Na Selva, começo a construí-la e a escalar.

agora

Sou acordada por uma voz gritando:

— Bandeja!

Eu me sento no colchão e vejo que Julian foi até a porta. Ele está agachado, de quatro, como eu fiz ontem, tentando ver nosso captor.

— Balde!

Mais uma ordem, e sinto alívio e pena quando Julian pega o balde de metal no canto e com isso o quarto fede intensamente a urina. Ontem nós nos revezamos para usá-lo. Julian me fez prometer que eu ficaria de costas e taparia os ouvidos e, ainda por cima, ficaria cantarolando. Quando chegou a minha vez, só pedi que ele se virasse, mas mesmo assim ele cobriu os ouvidos e cantarolou. Ele tem uma voz terrível, completamente desafinada, mas cantou alto e com alegria, como se não soubesse ou não se importasse com a própria desafinação. Era uma música que fazia séculos eu não ouvia, parte de uma brincadeira de criança.

Uma bandeja nova, seguida de um balde limpo, é passada pela portinhola, que logo depois é trancada. Os passos se afastam e Julian fica de pé.

— Viu alguma coisa? — pergunto, embora eu saiba que a resposta vai ser *não*.

Minha garganta está seca, e me sinto estranhamente constrangida. Eu me abri demais ontem à noite. Nós dois nos abrimos.

Julian voltou a ter dificuldade em olhar para mim.

— Nada — responde ele.

Comemos em silêncio — desta vez nos deram uma tigela pequena com frutas secas e outro pedaço grande de pão. Sob a luz intensa da lâmpada do teto, é estranho ficarmos sentados no chão tão próximos, então ando pelo quarto enquanto como. Há uma tensão no ambiente que não existia antes. Embora isso não seja muito razoável, eu me ressinto de Julian pelo

desconforto. Foi ele que me fez falar ontem à noite, o que foi errado. No entanto, fui eu que segurei a mão dele. Parece inimaginável agora.

— Você vai ficar o dia todo fazendo isso? — pergunta Julian.

Sua voz está tensa, e percebo que ele também sente a tensão.

— Se não gosta, não olhe — respondo, ríspida.

Mais momentos de silêncio. Então ele diz:

— Meu pai vai me tirar daqui. Ele não deve demorar a pagar o resgate.

Dentro de mim, o ódio por ele cresce de novo. Ele deve saber que não há ninguém no mundo que vá me libertar. Deve saber que, quando nossos captores, sejam lá quem forem, perceberem isso, ou vou ser morta ou deixada aqui para apodrecer.

Mas não digo nada. Subo nas paredes lisas da torre. Fecho-me na proteção de suas profundezas; ergo muralhas entre nós.



As horas aqui são achatadas e redondas, discos cinzentos acumulados um em cima do outro. Exalam um cheiro azedo e úmido, como o hálito de alguém passando fome. Passam devagar, rastejando, até que parecem sequer estar se movendo. Estão apenas oprimindo e oprimindo, incansáveis.

E então, sem aviso, a luz é apagada e somos mergulhados mais uma vez na escuridão. Sinto um alívio tão grande que beira a alegria: sobrevivi mais um dia. Com a escuridão, parte de meu desconforto começa a se dissipar. À luz do dia, Julian e eu estamos em lados opostos, sem jeito e em conflito com o outro. Mas no escuro fico feliz quando o ouço se acomodar em seu catre e sei que estamos separados por apenas poucos metros. Sua presença me conforta.

Até o silêncio parece diferente agora: mais complacente.

— Está dormindo? — pergunta Julian depois de um tempo.

— Ainda não.

Ouço-o se virar em minha direção.

— Quer ouvir outra história? — pergunta ele.

Faço que sim com um movimento de cabeça, apesar de ele não conseguir me ver, e ele interpreta meu silêncio como consentimento.

— Um dia teve um tornado muito forte. — Ele faz uma pausa. — É uma história inventada, viu?

— Tudo bem — digo e fecho os olhos.

Eu me imagino de volta na Selva, os olhos ardendo por causa da fogueira do acampamento e a voz de Graúna ressoando através da fumaça.

— E havia uma garota, Dorothy, que adormeceu em casa. E a casa toda foi arrancada do chão e saiu rodopiando pelo céu. E quando ela acordou, estava em uma terra cheia de pessoas pequenas, e a casa dela tinha caído em uma bruxa má. E esmagado a bruxa. Então todas as pessoas pequenas, os Munchkins, ficaram gratas e deram a Dorothy um par de sapatos mágicos.

Ele fica em silêncio.

— E depois? — pergunto. — O que aconteceu depois?

— Não sei — diz ele.

— Como assim, não sabe?

Um roçar no lençol; ele se mexe na cama.

— Só cheguei até aí — diz ele. — Nunca li o resto.

De repente fico muito alerta.

— Não foi você que inventou, então?

Ele hesita por um segundo. Então:

— Não.

Mantenho a voz calma.

— Nunca ouvi essa história — digo. — Não me lembro de tê-la visto no currículo escolar.

Poucas histórias são aprovadas para Uso e Propagação; no máximo duas ou três por ano, e às vezes nenhuma. Se não ouvi essa, deve ser porque nunca foi aprovada.

Julian tosse.

— E não está. No currículo, quer dizer. — Ele faz uma pausa. — Foi proibida.

Fico arrepiada.

— Onde você encontrou uma história proibida?

— Meu pai conhece muita gente importante da ASD. Pessoas do governo, padres, cientistas. Então ele tem acesso a coisas… documentos confidenciais e coisas antigas. Dos dias da doença.

Fico em silêncio. Ouço-o engolir em seco antes de prosseguir:

— Quando eu era pequeno, meu pai tinha um escritório. Eram dois, na verdade. Um normal, onde ele fazia a maior parte do trabalho da ASD. Meu

irmão e eu passávamos a noite inteira sentados lá, ajudando a dobrar panfletos. É engraçado: até hoje, a meia-noite ainda tem cheiro de papel para mim.

Levo um susto com a referência a um irmão; nunca ouvi nenhuma menção a isso, nunca vi a imagem dele nos materiais da ASD nem na *Palavra*, o jornal do país. Mas não quero interrompê-lo.

— O outro escritório vivia trancado. Ninguém tinha permissão para entrar lá, e meu pai escondia a chave. Só que… — Mais roçar de lençol. — Só que um dia eu vi onde ele a guardava. Era tarde. Eu deveria estar dormindo. Saí do quarto para tomar um copo d'água e o vi do topo da escada. Ele foi até uma estante na sala. Na prateleira de cima havia um galo de porcelana. Eu o vi erguer o pescoço do galo e colocar a chave ali dentro.

"No dia seguinte, fingi que estava passando mal para não ir à escola. E depois que minha mãe e meu pai saíram para o trabalho e meu irmão foi pegar o ônibus, desci a escada de fininho, peguei a chave e abri a porta do segundo escritório de meu pai. — Ele dá uma breve risada. — Acho que nunca senti tanto medo. Minhas mãos tremiam tanto que deixei a chave cair três vezes antes mesmo de enfiá-la na fechadura. Eu não fazia ideia do que ia encontrar lá dentro. Não sei o que estava imaginando; cadáveres, talvez, ou Inválidos presos."

Fico retraída, como sempre acontece quando ouço a palavra, mas então relaxo, deixo passar.

Ele ri de novo.

— Fiquei com raiva quando finalmente abri a porta e vi todos aqueles livros. Que decepção. Mas então percebi que não eram livros comuns. Não se pareciam em nada com os que víamos na escola e líamos na igreja. Foi quando percebi: deviam ser proibidos.

Não consigo controlar: uma lembrança há muito enterrada surge agora, de quando entrei no *trailer* de Alex pela primeira vez e vi dezenas e dezenas de títulos estranhos, as lombadas deterioradas brilhando à luz da vela, de quando ouvi a palavra *poesia* pela primeira vez. Em lugares não regulamentados, cada história tem um propósito. Mas livros proibidos são muito mais que isso. Alguns são como teias; podemos sentir o caminho que traçam com seus fios, de leve, até cantos estranhos e escuros. Alguns são balões subindo para o céu: completamente independentes, e também inalcançáveis, mas belos de se verem.

E alguns deles, os melhores, são portas.

— Depois disso, eu ia escondido para o escritório sempre que ficava sozinho em casa. Eu sabia que era errado, mas não conseguia parar. Também tinha música lá, músicas bem diferentes daquelas da BMFA, as que são aprovadas. Você não acreditaria, Lena. Cheias de palavrões, todas sobre o *deliria*… mas nem todas ruins ou depressivas. Dizem que todo mundo era infeliz no tempo de antes, não é mesmo? Dizem que todo mundo era doente. Mas algumas das músicas… — Ele para de falar e canta baixinho: — *All you need is love*…

Um arrepio percorre meu corpo. É estranho ouvir essa palavra dita em voz alta. Julian fica em silêncio por um tempo. Depois continua, ainda mais baixo:

— Dá para acreditar? *Você só precisa de*… — O som de sua voz fica mais distante, como se ele tivesse percebido nossa proximidade e decidido se afastar. No escuro, ele não passa de uma vaga silhueta. — Mas meu pai um dia acabou me pegando. Eu estava no começo daquela história… o título era *O mágico de Oz*. Nunca o vi tão furioso. Ele é bem calmo a maior parte do tempo, sabe, graças à cura. Mas naquele dia ele me arrastou até a sala e me bateu tanto que desmaiei.

Julian me conta isso com frieza, sem sentimento, e meu estômago se aperta de ódio pelo seu pai, por todo mundo que é como o pai dele. Eles pregam solidariedade e santidade, mas em casa e no coração eles apenas massacram, massacram e massacram.

— Ele disse que aquilo ia me ensinar do que os livros proibidos eram capazes — diz Julian, e então, quase em tom de reflexão: — No dia seguinte tive minha primeira convulsão.

— Sinto muito — sussurro.

— Não o culpo nem nada — diz Julian, apressado. — Os médicos disseram que aquela convulsão provavelmente tinha salvado minha vida, na verdade. Foi assim que descobriram o tumor. Além do mais, ele só estava tentando me ajudar. Tentando me manter em segurança, sabe.

Neste segundo fico com o coração partido por ele, mas, em vez de me deixar levar pela compaixão, penso nas paredes lisas do ódio e penso em subir uma escadaria e mirar no pai de Julian do alto de minha torre e de lá vê-lo queimar.

— Você acha que sou uma pessoa ruim? — pergunta Julian depois de algum tempo.

— Não — respondo, forçando a palavra a passar pelo nó na garganta.

Durante alguns minutos respiramos juntos, em sincronia. Será que Julian repara?

— Nunca entendi por que o livro foi proibido — diz ele depois de um tempo. — Deve ter sido por causa de outra parte, depois da bruxa e dos sapatos. Eu me pergunto isso desde aquela época. É engraçado como algumas coisas ficam na cabeça.

— Você se lembra de outras histórias que leu?

— Não. Nem de nenhuma outra música. Só daquele verso… *All you need is love* — canta ele de novo.

Ficamos deitados em silêncio por um tempo, e começo a transitar entre a consciência e a inconsciência. Estou andando por um rio que é uma fita prateada e cintilante serpenteando pela floresta, usando sapatos que brilham ao sol como se feitos de moedas…

Passo debaixo de um galho e há um emaranhado de folhas em meu cabelo. Ergo a mão e sinto o toque de dedos quentes…

Acordo de sobressalto. A mão de Julian está poucos centímetros acima de minha cabeça. Ele está deitado bem na beirada de seu colchão. Posso sentir o calor de seu corpo.

— O que você está fazendo?

Meu coração bate muito rápido. Percebo a mão dele tremendo um pouco junto à minha orelha direita.

— Sinto muito — sussurra ele, mas não retira a mão. — Eu… — Não vejo seu rosto. Ele é uma sombra longa e curva, imóvel, como se feito de madeira polida. — Você tem um cabelo bonito — diz ele por fim.

Parece que meu peito está se apertando. O quarto fica mais quente do que nunca.

— Posso? — pergunta ele, tão baixo que mal escuto, e faço que sim com a cabeça, porque não consigo falar. Minha garganta também está sendo apertada.

Delicada e suavemente, ele baixa a mão aqueles poucos centímetros. Por um momento deixa-a pousada ali, e mais uma vez o ouço soltar o ar de uma só vez, uma espécie de libertação, e meu corpo inteiro fica paralisado, branco e quente, uma colisão estelar, uma explosão silenciosa. Em seguida ele passa os dedos por meu cabelo e eu relaxo, o aperto em meu peito some, estou respirando e viva, está tudo bem e vai dar tudo certo. Julian continua acariciando meu cabelo — enrola-o entre os dedos girando o pulso e deixa as

mechas caírem no travesseiro de novo —, e desta vez, quando fecho os olhos e vejo o rio prateado cintilante, mergulho direto em suas águas e me permito ser tragada para o fundo, levada pela correnteza.



De manhã, desperto para o azul: os olhos de Julian me fitando. Ele se vira rápido, mas não o suficiente. Estava me observando dormir. Sinto ao mesmo tempo vergonha, raiva e lisonja. Será que falei alguma coisa? Às vezes eu chamava por Alex e tenho quase certeza de que sonhei com ele ontem. Não me lembro de nada, mas acordei com aquela sensação de Alex, como um vazio cavado bem no meio do peito.

— Há quanto tempo você está acordado? — pergunto.

Na claridade, tudo parece tenso e desconfortável de novo. Quase acredito que a noite de ontem foi apenas um sonho. Julian passou os dedos em meu cabelo. Julian me tocou. Deixei que ele me tocasse.

E gostei.

— Tem um tempinho — responde ele. — Não consegui dormir.

— Pesadelos? — pergunto.

O ar no quarto está sufocante. Cada palavra é um esforço.

— Não — diz ele.

Fico esperando que ele continue, mas o silêncio entre nós só aumenta.

Eu me sento na cama. O quarto está quente e cheira mal. Sinto enjoo. Estou pensando no que dizer, algo que alivie a tensão no ar.

E então Julian diz:

— Você acha que vão nos matar?

E assim a tensão crescente se dissipa de repente. Estamos do mesmo lado hoje.

— Não — digo, com mais confiança do que de fato sinto.

A cada dia que passa fico mais e mais insegura. Se eles, os Saqueadores, planejassem pedir resgate por Julian, com certeza já teriam feito isso a esta altura. Penso em Thomas Fineman, no metal polido de suas abotoaduras e em seu sorriso duro e radiante. Imagino-o batendo no filho de nove anos até deixá-lo inconsciente.

Ele pode ter decidido não pagar. O pensamento está no ar, uma dúvida lancinante, e tento ignorá-lo.

Pensando em Thomas Fineman, acabo me lembrando:

— Quantos anos tem seu irmão agora? — pergunto.

— O quê?

Julian se ergue no colchão, sentando-se de costas para mim. Ele deve ter me ouvido, mas repito a pergunta mesmo assim. Vejo que a coluna dele se enrijece: uma pequena contração, quase imperceptível.

— Ele morreu — responde ele abruptamente.

— Como… como ele morreu? — pergunto com delicadeza.

Mais uma vez, Julian quase cospe a palavra:

— Acidente.

Apesar de eu perceber que Julian não está à vontade em falar disso, não quero deixar o assunto de lado.

— Que tipo de acidente?

— Foi há muito tempo — diz ele simplesmente, e então acrescenta, virando-se de maneira abrupta para mim: — Por que você se importa? Por que é tão curiosa? Não sei droga nenhuma sobre você. E não fico xeretando. Não fico enchendo seu saco.

Levo um susto tão grande com o rompante dele que quase retruco. Mas ando escorregando demais; então me refugio na brandura e na regularidade da calma de Lena Morgan Jones: a calma dos mortos-vivos; a calma de uma curada.

— Só curiosidade — digo tranquilamente. — Você não precisa me contar nada.

Por um segundo penso ver pânico no rosto de Julian, piscando como um alerta. Mas então some, substituído por uma severidade que já vi no pai dele. Julian assente uma vez, brevemente, fica de pé e começa a andar pelo quarto. Tenho um prazer perverso na agitação dele. Ele estava tão calmo no início. É gratificante vê-lo perder o controle, nem que seja só um pouco: aqui embaixo, a proteção e a certeza oferecidas pela ASD nada significam.

De um momento para o outro estamos em lados opostos de novo. O silêncio sepulcral da manhã é um conforto. É como as coisas devem ser. É o certo.

Eu não devia ter deixado que ele me tocasse. Não devia nem ter deixado que chegasse perto. Em pensamento, repito um pedido de desculpas: *Sinto muito.*

Vou tomar cuidado. Chega de deslizes. Não sei se estou falando com Graúna, com Alex ou com os dois.

A água nunca chega; nem a comida. E então, no meio da manhã, há uma mudança sutil no ar: ecos diferentes dos sons de água pingando e do fluxo oco do ar subterrâneo. Pela primeira vez em horas, Julian olha para mim.

— Você ouviu…? — começa ele, mas faço um som pedindo silêncio.

Vozes e passos pesados de botas no corredor: mais de uma pessoa se aproxima. Meu coração acelera, e, por instinto, olho ao redor, em busca de uma arma. Fora o balde, não tem muita coisa. Já tentei soltar as pernas de metal dos catres, mas sem sucesso. Minha mochila está do outro lado do quarto, e justo quando estou pensando em dar um salto para alcançá-la — qualquer arma é melhor do que nenhuma —, a tranca é girada e a porta é aberta para dentro. Dois Saqueadores entram no cômodo. Ambos portam armas.

— Você. — O Saqueador da frente, um homem de meia-idade com a pele mais branca que já vi, aponta para Julian com a coronha da arma. — Venha.

— Aonde vamos? — pergunta Julian, embora deva saber que eles não vão responder.

Ele está de pé, com os braços apertados contra as laterais do corpo. Sua voz é firme.

— Quem faz as perguntas aqui somos nós — diz o homem pálido e sorri.

Suas gengivas têm manchas escuras e os dentes são amarelos. Ele veste uma calça pesada, estilo militar, e jaqueta militar velha, mas sem a menor sombra de dúvida é um Saqueador. Em sua mão esquerda vejo a mancha suave de uma tatuagem azul, e quando ele avança dentro do quarto, indo atrás de Julian como um chacal rodeando a presa, meu sangue gela. Ele tem a cicatriz da intervenção também, mas muito grosseira: três cortes no pescoço, vermelhos como feridas abertas, entre os quais ele tatuou um triângulo preto. Décadas atrás, o procedimento era bem mais arriscado do que agora, e crescemos ouvindo histórias de pessoas que não chegavam nem perto de serem curadas: em vez disso, ficavam malucas, ou em estado vegetativo, ou completa e terrivelmente cruéis, incapazes de ter qualquer sentimento por qualquer pessoa, para sempre.

Tento lutar contra o pânico que cresce no peito e faz meu coração bater em um ritmo irregular e errático. O segundo Saqueador, uma garota talvez da idade de Graúna, está encostada no batente da porta, bloqueando minha saída.

É mais alta do que eu, porém mais magra. Tem um monte de piercings no rosto — conto cinco em cada sobrancelha, além de pedrinhas no queixo e na testa —, e, enganchado no septo, o que parece ser uma aliança de casamento. Não quero nem pensar onde ela conseguiu esse anel. Uma pistola está presa em um cinto baixo que envolve seu quadril. Tento estimar o quão rápido ela conseguiria sacar a arma e apontá-la para minha cabeça.

Seus olhos se viram para mim. Ela deve notar a expressão em meu rosto, porque diz:

— Nem pense nisso.

A voz é estranha e arrastada, e quando ela abre a boca em um bocejo eu vejo que é porque sua língua tem tantos metais que brilha. Pontas de metal, anéis de metal, fios de metal: tudo rodeando e pontilhando a língua, e a impressão que dá é de que ela engoliu arame farpado.

Julian hesita por apenas mais um momento. Ele dá um solavanco para a frente — um movimento repentino e brusco —, mas então se endireita. Ele passa pela porta com graça, a garota dos piercings de um lado e o albino do outro, como se estivesse caminhando para um piquenique.

Não olha para mim, nem uma só vez. Então a porta se fecha de novo, ouço os cliques dos trincos e sou deixada sozinha.

A espera é uma agonia. Meu corpo parece estar em chamas. E, apesar de sentir fome, sede e fraqueza, não paro de andar de um lado para o outro. Tento não pensar no que será que fizeram com Julian. Talvez o resgate dele tenha sido pago e o libertaram, afinal. Mas não gostei do jeito que o albino sorriu e disse *Quem faz as perguntas aqui somos nós.*

Na Selva, Graúna me ensinou a procurar padrões em todos os lugares: no sentido em que o musgo crescia nas árvores, no nível da vegetação rasteira, na cor do solo. Também me ensinou a procurar inconsistências: uma área de vegetação imprevista pode indicar a presença de água. Silêncio repentino costuma indicar a aproximação de um predador maior. Mais animais do que o habitual? Mais comida.

O surgimento dos Saqueadores não segue um padrão, e não gosto disso.

Para me manter ocupada, esvazio e arrumo a mochila. Em seguida a esvazio de novo e coloco tudo no chão, como se a triste coleção de objetos fosse um hieróglifo que poderia de repente revelar um novo significado. Duas embalagens de barras de cereais. Um rímel. Uma garrafa d'água vazia. A *Shhh*. Um guarda-chuva. Fico de pé, ando em círculos e me sento de novo.

Pelas paredes, penso ouvir um grito abafado. Digo para mim mesma que é apenas minha imaginação.

Coloco a *Shhh* no colo e folheio as páginas. Apesar de os salmos e orações ainda me serem familiares, as palavras parecem estranhas, e seus significados são indecifráveis: é como voltar para um lugar aonde você não ia desde a infância e ver que tudo é menor e decepcionante. Isso me lembra uma vez em que Hana desencavou no armário um vestido que ela usava todos os dias no primeiro ano. Estávamos entediadas no quarto dela, de bobeira, e ela e eu morremos de rir, e ela ficou repetindo: *Não acredito que já fui tão pequena.*

Meu peito começa a doer. Parece que isso aconteceu em uma época inacreditavelmente distante: uma época em que eu podia me sentar em um quarto acarpetado, quando podíamos passar o dia de bobeira, sem fazer nada na companhia uma da outra. Eu não percebia que imenso privilégio era aquele: compartilhar o tédio com a minha melhor amiga; ter tempo sobrando para ficar à toa.

Lá pela metade da *Shhh*, uma página está marcada com uma dobra na ponta superior. Paro e vejo que várias palavras em um parágrafo foram sublinhadas enfaticamente. É um trecho do capítulo 22: História Social.

Quando você pensa em como a sociedade pode persistir na ignorância, precisa pensar também em até quando vai persistir na ilusão; a estupidez é travestida de inevitabilidade, e todos os males são transformados em simulacros de valores (escolha vira liberdade, amor vira felicidade), então não há a possibilidade de fugir.

Três palavras foram sublinhadas com ênfase: *Você. Precisa. Fugir.*

Passo alguns capítulos e encontro outra página marcada em que algumas palavras foram circuladas, aparentemente de forma distraída e aleatória. A passagem completa diz:

As ferramentas de uma sociedade saudável são a obediência, o compromisso e a concordância. As responsabilidades estão nas mãos do governo e de seus cidadãos. A responsabilidade está em suas mãos.

Alguém — Prego? Graúna? — circulou várias palavras do parágrafo: *As ferramentas estão nas suas mãos.*

Agora estou olhando cada página com atenção. De alguma forma eles sabiam que isso ia acontecer; sabiam que eu poderia ser — ou que seria — sequestrada. Não me admira que Prego tenha insistido para que eu trouxesse a *Shhh*; ele deixou pistas para mim no livro. Uma sensação pura de alegria cresce dentro de mim. Eles não se esqueceram de mim, não me abandonaram. Até agora, eu não tinha me dado conta do quanto estava apavorada: sem Prego e Graúna, não tenho ninguém. Durante o último ano, eles se tornaram tudo para mim: amigos, pais, irmãos, mentores.

Só há mais uma página marcada. Uma estrela bem grande foi desenhada ao lado do Salmo 37.

Atravesse eu o vento, a tormenta, a tempestade e a chuva;
A calma estará dentro de mim;
Uma pedra quente, pesada e seca;
A raiz, a fonte, uma arma contra a dor.

Leio o salmo várias vezes, e a frustração volta com tudo. Eu tinha a esperança de encontrar algum tipo de mensagem codificada, mas não vejo, de imediato, nenhum significado mais profundo. Talvez Prego só quisesse que eu ficasse calma. Ou talvez a estrela tenha sido desenhada antes e não tenha relação alguma; ou talvez eu tenha entendido tudo errado e as marcações sejam aleatórias, puro acaso.

Mas não. Prego me deu o livro porque sabia que talvez viesse a ser necessário. Ele e Graúna são meticulosos. Não fazem coisas à toa e sem propósito. Quando você vive no fio da navalha, não há simplesmente nenhum espaço para hesitação ou erro.

... o vento, a tormenta, a tempestade e a chuva…

Chuva.

O guarda-chuva de Prego: que ele enfiou nas minhas mãos e insistiu em que eu o trouxesse, em um dia plenamente ensolarado.

Minhas mãos tremem quando coloco o guarda-chuva no colo e começo a examiná-lo com atenção. Quase na mesma hora percebo uma rachadura finíssima — imperceptível se eu não estivesse procurando algo do tipo — ao longo de todo o comprimento do cabo. Enfio a unha ali e tento abrir o cabo, mas não dá certo.

— Merda — digo em voz alta, só para me sentir um pouco melhor. — Merda, merda, merda.

A cada "merda" que digo tento abrir o guarda-chuva, torcendo-o e puxando-o, mas o cabo de madeira permanece perfeitamente intacto, brilhante e lindo.

— Merda!

Algo dentro de mim estala; é a frustração, a espera, o silêncio pesado. Jogo o guarda-chuva na parede, com força, e o impacto é acompanhado de um ruído de rachadura. Quando o guarda-chuva cai no chão, as metades do cabo se abrem perfeitamente, e de dentro cai uma faca. Quando a puxo da bainha de couro, reconheço: é uma das que pertencem a Prego. O cabo é de osso entalhado e a lâmina é extremamente afiada. Uma vez eu o vi estripar um cervo inteiro com essa faca, com precisão, do pescoço ao rabo. Agora a lâmina está tão polida que vejo meu reflexo nela.

De repente vem um barulho no corredor: passos mancos e um som pesado de alguma coisa arrastando, como se estivessem puxando algo para a cela. Fico retesada, a faca na mão, ainda agachada: eu poderia ir correndo para a porta quando a abrissem; poderia atacar os Saqueadores, golpeá-los e golpeá-los, arrancar um olho ou fazer pelo menos um corte, tentar fugir. Mas antes que eu tenha tempo de planejar ou escolher o que fazer, a porta é aberta de supetão e é Julian quem entra cambaleante, semi-inconsciente, tão ferido e ensanguentado que o reconheço apenas pela camisa, e então batem a porta de novo.

— Ah, meu Deus.

Parece que Julian foi atacado por um animal selvagem. Suas roupas estão manchadas de sangue, e por um apavorante segundo sou lançada ao passado, de volta à cerca, e estou vendo o vermelho encharcar a camisa de Alex, e sei que ele vai morrer. Mas então a visão se vai e vejo Julian de novo, de quatro, tossindo e cuspindo sangue no chão.

— O que aconteceu? — Enfio a faca depressa debaixo do colchão e me ajoelho ao lado dele. — O que fizeram com você?

Um som gorgolejante sai do fundo de sua garganta, seguido por mais um acesso de tosse. Julian cai sobre os cotovelos, e meu peito é tomado por um medo terrível. *Ele vai morrer*, penso, e a certeza chega com uma onda de pânico.

Não. Isso é diferente. Isto eu posso resolver.

— Esqueça. Não tente falar — digo.

Ele agora deslizou para o chão, está quase em posição fetal. Sua pálpebra esquerda treme, e não sei o quanto ele ouve ou entende. Coloco sua cabeça em meu colo com delicadeza e o ajudo a deitar de costas, engolindo o grito que surge em minha garganta quando vejo seu rosto: a pele completamente irreconhecível, uma coisa surrada e sangrenta. Seu olho direito está fechado de tão inchado, e o sangue brota veloz de um corte profundo acima da sobrancelha direita.

— Merda — digo.

Já vi ferimentos graves, mas sempre havia medicamentos e instrumentos de primeiros socorros por perto, mesmo que rudimentares. Aqui não tenho nada. E o corpo de Julian está fazendo movimentos estranhos, convulsivos. Estou com medo de ele ter outro ataque.

— Fique comigo — digo, tentando manter a voz baixa e calma, caso ele esteja consciente e me ouvindo. — Vou ter que tirar sua camisa, tudo bem? Tente ficar o mais parado possível. Vou fazer uma compressa. Vai ajudar a conter o sangramento.

Desabotoo a camisa imunda de Julian. Pelo menos o peito dele parece ileso, fora alguns hematomas grandes e feios. Todo o sangue deve estar vindo do rosto. Os Saqueadores fizeram um estrago nele, mas a intenção não foi provocar nenhum ferimento mais sério. Quando puxo seus braços de dentro das mangas, ele geme, mas consigo tirar a camisa. Aperto com firmeza o ferimento em sua testa, desejando ter um pano limpo. Ele geme de novo.

— Shhh — faço. Meu coração está disparado. Ondas de calor irradiam da pele de Julian. — Está tudo bem. Apenas respire, tá? Vai dar tudo certo.

Sobrou um pouquinho de água no fundo da caneca que nos trouxeram ontem. Julian e eu estávamos tentando fazer a água durar ao máximo. Umedeço a camisa de Julian e a passo em seu rosto; mas então me lembro dos lenços antibacterianos que a ASD distribuiu na manifestação. Pela primeira vez sou grata à ASD pela obsessão com limpeza. Ainda tenho o lenço dobrado em

um dos bolsos traseiros da calça; quando abro a embalagem, faço uma careta ao sentir o cheiro adstringente de álcool, e sei que vai doer. Mas, se Julian tiver uma infecção, nunca sairemos daqui.

— Vai arder um pouco — digo, e encosto o lenço na pele de Julian.

Ele imediatamente solta um grito, um rugido. Seus olhos se abrem de súbito, ou ao menos tentam se abrir, e seu corpo dá um solavanco, tentando levantar. Tenho que segurá-lo contra o chão com força para mantê-lo no lugar.

— Dói — murmura ele, mas pelo menos agora está desperto e alerta.

Meu coração dá um pulo no peito. Percebo que eu mal estava respirando.

— Não seja um bebezão — digo, e continuo a limpar seu rosto enquanto ele contrai o corpo todo e trinca os dentes.

Depois que limpo a maior parte do sangue, tenho uma noção melhor do estrago que eles fizeram. O corte no lábio abriu de novo, e ele deve ter sido surrado várias vezes no rosto: provavelmente foram socos, ou usaram algum objeto não cortante. O talho na testa é o mais preocupante. Ainda está sangrando. Mas, de um modo geral, a situação poderia ser bem pior. Ele vai sobreviver.

— Aqui — digo e levanto a caneca de alumínio até sua boca, apoiando-lhe a cabeça em meus joelhos. Resta apenas um dedo de água. — Beba isto.

Quando termina, ele fecha os olhos de novo. Mas sua respiração está regular agora, e os tremores pararam. Pego a camisa e rasgo uma tira comprida de tecido, tentando afastar as lembranças que ressurgem com insistência: aprendi isso com Alex. Uma vez, em uma outra vida, ele me salvou quando eu estava ferida. Fez um curativo em minha perna. Ele me ajudou a fugir dos reguladores.

Guardo a lembrança com cuidado dentro de mim. Enterro-a bem no fundo.

— Levante um pouco a cabeça — peço, e Julian obedece, desta vez em silêncio, para que eu possa envolver sua testa no pedaço de pano. Prendo acima das sobrancelhas e amarro com força perto do corte, para formar uma espécie de torniquete. Depois pouso mais uma vez sua cabeça em minhas coxas. — Você consegue falar? — pergunto, e ele assente. — Pode me contar o que aconteceu?

O canto direito de seu lábio está tão inchado que a voz sai distorcida, como se ele falasse com a boca em um travesseiro.

— Queriam saber coisas — diz ele e inspira fundo e tenta de novo. — Fizeram perguntas.

— Que tipo de perguntas?

— O apartamento de minha família. Na rua Charles. Códigos de segurança. Guardas; quantos e quando.

Não falo nada. Não sei se Julian percebe o que isso quer dizer e o quanto é ruim. Os Saqueadores ficaram desesperados. Vão tentar atacar a casa dele agora, usá-lo para encontrar um modo de entrar. Talvez planejem matar Thomas Fineman; ou talvez estejam só procurando os bens de sempre: joias, aparelhos eletrônicos que possam ser trocados no mercado negro, dinheiro e, é claro, armas. Estão sempre acumulando armas.

Isso só pode ter um significado: o plano de pedir resgate por Julian falhou. O Sr. Fineman não cedeu.

— Não contei nada — diz Julian com dificuldade. — Disseram… que mais alguns dias… mais sessões… eu falaria.

Não resta mais dúvida. Precisamos sair daqui assim que possível. Quando Julian decidir falar, coisa que ele vai acabar fazendo, nem ele nem eu teremos qualquer serventia para os Saqueadores. E eles não são famosos por ter uma política de sequestros que termine bem.

— Tudo bem, escute. — Tento falar baixo, e torço para ele não detectar a urgência em minha voz. — Vamos sair daqui, tudo bem?

Ele balança a cabeça em negativa, um pequeno gesto de descrença.

— Como? — pergunta ele, com voz débil, um grasnar.

— Eu tenho um plano.

Não é verdade, mas eu *vou* ter um plano. Tenho que bolar um. Graúna e Prego estão contando comigo. Pensar nas pistas que eles deixaram para mim e na faca me enche mais uma vez de conforto. Não estou sozinha.

— Armados. — Julian engole em seco, depois tenta de novo: — Eles estão armados.

— Também estamos armados.

Meu cérebro se adianta agora, está no corredor: passos se aproximam, depois voltam a se distanciar, uma pessoa de cada vez. Só um guarda no horário das refeições. Isso é bom. Se conseguirmos, de algum modo, fazê-lo abrir a porta… Estou tão concentrada em planejar o que fazer que nem presto atenção às palavras que saem da minha boca:

— Olha, já estive em situações ruins antes. Você precisa confiar em mim. Uma vez em Massachusetts…

— Quando… — interrompe-me Julian — você… Massachusetts?

É então que percebo que fiz uma grande besteira. Lena Morgan Jones nunca foi a Massachusetts, e Julian sabe disso. Por um momento penso em contar outra mentira, e nesta pausa Julian se ergue com dificuldade, apoiando-se nos cotovelos, vira-se e me encara, fazendo caretas o tempo todo.

— Cuidado — digo. — Vá com calma.

— Quando você esteve em Massachusetts? — repete ele de forma dolorosamente lenta, de maneira que cada palavra é pronunciada com muita clareza.

Talvez seja a aparência de Julian, com uma tira da camisa manchada de sangue amarrada na testa e os olhos praticamente fechados de tão inchados: como um animal ferido. Ou talvez seja porque me dou conta, agora, de que os Saqueadores vão nos matar; se não amanhã, então depois de amanhã, ou no dia seguinte.

Ou talvez eu esteja apenas com fome, exausta e cansada de fingir.

Em um rompante, decido contar a verdade a ele.

— Então — digo —, eu não sou quem você pensa.

Julian fica imóvel. E me lembra mais uma vez um animal: uma vez encontramos um filhote de guaxinim se debatendo em uma poça de lama que tinha se acumulado no chão por causa da neve derretida. Lupi se enfiou na lama para ajudar o bichinho e, quando ele se aproximou, o guaxinim ficou estático assim, deste mesmo jeito: uma imobilidade tensa, mais alerta e cheio de energia do que qualquer tipo de movimento de defesa.

— Tudo aquilo que eu lhe contei, que cresci no Queens e tudo mais, nada é verdade.

Já estive do outro lado, na posição de Julian. Fiquei parada no meio da correnteza enquanto Alex me dizia a mesma coisa: *Não sou quem você pensa.* Ainda me lembro de como foi difícil nadar de volta até a margem; o esforço mais longo e exaustivo de minha vida.

— Você não precisa saber quem eu sou, entendeu? Não precisa saber de onde venho. Mas Lena Morgan Jones é uma história inventada. Até isso — levo a mão ao pescoço e passo os dedos pela cicatriz de três pontas — é falso.

Julian continua calado, mas se afastou um pouco mais e apoiou-se na parede para se sentar. Ele mantém os joelhos dobrados, e mãos e pés colados no chão, mas, se pudesse, sairia correndo.

— Sei que você não tem muitos motivos para confiar em mim agora — continuo. — Mas estou pedindo que confie, mesmo assim. Se ficarmos aqui,

vão nos matar. Posso tirar a gente daqui. Mas vou precisar de sua ajuda.

Há uma pergunta implícita em minhas palavras, e eu paro, esperando pela resposta de Julian.

O silêncio dura um bom tempo. Por fim, ele geme:

— Você.

O veneno na voz dele me surpreende.

— O quê?

— Você — repete ele. — Você fez isso. Comigo.

Meu coração começa a bater com força, de maneira dolorosa. Por um segundo penso que ele está tendo algum tipo de convulsão, uma alucinação ou fantasia — quase torço por isso.

— Do que você está falando?

— Seu povo — diz ele, e então sinto um gosto ruim na boca e sei que ele está perfeitamente lúcido. Sei exatamente o que ele quer dizer e o que está pensando. — Seu povo fez isso.

— Não — digo, e depois repito, com um pouco mais de ênfase: — Não. Não tivemos nada a ver com…

— Você é uma Inválida. É o que está me dizendo, não é? Você está infectada. — Os dedos de Julian tremem um pouco no chão, fazendo um barulho que é como o gotejar da chuva. Percebo que ele está furioso, e provavelmente com medo. — Você está doente. — Ele quase cospe a palavra.

— Aqueles lá não são meu povo — digo, e agora preciso impedir que a raiva saia de mim e me arraste junto: é uma força negra, uma corrente puxando minha sanidade mental. — Essas pessoas não são… — Quase digo *não são humanas*. — Eles não são Inválidos.

— Mentirosa — rosna Julian.

Aí está. Exatamente como o guaxinim quando Lupi foi tirá-lo da lama e o filhote pulou nele e o mordeu, os dentes cravados na carne macia da mão direita dele.

O gosto ruim em minha garganta vem do estômago. Fico de pé, torcendo para Julian não reparar que também estou tremendo.

— Você não sabe o que diz. Não sabe nada sobre nós, e não sabe nada sobre mim.

— Então me conte — retruca Julian, ainda com aquele tom de raiva e frieza vibrando. Cada palavra parece bruta e cortante. — Quando você pegou?

Dou uma risada, apesar de não haver nada de engraçado. O mundo está de cabeça para baixo e tudo está uma droga e minha vida foi rachada ao meio e há duas Lenas correndo em paralelo, a antiga e a nova, e elas nunca, jamais voltarão a ser a mesma. E sei que Julian não vai me ajudar agora. Fui idiota em pensar que sim. Ele é um zumbi, como Graúna sempre disse. E zumbis fazem o que foram ensinados a fazer: seguem em frente, cegamente obedientes, até apodrecerem de vez.

Bem, pois eu não sou assim. Pego a faca debaixo do colchão, sento-me na cama e começo a passar a lâmina depressa pela perna de metal, afiando-a, sentindo prazer pelo modo como ela reflete a luz.

— Não importa — digo para Julian. — Nada disso importa.

— Como foi? — insiste ele. — Com quem?

O espaço negro dentro de mim treme um pouco e se alarga mais alguns centímetros.

— Vá para o inferno — digo para Julian, mas agora com calma, e mantenho os olhos na faca, que reluz e reluz e reluz, como um sinal apontando a saída da escuridão.

antes

Ficamos quatro dias no primeiro assentamento. Na véspera de nossa nova partida, Graúna me chama à noite para dizer:

— Está na hora.

Ainda estou com raiva pelo que ela me disse nas armadilhas, apesar de a raiva ter sido substituída por um ressentimento embotado e latejante. Este tempo todo ela sabia de tudo. Sinto como se ela tivesse enfiado a mão dentro de mim, bem lá no fundo, e quebrado alguma coisa ali.

— Hora de quê? — pergunto.

Atrás de mim, a fogueira queima baixinho. Azul e Sarah e alguns dos outros adormeceram ao ar livre, um emaranhado de cobertores e cabelos e pernas. Eles agora se acostumaram a dormir assim sempre, como uma colcha de retalhos humana: é bom para esquentar. Fê e Vovô conversam em voz baixa. Vovô está mascando parte do que restou de seu tabaco, passando-o de um lado para o outro da boca, e cospe ocasionalmente no fogo, provocando uma explosão de chamas verdes. As demais pessoas devem ter ido para as barracas.

Graúna me dirige o mais sutil dos sorrisos.

— Hora de sua cura.

Meu coração pula. A noite está fria de doer, chega a machucar meus pulmões quando respiro fundo. Graúna me leva para longe do acampamento, trinta metros ao longo do rio, até uma vasta área plana junto à margem. É aqui que quebramos a grossa camada de gelo para pegar água todas as manhãs.

Lupi já está aqui. Ele acendeu outra fogueira, alta e quente. Mesmo a uns dois metros meus olhos já começam a arder com as cinzas e a fumaça. A madeira está arrumada como uma oca, e, no alto, chamas azuis e brancas se esticam em direção ao céu. A fumaça é uma borracha, borrando as estrelas acima de nós.

— Pronto? — pergunta Graúna.

— Quase — responde Lupi. — Cinco minutos.

Lupi está agachado ao lado de um balde de madeira empenado, que está aninhado em pedaços de madeira ao lado da fogueira. Ele o encharcou de água para que não pegue fogo. A proximidade com a chama vai acabar fazendo a água no balde ferver. Vejo-o pegar um instrumento pequeno e fino de uma bolsa a seus pés. Parece uma chave de fenda, com cabo fino e cilíndrico e a ponta afiada e reluzente. Ele mergulha o instrumento no balde com o cabo para baixo, e então fica de pé, observando o plástico girar lentamente na água fumegante.

Fico enjoada. Olho para Graúna, mas ela olha fixamente o fogo, seu rosto indecifrável.

— Aqui. — Lupi se afasta do fogo e coloca uma garrafa de uísque em minhas mãos. — É melhor você beber um pouco disto.

Odeio uísque, mas abro a garrafa assim mesmo, fecho os olhos e tomo um gole grande. O álcool desce queimando minha garganta, e me seguro para não vomitar. Cinco segundos depois, porém, um calor irradia de meu estômago, entorpece a garganta e a boca e cobre minha língua, o que torna mais fácil tomar o segundo gole, e o terceiro.

Quando Lupi diz "Pronto", já bebi um quarto da garrafa, e através da fumaça vejo as estrelas acima de mim girarem devagar, todas brilhando como pontas de metal. Parece que minha cabeça está separada do corpo. Eu me sento pesadamente.

— Calma — diz Lupi. Seus dentes brancos brilham no escuro. — Como está se sentindo, Lena?

— Bem — digo. A palavra sai com mais dificuldade que o habitual.

— Ela está pronta — diz ele. — Graúna, por favor, pegue o cobertor.

Graúna se move atrás de mim, e Lupi me diz para eu me deitar. Obedeço feliz, pois alivia a sensação inebriante da cabeça girando.

— Você segura o braço esquerdo — diz Graúna, ajoelhando-se a meu lado. Os brincos dela, uma pena e um pingente de prata, os dois enfiados no mesmo buraco de uma orelha, balançam juntos como um pêndulo. — Eu fico com o direito.

As mãos deles me seguram com firmeza de ambos os lados. Neste momento começo a sentir medo.

— Ei. — Tento me sentar, com dificuldade. — Vocês estão me machucando.

— É importante que você fique totalmente parada — diz Graúna. E faz uma pausa. — Vai doer um pouco, Lena. Mas vai ser rápido, certo? Confie na gente.

O medo está acendendo uma segunda fogueira em meu peito. Lupi segura a ferramenta de metal, agora recém-esterilizada, e a lâmina parece capturar toda a luz do fogo atrás dele; ela brilha, quente, branca e terrível. Estou assustada demais para tentar resistir e sei que não vai adiantar de nada. Graúna e Lupi são muito fortes.

— Morda isso — diz Lupi, e de repente uma tira de couro é colocada em minha boca. Tem o cheiro do tabaco de Vovô.

— Esperem… — tento dizer, mas não consigo fazer a palavra passar pelo couro.

Lupi coloca uma das mãos em minha testa, apontando meu queixo para o céu com força, e se inclina sobre mim com a lâmina na mão. Sinto a ponta de metal atrás da orelha esquerda, e quero gritar, mas não consigo, e quero correr, mas também não posso.

— Bem-vinda à resistência, Lena — sussurra ele para mim. — Vou tentar ser rápido.

O primeiro corte é profundo. A sensação de queimação me preenche. E então encontro minha voz e grito.

agora

— Lena.

Meu nome me arranca do sono. Eu me sento, meu coração saltando no peito.

Julian empurrou seu catre para perto da porta e o encostou à parede, o mais longe possível de mim. Meu lábio superior está coberto de gotículas de suor. Há dias não tomo banho, e o quarto está tomado por um cheiro abafado, de animal.

— Esse é o seu verdadeiro nome, pelo menos? — pergunta Julian depois de uma pausa. A voz dele ainda está fria, apesar de ter perdido um pouco da agressividade.

— É o meu nome.

Fecho bem os olhos, com força, até pontinhos de cor surgirem por trás das pálpebras. Eu estava tendo um pesadelo. Estava na Selva. Graúna e Alex estavam lá, e havia um animal também, alguma coisa enorme que tínhamos matado.

— Você estava chamando por Alex — diz Julian, e sinto um breve espasmo de dor na barriga. Mais silêncio. E então: — Foi ele, não foi? Foi ele quem contaminou você.

— Que importância tem isso? — digo e me deito de novo.

— O que aconteceu com ele? — pergunta Julian.

— Ele morreu — respondo, lacônica, porque é o que Julian quer ouvir.

Imagino uma torre alta, com paredes lisas, que vai até o céu. Uma escada foi construída na própria lateral da torre, subindo sinuosamente até se perder de vista. Dou o primeiro passo em direção ao frescor e à sombra.

— Como? — pergunta Julian. — Por causa do *deliria*?

Sei que ele vai se sentir bem se eu confirmar que foi. *Viu?*, ele vai pensar. *Estávamos certos. Sempre estivemos certos, o tempo todo. Deixe que as pessoas morram, para podermos ter razão.*

— Você — digo. — A sua gente.

Julian respira fundo. Quando fala de novo, sua voz está mais suave:

— Você disse que nunca tinha pesadelos.

Eu me fecho por dentro. Do alto da torre, as pessoas lá no chão não passam de formigas, manchinhas, sinais de pontuação: fáceis de esmagar.

— Sou uma Inválida — digo. — E Inválidos mentem.



Pela manhã meu plano ganhou forma, tornou-se mais claro. Julian está sentado no canto, observando-me do jeito que ele fazia no início, logo que fomos sequestrados. O trapo de pano continua amarrado em sua cabeça, mas ele parece alerta agora, e o inchaço no rosto diminuiu.

Faço força para desmontar o guarda-chuva e arranco o náilon dos braços articulados de metal. Em seguida estico o tecido e o corto em quatro tiras compridas. Amarro uma à outra, fazendo uma corda improvisada, e testo sua resistência. Razoável. Não vai aguentar uma eternidade, mas não preciso de mais do que alguns minutos.

— O que você está fazendo? — pergunta Julian, e percebo que ele está se esforçando muito para não parecer curioso demais.

Não respondo. Não me interessa mais o que ele faz, nem se vai embora comigo ou se pretende ficar aqui e apodrecer para sempre, desde que fique fora de meu caminho.

Uso a ponta da faca para girar e forçar um pouco as dobradiças da portinhola e não demoro muito para retirá-las: estão todas enferrujadas e frouxas mesmo.

Depois que tiro as dobradiças, empurro para fora a portinhola, que cai fazendo barulho no corredor. Isso vai atrair alguém, e logo. Meu coração se acelera. Hora do show, como Prego costumava dizer antes de sair para uma caçada. Coloco a *Shhh* no colo e arranco uma página.

— Você nunca vai conseguir passar por esse buraco — diz Julian. — É muito pequeno.

— Fique quieto — digo. — Pode fazer isso por mim? Não fale, só isso.

Abro o tubo de rímel que estava na mochila e, silenciosamente, agradeço a Graúna: agora que ela está aqui do outro lado, na Zumbilândia, ela parece

nunca se cansar dos pequenos objetos e confortos deste mundo, com as lojas iluminadas cheias de prateleiras e mais prateleiras de produtos a venda.

Percebo que Julian me observa. Rabisco um bilhete no lado em branco da folha.

> *A garota é violenta. Tenho medo de que me mate. Vou falar se me deixarem sair AGORA.*

Enfio o bilhete pelo buraco da portinhola, para cair no corredor. Em seguida arrumo a mochila com a *Shhh*, a garrafa d'água vazia e os pedaços do guarda-chuva desmontado. Seguro a faca com firmeza, vou para perto da porta e espero, tentando controlar minha respiração. De tempos em tempos troco a faca de mão para limpar o suor na calça. Alistar e Lupi uma vez me levaram para caçar cervos com eles, só para ver como era, e esta foi a parte que mais detestei: a imobilidade, a espera.

Felizmente não aguardo muito. Alguém deve ter ouvido a portinhola cair. Em pouco tempo escuto uma porta se fechar — mais informação; é bom obter informação. Isso significa que há outra porta em algum lugar, outro aposento subterrâneo. Passos vêm em minha direção. Espero que seja a garota, a que tem uma aliança de casamento presa no nariz.

Espero, acima de tudo, que não seja o albino.

Mas os passos de botas são pesados, e, quando param bem em frente à porta, é um homem que murmura:

— Que diabos…?

Meu corpo todo parece ter adquirido estática, retorcido e tensionado como fio elétrico. Só vou ter uma chance.

Agora que removi a portinhola, vejo bem os coturnos manchados de lama e uma calça verde e larga, do tipo que os técnicos de laboratório e varredores de rua usam. O homem resmunga e chuta a portinhola alguns centímetros, como se cutuca um rato para ver se está vivo. Em seguida se ajoelha e pega o bilhete.

Aperto a faca com mais força. Agora meu coração mal parece bater. Não estou respirando, e o intervalo entre um batimento e outro é uma eternidade.

Abra a porta. Não chame reforço. Abra a porta agora. Vamos lá, vamos lá.

Finalmente ouço um suspiro profundo e o tilintar de chaves; um clique também, e o imagino destravando a arma.

Tudo está aguçado e muito lento, parece afunilado por um microscópio. Ele vai abrir a porta.

A chave gira na fechadura, e Julian fica de pé de repente, alarmado, e solta um grito curto. O guarda hesita por um segundo. Em seguida a porta abre em minha direção: em direção a onde estou, encostada na parede, invisível.

De repente a gangorra virou: os segundos se colidem, passam tão rápido que mal consigo acompanhar. Tudo está indistinto e embaralhado. As coisas acontecem em apenas um momento: a porta se abre por completo, a poucos centímetros de meu rosto, e ele entra na cela, dizendo "Tudo bem, sou todo ouvidos", e enquanto ele fala eu empurro a porta com as mãos, ela bate nele, e ouço um pequeno estalo, uma exclamação curta, um palavrão e um gemido. Julian está dizendo:

— Puta merda, puta merda.

Saio de trás da porta de um salto — sou toda instintos agora, chega de pensar — e vou de encontro às costas do Saqueador. Ele está cambaleando, com a mão no ponto da cabeça em que a porta deve ter batido, e, ao cair sobre ele, eu o desequilibro e o derrubo no chão. Enfio um joelho em suas costas e aperto a faca em sua garganta.

— Não se mexa. — Estou tremendo. Espero que ele não perceba. — Não grite. Nem pense em gritar. Fique onde está, calminho, e não vai se machucar.

Julian me observa de olhos arregalados e em silêncio. O Saqueador obedece. Fica parado. Com o joelho nas costas dele e a ponta da faca na garganta, mordo a ponta da corda de náilon e torço a mão esquerda do Saqueador para puxá-la até as costas, e depois a direita, prendendo as duas com meu joelho.

Julian se afasta da parede de repente e vem até mim.

— O que você está fazendo?

Minha voz é um rosnado, passando pelo náilon e por entre os dentes trincados. Não posso enfrentar Julian e o Saqueador ao mesmo tempo. Se ele interferir, já era.

— Lena, me dê a corda — diz ele com calma. Por um segundo não me mexo, e ele acrescenta: — Vou ajudá-la.

Passo-lhe a corda sem dizer nada, e ele se ajoelha atrás de mim. Enquanto mantenho o Saqueador no chão, Julian amarra as mãos e os pés dele.

Aperto o joelho nas costas do Saqueador com mais força, para imobilizá-lo. Visualizo então os espaços entre as costelas, a pele macia e as camadas de

gordura e carne. E, por baixo de tudo, o coração batendo, bombeando vida. Bastaria um golpe rápido…

— Agora me dê a faca — diz Julian.

Seguro o cabo com ainda mais firmeza.

— Para quê?

— Me dê logo isso — diz ele.

Hesito, mas passo a faca para Julian, que corta o excesso da corda — ele é desajeitado, por isso acaba demorando um tempinho —, depois me devolve a faca e a corda.

— Você devia amordaçá-lo — sugere Julian, como quem constata um fato. — Para ele não poder pedir ajuda.

Ele está incrivelmente calmo. Levanto a cabeça do Saqueador e, com dificuldade, coloco a mordaça improvisada em sua boca. Ele chuta e se debate como um peixe fora d'água, mas amarro o pano atrás de sua cabeça. Os nós são desajeitados, ele vai conseguir soltar as mãos em dez, quinze minutos, mas esse tempo deve ser suficiente.

Fico de pé depressa e coloco a mochila nos ombros. A porta da cela permanece escancarada. Esse simples fato, a porta aberta, me enche de uma sensação de alegria tão completa que eu poderia gritar. Imagino Graúna e Prego me observando com aprovação.

Não vou decepcioná-los.

Olho para trás. Julian se levantou.

— Você vem ou não? — pergunto.

Ele assente. Sua aparência ainda é péssima, os olhos mal se abrem, mas os lábios estão comprimidos.

— Vamos, então.

Enfio a faca, já dentro da bainha, no cós da calça. Não posso temer que Julian me atrapalhe. E ele talvez até ajude. Pelo menos é mais um alvo; se me perseguirem ou pularem em cima de mim, ele poderá distraí-los.

Fechamos a porta da cela com cuidado ao sairmos, o que silencia os gritos abafados do Saqueador, o som dos sapatos dele se debatendo no chão. O corredor ali fora é comprido, estreito e bem iluminado. Há quatro portas, todas fechadas e de metal, ao longo da parede esquerda, e no fim do corredor tem outra porta de aço. Isso me confunde um pouco. Eu acreditava que nossa cela era anexa a um dos túneis antigos do metrô e que sairíamos na escuridão

úmida. Mas obviamente estamos em um espaço bem mais elaborado, um complexo subterrâneo.

As vozes que ouvimos antes vêm de detrás de uma das portas fechadas à esquerda. Acho que reconheço a fala arrastada e baixa do albino. Escuto apenas algumas palavras da conversa: "… esperando… ideia ruim desde o começo." Uma resposta entrecortada vem em seguida: outra voz de homem. Pelo menos sei onde o albino está agora, apesar de isso deixar em aberto a localização da garota dos piercings. Isso significa que pelo menos quatro Saqueadores estavam envolvidos em nosso sequestro. Eles estão se organizando: péssimo, péssimo sinal.

Conforme avançamos, as vozes ficam mais altas e mais claras. Os Saqueadores estão discutindo.

— Manter o acordo original…

— Não devo… para ninguém…

Meu coração se aloja na garganta, dificultando a respiração. Quando estou prestes a passar pela porta, ouço um estrondo dentro do aposento. Fico paralisada, pois penso de imediato em arma de fogo. A maçaneta da porta começa a girar. Minhas entranhas viram líquido, e penso: *Acabou, neste exato momento.*

Então a voz que não reconheço diz alto:

— Ora, não fique chateado. Vamos conversar.

— Estou cansado de conversar.

É o albino. Portanto, o que quer que tenha acontecido lá dentro, não foi um tiro.

Julian está paralisado a meu lado. Instintivamente grudamos na parede; não que isso vá ajudar se os homens saírem de repente para o corredor. Nossos braços estão se tocando de leve, e sinto a suave camada de pelos louros em seus antebraços. Parecem conduzir uma corrente, pequenos impulsos elétricos. Afasto-me ligeiramente dele.

A maçaneta é sacudida uma última vez, e o albino diz:

— Tudo bem, estou ouvindo.

Os passos dele então se afastam, voltando para o interior do aposento, e os espasmos em meu peito diminuem. Faço um sinal para Julian. *Vamos.* Ele assente. Seus punhos estavam cerrados. Os nós de seus dedos são minúsculas meias-luas brancas.

Todas as outras portas do corredor estão fechadas, e não ouvimos mais vozes nem vemos sinais de outros Saqueadores. O que será que tem naqueles cômodos? Penso que talvez haja prisioneiros em todos eles, deitados em catres, esperando o pagamento do resgate ou a morte. A ideia me dá náuseas, mas não posso pensar nisso por muito tempo. Esta é mais uma regra da Selva: você precisa cuidar de si mesmo primeiro.

O outro lado da liberdade é este: quando você está completamente livre, também está completamente sozinho.

Chegamos à porta ao final do corredor. Agarro a maçaneta e a giro. Nada. É quando vejo o pequeno teclado numérico bem acima, do tipo que tinha no portão da casa de Hana.

É necessário um código para abrir a porta.

Julian deve perceber isso na mesma hora que eu, porque murmura:

— Droga. Droga.

— Tudo bem, vamos pensar — sussurro em resposta, tentando parecer calma.

Mas minha mente virou neve: a mesma ideia caindo como nevasca, congelando meu sangue. Estou ferrada. Vou ficar presa aqui e, quando for encontrada, terei que pagar pelo guarda machucado que deixei amarrado lá atrás. Além disso, não serão mais tão descuidados. Nada mais de portinholas para mim.

— O que vamos fazer? — pergunta Julian.

— "Vamos"? — Lanço-lhe um olhar severo, por cima do ombro. Sua cabeça tem uma coroa de sangue coagulado, e afasto o olhar para não começar a sentir pena. — Agora estamos nisto juntos?

— Temos que estar — diz ele. — Precisamos ajudar um ao outro se quisermos fugir.

Julian coloca as mãos em meus ombros e me tira do caminho, firme porém gentil. Fico surpresa por ele me tocar. Ele deve estar falando a sério quanto a deixar nossas diferenças de lado por enquanto. E, se ele pode fazer isso, também posso.

— Você não vai conseguir arrombar — digo. — Precisamos da senha.

Julian passa os dedos pelo teclado. Em seguida dá um passo para trás e observa o alto da porta, os olhos estreitados, e passa as mãos pelo umbral, como se estivesse testando se é firme.

— Tem um teclado assim no portão lá de casa — diz ele, ainda passando a mão pelo batente, seguindo as linhas das rachaduras no gesso. — Eu nunca me lembro da senha. Papai já a mudou muitas vezes: há muitos funcionários entrando e saindo. Então tivemos que desenvolver um sistema, uma série de pistas. Um código dentro do código, pequenos sinais inseridos no portão e ao redor, para que eu sempre saiba a senha nova.

De repente me dá um estalo: entendo o porquê de ele estar contando isso, e o caminho para a saída.

— O relógio — digo, e aponto para o relógio acima da porta. Está parado. O ponteiro pequeno está quase no nove, e o ponteiro grande está parado no três. — Nove e três. — Mesmo ao dizer isso, porém, já tenho minhas dúvidas. — Mas são só dois números. Geralmente as senhas têm quatro, não?

Julian digita 9393 e depois tenta abrir a porta. Nada. 3939 também não funciona. Nem 3399 ou 9933, e o tempo está passando.

— Droga.

Ele dá um soco no teclado, de frustração.

— Tudo bem, tudo bem. — Respiro fundo. Nunca fui boa com códigos e charadas; matemática sempre foi uma das minhas piores matérias. — Vamos pensar.

Neste segundo, as vozes no final do corredor ressurgem. Uma porta se abre alguns centímetros.

— Ainda não estou convencido — está dizendo o albino. — Por mim, se eles não pagarem, nada feito…

Minha garganta se aperta com o terror repentino. O albino está saindo para o corredor. Vai nos ver a qualquer segundo.

— Droga — murmura Julian de novo, expirando de leve.

Ele está se balançando um pouco, para a frente e para trás, como se estivesse com frio, mas sei que deve estar com tanto medo quanto eu. Até que, de repente, ele fica imóvel.

— Nove e quinze — diz ele enquanto a porta se abre mais alguns centímetros e as vozes se espalham pelo corredor.

— O quê?

Seguro a faca com força, girando a cabeça de um lado para o outro rapidamente, olhando para Julian e para a porta: abrindo, abrindo.

— Não são nove e três. São nove e quinze. Zero-nove-um-cinco.

Ele já se inclinou sobre o teclado de novo e aperta os números com força. Ouvem-se um zumbido baixo e um clique. Julian usa o peso do corpo para empurrar a porta, que se abre na mesma hora em que as vozes ficam mais claras e carregadas de agressividade, e passamos para o cômodo seguinte justo quando a porta atrás de nós se abre e os Saqueadores dão o primeiro passo para o corredor.

Estamos em outro aposento, este maior, mais iluminado e com pé-direito mais alto. As prateleiras ocupam toda a extensão das paredes e estão abarrotadas, tanto que em alguns pontos a madeira começou a vergar sob o peso de tantas coisas: pacotes de comida e jarras grandes de água e cobertores; também facas, talheres e ninhos de joias emaranhadas; sapatos de couro e casacos; armas e cassetetes da polícia e latas de spray de pimenta. Além de objetos sem propósito algum: pedaços de rádio espalhados no chão, um armário velho de madeira, bancos com assento de couro e um baú cheio de brinquedos de plástico quebrados. Do outro lado da sala tem mais uma porta de concreto, pintada de vermelho-cereja.

— Venha.

Julian me segura pelo cotovelo, rudemente, e me puxa em direção à segunda porta.

— Não. — Eu me solto dele. Não sabemos onde estamos; não fazemos ideia de quanto tempo vai demorar até escaparmos. — Tem comida aqui. Armas. Precisamos nos preparar.

Julian abre a boca para responder, mas então ouvimos a cadência de gritos no corredor e de pés batendo no chão. O guarda deve ter dado o alarme de algum modo.

— Precisamos nos esconder.

Ele me puxa em direção ao armário. Lá dentro cheira a fezes de rato e a mofo.

Fecho as portas do armário ao entrar. O espaço é tão pequeno que Julian e eu temos que praticamente nos sentar no outro. Escorrego a mochila para meu colo. Minhas costas estão pressionadas contra o peito dele, que sinto subir e descer. Apesar de tudo, sinto-me feliz por ele estar comigo. Não sei se sozinha teria chegado tão longe.

O teclado faz outro zumbido; a porta do estoque é aberta com violência e bate na parede. Encolho-me involuntariamente, e a mão de Julian encontra meus ombros. Ele me aperta uma vez, um gesto rápido de tranquilização.

— Mas que droga! — É o albino; a mesma voz rouca, a raiva permeando as palavras como um fio desencapado. — Como diabos isso aconteceu? Como eles…?

— Eles não podem ter ido muito longe. Não têm a senha.

— Bem, então onde é que eles estão, droga? Dois malditos adolescentes, mas que porcaria.

— Podem estar escondidos em um dos quartos — diz o outro, o que não é o albino.

Outra voz — esta é feminina, provavelmente a garota dos piercings — entra na conversa:

— Briggs foi verificar. A garota pulou em cima do Matt e o amarrou. Ela está com uma faca.

— Droga.

— Eles estão nos túneis a esta altura — diz a garota. — Só pode. Matt deve ter dado a senha.

— Ele disse que deu?

— Bem, ele não diria, não é mesmo?

— Tudo bem. Prestem atenção. — É o albino de novo; obviamente, é ele quem está no comando. — Ring, você procura nos quartos de contenção com Briggs. Vamos verificar os túneis. Nick, vá no sentido leste; eu vou para oeste, com Don. Diga para Kurt e Forest irem para o norte, e vou encontrar alguém para cobrir o lado sul.

Estou tabulando nomes, números: então quer dizer que estamos lidando com pelo menos sete Saqueadores. Mais do que eu esperava.

— Eu quero esses merdinhas de volta aqui em uma hora — diz o albino. — Não vou perder o pagamento por causa disso, entenderam? Não por causa de uma burrada logo agora, não mesmo.

Pagamento. Uma ideia se infiltra pelas beiradas de meu consciente; mas, quando tento me fixar nela, a ideia se desfaz em névoa. Se não é um resgate, que tipo de pagamento os Saqueadores podem estar esperando? Talvez estejam supondo que Julian vai ceder, que vai dar as informações de segurança necessárias para entrarem na casa dele. Mas isso é um procedimento elaborado demais — e perigoso demais — para uma invasão banal como esta, nem é como os Saqueadores costumam agir. Eles não planejam. Eles queimam, apavoram e roubam.

E ainda não vejo onde me encaixo nesta história.

Escuto uma movimentação, de armas sendo carregadas e tiras e cintos sendo presos. É nesta hora que o medo volta com tudo: do outro lado de uma porta de madeira de poucos centímetros de espessura há três Saqueadores com um arsenal digno de um exército. Por um segundo, penso que vou desmaiar. Está tão quente e abafado… Minha blusa está encharcada de suor. Nunca vamos sair vivos daqui. Não tem como. É impossível.

Fecho os olhos, penso em Alex e me lembro de estar me apertando contra ele na moto e de ter a mesma certeza.

— A gente se encontra aqui de novo em uma hora — diz o albino. — Agora vão pegar aqueles babaquinhas e tragam os dois para mim.

Passos seguem para o canto oposto. Portanto, a porta vermelha deve levar aos túneis. A porta se abre e fecha. Em seguida faz-se silêncio.

Julian e eu ficamos imóveis. Em determinado momento faço menção de sair dali, mas ele me segura.

— Espere — sussurra ele. — Só para termos certeza.

Agora que não há vozes nem distrações, estou desconfortavelmente ciente do calor de sua pele e das cócegas provocadas pela sua respiração em minha nuca.

Por fim, não suporto mais:

— Está tranquilo. Vamos.

Saímos do armário com cautela, para o caso de ainda haver algum Saqueador nos procurando na sala.

— E agora? — pergunta Julian, em voz baixa. — Estão nos procurando nos túneis.

— Precisamos arriscar — digo. — É a única forma de sairmos daqui.

Julian olha para o outro lado, hesitando.

— Vamos pegar umas coisas — digo.

Julian vai até uma das prateleiras e começa a mexer em uma pilha de roupas. Ele joga uma camiseta para mim.

— Tome — diz ele. — Acho que cabe.

Encontro também uma calça jeans limpa, um top esportivo e meias brancas, e me troco rapidamente atrás do guarda-roupa. Apesar de eu ainda estar suja e suada, a sensação de colocar roupas limpas é maravilhosa. Julian também encontra para si uma camiseta e um jeans. A calça fica um pouco grande, então ele amarra um fio elétrico na cintura, para servir de cinto. Enchemos minha mochila com barras de cereal, água, duas lanternas, alguns sacos de frutas secas

e carne-seca. Encontro uma prateleira cheia de medicamentos e pego pomada, ataduras e lenços antibacterianos. Julian me observa sem falar uma palavra. Quando nossos olhos se encontram, não consigo saber o que ele está pensando.

Embaixo dos produtos médicos há uma prateleira quase vazia, exceto por uma caixa de madeira. Curiosa, eu me agacho e abro a tampa. Minha respiração fica presa na garganta.

Identidades. A caixa está cheia de identidades, centenas e centenas delas, amarradas com elásticos. Há uma pilha de crachás da ASD também, brilhando sob as luzes.

— Julian — digo —, veja isto.

Ele se coloca a meu lado e fica olhando, sem dizer nada, enquanto mexo nos cartões plastificados, uma confusão de rostos, dados, identidades.

— Vamos — diz ele após um minuto. — Temos que correr.

Escolho rapidamente meia dúzia de identidades, tentando encontrar garotas que pareçam ter mais ou menos a minha idade, prendo-as com um elástico e enfio tudo no bolso. Pego também um crachá da ASD. Pode vir a ser útil mais tarde.

Por fim, é a hora das armas. Há caixas cheias delas: rifles velhos que, juntos, parecem um emaranhado de espinhos grossos, pegando poeira; pistolas bem manuseadas e bem lubrificadas; porretes pesados e caixas de munição. Passo uma pistola para Julian, depois de conferir se está carregada. Jogo uma caixa de balas na mochila.

— Nunca atirei — diz Julian, segurando a arma com extrema cautela, como se estivesse com medo de que pudesse explodir sozinha. — Você já?

— Algumas vezes — respondo.

Ele chupa o lábio inferior.

— Leve você — diz ele.

Enfio a pistola na mochila, apesar de não gostar da ideia de carregar mais peso.

Facas, por outro lado, são úteis, e não apenas para ferir pessoas. Encontro um canivete automático e a guardo debaixo da alça do top. Julian pega outro, que também guarda no bolso.

— Pronta para ir? — pergunta ele quando coloco a mochila no ombro.

É então que eu me dou conta: a preocupação fugaz que vinha rondando minha mente infla e explode, espalhando-se sobre mim. Isto está errado;

muito errado. É organizado demais. Há salas demais, armas demais, ordem demais.

— Eles devem ter tido ajuda — digo quando a ideia me ocorre pela primeira vez. — Os Saqueadores jamais teriam feito isso sozinhos.

— Quem? — pergunta Julian com impaciência, olhando com ansiedade para a porta.

Sei que devemos ir, mas não consigo me mexer; uma sensação de formigamento sobe dos dedos dos pés para as pernas. Outro pensamento se insinua no fundo de minha mente agora: uma impressão fugaz, algo que vi ou do qual me recordei.

— Saqueadores. Os não curados.

— Inválidos — diz Julian friamente. — Como você.

— Não. Não como eu, e não Inválidos. Eles são diferentes.

Estreito bem os olhos, e a lembrança se cristaliza: o momento em que encostei a ponta da faca abaixo do maxilar do Saqueador, logo acima de marcas azuis desbotadas que eram familiares por alguma razão…

— Ai, meu Deus.

Abro os olhos. Parece que alguém está socando meu peito.

— Lena, temos que ir.

Julian estica a mão para segurar meu braço, mas eu me afasto dele.

— A ASD. — Mal consigo dizer as palavras, que saem como grasnidos. — O cara… O guarda lá dentro, aquele que amarramos… Ele tinha uma tatuagem de uma águia e uma seringa. É o emblema da ASD.

Julian fica rígido. Como se uma corrente elétrica tivesse percorrido todo o seu corpo.

— Deve ser coincidência.

Balanço a cabeça em negativa. Palavras, ideias se atropelam em minha mente em um turbilhão: tudo corre em uma direção. Tudo faz sentido. A conversa sobre o pagamento; todo este equipamento; a tatuagem; a caixa com crachás. O complexo, a segurança: tudo isto custa dinheiro.

— Eles devem estar juntos nisso. Não sei por que, nem com que objetivo, nem…

— Não. — A voz de Julian sai baixa e metálica. — Você está enganada.

— Julian…

— Você está enganada, entendeu? — interrompe-me ele. — É impossível.

Tenho que me segurar para não desviar o olhar, apesar de ter algo estranho se passando por trás dos olhos dele, uma agitação e uma inquietação que me deixam tonta, como se eu estivesse na beira de um precipício, prestes a cair.

É assim que estamos — paralisados, como um quadro — quando a porta se abre de supetão e dois Saqueadores irrompem na sala.



Por um segundo ninguém se mexe, e tenho tempo apenas de registrar o básico: um cara (de meia-idade), uma garota (com cabelo azulado de tão preto, mais alta do que eu), nenhum dos dois familiar. Talvez seja o medo, mas também reparo em detalhes estranhos: a pálpebra esquerda do homem caída de um jeito esquisito, como se a gravidade a puxasse, e o fato de a garota ficar de boca aberta e eu conseguir ver sua língua vermelho-cereja. Ela devia estar chupando alguma coisa, imagino. Um pirulito ou uma bala. Minha mente voa até Grace.

Então a cena descongela, e a garota leva a mão à arma, e eu não penso mais.

Pulo para cima da garota e derrubo a arma de sua mão antes que ela tenha a chance de apontá-la para mim. Às minhas costas, Julian grita alguma coisa. Alguém atira. Não posso olhar para ver quem foi. A garota avança em mim e me dá um soco no queixo. Nunca levei um soco antes, e é o choque, mais do que a dor, que me atordoa. Em uma fração de segundo ela consegue pegar uma faca, e o que vejo em seguida é a lâmina voando em minha direção. Eu me abaixo e acerto sua barriga, com força, com o ombro.

Ela solta um gemido. O movimento derruba nós duas, e caímos para trás em uma caixa de sapatos velhos. O papelão desaba sob nosso peso. Estamos lutando tão próximas uma da outra que sinto o gosto de sua pele, de seu cabelo. Primeiro estou em cima, lutando, depois é ela, virando-me de costas e batendo minha cabeça no concreto, com os joelhos em minhas costelas e as coxas me apertando com tanta força que o ar é expulso dos meus pulmões. Ela está soltando outra faca do cinto. Tateio no chão em busca de uma arma, qualquer arma, mas a garota me prende sob seu peso e me segura com muita força, e meus dedos só encontram ar e concreto.

Julian e o homem estão atracados em um abraço confuso, os dois tentando conseguir alguma vantagem, cabeças para baixo, ofegantes. Eles giram o corpo

com força e acabam batendo em uma prateleira baixa de madeira cheia de panelas e potes. A tábua balança, balança e cai: as panelas despencam para todos os lados, uma cacofonia de tinidos metálicos. A garota olha de relance para trás, e só isso, esse pequeno movimento, me dá espaço para me mexer. Meu punho sobe como um foguete e acerta a lateral do rosto dela. Não deve ter doído muito, mas ela cai de lado, saindo de cima de mim, e aproveito para me erguer, rolar para cima dela e arrancar a faca de sua mão. Meu ódio e meu medo fluem com força e eletricidade e calor; assim, sem pensar direito, levanto a faca e a enfio com força no peito dela. Ela dá um solavanco, solta um grito, e então seu corpo se aquieta. Minha mente está em looping, repetindo sem parar: *sua-culpa-sua-culpa-sua-culpa.* Um som de choro entrecortado vem de algum lugar, e demoro um bom tempo para perceber que quem está chorando sou eu.

E então tudo fica preto por um momento — a dor chega uma fração de segundo depois da escuridão — quando o outro Saqueador, o homem, me acerta na lateral da cabeça com um cassetete. Ouço algo se rachando, um ruído estrondoso; cambaleio para o chão, e tudo é um borrão de imagens desconexas: Julian deitado com o rosto no chão, perto da prateleira que caiu; um antigo relógio de parede no canto, no qual eu não tinha reparado antes; rachaduras no piso de concreto, que se expandem como uma teia pronta para me abraçar. Depois, seguem-se alguns segundos preenchidos pelo nada. Corta para tempos depois: estou deitada de costas, o teto girando acima de mim. Estou morrendo. Estranhamente, penso em Julian. Ele resistiu bastante.

O homem está em cima de mim, sua respiração quente e forte em minha cara. Seu hálito é como algo apodrecendo em um local fechado. Há um corte longo e denteado abaixo de seu olho — mandou bem, Julian —, e um pouco do sangue pinga em meu rosto. Sinto a lâmina de uma faca debaixo do queixo, e todo o meu corpo congela. Fico completamente imóvel.

Ele está me olhando com tanto ódio que me sinto muito calma de repente. Vou morrer. Ele vai me matar. A certeza me faz relaxar. Estou afundando em neve branca. Fecho os olhos e tento visualizar Alex do jeito que eu costumava sonhar com ele, de pé no fim de um túnel. Fico à espera dele, de que estenda as mãos para mim.

Minha consciência vai e volta. Estou pairando acima do chão; depois estou no chão de novo. Sinto gosto de pântano na garganta.

— Você não me deu escolha — diz, ofegante, o Saqueador.

De súbito abro bem os olhos. Há um tom de alguma coisa ali — arrependimento, talvez, ou um pedido de desculpas — que não previ. E, com isso, a esperança volta com tudo, assim como o pavor: *Por-favor-por-favor-por-favor-me-deixe-viver.*

Mas justo neste momento ele inspira e tensiona o corpo, e a ponta da faca corta minha pele e é tarde demais…

Então seu corpo se sacode, de repente, em cima de mim.

A faca cai de sua mão. Seus olhos se reviram em direção ao teto, horríveis; o olhar vazio de uma boneca. Ele cai para a frente devagar, em cima de mim, expulsando o ar de meu peito. Julian está de pé acima dele, ofegante, tremendo. Vejo o cabo de uma faca despontando das costas do Saqueador.

Tem um homem morto deitado em mim. Uma sensação histérica cresce em meu peito e se rompe, e de repente estou tagarelando em desespero:

— Tire este homem de cima de mim. Tire este homem de cima de mim!

Julian balança a cabeça, atordoado.

— Eu… não foi minha intenção.

— Pelo amor de Deus, Julian. Tire este homem de cima de mim! Temos que ir agora.

Ele então desperta, pisca e se concentra em mim. O peso do Saqueador está me esmagando.

— Por favor, Julian.

Julian enfim se mexe. Inclina-se para a frente e tira o corpo de cima de mim, e fico de pé, ainda trôpega. Meu coração bate acelerado e minha pele está arrepiada; tenho uma necessidade desesperada de tomar banho, de tirar de mim toda esta sujeira de morte. Os dois Saqueadores mortos estão deitados tão próximos que os corpos quase se tocam. O sangue forma um desenho de borboleta no chão, espalhando-se entre eles. Sinto náuseas.

— Não foi minha intenção, Lena. Eu só… eu o vi em cima de você e peguei uma faca e… — Julian balança a cabeça. — Foi sem querer.

— Julian. — Coloco as mãos em seus ombros. — Olhe. Você salvou minha vida.

Ele fecha os olhos por um segundo, depois os abre.

— Você salvou minha vida — repito. — Obrigada.

Parece que ele vai falar. Mas só assente e coloca a mochila nas costas. Em um impulso, seguro sua mão. Ele não se retrai, e fico feliz por isso. Preciso dele para me equilibrar. Preciso que ele me ajude a ficar de pé.

— Hora de fugir — digo.

Juntos saímos da sala cambaleando e finalmente alcançamos a umidade fria dos antigos túneis, rumo aos ecos e às sombras e à escuridão.

antes

A temperatura cai bruscamente no caminho para o segundo assentamento. Quase congelo mesmo dormindo nas barracas. Quando é minha vez de passar a noite do lado de fora, acordo várias vezes com pedaços de gelo em meu cabelo. Sarah está estoica, silenciosa, o rosto pálido.

Azul fica doente. Ela acorda letárgica no primeiro dia. Tem dificuldade em acompanhar nosso ritmo e no final do dia de caminhada adormece antes mesmo de acenderem a fogueira, encolhida no chão como um bichinho. Graúna a carrega para dentro da barraca. Nesta noite acordo com os gritos abafados. Levanto-me assustada. O céu noturno está limpo, as estrelas, intensas e brilhantes. O ar está impregnado do cheiro de neve.

Ouço movimento na barraca de Graúna, um leve choramingo e sussurros tranquilizadores. Azul está tendo pesadelos.

Na manhã seguinte, ela acorda com febre. Mas não temos escolha: precisa caminhar mesmo assim. A neve se aproxima, e ainda estamos a cinquenta quilômetros do segundo assentamento, e ainda mais longe do nosso lar para o inverno.

Ela chora enquanto caminha, cada vez mais cambaleante. Então nos revezamos para carregá-la: eu, Graúna, Alistar, Fê e Vovô. Ela arde em febre. Seus braços ao redor de meu pescoço são fios elétricos, pulsando de calor.

No dia seguinte chegamos ao segundo assentamento: uma área com pedras soltas colocadas debaixo de um muro de tijolos velho e parcialmente caído, que forma uma espécie de barreira e nos protege um pouco do vento. Começamos a desenterrar a comida, montar armadilhas para animais e explorar a área, que antigamente devia ser uma cidade de porte razoável, em busca de enlatados e suprimentos úteis. Vamos ficar dois dias aqui, talvez três, dependendo do quanto conseguirmos encontrar. Além dos pios das corujas e do movimento das criaturas noturnas, ouvimos o ronco de caminhões ao longe. Estamos a cerca de quinze quilômetros das autoestradas que ligam as cidades.

É estranho pensar em como estivemos próximos dos lugares válidos, de cidades reconhecidas cheias de comida, roupas, produtos farmacêuticos; e, ainda assim, é o mesmo que estar em outro universo. O mundo está bifurcado agora, dobrado bem no meio como os dois lados de uma barraca: os Válidos e os Inválidos moram em planos diferentes, em dimensões diferentes.

Os terrores noturnos de Azul pioram. Seus gritos são agudos; ela balbucia frases sem sentido, em uma língua de sons aleatórios e palavras delirantes. Quando chega a hora de partirmos para o terceiro assentamento — as nuvens se aglomeraram, uma camada espessa cobrindo o céu, e a luz é de um desbotado cinza típico de uma tempestade iminente —, ela já quase não reage. Graúna a carrega no colo; não deixa ninguém ajudar, embora também esteja fraca e várias vezes fique para trás.

Avançamos em silêncio. O medo pesa em nossos ombros, nos cobre densamente; é como se já estivéssemos caminhando na neve, porque todos sabemos que Azul vai morrer. Graúna também sabe. Tem que saber.

À noite ela acende uma fogueira e coloca Azul perto do calor. Apesar de sua pele estar queimando, ela treme tanto que chega a bater os dentes. O restante de nós se move o mais silenciosamente possível ao redor do fogo; somos sombras em meio à fumaça. Adormeço do lado de fora, ao lado de Graúna, que fica acordada para mexer no fogo de tempos em tempos, mantendo Azul aquecida.

No meio da noite, acordo ao som de um choro abafado. Graúna está ajoelhada junto a Azul. Meu estômago despenca e sou tomada de pavor; nunca vi Graúna chorar. Tenho medo de falar, de respirar, de me mexer. Sei que ela deve pensar que todo mundo está dormindo ou jamais se permitiria chorar.

Mas também não consigo permanecer em silêncio. Então me mexo ruidosamente no saco de dormir, e de repente ela para de chorar. Eu me sento.

— Ela…? — sussurro. Não consigo dizer a palavra. *Morreu.*

Graúna balança a cabeça em negativa.

— Não está respirando muito bem.

— Pelo menos está respirando — digo. Um longo silêncio cresce entre nós. Sinto uma necessidade desesperada de consertar isso. De alguma forma sei que, se perdermos Azul, perderemos também um pedaço de Graúna. E precisamos dela, principalmente agora que não temos mais Prego. — Ela vai melhorar — falo, para consolá-la. — Tenho certeza de que vai ficar bem.

Graúna se vira para mim. O fogo se reflete em seus olhos, fazendo-os brilhar como os de um animal.

— Não — rebate ela simplesmente. — Não vai, não.

Sua voz transmite uma certeza tão grande que não consigo contradizê-la. Por um momento ela não diz mais nada.

— Sabe por que eu a apelidei de Azul?

A pergunta me surpreende.

— Pensei que fosse por causa dos olhos dela.

Graúna se vira de novo em direção ao fogo e abraça os joelhos.

— Eu morava em Yarmouth, perto de uma fronteira. Uma área pobre. Ninguém queria morar tão perto da Selva. Dava azar, sabe.

Um tremor percorre meu corpo, e de repente fico muito alerta. Graúna nunca falou de sua vida antes da Selva. Sempre repetiu que isso não existia. Não existe o antes.

— Eu era como todo mundo, na verdade. Simplesmente aceitava o que me diziam e não pensava muito sobre o assunto. Só os curados vão para o céu. As patrulhas são para minha própria proteção. Os não curados são sujos; viram animais. A doença faz você apodrecer por dentro. A estabilidade é divina e traz felicidade. — Ela dá de ombros, como se isso afastasse a lembrança de quem era antes. — Só que eu não era feliz. E não entendia o motivo. Não entendia por que eu não conseguia ser como todo mundo.

Penso em Hana, girando trezentos e sessenta graus no quarto, os braços abertos, dizendo: *Então você acha que é isso, é? Melhor impossível?*

— No verão em que fiz catorze anos, começaram novas obras perto da cerca. Eram projetos para as famílias mais pobres de Yarmouth, na verdade: os que tiveram pareamento ruim, ou famílias cujas reputações tinham sido destruídas por discórdia, ou mesmo por boatos. Você sabe como é. Durante o dia, eu brincava perto do canteiro de obras. Eu com um grupo de crianças. É claro que tínhamos o cuidado de permanecermos separados, meninos e meninas. Uma linha nos dividia: tudo à direita da linha d'água era nosso, e tudo à esquerda era deles. — Ela ri baixinho. — Parece um sonho hoje. Mas na época parecia a coisa mais normal do mundo.

— A gente não tinha nada com que comparar — digo, e Graúna me lança um olhar rápido, concordando com veemência.

— Então choveu por uma semana. As obras foram interrompidas, e ninguém queria explorar o local. Eu não me importava com a chuva. Não

gostava muito de ficar em casa. Meu pai era… — Noto uma hesitação na voz de Graúna, e ela não termina a frase. — Ele nunca se recuperou totalmente da intervenção. Não deu muito certo. Sofreu um rompimento nos lobos temporais reguladores do humor, foi como descreveram o problema. Ele ficava bem a maior parte do tempo, normal como todo mundo. Mas de vez em quando tinha ataques de ira… — Por um tempo ela apenas olha para o fogo, em silêncio. — Minha mãe nos ajudava a disfarçar os hematomas, a colocar maquiagem e tal. Não podíamos contar a ninguém. Não queríamos que muita gente soubesse que a cura de meu pai não tinha funcionado direito. As pessoas ficam histéricas; ele poderia ser demitido. Minha mãe dizia que as pessoas dificultariam as coisas. Então escondíamos o problema. Mangas compridas no verão. Muitas faltas na escola. Muitas mentiras, também: eu caí, bati a cabeça, esbarrei na porta.

Nunca imaginei Graúna mais nova. Mas consigo ver aquela garota magrela com a mesma boca apertada em determinação, passando corretivo nos hematomas dos braços, ombros e rosto.

— Sinto muito — digo. As palavras parecem ínfimas, ridículas.

Graúna limpa a garganta e se empertiga.

— Não tem importância — responde depressa.

Ela quebra um galho longo e fino em quatro e coloca um pedaço de cada vez na fogueira. Eu me pergunto se ela perdeu o fio da meada, o nome de Azul, mas então ela recomeça:

— Naquela semana, a da chuva, meu pai estava em uma de suas fases ruins. Então eu saía bastante, ia ao local das obras. Um dia fiquei andando por uma das estruturas. Era um monte de blocos de cimento e buracos; quase nada do prédio tinha sido construído ainda. Então vi uma caixinha. Uma caixa de sapato.

Ela inspira com força, e mesmo no escuro vejo que fica tensa.

O final da história sai apressadamente:

— Alguém deve ter deixado aquela caixa ali, enfiada em um espaço pequeno debaixo de parte da estrutura. Só que a chuva foi tão forte que provocou um princípio de deslizamento de lama. A caixa então deslizou até a área aberta. Não sei por que decidi olhar lá dentro. Estava imunda. Pensei que eu fosse achar um par de sapatos, talvez algumas joias.

Agora sei aonde a história vai dar. Estou ao lado dela, indo em direção à caixa toda suja de lama; estou levantando a tampa, enrugada pela chuva. O

horror e o nojo também são como lama: crescem, escuros e sufocantes, dentro de mim.

Graúna passa a falar em um sussurro:

— Ela estava enrolada em um cobertor. Um cobertor azul com carneirinhos amarelos. Não estava respirando. Eu pensei… pensei que estivesse morta. Ela estava… estava azul. A pele, as unhas, os lábios, os dedos. Os dedos eram tão pequenos…

A lama está em minha garganta. Não consigo respirar.

— Não sei o que me levou a tentar reanimá-la. Acho que devo ter ficado um pouco fora de mim. Naquele verão eu tinha trabalhado como aprendiz de salva-vidas, então havia feito treinamento em reanimação cardiopulmonar. Mas nunca tinha precisado fazer. E ela era tão pequena… Devia ter uma semana de vida, talvez duas. Mas funcionou. Nunca vou esquecer a sensação de quando ela respirou, e a cor voltou com tudo para a pele dela. Foi como se o mundo inteiro tivesse se aberto. E tudo o que eu sentia que estava faltando, todo o sentimento e cor, tudo surgiu para mim com a primeira respiração dela. Eu a batizei de Azul para sempre me lembrar daquele momento e para nunca me arrepender.

Graúna para de falar abruptamente. Estica a mão e ajeita o saco de dormir de Azul. A luz do fogo é de um brilho leve e avermelhado, e vejo que Azul está pálida. A testa está coberta de suor e a respiração é lenta e carregada. Sou tomada de uma fúria cega, uma fúria sem alvo mas esmagadora.

Graúna ainda não terminou a história.

— Nem sequer voltei para casa. Apenas a peguei e saí dali correndo. Eu sabia que não podia ficar com ela em Yarmouth. Ninguém lá consegue guardar segredos desse tipo por muito tempo. Já era bem difícil cobrir os hematomas. E eu sabia que ela devia ser ilegal: fruto de uma garota não pareada com algum garoto não pareado. Uma filha do *deliria*. Você sabe o que dizem. Filhos do *deliria* são contaminados. Crescem distorcidos, aleijados, loucos. Ela provavelmente seria levada e morta. Nem a enterrariam. Teriam medo de que ela espalhasse a doença. Ela seria queimada e jogada no lixo. — Graúna pega outro galho e o atira na fogueira. A madeira fina se acende momentaneamente, uma língua branca de fogo. — Eu tinha ouvido boatos sobre um pedaço desprotegido da cerca. Contávamos histórias de que os Inválidos entravam e saíam, alimentavam-se de cérebros humanos. Aquele tipo de bobagem que a gente diz quando é criança. Nem sei se eu ainda acreditava ou não. Mas resolvi

tentar a sorte lá. Demorei uma eternidade para descobrir como atravessar com Azul. Acabei tendo que usar o cobertor como *sling*. E a chuva ajudou: os guardas e os reguladores estavam em lugares fechados. Passei sem problemas. Eu não sabia para onde estava indo nem o que faria depois que atravessasse. Não me despedi dos meus pais. Não fiz nada, só fugi. — Ela olha para mim de esguelha. — Mas acho que foi suficiente. E acho que você sabe como é.

— Sei — digo com a voz débil.

Sinto uma dor lancinante na garganta. Vou romper em lágrimas a qualquer segundo. Para conter o choro, cravo as unhas nas coxas, o mais forte possível, tentando rasgar a pele debaixo do jeans.

Azul murmura uma frase indecifrável e se vira em seu sono. O chiado na garganta piorou. Cada respiração é acompanhada de um horrível som de arranhado e dos ecos de fluidos. Graúna se inclina para a frente e afasta as mechas molhadas de suor da testa da menina.

— Ela está ardendo em febre — diz Graúna.

— Vou buscar água.

Estou desesperada para fazer alguma coisa, qualquer coisa, que ajude.

— Não vai fazer diferença — fala Graúna, baixinho.

Mas preciso me mexer, então vou mesmo assim. Sigo pela escuridão gelada em direção ao córrego, coberto por uma camada de gelo fino, cheio de fissuras e rachaduras. A lua, alta e cheia, reflete na superfície prateada e na água escura que corre por baixo. Quebro o gelo com o fundo de um balde de metal e arquejo quando a água corre por meus dedos para o balde.

Graúna e eu passamos a noite acordadas. Nós nos revezamos para esfriar a testa de Azul com uma toalha, até que a respiração dela fica mais calma e o chiado diminui. Após um tempo ela para de se debater e dorme dócil e tranquilamente sob nossas mãos. Insistimos com a toalha até o dia romper no céu, como uma rosa ruborizada, líquida e pálida, embora, a esta altura, Azul já não respire há horas.

agora

Julian e eu seguimos por uma escuridão sufocante. Vamos devagar, dolorosamente devagar, apesar de estarmos desesperados para sair em disparada. Mas não podemos correr o risco de fazer barulho ou acender uma lanterna. Apesar de estarmos andando pelo que deve ser uma enorme rede de túneis, eu me sinto como um rato em uma caixa. Não tenho muita firmeza nos pés. A escuridão é cheia de formas rodopiantes, e mantenho a mão esquerda na parede grudenta do túnel, que é coberta de umidade e insetos rastejantes.

E ratos. Ratos guinchando pelos cantos; ratos correndo pelos trilhos, suas unhas fazendo *tic, tic, tic* na pedra.

Não sei por quanto tempo caminhamos. É impossível saber sem mudança alguma no som ou na textura, não temos como identificar se estamos indo para leste ou para oeste ou andando em círculos. Às vezes passamos por trilhos antigos. Aqui deviam ter sido os túneis dos metrôs subterrâneos. Apesar da exaustão e do nervosismo, não consigo deixar de me sentir fascinada ao imaginar todos esses espaços sinuosos e labirínticos cheios de máquinas velozes e pessoas se deslocando livremente no escuro.

Em outros pontos há fluxo de água nos túneis; às vezes apenas um gotejar, às vezes uns trinta centímetros de um líquido fétido e cheio de lixo, provavelmente um refluxo do sistema de esgotos. Isso significa que devemos estar perto de uma cidade.

Tenho tropeçado cada vez mais. Há dias não como nada substancial, e meu pescoço lateja dolorosamente no ponto em que o Saqueador furou a pele. Com frequência cada vez maior, Julian precisa me estender a mão e me sustentar. Ele acaba, por fim, mantendo uma das mãos em minhas costas o tempo todo, guiando-me para a frente. O contato humano me faz bem. Torna mais suportável a agonia do andar, do silêncio e do esforço para ouvir o som dos Saqueadores em meio aos ecos e ao gotejar.

Andamos por horas seguidas sem parar. Em determinado momento, a escuridão começa a ficar leitosa. É então que vejo um pouco de luz, um raio prateado comprido se infiltrando vindo lá de cima. Há grades no teto, cinco delas. Vejo acima de nós, pela primeira vez em dias, o céu: um pedaço de céu noturno com nuvens e estrelas. Inconscientemente, dou um grito. É a coisa mais linda que já vi.

— As grades — digo. — Será que a gente consegue…?

Julian passa para a frente, e por fim arriscamos usar a lanterna. Ele dirige o feixe de luz para o alto, depois sacode a cabeça.

— Estão trancadas por fora — diz ele, e em seguida fica na ponta dos pés e empurra. — Nem se mexem.

A decepção queima no fundo da garganta. Estamos tão perto da liberdade. Chego a sentir o cheiro: vento e espaço, e mais alguma coisa. Chuva. Deve ter chovido recentemente. O cheiro leva lágrimas aos meus olhos. Viemos parar em uma plataforma elevada. Mais embaixo, os trilhos estão cobertos de água e de folhas que caíram da superfície. À esquerda há uma alcova, parcialmente escavada e cheia de caixas de madeira; um aviso, incrivelmente bem preservado, está preso na parede. CUIDADO, está escrito. ZONA DE CONSTRUÇÃO. USO OBRIGATÓRIO DE CAPACETE.

Não consigo mais suportar. Eu me solto de Julian e caio pesadamente de joelhos.

— Ei. — Ele se ajoelha a meu lado. — Você está bem?

— Cansada — consigo dizer.

Eu me encolho no chão e deito a cabeça no braço. Está mais difícil manter os olhos abertos. Quando consigo, vejo as estrelas se emaranharem em um único ponto de luz enorme e então se separarem de novo.

— Durma — diz Julian. Ele coloca minha mochila no chão e se senta a meu lado.

— E se os Saqueadores vierem? — pergunto.

— Vou ficar acordado — diz Julian. — Estarei atento.

Depois de um minuto, ele se deita de costas. Um fio de vento entra pelas grades; tremo involuntariamente.

— Está com frio? — pergunta Julian.

— Um pouco.

Mal consigo pronunciar as palavras. Minha garganta também está travada.

Há uma pausa. Julian então se deita de lado e me envolve com o braço, chegando para a frente de forma que nosso corpo fica colado, e me vejo de conchinha com ele. Sinto seu coração bater em minhas costas, em um ritmo estranho e irregular.

— Não tem medo do *deliria*? — pergunto a ele.

— Tenho — responde ele, lacônico. — Mas também estou com frio.

Depois de um tempo os batimentos dele ficam mais regulares, e os meus se desaceleram e passam a acompanhar os dele. O frio se esvai de meu corpo.

— Lena? — sussurra Julian.

Estou de olhos fechados. A lua está agora bem acima de nós, um raio de luz branca vindo do alto.

— Oi.

Sinto o coração de Julian acelerar de novo.

— Quer saber como meu irmão morreu?

— Quero — respondo, embora algo em seu tom de voz me dê medo.

— Meu irmão e meu pai nunca se entenderam — começa Julian. — Meu irmão era teimoso. Cabeça-dura. Uma pessoa difícil. Todo mundo dizia que isso ia passar depois que ele fosse curado. — Julian faz uma pausa. — Mas com o passar do tempo foi ficando cada vez pior. Meus pais estavam pensando em adiantar a cura dele. Pegava mal para a ASD e tudo mais, sabe. Ele era rebelde e não ouvia meu pai, nem sei se acreditava na cura. Era seis anos mais velho que eu. Eu… eu tinha medo por ele. Você entende?

Não consigo falar, então só concordo com um movimento de cabeça. Lembranças invadem minha mente, surgindo dos lugares escuros onde as escondi: a ansiedade constante que eu sentia na infância ao ver minha mãe rir, dançar e cantar junto com as músicas estranhas que saíam das caixas de som lá de casa, uma alegria entremeada com terror; medo por Hana; medo por Alex; medo por todos nós.

— Sete anos atrás, fizemos outra grande manifestação em Nova York, quando a ASD se tornou nacional. Foi a primeira manifestação a que eu compareci. Eu tinha onze anos. Meu irmão não foi. Não lembro que desculpa ele usou.

Julian se mexe, desconfortável. Por um segundo seu braço se aperta ao redor de meu corpo, um movimento involuntário; depois ele relaxa de novo. Por algum motivo, sei que ele nunca contou essa história a ninguém.

— Foi um desastre. No meio da manifestação alguns manifestantes entraram na prefeitura, onde estávamos, metade deles mascarada. A situação ficou violenta e a polícia chegou para interferir, e de repente virou tudo uma gritaria. Eu me escondi atrás do palanque, como um garotinho. Depois, morri de vergonha disso.

"Um dos manifestantes chegou muito perto do palco; muito perto de meu pai. Ele gritava alguma coisa, eu não conseguia entender o que era. Havia muito barulho, e ele usava uma máscara de esqui. Um guarda o derrubou com um cassetete. É estranho: eu lembro que consegui ouvir o impacto da madeira no joelho dele, o baque quando ele caiu. Foi quando meu pai viu… deve ter visto: a marca de nascença nas costas da mão esquerda do manifestante, no formato de uma grande meia-lua. A marca de nascença de meu irmão. Ele pulou do palco para a plateia, arrancou a máscara e… era ele. Meu irmão estava deitado ali, em agonia, o joelho estraçalhado em mil pedacinhos. Mas nunca vou esquecer o olhar que ele lançou a nosso pai. Completamente calmo e resignado, como… como se soubesse o que ia acontecer.

"Acabamos conseguindo sair, tivemos escolta policial até em casa. Meu irmão estava deitado nos fundos da van, gemendo. Eu queria perguntar se ele estava bem, mas sabia que meu pai me mataria se eu fizesse isso. Ele dirigiu até em casa sem dizer nada, sem tirar os olhos da rua. Não sei como minha mãe se sentia. Talvez não se importasse tanto. Mas acho que estava preocupada. A *Shhh* diz que nossas obrigações com os filhos são sagradas, certo? 'E a boa mãe terminará seus deveres no céu…", cita Julian, suavemente. "Ela queria levá-lo ao médico, mas meu pai não queria nem ouvir falar nisso. O joelho de meu irmão estava horrível: tão inchado que tinha quase o tamanho de uma bola de basquete. Ele suava muito, sentia muita dor. Eu queria ajudar. Eu queria…" Um tremor percorre seu corpo. "Quando chegamos em casa, meu pai trancou meu irmão no porão. A intenção era deixá-lo lá no escuro por um dia. Para que ele aprendesse a lição."

Visualizo Thomas Fineman: a roupa passada à perfeição e as abotoaduras de ouro, que devem lhe encher de satisfação; o relógio reluzente e o cabelo bem cortado. Puro, limpo, impecável, como um homem que sempre pode contar que terá uma boa noite de sono. *Odeio você*, penso, em nome de Julian, que nunca aprendeu essas palavras, nunca sentiu alívio em proferi-las.

— Mesmo com a porta do porão fechada dava para ouvir meu irmão chorando. Dava para ouvir da sala de jantar enquanto comíamos. Meu pai nos

obrigou a ficar lá até terminarmos a refeição. Nunca vou perdoá-lo por isso.

Essa última frase é dita em um sussurro. Encontro sua mão, entrelaço meus dedos nos seus com força. Ele aperta minha mão em resposta.

Por um tempo ficamos ali, deitados em silêncio. E então, de cima, vem um som suave e rápido: depois o som muda, torna-se mil pingos de chuva caindo na calçada. A água cai forte pelas grades e pinga nos trilhos de metal da antiga linha do metrô.

— Até que uma hora o choro parou — diz Julian simplesmente.

Penso naquele dia na Selva com Graúna, eu e ela nos revezando para umedecer a testa de Azul enquanto o sol surgia acima das árvores, muito depois de já termos sentido o corpo dela espiar sob nossas mãos.

Julian limpa a garganta.

— Disseram, depois, que foi um infeliz acidente, que um coágulo do ferimento migrou para o cérebro dele. Uma chance em um milhão de acontecer. Meu pai não tinha como imaginar. Mas mesmo assim eu…

Ele não conclui a frase.

— Depois disso, sabe, eu sempre tomava muito cuidado. Para fazer tudo certo. Queria ser o filho perfeito, um modelo para a ASD. Mesmo quando descobri que a cura provavelmente me mataria. Era mais do que medo — diz Julian em uma torrente de palavras. — Eu pensava que, se seguisse as regras, ficaria tudo bem. É para isso que serve a cura, não é? Não é só por causa do *deliria*. É uma questão de ordem. Um caminho que todos podem seguir. Basta escolher esse caminho e tudo vai ficar bem. É disso que se trata a ASD. Era nisso que eu acreditava, que eu precisava acreditar. Porque senão é apenas… caos.

— Você sente saudade dele? — pergunto.

Julian não responde imediatamente, e sei, de algum modo, que ninguém nunca lhe fez essa pergunta.

— Acho que sim — responde ele por fim, em voz baixa. — Por muito tempo eu senti. Minha mãe… minha mãe me disse que isso ia melhorar depois da cura. Que eu não pensaria mais nele desse jeito.

— Isso é ainda pior — digo baixinho. — É aí que eles se vão mesmo.

Conto três longos segundos de silêncio, e a cada um sinto o coração de Julian bater forte em minhas costas. Não sinto mais frio. Estou com calor. Nossos corpos estão muito próximos: pele com pele, dedos entrelaçados. Ele expira em minha nuca.

— Não sei mais o que está acontecendo — sussurra Julian. — Não entendo nada. Não sei o que vai acontecer depois.

— Não é para saber — digo, e é verdade: os túneis podem ser longos, sinuosos e escuros, mas precisamos passar por eles.

Mais silêncio.

— Estou com medo — diz Julian, por fim.

Sua voz é menos que um sussurro; mas sinto seus lábios se movendo em minha nuca, como se as palavras estivessem sendo escritas em minha pele.

— Eu sei — digo. — Também estou.

Não consigo ficar acordada nem mais um instante. Sou levada de um lado para o outro pelo tempo e pelas lembranças, entre esta chuva e chuvas anteriores, como se estivesse subindo e descendo uma escadaria em espiral. É o braço de Julian ao redor de meu corpo, e depois é o de Alex. Em seguida estou com a cabeça deitada no colo de Graúna, e então minha mãe está cantando para mim.

— Com você sinto menos medo — diz Julian.

Ou talvez seja Alex quem diz, ou talvez eu só tenha sonhado essas palavras. Abro a boca para responder, mas descubro que não consigo falar. Estou bebendo água, depois estou flutuando, e depois não há mais nada além do sono, um sono líquido e profundo.

antes

Enterramos Azul perto do rio. Demoramos horas para escavar no chão congelado um buraco em que caiba seu corpo. Tiramos-lhe o casaco antes de enterrá-la. Não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar um agasalho. Ela está tão leve quando a baixamos para dentro da terra, como um filhote de passarinho: frágil e com ossos ocos.

No último segundo, quando estamos prestes a cobri-la com terra, Graúna avança, subitamente histérica:

— Ela vai ficar com frio. Vai congelar desse jeito.

Ninguém quer impedi-la. Ela tira o suéter, entra no túmulo improvisado, pega Azul nos braços e a enrola no suéter. Está chorando. Quase todos viramos de costas, constrangidos. Só Fê se aproxima.

— Ela vai ficar bem, Graúna — diz ela, baixinho. — A neve vai mantê-la aquecida.

Graúna levanta o rosto, que está desvairado, coberto de lágrimas. Ela observa nosso rosto, como se estivesse tentando lembrar quem somos. Então fica de pé de repente, de um pulo, e sai do túmulo.

Lupi dá um passo para a frente e volta a jogar terra por cima do corpo de Azul, mas Graúna o impede:

— Deixe. — Sua voz sai alta e em um tom agudo que não lhe é natural. — Fê tem razão. A qualquer minuto vai nevar.

De fato, começa a nevar quando estamos levantando acampamento. E continua a nevar o dia todo enquanto seguimos em silêncio pelo bosque, em uma fila longa e irregular. O frio é uma dor constante agora, uma pontada intensa no peito e nos dedos das mãos e dos pés. A neve congela, queima como cinzas quentes. Mas imagino que para Azul cai mais suavemente, cobrindo-a como um cobertor, que vai mantê-la protegida até a primavera.

agora

De manhã ainda chove.

Eu me sento devagar. Estou com uma dor de cabeça terrível e tontura. Julian não está mais a meu lado. A chuva cai por entre as grades, em fitas cinzentas, compridas e retorcidas, e vejo-o ali embaixo, de pé.

Ele está de costas para mim, vestindo um short de algodão surrado que deve ter encontrado quando procurávamos roupas e provisões. Minha respiração fica presa na garganta. Sei que eu deveria desviar o olhar, mas não consigo. Estou hipnotizada com a chuva escorrendo pelas costas dele — largas, musculosas e fortes, como a de Alex —, com as curvas dos braços e ombros; com o cabelo, agora escuro por estar molhado; com o modo como ele inclina a cabeça para trás e deixa a chuva cair na boca aberta.

Na Selva, acabei finalmente me acostumando a ver homens nus ou seminus. Acostumei-me à estranheza dos corpos masculinos, aos tufos de pelos encaracolados no peito e, às vezes, nas costas e nos ombros, às barrigas largas e achatadas e aos ossos do quadril formando um arco acima da cintura da calça. Mas isso é diferente. Há uma imobilidade perfeita nele, e na pálida luz cinzenta ele parece brilhar de leve, como uma estátua esculpida em pedra branca.

Ele é bonito.

Ele balança um pouco a cabeça e a água respinga do cabelo, um semicírculo cintilante. Feliz e distraído, ele começa a cantarolar baixinho. De repente fico horrivelmente constrangida: estou invadindo um momento particular. Pigarreio em alto e bom som. Ele se vira rápido. Quando me vê acordada, sai de um pulo de sob a água e pega as roupas na beirada da plataforma para se cobrir.

— Não percebi que você tinha acordado — diz Julian, lutando para vestir a camiseta, apesar de estar encharcado.

Ele acidentalmente enfia a cabeça na manga e tem que tentar de novo. Eu teria rido se ele não parecesse tão desesperado.

Agora que Julian limpou o sangue, consigo ver seu rosto com clareza. Os olhos não estão mais inchados, mas em volta há dois círculos de hematomas roxos. Os cortes no lábio e na testa estão cicatrizando. É um bom sinal.

— Acabei de acordar — digo quando ele consegue enfim vestir a camisa. — Você dormiu?

Agora ele está brigando com a calça. A água que cai de seu cabelo molha a gola da camiseta.

— Um pouco — responde ele, soando culpado. — Tentei não dormir. Devo ter apagado lá pelas cinco. Já estava clareando. — Ele conseguiu vestir a calça, e agora se ergue para a plataforma com graça surpreendente. — Pronta para continuar?

— Em um minuto — digo. — Eu queria… Eu queria me lavar, como você fez. Debaixo das grades.

— Tudo bem.

Julian assente, mas não se mexe. Percebo que fico vermelha de novo. Faz muito tempo que não me sinto assim, tão aberta e exposta. Estou me perdendo da nova Lena, a durona, a guerreira forjada na Selva. Parece que não consigo entrar no corpo dela.

— Vou precisar tirar a roupa — digo, abruptamente, pois Julian pelo visto não entendeu.

— Ah… ah, é claro — gagueja ele, afastando-se. — É claro. Eu vou… vou dar uma volta, ver o que encontro lá na frente.

— Não vou demorar — digo. — Temos que continuar.

Espero até os passos de Julian serem um eco distante nos túneis para só então tirar a roupa. Por um minuto é possível esquecer que os Saqueadores estão por aí, no escuro, à nossa procura. Por um minuto é possível esquecer o que fiz — o que tive que fazer — para fugir, esquecer a mancha de sangue se espalhando no chão, os olhos da Saqueadora, surpresos e acusatórios. Fico nua, de pé na beirada da plataforma, e estico os braços para o céu enquanto os filetes de água continuam a cair pelas grades: de um cinza líquido, como se o céu estivesse derretendo. O ar frio me deixa arrepiada. Eu me agacho e desço da plataforma com cuidado, indo aterrissar nos trilhos, e sinto o ferrão do metal e da madeira nos pés descalços. Vou para debaixo das grades. Então

inclino a cabeça para trás, para que a chuva caia bem no rosto e desça pelo cabelo, pelas costas, chegando aos ombros e peito doloridos.

Nunca senti nada tão incrível. Quero gritar de alegria ou cantar. A água está gelada e pelo cheiro parece fresca, como se carregasse alguns dos aromas de sua sinuosa jornada por galhos nus e minúsculos brotos de março.

Depois que deixo a água passar pelo rosto e se acumular nos olhos e na boca, inclino-me para a frente e a sinto bater nas costas, como o tamborilar de milhares de pezinhos minúsculos. Até agora eu não tinha percebido que estava inteiramente dolorida: tudo dói. Minhas pernas e braços estão cobertos de hematomas escuros.

Sei que já me limpei o máximo possível, mas não consigo sair de sob o fio d'água, apesar dos arrepios que a friagem provoca. É um frio bom, purificante.

Por fim, volto para a plataforma. Faço duas tentativas de subir, de tão fraca que estou, e saio pingando água para todo lado, deixando no concreto escuro uma marca do tamanho de uma pessoa. Enrolo meu cabelo longo em uma das mãos e aperto, e mesmo isso me dá alegria: a normalidade da ação, rotineira e familiar.

Visto a calça que peguei dos Saqueadores e faço uma dobra na cintura para que não caia; mesmo assim, fica larga no quadril.

E então: passos atrás de mim. Eu me viro de súbito, cobrindo os seios com os braços.

Julian sai das sombras.

Mantenho um braço sobre o peito e pego a blusa.

— Espere — diz ele, e algo em seu tom de voz, um quê de ordem e de urgência, me detém. — Espere — repete ele, desta vez mais baixo e suave.

Estamos a uns cinco metros de distância um do outro, mas o modo como ele me olha me faz sentir como se estivéssemos colados. Sinto seus olhos em minha pele como um toque formigante. Sei que devo vestir a blusa, mas não consigo me mexer. Mal consigo respirar.

— Nunca havia tido a chance de ver — diz Julian simplesmente e dá mais um passo em minha direção.

A luz incide de um modo diferente no rosto dele, e agora consigo ver uma delicadeza em seus olhos, um borrão, e isso faz derreter o calor crepitante em meu corpo, transformando-o em tepidez, em um sentimento sereno e maravilhoso. Ao mesmo tempo, uma vozinha lá no fundo de minha mente

dispara: *Perigo, perigo, perigo.* E, por baixo, um eco ainda mais débil: *Alex, Alex, Alex.*

Alex olhava para mim assim.

— Sua cintura é tão fina.

Isso é tudo o que Julian diz, em um tom de voz tão baixo que mal consigo ouvir.

Eu me obrigo a virar de costas para ele. Visto com dificuldade o top e a blusa, minhas mãos tremem. Quando volto a me virar, tenho medo dele por algum motivo. Ele se aproximou ainda mais. Está cheirando a chuva.

Ele viu meus seios, me viu exposta.

Ele me olhou como se me achasse bonita.

— Está se sentindo melhor? — pergunta ele.

— Sim — digo, baixando os olhos.

Passo o dedo devagar pelo corte em meu pescoço. Tem cerca de um centímetro e está coberto de sangue seco.

— Deixe-me ver. — Julian estica a mão, mas então hesita, com os dedos a poucos centímetros de meu rosto. Ergo os olhos: ele parece estar pedindo permissão. Faço que sim com a cabeça, então ele ergue delicadamente meu queixo, para examinar o pescoço. — Devíamos fazer um curativo.

Devíamos: nós. Agora estamos do mesmo lado. Ele não diz qualquer outra coisa sobre o fato de eu ter mentido para ele e sobre o fato de eu não ser curada. Eu me pergunto quanto tempo isso vai durar.

Julian vai até a mochila. Remexe lá dentro em busca do kit de primeiros socorros que roubamos e volta com uma atadura grande, um vidro de água oxigenada, uma pomada antibacteriana e várias bolas de algodão.

— Posso fazer isso — digo, mas Julian balança a cabeça.

— Deixe que eu faço. — Primeiro ele molha o algodão com a água oxigenada e limpa o corte com cuidado. Sinto arder e afasto o pescoço com um grito. Ele ergue as sobrancelhas. — Ah, vai — diz ele, abrindo um sorriso —, não dói tanto assim.

— Dói sim — insisto.

— Ontem você enfrentou dois maníacos homicidas. Agora não consegue aguentar uma dorzinha dessa?

— É diferente — digo, olhando para ele com raiva. Vejo que ele está zombando de mim e não gosto. — Ontem foi uma questão de sobrevivência.

Julian ergue as sobrancelhas, mas não responde. Ele limpa o corte mais uma vez com o algodão, e desta vez trinco os dentes e aguento. Em seguida ele coloca um pouco de pomada na atadura e a fixa cuidadosamente em meu pescoço. Alex cuidou de mim uma vez, bem assim. Foi na noite da batida, quando estávamos escondidos em um abrigo de madeira bem pequeno, e um cachorro tinha acabado de arrancar um pedaço de minha perna. Há muito tempo não pensava naquela noite, e quando as mãos de Julian tocam minha pele, de imediato perco o fôlego.

Será que é assim que as pessoas se aproximam: curando os ferimentos umas das outras, cuidando da pele machucada?

— Pronto. Novinha em folha. — Os olhos dele assumiram o cinza do céu acima das grades. — Você se sente bem para andar?

Faço que sim com a cabeça, apesar de ainda estar fraca e bastante tonta.

Julian estica o braço e aperta meu ombro. Eu me pergunto o que ele pensa quando me toca, se sente a pulsação elétrica que percorre meu corpo. Ele não está acostumado a ter contato com garotas, mas não parece incomodado com isso. Ele cruzou uma fronteira. O que será que vai fazer quando finalmente sairmos daqui? Sem dúvida vai voltar para sua vida antiga: o pai, a ASD.

Talvez ele mande me prenderem.

Sinto uma onda de náusea, fecho os olhos e me desequilibro um pouco.

— Tem certeza de que está bem para irmos?

Ele fala de um jeito tão gentil que meu peito se parte em mil pedaços. Isto não estava nos planos. Não era para acontecer.

Penso no que disse a ele ontem à noite: *Não é para saber*. A difícil, insuportável e bela verdade.

— Julian — abro os olhos e desejo que minha voz estivesse menos trêmula —, não somos iguais. Estamos em lados diferentes. Você sabe disso, não sabe?

Seus olhos ficam um pouco mais sérios, mais intensos: mesmo à meia-luz, adquirem um tom de azul flamejante. Mas, quando ele fala, sua voz ainda é gentil e baixa:

— Não sei mais de que lado estou — diz ele.

Ele dá mais um passo em minha direção.

— Julian…

Mal consigo dizer seu nome.

É então que ouvimos: um grito abafado vem de um dos túneis, o som de pés batendo no chão. Julian se retesa todo, e neste segundo, quando olhamos

um para o outro, não há necessidade de dizer nada.

Os Saqueadores estão aqui.

O terror é um solavanco repentino. As vozes vêm do túnel pelo qual passamos ontem à noite. Julian pega a mochila e eu calço rapidamente os tênis, sem nem me dar o trabalho de colocar as meias. Pego a faca do chão; Julian segura minha outra mão e me puxa para a frente, para depois das caixas de madeira, para a extremidade da plataforma. Mesmo a quinze metros das grades, é quase impossível enxergar. Somos engolidos mais uma vez pela escuridão. É como entrar em uma boca, e tento afastar a sensação de pavor que cresce em mim. Sei que eu deveria agradecer pela escuridão e todas as oportunidades de me esconder, mas não consigo deixar de pensar no que a escuridão pode estar ocultando: passos silenciosos e sorrateiros; corpos pendurados nos canos.

Na extremidade da plataforma há um túnel tão baixo que Julian e eu temos que entrar agachados. Depois de três metros, chegamos a uma escada estreita de metal que nos leva a um túnel mais largo lá embaixo, coberto de trilhos antigos e felizmente sem água. A cada poucos passos Julian faz uma pausa, atento a algum som que denuncie a aproximação dos Saqueadores.

Até que ouvimos, inconfundível e agora mais perto: uma voz resmungando "Por aqui". Essas duas palavras me fazem perder todo o fôlego, como se eu tivesse levado um soco. É o albino. Eu me xingo mentalmente por ter guardado a arma na mochila. Foi burrice, burrice, e agora não dá para pegá-la, no escuro, enquanto Julian e eu seguimos em frente. Aperto o cabo da faca e busco extrair calma da sensação macia da madeira, do peso. Mas ainda estou fraca, tonta e com fome; sei que não vou me sair bem em uma briga. Faço uma oração silenciosa para escaparmos deles na escuridão.

— Aqui embaixo!

Mas as vozes ficam mais altas, mais próximas. Ouvimos passos na escada de metal, um som que faz meu sangue cantar de medo. E neste momento eu vejo: luzes ziguezagueando na parede, tentáculos amarelos. Eles trouxeram lanternas, é claro. Não é à toa que estão vindo tão rápido. Não precisam se preocupar se serão vistos ou ouvidos. São os predadores.

E nós somos a presa.

Esconder. É nossa única esperança. Precisamos nos esconder.

Há uma passagem em arco à direita, levando para alguma parte ainda mais escura. Aperto a mão de Julian e o puxo para lá, para outro túnel, um palmo

mais baixo do que aquele em que estávamos, e cheio de poças de água estagnada e fedida. Tateamos pelo escuro. As paredes são lisas — nenhuma reentrância, nada de caixas de madeira empilhadas, nada capaz de nos ocultar —, e o pânico aumenta. Julian deve sentir o mesmo, porque perde o equilíbrio, tropeça e cai bruscamente em uma das poças pequenas.

Nós dois ficamos imóveis.

Os Saqueadores também. Seus passos param; suas vozes silenciam.

E então a luz penetra no arco: um animal rastejante farejando, rondando, faminto. Julian e eu não nos mexemos. Ele aperta minha mão uma vez e depois a solta. Ouço-o tirar a mochila das costas e sei que está procurando a arma. Não faz mais sentido correr. Também não faz sentido lutar — no fundo, não mais —, mas pelo menos podemos levar um Saqueador ou dois com a gente.

Minha visão fica embaçada de repente e levo um susto. Lágrimas fazem meus olhos arderem, e tenho que secá-las com o pulso. Só consigo pensar: *Não aqui, não assim, não no subterrâneo, não com os ratos.*

O feixe de luz se alarga e cresce; um segundo feixe se soma ao primeiro. Os Saqueadores avançam em silêncio agora, mas sinto que eles vêm devagar de propósito, saboreando o momento, do mesmo modo que um caçador puxa o arco mais alguns centímetros antes de soltar uma flecha: aqueles instantes finais de silêncio e imobilidade antes do abate. Sinto o albino. Mesmo no escuro, sei que ele sorri. As palmas das minhas mãos suam segurando a faca. A meu lado, Julian respira pesadamente.

Não assim. Não assim. Minha cabeça está cheia de ecos agora, fragmentos e distorções: o cheiro inebriante de madressilva no verão; abelhas gordas zumbindo, árvores se vergando sob o peso da neve; Hana correndo à minha frente, rindo, seu cabelo louro balançando.

E estranhamente, o que me vem à mente agora — neste exato segundo, quando tenho uma certeza sólida de que vou morrer — é que todos os beijos que já dei ficaram para trás. O *deliria*, a dor, todos os problemas que isso me causou, tudo pelo que lutamos: acabou para mim, está sendo levado pela maré de minha vida.

E então, bem na hora em que os feixes de luz tornam-se faróis — enormes, cegantes, avançando sobre nós, e as sombras atrás das luzes se desdobram e se tornam pessoas —, sou tomada por uma cólera desesperada. Não consigo enxergar; a luz me cegou, e a escuridão se transformou em explosões de cores,

pontos de brilho flutuando. Na indistinção, salto para a frente, golpeando às cegas com a faca, e ouço gritos e rugidos e um berro que explode em meu peito e vibra por meus dentes como a reverberação produzida por uma lâmina de metal.

Tudo é caos: corpos quentes e ofegantes. Um cotovelo atinge meu peito e braços grossos me envolvem, asfixiando-me. Minha boca se enche de um punhado de cabelos oleosos, sinto uma pontada de dor na lateral do corpo; respiro um hálito fedido no rosto, ouço gritos guturais. Não consigo identificar quantos Saqueadores são (três? quatro?) e não sei onde Julian está. Ataco sem olhar, lutando para respirar, e tudo se resume a corpos — resistência e cerco, não há para onde correr, não tenho como me soltar — e ao brandir da faca. Acerto alguma carne, e mais carne, e então a faca me é arrancada, meu pulso é torcido até eu gritar de dor.

Mãos enormes apertam meu pescoço, e o ar desaparece do túnel, sumindo até ocupar em meus pulmões um espaço pequeno como a ponta de uma caneta. Abro a boca para respirar, com sofreguidão, e descubro que não consigo. Na escuridão acima de mim, vejo uma minúscula bolha de luz, de ar, flutuando bem lá no alto — estou tentando pegá-la, lutando para sair da densa escuridão que me engole —, mas não há nada além de lama em meus pulmões, e estou me afogando.

Sufocando. Morrendo.

Ouço uma batida fraca ao longe, um tamborilar constante, e acho que está chovendo de novo. Então luzes voltam a brilhar dos dois lados: luzes dançantes e vivas, retorcendo-se e se movendo. Fogo.

De repente o aperto ao redor do pescoço some. O ar é como água fria me lavando por dentro, me fazendo ofegar e balbuciar. Caio de quatro e, por um segundo de confusão, acredito que estou sonhando: caio em um fluxo de pelos de animais, uma confusão de pequenos corpos.

Mas minha mente começa a clarear e o mundo emerge da névoa, e percebo que o túnel está cheio de ratos. Centenas e centenas deles: ratos pulando por cima uns dos outros, contorcendo-se e correndo, colidindo contra meus pulsos e mordiscando meus joelhos. Dois tiros ressoam; alguém grita de dor. Acima de mim há formas, pessoas lutando contra os Saqueadores; elas carregam enormes tochas acesas que fedem a óleo sujo e brandem o fogo no ar como agricultores avançando por campos de trigo. Várias imagens são congeladas, iluminadas brevemente: Julian dobrado para a frente, uma das mãos na parede

do túnel; uma das Saqueadoras, com o rosto contorcido, gritando, seu cabelo pegando fogo tal qual uma das tochas.

Este é um novo tipo de pavor. Fico imóvel, ainda de joelhos, enquanto os ratos correm a meu lado, seus corpos batendo no meu, eles guincham e deslizam, seus rabos golpeiam minha pele como chicote. Estou enojada e paralisada de medo.

É um pesadelo. Deve ser.

Um rato sobe em mim. Dou um grito e o jogo longe, a náusea vindo até a garganta. O bicho produz um baque asqueroso ao bater na parede e guincha; mas logo se recupera e se junta ao fluxo de novo, um borrão veloz passando por mim. Estou enojada a ponto de sequer conseguir me mexer. Um choramingo involuntário escapa de minha garganta. Talvez eu tenha morrido e ido para o inferno, para ser punida pelo *deliria* e por todas as coisas terríveis que fiz; para viver na imundície e no caos, que é o que a *Shhh* prevê para os desobedientes.

— De pé.

Levanto a cabeça. Há dois monstros de pé junto a mim, segurando tochas. Eis o que eles parecem: bestas do subterrâneo, apenas semi-humanos. Um deles é enorme, praticamente um gigante. Um dos olhos é de um branco leitoso, cego; o outro é tão escuro e brilhante quanto o de um animal.

A outra figura está curvada, suas costas tão inchadas e tortas quanto o casco de um barco. Não sei dizer se é homem ou mulher. O cabelo comprido e ensebado esconde quase todo o rosto da pessoa. Ela — ou ele — puxou as mãos de Julian para as costas e as prendeu com uma corda. Os Saqueadores sumiram.

Eu me levanto. O curativo em meu pescoço se soltou, a pele ali está grudenta e molhada.

— Ande.

O homem-rato gesticula com a tocha em direção à escuridão atrás de mim. Vejo que ele está ligeiramente inclinado e que aperta a lateral direita do corpo com a mão que não está segurando a tocha. Lembro-me dos tiros e do grito que ouvi. Talvez ele tenha sido atingido.

— Escutem. — Minha voz está trêmula. Levanto as mãos, em um gesto de paz. — Não sei quem vocês são, nem o que querem, mas só estamos tentando sair daqui. Não temos muita coisa, mas podem pegar o que quiserem.

Apenas… apenas nos deixem ir. Por favor. — Minha voz falha um pouco. — Por favor, nos deixem ir.

— Ande — repete o homem-rato e desta vez inclina a tocha tão perto de mim que sinto o calor das chamas.

Olho para Julian. Ele balança a cabeça de leve. A expressão em seus olhos é clara. *O que podemos fazer?*

Eu me viro e ando. O homem-rato segue atrás de mim com a tocha, e, à nossa frente, centenas de ratos desaparecem na escuridão.

antes

Ninguém sabe o que esperar no terceiro assentamento ou mesmo se haverá um. Como Prego e Alistar nunca mais voltaram, não temos como saber se enterraram os suprimentos nos arredores de Hartford, Connecticut, a cerca de trezentos quilômetros de Rochester, ou se aconteceu algo com eles no caminho. A esta altura o frio já enterrou suas garras na paisagem, agora implacável, e só vai mudar quando a primavera chegar. Estamos cansados, com fome e abatidos. Nem Graúna consegue manter a aparência de força. Ela anda devagar, cabisbaixa, muda.

Não sei o que vamos fazer se não houver comida no terceiro assentamento. Sei que Graúna também está preocupada, apesar de não tocar no assunto. Nenhum de nós comenta nada, aliás. Apenas seguimos em frente, cega e obstinadamente.

Mas o medo está presente. Quando nos aproximamos de Hartford, passando pelas ruínas de antigas cidades e por casas bombardeadas, como cascas de insetos secos, não há sentimento de comemoração. O que há é ansiedade: um zumbido de tensão, caindo em todos nós, tornando a floresta ameaçadora. O anoitecer está repleto de maldade; as sombras são dedos finos e compridos, uma floresta de mãos escuras. Amanhã chegaremos ao terceiro assentamento, se ele existir. Se não, alguns de nós vão morrer de fome antes de seguirmos rumo ao sul.

E se o assentamento não estiver lá, poderemos parar de nos questionar quanto ao destino de Prego e Alistar, pois isso significa que muito provavelmente estão mortos.

Quando amanhece, o dia está fraco e carregado de uma eletricidade estranha, como a sensação de espera que costuma preceder uma tempestade. Andamos

em silêncio, exceto pelo som de nossos sapatos esmagando a neve.

Por fim, chegamos: o local onde o terceiro assentamento deveria estar. Não há sinal de que Prego e Alistar passaram por aqui: nenhuma marca nas árvores, nenhum pedaço de tecido amarrado em galhos de árvores, nenhum dos símbolos que usamos para nos comunicar e nenhuma indicação de que objetos e suprimentos foram enterrados na área. É o que todos nós temíamos, mas mesmo assim a decepção é quase uma sensação física.

Graúna solta uma breve exclamação de dor, como se tivesse levado um tapa; Sarah desmorona bem ali, na neve, dizendo "Não-não-não-não-não!" até Fê mandá-la calar a boca. Parece que meu peito afunda.

— Deve haver algum engano — digo. Minha voz soa alta demais na clareira. — A gente deve estar no lugar errado.

— Não há engano nenhum — diz Lupi, baixinho. — É aqui.

— Não — insisto. — Em algum ponto viramos para o lado errado. Ou então Prego encontrou um lugar melhor para deixar as provisões.

— Fique quieta, Lena — diz Graúna. Ela está esfregando as têmporas com força. Suas unhas estão roxas. — Preciso pensar.

— Precisamos encontrar Prego. — Sei que não estou ajudando; sei que estou meio histérica. Mas o frio e a fome afetaram minha mente também, e esse é o único pensamento que se forma. — Ele está com nossa comida. Precisamos encontrá-lo. Precisamos…

Paro de falar quando Lupi me interrompe:

— Shhh.

Sarah volta a se levantar. De repente estamos tensos, alertas. Todos ouvimos o estalar de um galho na floresta, alto como o disparo de um rifle. Quando olho ao redor e vejo cada rosto imóvel, atento e ansioso, me lembro do cervo que vimos na floresta há dois dias, todo paralisado e tenso um pouco antes de sair correndo.

A floresta está completamente parada, árvores nuas que são como pinceladas de puro preto, áreas cobertas de branco, troncos caídos e madeira podre encolhida na neve.

Então, enquanto observo, um dos troncos — de longe, apenas uma massa de cinza e marrom — se mexe.

E sei que alguma coisa está muito, muito errada. Abro a boca para falar, mas neste exato segundo tudo explode: Saqueadores aparecem por todos os lados,

sacudindo a neve de seus casacos e mantas — árvores virando pessoas virando braços, facas e lanças —, e então nos dispersamos, correndo, gritando, fugindo em todas as direções.

É assim, claro, que eles nos querem: em pânico, fracos e separados.

Assim é mais fácil nos matar.

agora

O túnel por onde seguimos é um declive. Por um minuto imagino que estamos indo para o centro da Terra.

Bem adiante há luz e movimento: um brilho intenso, e sons de objetos batendo e pessoas falando. Meu pescoço está molhado de suor, e a tontura está mais forte que nunca. Tenho dificuldade de me manter de pé. Tropeço e quase não consigo me equilibrar. O homem-rato avança e segura meu braço. Tento me soltar, mas ele mantém a mão firme em meu cotovelo e passa a andar a meu lado. Seu cheiro é horrível.

A luz nos alcança, expande-se e ilumina um aposento enorme cheio de fogo e pessoas. O teto acima de nós é abobadado, e emergimos da escuridão para um lugar com plataformas altas dos lados, sobre as quais mais monstros — pessoas esfarrapadas, maltrapilhas e sujas, todas pálidas demais, com olhos semicerrados e mancando — caminham por entre latas de lixo de metal. Há fogueiras acesas em cada uma das lixeiras, de forma que o ar está tomado de fumaça e cheiro de óleo velho. As paredes são de azulejo e estão cobertas de anúncios desbotados e pichações.

Enquanto avançamos pelos trilhos, as pessoas se viram para olhar. São todas debilitadas ou deformadas de alguma forma. A maioria não tem algum membro ou possui algum outro tipo de deficiência: mãos minúsculas e encolhidas, tumores estranhos no rosto, colunas curvadas ou membros aleijados.

— Suba — diz o homem-rato, indicando a plataforma com o queixo. É alta demais.

As mãos de Julian ainda estão amarradas às costas. Dois dos maiores homens que estão na plataforma se aproximam e o seguram por debaixo dos braços, erguendo-o dos trilhos para ajudá-lo a subir. O corcunda se move com graça surpreendente. Vejo braços fortes e pulsos delicados e finos. Uma mulher, então.

— Eu… eu não consigo — digo. As pessoas nas plataformas pararam de andar agora. Estão olhando para Julian e para mim. — É alto demais.

— Suba — repete o homem-rato.

Eu me pergunto se são as únicas palavras que ele conhece: *de pé, ande, suba, desça.*

A plataforma fica na altura dos meus olhos. Apoio as mãos no concreto e tento me erguer, mas estou fraca demais. Caio para trás.

— Ela está machucada! — grita Julian. — Não está vendo? Pelo amor de Deus… precisamos sair daqui.

É a primeira vez que ele fala desde que os Saqueadores nos encontraram, e sua voz está repleta de dor e medo.

O homem-rato me puxa de volta para a plataforma, mas, desta vez, como se obedecessem a um acordo implícito, alguns dos observadores se movem ao mesmo tempo em nossa direção. Eles se agacham na beirada da plataforma e esticam os braços. Tento me desvencilhar, mas o homem-rato está atrás de mim. Ele me segura com firmeza pela cintura.

— Pare! — Agora Julian está tentando se soltar dos captores. Os dois homens que o ajudaram a subir na plataforma ainda o seguram com firmeza. — Solte-a!

Mãos surgem de todas as direções para me segurar. Rostos monstruosos pairam sobre mim, flutuando na luz tremeluzente.

Julian continua gritando:

— Estão me ouvindo? Soltem-na! Deixem-na em paz!

Uma mulher avança pela multidão em minha direção. Ela parece não ter parte do rosto; sua boca está retorcida em um sorriso horrível.

Não. Quero gritar. Mãos me agarram e me levantam para a plataforma. Esperneio; eles me soltam. Caio de lado, violentamente, e viro de barriga para cima. A mulher do rosto pela metade está de pé à minha frente e estica as mãos em minha direção.

Ela vai me estrangular.

— Fique longe de mim! — grito, debatendo-me, tentando afastá-la.

Bato com a cabeça na plataforma, e por um segundo mil cores explodem em minha visão.

— Fique parada — diz ela, com uma voz tranquilizadora, uma voz de canção de ninar, surpreendentemente gentil, e neste momento a dor passa, os gritos cessam, e sou levada por uma névoa.

antes

Cada um vai para um lado, todos apavorados e cegos. Não tivemos tempo para carregar as armas, não temos força para lutar. Minha faca está na mochila, inútil agora. Não há tempo para pegá-la. Os Saqueadores são rápidos e fortes: maiores do que se espera de qualquer pessoa normal, eu acho; maiores do que qualquer pessoa que mora na Selva deveria ser.

— Por aqui! Por aqui!

Graúna corre à minha frente, arrastando Sarah pela mão. Sarah está assustada demais para chorar. Mal consegue acompanhar Graúna. Está tropeçando na neve.

O pavor é uma pulsação batendo no peito. Há três Saqueadores atrás de nós. Um deles segura um machado. Chego a ouvir a lâmina assobiando no ar. Minha garganta está queimando, e a cada passo meu pé afunda quinze centímetros, de forma que tenho que puxar as pernas para seguir em frente. Minhas coxas estão tremendo por causa do esforço.

Chegamos ao topo de uma colina e de repente surge um amontoado de pedras enormes à nossa frente, que lembram pessoas juntas tentando se aquecer. As pedras estão escorregadias por causa do gelo e formam uma série de cavernas interligadas, bocas negras onde a neve não penetrou. Não há como contorná-las nem como subir. Seremos capturadas aqui, encurraladas como animais.

Graúna fica paralisada por apenas um segundo, e o pavor é visível em todo o seu corpo. Um Saqueador corre em sua direção; dou um grito. Ela desperta e arrasta Sarah para a frente de novo, indo direto para a pedra, pois não há mais para onde correr. Vejo-a mexendo no cinto em busca do facão. Seus dedos estão sem jeito, congelados. Ela não consegue tirar o facão da bainha, e percebo, com desalento, que pretende enfrentar o inimigo. É o único plano dela; vamos morrer aqui, e nosso sangue vai manchar a neve.

Minha garganta está arranhando, doendo; galhos nus açoitam meu rosto, e meus olhos se enchem de lágrimas. Há um Saqueador perto de mim agora, tão

perto que ouço sua respiração pesada e vejo sua sombra correndo em sintonia com a minha: à nossa esquerda, figuras gêmeas projetadas na neve em tamanho esticado. Neste momento, logo antes de ele me alcançar, penso em Hana. Duas sombras nas ruas de Portland; o sol quente e alto; pernas correndo em sintonia.

E então não há mais para onde correr.

— Vá! — grita Graúna, empurrando Sarah para a frente, para um espaço escuro, uma das cavernas formadas pelas rochas.

Sarah é pequena, deve caber ali. Com sorte, os Saqueadores não vão conseguir pegá-la. Então sinto a mão de alguém em minhas costas e vou tropeçando até cair de joelhos. Meus dentes trincam quando batem no gelo. Viro-me de costas, ainda deitada, a quinze centímetros da parede de pedra.

Ele está acima de mim: um monstro gigante e malicioso. Ele levanta o machado e a lâmina brilha ao sol. Estou assustada demais para me mexer, para respirar, para chorar.

Ele tensiona os músculos, pronto para baixar o machado.

Fecho os olhos.

Um tiro de rifle explode no silêncio, e depois mais dois. Abro os olhos e vejo o Saqueador acima de mim cair para o lado, como um marionete cujas cordas foram cortadas de repente. O machado cai na neve com a lâmina para baixo. Dois outros Saqueadores também caíram, atingidos por balas: o sangue deles se espalha na brancura.

Então eu os vejo: Prego e Alistar vêm correndo em nossa direção, rifles nas mãos, magros, pálidos, maltrapilhos e vivos.

agora

Quando recobro a consciência, estou deitada de costas em um lençol sujo e velho. Julian está ajoelhado a meu lado, as mãos livres.

— Como está se sentindo?

De repente eu lembro: os ratos, os monstros, a mulher do rosto pela metade. Tento me sentar. Pequenos fogos de artifício de dor estouram em minha cabeça.

— Calma, calma. — Julian passa o braço pelos meus ombros e me ajuda a erguer o corpo. — A pancada na cabeça foi muito forte.

— O que aconteceu?

Estamos sentados em uma área parcialmente bloqueada com caixas de papelão desmontadas. Por toda a plataforma, penduraram lençóis floridos entre pedaços quebrados de madeira, oferecendo um pouco de privacidade para quem está lá dentro; colocaram colchões em enormes estruturas frouxas de papelão; criaram paredes e barreiras com cadeiras quebradas presas umas às outras e mesas de três pernas. O ar ainda está quente, fedendo a cinzas e óleo. A fumaça forma uma linha em direção ao teto antes de ser sugada e descartada por um pequeno canal de ventilação.

— Eles limparam você — diz Julian baixinho, em tom de descrença. — A princípio pensei que quisessem… — Ele não termina a frase, apenas balança a cabeça. — Mas então uma mulher chegou com ataduras e tudo. Ela fez um curativo em seu pescoço. Tinha voltado a sangrar.

Levo a mão ao pescoço: sinto as ataduras grossas. Também cuidaram de Julian; o corte no lábio está limpo, e os hematomas nos olhos, menos inchados.

— Quem são essas pessoas? — pergunto. — Que lugar é este?

Julian balança a cabeça de novo.

— Inválidos. — Ao me ver fazer cara feia, ele acrescenta: — Não conheço outra palavra para eles. Para vocês.

— Não somos todos a mesma coisa — digo, observando as pessoas corcundas e aleijadas andando por trás do fogo. Não quero nem pensar que tipo de comida eles comem aqui embaixo, que tipo de animais conseguem capturar. Penso nos ratos e meu estômago revira. — Você ainda não entendeu isso? Somos todos diferentes. Queremos coisas diferentes. Vivemos de maneiras diferentes. Isso muda tudo.

Julian abre a boca para responder, mas neste momento a mulher monstruosa aparece, aquela de quem tentei fugir na beirada da plataforma. Ela empurra a barricada de papelão para o lado, e então me ocorre que eles devem ter arrumado as coisas assim para que Julian e eu tivéssemos um pouco de privacidade.

— Você acordou — diz a mulher.

Agora que não estou tão apavorada, vejo que não lhe falta parte do rosto, como imaginei; é só que o lado direito é bem menor que o esquerdo, como se a face fosse composta de duas máscaras diferentes, unidas no meio com imperfeição. *Defeito congênito*, penso, embora eu só tenha visto poucos defeituosos na vida, e todos em livros escolares. Na escola, sempre aprendemos que uma criança nascida de não curados acabaria assim, aleijada e defeituosa de alguma forma. Os padres nos diziam que era o *deliria* se manifestando no corpo delas.

Crianças nascidas de pessoas saudáveis e perfeitas são saudáveis e perfeitas; crianças nascidas da doença carregarão a doença no sangue e nos ossos.

Todas essas pessoas, nascidas aleijadas ou deformadas ou tortas, foram empurradas para o subterrâneo. O que teria acontecido com elas quando bebês, quando crianças, se tivessem permanecido na superfície? Lembro-me de quando Graúna me contou como encontrou Azul.

Uma filha do deliria. *Você sabe o que dizem. Ela provavelmente seria levada e morta. Nem a enterrariam… Ela seria queimada e jogada no lixo.*

A mulher não espera que eu diga nada antes de se ajoelhar na minha frente. Julian e eu estamos em silêncio. Quero dizer alguma coisa para ela, mas não encontro as palavras. Quero parar de olhar para o rosto dela, mas não consigo.

— Obrigada — consigo dizer, por fim.

Seus olhos encontram os meus. Eles são castanhos e a pele é cheia de linhas finas. Estão semicerrados, provavelmente porque ela mora neste estranho mundo de luz mortiça.

— Quantos eram? — pergunta ela. Eu imaginaria que sua voz fosse estranha e falha, um reflexo do rosto, mas é alta e clara. Bonita. Como não respondo imediatamente, ela acrescenta: — Os Invasores. Quantos?

Entendo de imediato que ela se refere aos Saqueadores, embora use outra palavra para eles. Percebo pela maneira como ela fala: a mistura de raiva, medo e nojo.

— Não sei direito — digo. — Sete, no mínimo. Talvez mais.

— Eles chegaram há bastante tempo. Talvez um ano — diz a mulher. Devo parecer surpresa por sua forma de falar, porque ela então explica: — Não é fácil acompanhar a passagem do tempo aqui nos túneis. Dias, semanas… A não ser que a gente suba, é difícil saber.

— Há quanto tempo você está aqui embaixo? — pergunto, quase com medo de ouvir a resposta.

Ela olha para mim com aqueles olhos pequenos da cor de lama. Faço o melhor que posso para não ficar encarando sua boca e seu queixo: é a parte em que a deformação é pior, como se o rosto estivesse se retorcendo para dentro de si mesmo, do mesmo modo que uma flor murchando.

— Sempre morei aqui — diz ela. — Ou quase sempre.

— Como…? — A pergunta fica entalada em minha garganta.

Ela sorri. Ao menos eu acho que é um sorriso. Um dos cantos da boca se eleva.

— Não tem nada para nós na superfície — diz ela. — Nada além da morte, pelo menos.

Então é como imaginei. Será que é isso o que acontece com os bebês que não conseguem encontrar o caminho do subterrâneo ou de um lar na Selva? Talvez fiquem trancados em prisões e instituições para doentes mentais. Talvez sejam simplesmente mortos.

— Durante toda a minha vida os túneis pertenceram a nós — diz ela. Ainda tenho dificuldade para associar a melodia da voz com a aparência do rosto. Eu me concentro nos olhos: mesmo na luz fraca e enfumaçada, vejo que são calorosos. — As pessoas vêm até nós com bebês. Aqui é um lugar seguro para eles. — Ela olha para Julian, e reparo que observa o pescoço imaculado dele; em seguida, volta a olhar para mim. — Você foi curada — diz ela. — É assim que falam na superfície, certo?

Confirmo com um movimento de cabeça. Abro a boca para tentar explicar (*fique tranquila, estou do seu lado*), mas, para minha surpresa, Julian se manifesta:

— Não estamos com os Invasores — diz ele. — Não estamos com ninguém. Estamos… estamos sozinhos.

Não estamos com ninguém. Sei que ele só disse isso para tranquilizá-la, mas as palavras ainda assim me dão força, ajudam a desatar o nó de medo que está alojado em meu peito desde que me vi no subterrâneo.

Mas então penso em Alex, e toda a náusea volta. Queria que nunca tivéssemos saído da Selva. Queria nunca ter concordado em entrar para a resistência.

— Como vocês chegaram aqui? — pergunta a mulher.

Ela pega uma jarra a meu lado, serve um pouco do líquido e me oferece o copo de plástico: um copo de criança, a borda decorada com desenhos apagados de cervos brincando. Isso, assim como tudo aqui embaixo, deve ter vindo boiando da superfície: descartado, não desejado, infiltrando-se pelas rachaduras no chão como neve derretida.

— Fomos raptados. — A voz de Julian fica mais forte. — Pelos Invasores. — Ele hesita, e sei que está pensando nos crachás da ASD que encontramos, na tatuagem que vi. Ele ainda não entende, nem eu; mas sei que isso tudo não foi coisa apenas dos Saqueadores. Eles foram pagos, ou ao menos tinham acertado um pagamento pelo que fizeram. — Não sabemos por quê — conclui ele.

— Estamos tentando sair daqui — digo, e então algo que a mulher mencionou antes me chama a atenção agora, e sinto uma pontada repentina de esperança. — Espere… Você disse que é difícil acompanhar a passagem do tempo a não ser que vocês subam, certo? Então… tem como sair daqui? Voltar lá para cima?

— Eu nunca vou à superfície — diz a mulher, e o modo como ela pronuncia *superfície* faz a palavra parecer um xingamento.

— Mas alguém vai — insisto. — Alguém tem que ir.

Eles devem ter formas de receber suprimentos: lençóis, copos, combustível e toda essa mobília usada e quebrada, empilhada a nosso redor na plataforma.

— Sim — diz ela, sem emoção. — É claro.

— Você pode nos levar? — peço.

Minha garganta está seca. Só de pensar no sol, no espaço e na superfície me dá vontade de chorar. Não sei o que vai acontecer quando voltarmos lá para cima, mas afasto o pensamento.

— Você ainda está muito fraca — diz ela. — Precisa comer e descansar.

— Eu estou bem — insisto. — Consigo andar.

Mas, quando tento me levantar, minha visão escurece. Caio sentada.

— Lena.

Julian pousa a mão em meu braço. Seus olhos brilham: *Confie em mim, não tem problema, não vamos morrer se ficarmos um pouco mais.* Não sei o que está acontecendo nem quando começamos a nos comunicar em silêncio, nem por que isso me agrada tanto.

Ele se vira para a mulher:

— Vamos descansar um pouco. Depois, alguém pode nos mostrar o caminho para a superfície?

A mulher mais uma vez olha de Julian para mim, e depois para ele de novo. Em seguida, assente.

— Aqui não é lugar para vocês — diz ela e fica de pé.

De repente me sinto diminuída. Todas essas pessoas sobrevivem a partir de lixo e objetos quebrados, moram no escuro e respiram fumaça. Ainda assim, nos ajudaram. E fizeram isso sem nos conhecer, sem motivo nenhum além do fato de que sabiam fazê-lo. Será que eu teria feito o mesmo no lugar delas? Não tenho certeza.

Alex teria ajudado, penso. E depois: Julian também.

— Espere! — chama-a Julian de volta. — Você… você não disse seu nome.

Um olhar de surpresa cruza seu rosto. Ela sorri de novo, com seus lábios de saca-rolhas.

— Ganhei um nome aqui embaixo — diz ela. — Eles me chamam de Moeda.

Julian franze a testa, mas eu entendo de imediato. É um nome de Inválido: descritivo, fácil de lembrar, engraçado, meio doentio. Moeda porque ela tem duas faces.

Moeda tem razão: é difícil medir o tempo nos túneis, mais ainda do que quando estávamos na cela. Pelo menos lá tínhamos a luz elétrica para nos guiar: acesa durante o dia, apagada à noite. Cada minuto aqui embaixo se torna uma hora.

Julian e eu comemos três barras de cereal cada e um pouco mais da carne-seca que roubamos do estoque dos Saqueadores. Parece um banquete, e antes mesmo de eu terminar meu estômago está doendo muito. Mesmo assim, depois de comer e tomar a jarra toda de água, é o primeiro dia, em muitos, que me sinto melhor. Cochilamos um pouco, deitados tão próximos que consigo sentir a respiração de Julian em meu cabelo, nossas pernas quase se tocando — e nós dois acordamos ao mesmo tempo.

Moeda está de pé de novo a nosso lado. Ela encheu a jarra d'água outra vez. Julian dá um grito curto quando desperta, depois se senta rápido, constrangido. Ele passa as mãos pelo cabelo, que fica espetado em ângulos engraçados, para todos os lados; quase não consigo conter a vontade de ajeitá-lo.

— Você consegue andar? — pergunta-me Moeda. Faço que sim com a cabeça. — Vou pedir para alguém levar vocês à superfície, então.

Mais uma vez, ela pronuncia *superfície* como se fosse um palavrão ou xingamento.

— Obrigada. — As palavras parecem fracas e insuficientes. — O que vocês fizeram… não precisava… quer dizer, agradecemos de coração. Provavelmente estaríamos mortos se não fosse por você e… seus amigos.

Quase digo seu povo, mas me corrijo no último minuto, pois me lembro de como fiquei zangada com Julian quando ele usou essa expressão.

Ela olha para mim sem sorrir por um momento, e me pergunto se a ofendi de algum modo.

— Como eu falei, aqui não é lugar para vocês — diz ela. E então prossegue, sua voz crescendo até tornar-se aguda e estridente: — Existe um lugar para tudo e todos, sabem. É esse o erro que eles cometem lá em cima. Acham que só existe lugar para algumas pessoas. Que só certos tipos de pessoa pertencem a algum lugar. Que o restante é lixo. Mas mesmo o lixo precisa ter seu lugar. Senão entulha, acumula, apodrece.

Um pequeno tremor percorre seu corpo; com a mão direita ela puxa convulsivamente as dobras do vestido sujo.

— Vou encontrar alguém para guiá-los — diz ela abruptamente, como se sentisse vergonha de seu desabafo, e se afasta.

O homem-rato é quem vem até nós, e vê-lo traz de volta uma sensação de vertigem e náusea, apesar de ele estar sozinho desta vez. Os ratos voltaram para seus buracos e esconderijos.

— Moeda disse que vocês querem subir — diz ele, a maior frase que o ouvi pronunciar até agora.

Julian e eu já estamos de pé. Ele pegou a mochila, e, apesar de eu ter dito que consigo ficar de pé, ele insiste em manter uma das mãos em meu braço. *Só para garantir*, falou, e penso no quanto está diferente do garoto que vi no palco do Javits Center, na imagem fria do telão. Não dá para acreditar que sejam a mesma pessoa. Não sei se aquele garoto é o verdadeiro Julian ou se é este o verdadeiro, ou mesmo se é possível saber.

Então me dou conta: também não sei mais quem é a verdadeira Lena.

— Estamos prontos — diz Julian.

Contornamos as pilhas de lixo e os abrigos improvisados que entulham a plataforma. Por onde passamos somos observados. Silhuetas estão agachadas nas sombras. Foram obrigadas a ficar aqui embaixo, assim como fomos obrigados a ficar na Selva: tudo por uma sociedade de ordem e regularidade.

Para que uma sociedade seja saudável, nenhum membro pode estar doente. A filosofia da ASD tem um alcance mais profundo — bem mais profundo — do que eu acreditava. Os perigosos não são apenas os não curados: são também os diferentes, os deformados, os extraordinários. Esses também devem ser erradicados. Será que Julian se dá conta disso ou será que sempre soube?

A irregularidade deve ser regulada; a sujeira deve ser limpa; as leis da física nos ensinam que os sistemas tendem progressivamente ao caos, então o caos deve ser constantemente afastado. As regras da purificação estão inclusive escritas na *Shhh*.

Quando chegamos ao final da plataforma, o homem-rato desce para os trilhos. Ele está andando bem agora. Se foi ferido no conflito contra os Saqueadores, também cuidaram dele e lhe fizeram curativos. Julian o segue para os trilhos e depois me ajuda, segurando-me pela cintura enquanto desço desajeitadamente da plataforma. Apesar de eu estar me sentindo melhor do que mais cedo, ainda não consigo me locomover muito bem. Fiquei tanto tempo sem comida e água suficientes que a cabeça continua latejando. Meu tornozelo esquerdo vira quando encosto o pé no chão, e acabo caindo em

Julian e batendo com o queixo em seu peito; seus braços se apertam ao redor de meu corpo.

— Você está bem? — pergunta ele.

Tenho uma aguçada consciência da proximidade de nosso corpo e do calor envolvente dos braços dele.

Dou um passo para trás, meu coração na boca.

— Estou bem — respondo.

Então chega a hora de mergulharmos mais uma vez na escuridão. Fico para trás, e o homem-rato deve pensar que estou com medo, porque se vira e diz:

— Os Invasores não vêm até aqui. Não se preocupe.

Ele não carrega nenhuma lanterna nem tocha. Talvez a função do fogo fosse apenas intimidar os Saqueadores. A boca do túnel é escura como piche, mas ele parece enxergar perfeitamente.

— Vamos — diz Julian, e com ele sigo o homem-rato, orientando-me pela débil luz da lanterna, em direção à escuridão.

Caminhamos em silêncio, apesar de o homem-rato parar de vez em quando e ficar estalando a língua, como quem chama um cachorro. Uma hora ele se agacha, tira migalhas de biscoito dos bolsos do casaco e as espalha no chão, entre as ripas de madeira dos trilhos. Os ratos vêm do canto do túnel, cheirando seus dedos, disputando os farelos, saltando para suas mãos e subindo correndo pelos braços e ombros. É uma cena terrível, mas não consigo desviar o olhar.

— Há quanto tempo você mora aqui? — pergunta Julian depois que o homem-rato se levanta.

Agora, por toda a nossa volta ouvimos o ruído de minúsculos dentes e unhas, e a lanterna flagra movimentos rápidos, sombras agitadas. Sinto um pavor repentino ao pensar nesses ratos todos ao redor, inclusive no teto.

— Não sei — diz o homem-rato. — Perdi a conta.

Ao contrário das outras pessoas que fizeram a plataforma de lar, ele não tem deformidade física evidente, exceto por um olho branco-leitoso. Não consigo evitar a pergunta:

— Por quê?

Ele se vira para mim abruptamente. Por um minuto o homem-rato não diz nada, e nós três ficamos ali de pé na escuridão abafada. Arquejo, arranhando a garganta.

— Eu não queria ser curado — responde ele por fim, e as palavras são tão normais, um vocabulário de meu mundo, um assunto lá de cima, que o alívio irrompe em meu peito. Ele não é louco, afinal.

— Por que não? — É Julian quem pergunta isso.

Outra pausa.

— Eu já estava doente — diz o homem-rato, e, apesar de eu não conseguir ver seu rosto, sei que está sorrindo, bem de leve. Eu me pergunto se Julian está tão surpreso quanto eu.

Neste momento me ocorre que as pessoas têm seus próprios túneis: espaços escuros e sinuosos, e cavernas; é impossível conhecer todos os lugares que existem dentro delas. Mesmo imaginar já é impossível.

— O que aconteceu? — insiste Julian.

— Ela foi curada — responde o homem-rato, sucinto, e nos dá as costas para voltar a andar. — E eu escolhi… isto. Aqui.

— Espere, espere. — Julian me puxa para a frente: temos que correr um pouco para alcançá-lo. — Não entendi. Vocês foram infectados juntos, mas ela foi curada?

— Isso.

— E você preferiu isto? — Julian balança a cabeça. — Você deve ter visto… Quer dizer, teria eliminado sua dor.

Há uma pergunta nas palavras de Julian, e neste momento sei que ele está em conflito, ainda agarrado às velhas crenças, às ideias que o confortaram por tanto tempo.

— Eu não vi. — O homem-rato apressou o passo. Ele deve conhecer de cor as curvas e descidas do túnel. Julian e eu mal conseguimos acompanhá-lo. — Depois disso nunca mais a vi.

— Não entendo — diz Julian, e por um segundo meu coração dói por ele. Temos a mesma idade, mas ele não sabe de tanta coisa…

O homem-rato para. Ele não olha para nós, mas vejo seus ombros subirem e descerem: um suspiro inaudível.

— Eles já a tinham tirado de mim uma vez — diz ele baixinho. — Eu não queria perdê-la de novo.

Tenho vontade de colocar a mão no ombro dele e dizer: *Eu entendo*. Mas as palavras parecem tolas. Nunca podemos entender. Só podemos tentar, tateando pelos labirintos de túneis, em busca de luz.

Mas então ele diz:

— Chegamos.

Ele dá um passo para o lado, de forma que o feixe da lanterna ilumina uma escada de metal enferrujada. Antes que eu consiga pensar em qualquer outra coisa para dizer, ele já pulou para o primeiro degrau e começou a subir em direção à superfície.



Logo o homem-rato está mexendo na tampa de metal de uma abertura no teto. Quando a abre, deslizando-a para o lado, a luz é tão intensa e inesperada que dou um grito e me viro, piscando sem parar enquanto pontos de cor rodopiam em meu campo de visão.

O homem-rato sai pelo buraco e me oferece a mão. Julian é o último a subir.

Saímos em uma plataforma grande a céu aberto. Há um trilho de trem abaixo de nós, arrancado, um emaranhado de ferro retorcido e madeira. Em determinado ponto deve entrar nos túneis subterrâneos. O local está coberto de excremento de passarinho. Há pombos por todo lado, nos bancos com a tinta descascando, nas lixeiras velhas, entre os trilhos. Uma placa desbotada pelo sol e maltratada pelo vento deve ter exibido o nome da estação em algum momento; está ilegível agora, exceto por algumas letras: H, O, B, K. Cartazes antigos marcam as paredes: MINHA VIDA, MINHA ESCOLHA, diz um. Outra diz: MANTENHAM OS EUA EM SEGURANÇA. Slogans velhos, placas velhas da luta entre os que acreditavam e os que não acreditavam.

— Que lugar é este? — pergunto ao homem-rato.

Ele está agachado perto da boca negra do buraco que leva para baixo. Cobriu o rosto com o capuz para proteger os olhos do sol e parece desesperado para saltar de volta para a escuridão. É a primeira vez que tenho a chance de olhar para ele direito, e agora vejo que é bem mais jovem do que imaginei. Fora as suaves linhas que se cruzam nos cantos dos olhos, seu rosto é liso e sem marcas. A pele é tão pálida que tem o tom azulado de leite, e os olhos são enevoados e desfocados, desacostumados a tanta luz.

— É o aterro sanitário — diz ele, apontando: a mais ou menos cem metros, na direção que ele indica, há uma cerca alta, atrás da qual podemos ver um monte de lixo e metal reluzente. — Manhattan fica do outro lado do rio.

— O aterro sanitário — repito devagar. É claro: as pessoas do subterrâneo precisam conseguir provisões de algum jeito. O aterro seria perfeito: um monte de comida jogada fora, suprimentos, fios e móveis. Tenho um estalo de reconhecimento. Fico de pé, com certa dificuldade. — Sei onde estamos — digo. — Tem um lar aqui perto.

— Um o quê?

Julian estreita os olhos para mim, mas estou empolgada demais. Corro pela plataforma, minha respiração se condensando à frente, e levanto o braço para proteger os olhos do sol. Prego me contou que o aterro é enorme, muitos quilômetros quadrados, para atender toda a Manhattan e as cidades-irmãs, mas devemos estar na extremidade norte. Há um caminho sinuoso de cascalho partindo do portão que passa pelas ruínas de velhos prédios bombardeados. Este monte de lixo já foi uma cidade. E a pouco mais de um quilômetro daqui tem um lar. Graúna, Prego e eu moramos lá durante um mês enquanto estávamos à espera dos documentos e das instruções finais da resistência quanto à realocação e à reabsorção. No lar haverá comida, água e roupas. E poderemos fazer contato com Graúna e Prego. Quando moramos lá, usávamos sinais de rádio e, quando esse método ficou perigoso demais, adotamos a técnica dos tecidos de cores diferentes que erguíamos no mastro do lado de fora de uma escola local outrora incendiada.

— É aqui que deixo vocês — diz o homem-rato.

Ele já está com a parte de baixo do corpo dentro do buraco. Percebo que está desesperado para sair do sol e voltar para a segurança.

— Obrigada — digo.

As palavras parecem estupidamente insuficientes, mas não consigo pensar em mais nenhuma.

O homem-rato assente e está prestes a descer de vez pela escada quando Julian o detém:

— Não sabemos seu nome.

O homem-rato retorce a boca em um sorriso.

— Eu não tenho nome.

Julian parece assustado.

— Todo mundo tem nome — diz ele.

— Não mais — diz o homem-rato, com aquele sorriso retorcido. — Nomes não significam mais nada. O passado morreu.

O passado morreu. O lema de Graúna. Minha garganta fica seca. Não sou tão diferente das pessoas do subterrâneo, afinal.

— Tomem cuidado — diz o homem-rato, e seus olhos perdem o foco de novo. — Eles estão sempre de olho.

E então ele desce pelo buraco. Um segundo depois, a tampa de ferro volta para o lugar.

Por um momento Julian e eu ficamos em silêncio, olhando um para o outro.

— Conseguimos — diz Julian, sorrindo para mim.

Ele está um pouco mais adiante na plataforma, o sol criando mechas claras e douradas em seu cabelo. Um pássaro cruza o céu atrás dele, uma sombra veloz no azul. Pequenas flores brancas nascem nas rachaduras da plataforma.

De repente me vejo chorando. Estou soluçando de gratidão e alívio. Nós conseguimos sair, o sol ainda brilha, e o mundo ainda existe.

— Ei. — Julian se aproxima. Ele hesita por um segundo, em seguida afaga minhas costas, passando a mão devagar, em círculos. — Ei, está tudo bem. Está tudo bem, Lena.

Balanço a cabeça. Quero dizer para ele que sei que está tudo bem e que é por isso que estou chorando, mas não consigo falar. Ele me puxa para si e eu choro em sua camiseta. Ficamos assim, ao sol, no mundo externo, onde essas atitudes são ilegais. E ao redor há silêncio, exceto pelo ocasional gorjeio de pássaros e pelo movimento de pombos na plataforma vazia.

Por fim eu me afasto. Durante um segundo penso ver movimento atrás dele, depois das sombras de uma das escadarias antigas de acesso à estação, mas logo depois sei que foi imaginação minha. A luz é implacável. Não faço ideia de como está minha aparência agora. Apesar de as pessoas do subterrâneo terem limpado os ferimentos de Julian e lhe feito curativos, seu rosto ainda está todo manchado de hematomas, uma colcha de retalhos multicolorida. Tenho certeza de que estou tão mal quanto ele ou até pior.

Abaixo da terra, éramos aliados; amigos. Acima, não sei bem o que somos, portanto me sinto desconfortável.

Felizmente, ele quebra a tensão:

— Então você sabe onde estamos?

Faço que sim com a cabeça.

— Sei onde podemos conseguir ajuda dos… do meu povo.

Em um gesto louvável, ele nem se abala.

— Vamos, então.

Ele me segue nos trilhos. Ao passarmos, assustamos os pombos que estão ali e levantam voo ao redor: um furacão confuso e repleto de penas. Nós andamos pelos trilhos e depois pela grama alta, esmaecida pelo sol até ficar desbotada e ainda coberta de geada. O chão está duro e salpicado de gelo, embora aqui também haja evidência de vegetação de primavera: pequenos botões verdes, algumas flores precoces espalhadas em meio à terra.

O sol aquece nossa pele, mas o vento está gelado. Quem me dera ter alguma coisa mais quente que um moletom. O frio atravessa o algodão, agarra minhas entranhas e puxa.

Enfim a paisagem é familiar. O sol projeta sombras enormes no chão, em formatos irregulares, dos prédios bombardeados. Passamos por uma placa de rua antiga, hoje amassada, que no passado indicava o caminho para a avenida Columbia, rua que nos dias atuais não passa de placas de concreto quebradas, grama congelada e um tapete de cacos de vidro minúsculos, espalhados de tal modo que formam um espelho de poeira.

— Chegamos — digo. — É aqui.

Começo a correr. A entrada do lar fica a menos de vinte metros, depois de uma curva.

Mas outro sentimento me percorre: um alarme interior soando baixinho. Conveniente. Essa é a palavra que martela em minha mente. É conveniente termos saído tão perto do lar; é conveniente os túneis terem nos trazido até aqui. Conveniente demais para ser coincidência.

Eu ignoro o pensamento.

Dobramos a curva e ali está. De um minuto para o outro, todas as minhas preocupações são eliminadas pela onda de alegria. Julian para, mas vou direto até a porta, reanimada, cheia de energia. A maioria dos lares, ao menos os que vi, foi construída em locais escondidos: porões, adegas, abrigos antibombas e cofres de banco que permaneceram intactos mesmo durante a *blitz*. Nós os ocupamos como insetos tomando a terra.

Mas este lar foi construído bem depois do fim da *blitz*. Graúna me disse que foi um dos primeiros e que serviu como o quartel-general do primeiro grupo da resistência, ainda bem desestruturado, que procurou materiais e construiu quase uma casa, uma estrutura remendada e estranha feita de madeira, concreto, pedra e metal. O local tem uma aparência precária, uma fachada à la Frankenstein, como se não tivesse condição alguma de estar de pé.

Mas está.

— E então? — pergunto, virando-me para Julian. — Você vem ou não?

— Eu nunca… Não é possível. — Julian balança a cabeça, como se tentasse despertar de um sonho. — Isso não é nada do que eu imaginava.

— Podemos construir quase qualquer coisa a partir do zero — digo.

Lembro-me de quando Graúna me disse quase o mesmo depois da minha fuga, quando eu estava doente e fraca, sem saber se queria viver ou morrer. Faz apenas meio ano: toda uma vida. Por um segundo sinto uma onda de tristeza: pelos horizontes que desaparecem atrás de nós, pelas pessoas que deixamos para trás, pelas partes de cada um de nós arquivadas e enterradas bem fundo.

Os olhos de Julian estão elétricos agora, um espelho do céu, e ele se vira para mim:

— Até dois anos atrás, eu pensava que tudo fosse um conto de fadas. A Selva, os Inválidos. — Ele avança dois passos, e de repente estamos muito próximos. — Você. Eu… eu nunca acreditaria.

Vários centímetros ainda nos separam, mas para mim é como se estivéssemos nos tocando. Há uma eletricidade entre nós que desintegra o espaço entre nossos corpos.

— Eu sou real — digo, e a eletricidade é uma coceira, um pulo nervoso debaixo da pele. Eu me sinto exposta demais. Está claro demais, silencioso demais aqui.

— Eu acho… Não sei se consigo voltar — diz Julian.

Seus olhos estão cheios de uma profundidade parecida com água. Quero desviar o olhar, mas não consigo. Parece que estou caindo.

— Não sei o que você quer dizer. — Eu me forço a pronunciar as palavras.

— Quero dizer que…

Ouvimos um estrondo alto à direita, como se algo tivesse sido derrubado. Julian para de falar, e vejo seu corpo ficar tenso. Por instinto, eu o empurro para trás de mim, em direção à porta, e, com dificuldade, tiro a arma da mochila. Observo a área rapidamente: detritos e pedras, declives e depressões, vários locais para se esconder. Os pelos de minha nuca estão eriçados, e todo o meu corpo está alerta agora. Eles estão sempre de olho.

Permanecemos em um silêncio agonizante. O vento leva um saco plástico pelo chão cheio de lixo. Ele gira três vezes, devagar, até parar na base de um poste que há muito não funciona.

De repente vejo movimento à esquerda. Eu me viro com um grito, segurando a arma, e um gato sai de trás de um bloco de cimento. Julian solta o ar; minha mão relaxa ao redor da arma, e permito que a tensão deixe meu corpo. O gato, magrelo e de olhos arregalados, para e vira a cabeça em nossa direção. Ele dá um miado lastimoso.

Julian encosta as mãos de leve em meu ombro, e dou um pulo para longe, por instinto.

— Venha — falo.

Percebo que o magoei.

— Eu ia dizer uma coisa — diz Julian.

Sinto que ele busca meus olhos, tentando fazer com que eu o olhe, mas já estou na porta, tentando girar a maçaneta enferrujada.

— Mais tarde você me fala — digo enquanto forço a porta, que enfim se abre. Julian não tem escolha a não ser entrar comigo.

Estou com medo do que ele tem a dizer, do que vai escolher, de para onde vai. Mas estou apavorada com o que quero: para ele e, pior de tudo, dele.

Porque eu quero. Nem sei direito o que exatamente, mas a vontade está presente, assim como antes estavam o ódio e a raiva, no mesmo lugar. Mas isso não é um torreão. É um buraco infinito, que se estende à frente como um túnel; que segue até o fundo e abre um buraco dentro de mim.

antes

Prego e Alistar não conseguiram salvar muitos suprimentos do lar de Rochester. As bombas e o incêndio em seguida cumpriram seu papel. Mas os dois encontraram algumas coisas milagrosamente preservadas em meio aos detritos enfumaçados: latas de feijão, mais armas, armadilhas e, estranhamente, uma barra de chocolate inteira, nada derretida. Prego insiste em mantê-la. Ele a leva pendurada na mochila, como um amuleto da sorte. Sarah fica de olho no chocolate enquanto andamos.

Parece mesmo que o chocolate traz sorte; ou talvez seja apenas porque temos Prego e Alistar de volta e porque isso muda o humor de Graúna. O tempo firma. Ainda está frio, mas todos encontramos alívio no sol.

O feijão nos dá energia suficiente para seguir em frente. Não faz nem um dia que deixamos o último assentamento e damos de cara com uma casa solitária e completamente preservada, no meio da floresta. Deve ter sido construída a quilômetros de qualquer estrada de porte e parece um cogumelo brotando do chão: as paredes estão cobertas por hera marrom, grossa como a pele de um animal, e o teto é baixo e redondo, como um chapéu enfiado na cabeça. Essa teria sido a casa de um eremita muito tempo atrás, antes da *blitz*: bem distante de qualquer ser humano. Não é surpresa que tenha permanecido intacta. Os bombardeiros não devem tê-la visto, e até mesmo os incêndios talvez não tenham chegado tão longe.

Quatro Inválidos fizeram desta casa seu lar. Eles nos convidam a acampar no terreno. São dois homens e duas mulheres, mais cinco crianças, e nenhuma delas parece ser de nenhum dos dois casais. Eles nos contam, durante o jantar, que vivem como uma família e que moram na casa há uma década. Têm a gentileza de compartilhar com sua comida: beringela e abobrinha enlatadas, seu sabor ácido evidenciado pelo alho e o vinagre; tiras de carne de cervo

desidratada no outono passado; e vários outros tipos de carne e ave defumadas: coelho, faisão, esquilo.

Alistar e Prego passam a noite refazendo nossos passos e marcando árvores, para que no ano que vem, quando migrarmos (se migrarmos de novo), possamos localizar a casa-cogumelo.

De manhã, uma das crianças sai da casa correndo quando estamos nos aprontando para partir. O menino está descalço apesar da neve.

— Aqui — diz ele e coloca um embrulho em minha mão.

Envolvidos por um pano de prato estão pães duros e achatados (feitos de bolotas de carvalho em vez de farinha, ouvi uma das mulheres dizer) e mais carne-seca.

— Obrigada — digo, mas ele já está correndo de volta em direção à casa, rindo.

Por um momento sinto inveja: ele cresceu aqui, sem medo, feliz. Talvez nunca venha a saber sobre o mundo que existe do outro lado da cerca, o mundo real. Para ele não existirá nada assim.

Mas também não vai haver remédio quando ele ficar doente, nem comida suficiente, e os invernos serão tão frios que as manhãs parecerão um soco na barriga. E um dia, a não ser que a resistência vença e tome de volta o país, os aviões e as bombas vão encontrá-lo. Algum dia o olho vai se virar na direção dele, como um laser, e consumir tudo no caminho. Algum dia a Selva toda vai ser destruída, e nos restará apenas uma paisagem de concreto, uma terra de belas casas e jardins bem-cuidados, parques e florestas planejados, um mundo que funciona com a precisão de um relógio com a corda bem dada: um mundo de metal e engrenagens, de pessoas seguindo em um *tic-tic-tic* para a morte.

Racionamos a comida à risca, e enfim, depois de mais três dias de caminhada, chegamos à ponte que marca os últimos cinquenta quilômetros. É enorme e estreita, feita de tubos compridos de aço, escorregadia devido ao gelo e escurecida pelo tempo. Para mim parece um inseto gigante atravessado no rio, suas pernas articuladas enfiadas na água. Bloqueada anos atrás, não é usada há muito tempo — exceto como passagem para Inválidos em trânsito —, e as placas improvisadas na entrada praticamente apodreceram.

Uma grande placa verde, que se soltou em um dos lados, agora está pendurada de forma que as palavras ficam na vertical. Leio quando passamos: PONTE TAPPAN ZEE. A placa balança ao vento, um vento brutal, que passa com força por nós, expostos como estamos, e nos traz lágrimas aos olhos — além de encher o ar com gemidos fantasmagóricos.

Abaixo de nós, a água é da cor de concreto e frisada de ondas. A altura é vertiginosa. Uma vez li que mergulhar na água de uma altura dessas seria como aterrissar em pedra. Lembro-me da história da não curada que se matou pulando do alto do prédio do laboratório no dia da intervenção, e a lembrança traz consigo uma sensação de culpa.

Mas é isto o que Alex iria querer para mim: a marca no pescoço, milagrosamente bem-cicatrizada, como a de uma intervenção real; os músculos fortes, a sensação de ter um propósito. Ele acreditava na resistência, e agora vou acreditar por ele.

E talvez um dia eu o veja de novo. Talvez exista mesmo um céu após a morte. E talvez seja aberto a todos, não só aos curados.

Mas agora o futuro, assim como o passado, nada significa. Agora só existe um lar erguido a partir de lixo e detritos, à margem de uma cidade destruída, logo depois de um imenso lixão; e nossa chegada, famintos e semiparalisados pelo frio, em um lugar com comida, água e paredes que isolam lá fora os ventos brutais. Para nós, aqui é o paraíso.

agora

O paraíso é ter água quente. O paraíso é ter sabonete.

Resgate, como sempre chamamos este lar, é composto por quatro aposentos. Uma cozinha, uma despensa grande, quase do tamanho do restante da casa, e um quarto de dormir apertado (cheio de beliches bambos e construídos na base da improvisação).

O último aposento é para o banho. Várias banheiras de metal ficam em uma plataforma composta por uma grade extensa; embaixo há uma área de pedra achatada e pedaços de madeira queimada, remanescentes das fogueiras que fazíamos no inverno para aquecer ao mesmo tempo a sala e a água.

Depois de tatear na escuridão até encontrar uma lanterna, acendo uma fogueira, usando a madeira de uma pilha grande que está em um canto da despensa, enquanto Julian explora as outras partes da casa com um lampião. Em seguida, tiro água do poço. Estou fraca e só consigo encher uma banheira até a metade antes de meus braços começarem a tremer. Mas é o bastante.

Pego um sabonete na despensa e até encontro uma toalha de verdade. Minha pele está coçando, coberta de sujeira: eu a sinto em todas as partes, inclusive nas pálpebras.

Antes de eu começar a tirar a roupa, grito:

— Julian?

— Sim?

Sua voz chega abafada. Pelo som, ele está no quarto de dormir.

— Não saia daí, ok?

Não tem porta no aposento de banho. É desnecessário, e as coisas que não são necessárias na Selva não são construídas, feitas ou usadas.

Há uma breve pausa.

— Tudo bem — responde ele.

O que será que ele está pensando? Sua voz soa alta, tensa, embora possa ser a distorção provocada pelas paredes de metal e madeira.

Coloco a arma no chão e tiro a roupa, apreciando o som pesado do jeans caindo no piso. Por um momento meu corpo parece estranho até para mim mesma. Houve uma época em que eu era quase arredondada, apesar dos músculos nas coxas e panturrilhas, devido ao hábito de correr. Minha barriga tinha um pequeno inchaço, meus seios eram fartos e pesados.

Agora estou toda definhada: fios e cordas. Meus seios são duas pontas pequenas e duras; minha pele está coberta de hematomas. Eu me pergunto se Alex ainda me acharia bonita. E se Julian me acha feia.

Afasto ambos os pensamentos. Desnecessários, irrelevantes.

Esfrego cada centímetro do corpo: debaixo das unhas, atrás das orelhas, os ouvidos… entre os dedos dos pés e entre as pernas. Ensaboo o cabelo e deixo a espuma cair nos olhos, que ardem. Quando enfim me levanto, ainda escorregadia de sabonete, como um peixe, a banheira tem uma camada de sujeira em toda a lateral. Fico novamente aliviada por não haver espelhos aqui; meu reflexo na superfície da água é escuro e indistinto, uma Lena-sombra. Não quero ver minha aparência com mais clareza.

Eu me seco e coloco roupas limpas: um casaco bem grande e uma calça de moletom, meias grossas. O banho me rejuvenesceu, e me sinto forte o bastante para tirar mais água do poço e encher uma banheira para Julian.

Eu o encontro na despensa, agachado em frente a uma prateleira baixa. Alguém deixou aqui uma dúzia de livros, todos banidos há muito tempo. Julian está folheando um deles.

— Sua vez — digo.

Ele leva um susto e fecha o livro depressa. Fica de pé, e, quando se vira para mim, vejo culpa em seu rosto. Então seus olhos assumem uma expressão que não consigo identificar.

— Não tem problema — digo a ele. — Aqui você pode ler o que quiser.

— Eu… — começa ele a falar, mas logo para, balançando a cabeça. Ainda está me observando com aquela expressão estranha no rosto. Sinto minha pele esquentar. A água do banho devia estar quente demais. — Eu me lembro desse livro — diz por fim, mas tenho a sensação de que não era isso o que ele ia dizer. — Tinha no escritório de meu pai. No segundo escritório. Aquele sobre o qual lhe falei.

Faço que sim. Ele levanta um livro. É um exemplar de *Grandes esperanças*, de Charles Dickens.

— Ainda não li esse — confesso. — Prego sempre dizia que era um dos preferidos dele…

Inspiro fundo, alarmada. Não devia ter dito o nome de Prego. Tenho confiado em Julian, deixado que se aproxime. Mas ele ainda é Julian Fineman, e a força da resistência depende dos seus segredos.

Felizmente ele não comenta nada.

— Meu irmão… — Ele tosse e recomeça: — Encontrei esse livro nas coisas dele. Depois que ele morreu. Não sei por quê; não sei o que eu estava procurando.

Um caminho de volta, penso, mas não digo.

— Eu peguei e guardei. — Julian retorce um dos cantos da boca em um sorriso. — Rasguei o colchão e enfiei o livro ali, para que meu pai não encontrasse. Comecei a ler no mesmo dia.

— É bom? — pergunto.

— É cheio de assuntos ilegais — diz Julian devagar, como se estivesse reavaliando o sentido das palavras. Seus olhos se desviam dos meus, e por um momento há uma pausa carregada. Em seguida ele volta a me fitar, e, desta vez, quando ele sorri, seus olhos estão cheios de luz. — Mas sim. É bom. Eu acho ótimo.

Por algum motivo dou uma risada; apenas isso, o modo como ele fala dissipa a tensão, faz tudo parecer fácil e contornável. Fomos sequestrados; fomos espancados e caçados; não temos como voltar para casa. Somos de dois mundos diferentes e pertencíamos a lados opostos. Mas tudo vai ficar bem.

— Enchi uma banheira para você — digo. — Já deve estar quente. Pode pegar roupas limpas.

Aponto para as prateleiras, onde as roupas estão arrumadas e identificadas: CAMISAS MASCULINAS, CALÇAS FEMININAS, SAPATOS INFANTIS. Trabalho de Graúna, é claro.

— Obrigado. — Julian pega uma camisa e uma calça e, depois de um momento de hesitação, recoloca *Grandes esperanças* entre os livros. Em seguida fica de pé e abraça as roupas contra o peito. — Não é tão ruim assim aqui, sabe?

Dou de ombros.

— A gente faz o que pode — digo, mas por dentro me sinto satisfeita.

Ele passa por mim, indo em direção ao aposento de banho. Quando estamos lado a lado, ele para de repente. Seu corpo todo enrijece. Vejo um

tremor percorrer-lhe o corpo e por um segundo apavorante penso: *Ai meu Deus, ele está tendo uma convulsão.*

Mas ele apenas diz:

— Seu cabelo…

— O quê? — Estou tão surpresa que mal consigo articular as palavras.

Julian não está olhando para mim, mas sinto que todo o seu corpo está em estado de alerta, concentrado, e isso faz com que eu me sinta ainda mais exposta do que se ele estivesse me olhando fixamente.

— Seu cabelo está cheirando a rosas — diz Julian, que segue para o corredor antes que eu possa responder, e fico sozinha, com um adejar de asas no peito.

Enquanto Julian toma banho, preparo o jantar para nós. Estou cansada demais para acender o fogão velho, então pego cream-crackers e abro duas latas de feijão, uma de cogumelos e uma de tomates; qualquer comida que não precise ser cozida. Tem carne-seca também. Pego só uma lata pequena, apesar de estar com tanta fome que provavelmente comeria um boi inteiro. Mas temos que deixar para os outros. É uma regra.

Não há janelas no Resgate, e está escuro. Desligo o lampião; não quero desperdiçar pilha. Encontro algumas velas grossas, já queimadas até quase cotocos, e as coloco no chão. Não há mesa no abrigo. Quando morei aqui com Graúna e Prego, depois que Alistar seguiu adiante com os outros para Delaware, comíamos assim todas as noites, curvados sobre um único prato, nossos joelhos se tocando e as sombras bruxuleando na parede. Acho que foi a época em que fui mais feliz desde que deixei Portland.

Ouço sons de água vindos do aposento de banho e um cantarolar. Julian também está encontrando o paraíso em coisas pequenas. Vou até a porta do abrigo e abro uma fresta. O sol já se põe. O céu está azul-claro e entremeado com nuvens cor-de-rosa e douradas. Os detritos de metal ao redor do Resgate, o lixo e os estilhaços brilham em tom vermelho. Acho que vejo um leve movimento à esquerda. Deve ser o gato de novo, andando pelo lixo.

— O que está olhando?

Eu me viro e acabo batendo a porta sem querer. Não ouvi Julian se aproximar atrás de mim. Ele está bem perto. Posso sentir o cheiro de sabonete em sua pele, mas de alguma forma ainda masculina. Seu cabelo molhado se encaracola ao redor do maxilar.

— Nada — digo. E depois, como ele continua ali parado olhando para mim, acrescento: — Você quase parece um ser humano.

— Eu quase me sinto um ser humano — diz ele e passa a mão pelo cabelo. Ele encontrou uma camiseta branca e uma calça jeans que lhe servem.

Felizmente Julian não faz muitas perguntas sobre este lar, nem sobre quem fica aqui ou quando foi construído. Sei que ele deve estar morrendo de curiosidade. Acendo as velas e nos sentamos de pernas cruzadas no chão, e por um tempo estamos ocupados demais comendo para falar qualquer coisa. Mas depois conversamos: Julian me conta sobre como foi crescer em Nova York e me faz perguntas sobre Portland. Diz que quer fazer faculdade de matemática, e eu lhe conto sobre as corridas de *cross-country*.

Não falamos sobre a cura, nem sobre a resistência, nem sobre a ASD, nem sobre o que vai acontecer amanhã, e durante essa hora em que estamos sentados no chão, de frente um para o outro, parece que estou com um amigo de verdade. Ele ri com facilidade, como Hana. É bom de conversa e um ouvinte ainda melhor. Eu me sinto estranhamente à vontade perto dele. Mais à vontade até do que me sentia com Alex.

Não quero fazer essa comparação, mas faço, e ela está lá. Fico de pé de repente, no meio de uma história que Julian está contando, e levo os pratos para a pia. Ele para de falar e fica me observando.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Ótima — respondo, com acidez demais. Eu me odeio neste momento e odeio Julian também, mesmo sem saber por quê. — Só cansada.

Isso, pelo menos, é verdade. De repente me sinto mais cansada do que já estive em toda a minha vida. Eu poderia dormir para sempre; poderia deixar o sono cair em mim como neve.

— Vou procurar uns cobertores — diz Julian e se levanta.

Percebo que ele hesita atrás de mim e finjo que estou ocupada com os pratos. Não suporto olhá-lo agora.

— Ei — diz ele. — Eu nunca cheguei a lhe agradecer. — Ele tosse. — Você salvou minha vida lá embaixo… nos túneis.

Dou de ombros, ainda de costas para ele. Estou segurando a beirada da pia com tanta força que os nós dos meus dedos estão brancos.

— Você também salvou minha vida — digo. — Quase fui esfaqueada por um Saqueador.

Quando ele fala de novo, percebo que está sorrindo:

— Então acho que salvamos um ao outro.

Eu me viro neste momento, mas Julian já pegou uma vela e desapareceu no corredor, então sou deixada nas sombras.



Julian escolheu duas camas de baixo de dois beliches e as arrumou da melhor maneira que pôde com lençóis que não cabem direito nos colchões e cobertores finos de lã. Ele colocou minha mochila no pé da cama. Há dezenas de camas no quarto, mas ele escolheu duas lado a lado. Tento não pensar no que isso significa. Ele está sentado na cama, de cabeça baixa, tirando as meias. Quando entro, ele olha para mim com o rosto tão repleto de uma felicidade franca que quase deixo a vela cair, e a chama se apaga. Ficamos na escuridão.

— Consegue chegar até aqui? — pergunta ele.

— Consigo.

Sigo em direção à sua voz, guiando-me pelos outros beliches.

— Fácil.

A mão de Julian desliza rapidamente por minhas costas quando passo por ele rumo à minha cama. Eu me deito debaixo do lençol e do cobertor de lã. Ambos cheiram a mofo e cocô de rato, bem de leve, mas estou grata por me aquecerem. O calor do fogo no quarto de banho não chegou tão longe. Quando expiro, pequenas nuvens se cristalizam na escuridão. Vai ser difícil dormir. A exaustão que se abateu sobre mim depois do jantar evaporou tão rápido quanto chegou. Meu corpo está em alerta total, cheio de um frio formigante. Estou bastante ciente da respiração de Julian, de seu corpo longo quase ao lado do meu no escuro. E sei que ele também está acordado.

Depois de um tempo, ele fala. Sua voz sai baixa e um pouco rouca.

— Lena?

— O quê?

Meu coração está batendo forte e rápido na garganta e no peito. Ouço Julian se virar a fim de ficar de frente para mim. Estamos a não mais que um metro de distância: os beliches foram construídos próximos assim.

— Você pensa nele? No garoto que a infectou?

Imagens surgem em flashes na escuridão: cabelos castanhos, como folhas de outono pegando fogo; um borrão, um corpo, uma forma correndo a meu lado; uma figura onírica.

— Tento não pensar.

— Por quê? — insiste Julian, em voz baixa, suave.

— Porque dói.

Sua respiração é rítmica e tranquilizadora.

— Você pensa em seu irmão? — pergunto.

Ele demora alguns instantes para responder:

— O tempo todo. Mas me disseram que isso ia passar depois que eu fosse curado. — Mais alguns momentos de silêncio. Então Julian fala de novo: — Posso lhe contar outro segredo?

— Pode.

Puxo o cobertor até os ombros. Meu cabelo ainda está molhado.

— Eu sabia que não ia dar certo. A cura. Eu sabia que ia me matar. Eu… era o que eu queria. — Essas palavras saem em um sussurro apressado. — Nunca contei isso a ninguém.

De repente sinto vontade de chorar. Quero esticar a mão e segurar a dele. Quero dizer que está tudo bem e sentir a maciez de sua orelha em forma de concha em meus lábios. Quero me aconchegar nele, como teria feito com Alex, e respirar em sua pele quente.

Ele não é Alex. Você não quer Julian. Você quer Alex. E Alex está morto.

Mas isso não é bem verdade. Também quero Julian. Meu corpo está tomado de dor. Quero a boca de Julian na minha, sua boca carnuda e macia; e suas mãos quentes em minhas costas e em meu cabelo. Quero me perder nele, me dissipar em seu corpo, sentir nossa pele derretendo uma na outra.

Estreito bem os olhos, torcendo para que esse pensamento suma. Mas, de olhos fechados, Julian e Alex se misturam. Seus rostos se fundem e se separam, depois se juntam de novo, como imagens refletidas em um riacho, uma passando sobre a outra até eu não saber mais qual deles eu procuro, no escuro, em minha mente.

— Lena? — chama Julian de novo, desta vez ainda mais baixo; ele faz meu nome soar como música.

Ele se aproximou ainda mais. Posso senti-lo, as longas linhas de seu corpo, um lugar onde a escuridão foi desalojada. Também mudei de posição, mesmo sem querer. Estou na beirada da cama, o mais perto possível de Julian. Mas não vou me virar de frente para ele. Eu me obrigo a ficar parada. Congelo os braços e as pernas, e tento congelar meu coração também.

— Sim, Julian?

— Como é?

Sei do que ele está falando, mas mesmo assim pergunto:

— Como é o quê?

— O *deliria*. — Ele faz uma pausa. Em seguida, ouço-o deslizar aos poucos para fora da cama. Ele está ajoelhado no espaço entre nossos beliches. Não consigo me mexer nem respirar. Se eu virar a cabeça, nossos lábios ficarão a quinze centímetros de distância. Ou menos. — Como é estar infectado?

— Eu… eu não sei descrever.

Forço as palavras a sair. Não consigo respirar, não consigo respirar, não consigo respirar. Sua pele cheira a fogueira, a sabonete, ao paraíso. Imagino como seria sentir o gosto de sua pele; imagino como seria morder sua boca.

— Eu quero saber. — Suas palavras são um sussurro, quase inaudíveis. — Quero saber com você.

E então seus dedos estão afagando minha testa, com muita delicadeza — seu toque também é um sussurro, uma respiração muito suave, e ainda estou paralisada, imóvel. Ele traça as linhas de meu nariz e da boca — exercendo, aqui, uma leve pressão, de forma que sinto o gosto salgado de sua pele, sinto os sulcos e reentrâncias do seu polegar em meu lábio inferior —, e então do queixo, do maxilar, até o cabelo, e estou tomada de uma brancura quente e vibrante que me prende à cama, me segura no lugar.

— Eu contei a você. — Julian engole em seco; sua voz agora está grave, rouca. — Contei que uma vez vi duas pessoas se beijando. Você quer…?

Ele não termina a pergunta. Não precisa. De repente meu corpo todo se descongela; o calor percorre meu peito e faz meus lábios relaxarem, e tudo que preciso fazer é virar a cabeça só um pouco, e ali está a boca de Julian.

E então estamos nos beijando: devagar a princípio, porque ele não tem prática e porque faz muito tempo que não sou beijada. Sinto gosto de sal e açúcar e sabonete; passo a língua por seu lábio inferior, e ele fica paralisado por um segundo. Seus lábios são quentes e cheios e maravilhosos. Sua língua percorre minha boca, e de repente nós dois nos entregamos; sentimos a respiração um do outro, e ele segura meu rosto, e estou em êxtase: eu quase poderia chorar de felicidade. Seu peito é sólido contra o meu. Eu o puxei para a cama sem nem perceber e não quero que isso termine nunca. Eu poderia beijá-lo e sentir seus dedos em meu cabelo e ouvi-lo dizer meu nome para sempre.

Pela primeira vez desde que Alex morreu, encontrei o caminho para um espaço verdadeiramente livre: um espaço sem os limites de paredes e sem o controle do medo. Isso é voar.

E então, de repente, Julian se afasta.

— Lena — sussurra ele com a voz rouca, ofegante, como se tivesse acabado de correr uma grande distância.

— Não fale. — Ainda tenho vontade de chorar. Há tanta fragilidade no beijo, nas outras pessoas: é como vidro. — Não estrague o momento.

Mas mesmo assim ele fala:

— O que vai acontecer amanhã?

— Não sei. — Puxo sua cabeça para o travesseiro, ao lado da minha. Por um segundo sinto uma presença perto de nós, no escuro, alguém se movendo, e viro a cabeça depressa para a esquerda. Nada. Estou imaginando fantasmas a nosso lado. Estou pensando em Alex. — Não se preocupe com isso agora — digo, tanto para mim quanto para Julian.

A cama é muito estreita. Eu me viro de lado, de costas para Julian, e quando ele me abraça, eu relaxo, aninhada na longa curva de seu corpo, como se tivesse sido moldada exatamente para isso. Quero fugir e chorar. Quero implorar a Alex — onde quer que ele esteja, em que dimensão o outro mundo o mantenha — que me perdoe. Quero beijar Julian de novo.

Mas não faço nada. Permaneço deitada, parada, sentindo os batimentos estáveis e tranquilos do coração de Julian em minhas costas até meu coração se acalmar também, deixo que ele me abrace e, pouco antes de adormecer, faço uma breve oração pedindo que nunca amanheça.



Mas amanhece. O alvorecer se infiltra por entre as rachaduras na madeira, as fissuras no teto: uma claridade nebulosa, um leve distanciamento do escuro. Meus primeiros momentos ao despertar são confusos: acho que estou com Alex. Não. Julian. Seu braço está ao redor do meu corpo, seu hálito é quente em meu pescoço. Durante a noite chutei os lençóis para a beirada da cama. Vejo um movimento rápido no corredor; de algum modo, o gato entrou na casa.

Mas, de repente, uma certeza (não, eu fechei a porta ontem à noite, tranquei direitinho) e um pavor apertam meu peito.

Eu me sento na cama.

— Julian…

E então tudo explode: eles entram aos montes pela porta, surgem das paredes, gritando, berrando: policiais e reguladores, todos com máscaras de gás e em uniformes cinza idênticos. Um deles me agarra e outro puxa Julian da cama — ele está acordado agora, gritando meu nome, mas não ouço nada além deste tumulto de sons, acima dos gritos que devem ser meus. Agarro a mochila, ainda largada no pé da cama, e a lanço contra o regulador, mas há mais três, que me cercam no espaço estreito entre as camas, e não há saída. Eu me lembro da arma: está no aposento de banho, e agora é inútil para mim. Alguém me agarra pela gola da camisa, sufocando-me. Outro regulador puxa meus braços para trás e me algema, em seguida me empurra para a frente, meio que me arrastando, meio que me conduzindo pelo abrigo para o sol abundante e intenso; lá fora há mais policiais, mais membros da SWAT, com suas armas e máscaras de gás: imóveis, em silêncio, à espera.

Armadilha. Essas são as palavras que me vêm à mente em meio ao pânico. Uma armadilha. Só pode ser.

— Pegamos os dois — anuncia alguém em um walkie-talkie.

E de repente o ar ganha vida, vibrando com tantos sons: pessoas estão gritando umas para as outras, gesticulando. Dois policiais ligam suas motos e o cheiro de fumaça do cano de descarga se espalha. Walkie-talkies crepitam a nosso redor: um zumbido, uma cacofonia.

— Dez-quatro, dez-quatro. Nós os pegamos.

— A trinta e seis quilômetros de território regulado… parecia uma espécie de esconderijo.

— Unidade 508 para o QG…

Julian está atrás de mim, cercado por quatro reguladores; ele também foi algemado.

— Lena! Lena! — Ouço-o gritar meu nome.

Tento me virar, mas sou empurrada para a frente pelo regulador atrás de mim.

— Continue andando — diz ele, e fico surpresa ao ouvir uma voz feminina, distorcida pela máscara de gás.

Uma caravana de veículos está estacionada na estrada pela qual Julian e eu chegamos aqui, e há também mais policiais, assim como mais homens da SWAT. Alguns estão completamente equipados, mas outros estão recostados casualmente nos carros, trajando roupas civis e conversando e tomando café em copos descartáveis. Mal olham para mim enquanto sou arrastada, me debatendo, ao longo da fileira de carros. Estou tomada de uma fúria cega, uma ira que me faz querer cuspir. Isso é rotina para eles. Eles vão embora no fim do dia, vão voltar para suas casas certinhas e suas famílias certinhas e nem vão pensar na garota que viram passar gritando, chutando e sendo arrastada, provavelmente para a morte.

Vejo um carro preto; o rosto estreito e branco de Thomas Fineman me observa, impassível, quando passo. Se eu conseguisse soltar uma das mãos, daria um soco na janela. Veria o vidro explodir em seu rosto, queria ver se ele permaneceria calmo.

— Ei, ei, ei!

Um policial acena para nós lá da frente, apontando com seu walkie-talkie para uma van da polícia. Palavras em preto se destacam vividamente na tinta de cor branca imaculada: GOVERNO DA CIDADE DE NOVA YORK, DEPARTAMENTO DE ESCOLARIZAÇÃO, GOVERNANÇA, TRATAMENTO E ORDEM. Em Portland havia uma única prisão, as Criptas, que abrigava todos os criminosos e resistentes, além dos loucos, muitos dos quais ficaram assim graças a curas malfeitas ou precoces. Já em Nova York e suas cidades-irmãs há uma rede de cadeias interconectadas, com um nome quase tão ruim quanto o que Portland dava a sua prisão: Es.Go.T.O.

— Aqui, por aqui!

Agora outro policial acena para nós, indicando outra van, e por um momento há uma pausa. A cena toda é uma enorme confusão, mais caótica do que as batidas que já vi. Há gente demais aqui.

E veículos demais enchendo o ar de fumaça, rádios de comunicação demais zumbindo ao mesmo tempo, pessoas falando e gritando umas mais alto que as outras. Um regulador e um homem da SWAT discutem sobre jurisdição.

Minha cabeça dói; o sol queima meus olhos. Tudo que vejo é o brilho do sol intenso e resplandecente e um rio de metal: carros e motos, a fumaça dos canos de descarga transformando o ar em uma miragem densa e enevoada.

De repente o pânico cresce dentro de mim. Não sei o que aconteceu com Julian. Ele não está mais atrás de mim, e não o vejo em meio à multidão.

— Julian! — grito.

Não obtenho resposta, embora um policial se vire ao me ouvir e, balançando a cabeça, cuspa uma saliva marrom no chão, perto dos meus pés. Luto contra a mulher atrás de mim mais uma vez, tentando me soltar de suas mãos, mas parece que há um tornilho ao redor dos meus pulsos, e, quanto mais luto, com mais força ela me aperta.

— Julian! Julian!

Nenhuma resposta. O pânico virou um caroço sólido e está travando minha garganta. *Não, não, não, não. De novo não.*

— Muito bem, continue andando.

É a voz da mulher, distorcida pela máscara de gás, me mandando seguir em frente. Ela continua me empurrando até o fim da fila de carros. O regulador que lidera a procissão fala depressa no walkie-talkie, discutindo com o Comando sobre quem deve me levar, e mal olha para nós quando passamos em meio a este monte de gente. Ainda luto contra a mulher atrás de mim com toda a força que tenho, embora ela segure meus braços de tal maneira que uma dor terrível vai desde os pulsos até os ombros; além do mais, mesmo que eu me soltasse, ainda estou algemada, portanto não correria mais do que alguns metros antes de ser capturada de novo.

Mas o caroço na garganta continua ali, o pânico e a certeza também. Preciso encontrar Julian. Preciso salvá-lo.

Por baixo disso, palavras mais antigas, mais urgentes, continuam a ecoar dentro de mim: *De novo não, de novo não, de novo não.*

— Julian!

Dou um chute para trás e acerto os tornozelos da mulher. Ela solta um palavrão, e só por um segundo diminui o aperto. Mas em seguida volta a me segurar firme, puxando meus pulsos com tanta rispidez que ofego de dor.

E então, quando me inclino para trás para aliviar a dor nos braços, tentando recuperar o fôlego, tentando não chorar, ela se inclina um pouco para a frente, e sua máscara esbarra em meu ouvido.

— Lena — diz ela em voz baixa. — Por favor. Não quero machucar você. Sou da luta pela liberdade.

Essa frase me faz congelar: é um código secreto que os simpatizantes e os Inválidos usam para indicar sua lealdade. Paro de resistir, e ela afrouxa as mãos. Mas continua a me empurrar para a frente, além da caravana de carros.

Ela anda tão rápido e com tanta segurança que ninguém a detém nem interfere.

À frente vejo uma van branca em cima da vala que corre ao lado da estrada de terra. Também leio ES.GO.T.O escrito na lateral, mas as letras são ligeiramente estranhas: um tantinho menores que o normal, percebo, embora seja preciso olhar com atenção para reparar. Dobramos uma curva na estrada e agora estamos escondidas do restante da equipe de segurança por uma pilha enorme de metal retorcido e concreto quebrado.

De repente a mulher solta meus braços. Ela corre para a van e tira um molho de chaves do bolso. Abre as portas de trás; o interior da van está escuro, vazio e tem um leve cheiro azedo.

— Entre — ordena ela.

— Para onde você vai me levar?

Estou cansada dessa impotência; estou há dias em meio a um turbilhão confuso, com uma sensação de que lealdades secretas e tramas complexas me rodeiam.

— Para um lugar seguro — responde ela, e mesmo através da máscara percebo a urgência em sua voz.

Não tenho escolha a não ser acreditar. Ela me ajuda a entrar na van e ordena que eu me vire para abrir as algemas. Em seguida joga minha mochila lá dentro e bate as portas. Meu coração dá um pequeno pulo quando escuto um cadeado sendo fechado. Estou presa agora. Mas não pode ser pior do que o que eu teria enfrentado lá fora, e meu estômago despenca quando penso em Julian. O que será que vai acontecer com ele? Talvez (sinto um lampejo de esperança) peguem leve com ele por causa do pai. Talvez concluam que tudo não passou de um erro.

E foi um erro mesmo: os beijos, a forma como nos tocamos.

Não foi?

A van parte, com um solavanco, e caio sobre os cotovelos. O piso treme e sacode conforme passamos pela estrada esburacada, a van dando saltos aqui e ali. Tento acompanhar mentalmente o caminho: devemos estar perto do lixão agora, seguindo para a antiga estação de trem e em direção ao túnel que vai dar em Nova York. Depois de dez minutos, paramos. Rastejo até a divisão que conecta a traseira da van à cabine do motorista e encosto o ouvido no vidro pintado de preto, completamente opaco. Ouço a voz da mulher. Identifico

também uma segunda voz: de homem. Ela deve estar falando com alguém do Controle de Fronteiras.

A espera é uma agonia. Vão verificar seu cartão SVS, eu acho. Mas os segundos passam — *tic, tac* — e viram minutos. A mulher está em silêncio. Talvez o SVS seja válido. Apesar do frio ali, minhas axilas estão úmidas de suor.

Então ouço a segunda voz de novo, dando uma ordem ríspida. Desligam o motor, e o silêncio é repentino e extremo. A porta do motorista se abre e fecha. A van balança um pouco.

Por que ela está saindo? Minha mente está a mil: se ela for da resistência, pode ter sido capturada, reconhecida. Certamente vão me encontrar. Ou — e não sei o que é pior — não vão me encontrar. Vou ficar presa aqui; vou morrer de fome ou sufocada. De repente tenho dificuldade para respirar. O ar está denso e me pressiona. Mais suor forma gotículas em meu couro cabeludo e escorre pelo meu pescoço.

Então a porta do motorista se abre, o motor é ligado e a van parte de novo. Solto o ar em um quase soluço. Não sei como, mas percebo quando entramos no túnel Holland: a garganta longa e escura engolindo a van, um lugar úmido e cheio de ecos. Imagino o rio acima de nós, salpicado de manchas cinzentas. Penso nos olhos de Julian, que mudam tal como a água, refletindo tipos distintos de luz.

A van passa por um buraco, e meu estômago dá um solavanco quando sou lançada no ar e caio de novo no chão. Em seguida há uma subida, e através da lataria ouço sons esporádicos do trânsito: o zunido distante de uma sirene, uma buzina ressoando por perto. Devemos estar em Nova York. A qualquer minuto a van deve chegar a seu destino. Todas as vezes que paramos, acho que as portas vão ser abertas e que a mulher de máscara vai me jogar no Es.Go.T.O, apesar de ter me dito que estava do meu lado. No entanto, mais vinte minutos se passam. Já desisti de tentar acompanhar o trajeto. Acabo me encolhendo no piso sujo, que vibra abaixo de minha bochecha. Ainda estou enjoada. O ar cheira a gente fedida e comida velha.

Enfim a van diminui a velocidade e para. Volto a me sentar, o coração disparado. Ouço um breve diálogo: a mulher falando algo que não entendo e outra pessoa dizendo:

— Limpo. Pode ir.

Então ouço um ranger alto, como portas velhas com dobradiças enferrujadas. A van avança mais três ou quatro metros e para outra vez. O motor silencia. Ouço a motorista descer; fico tensa, segurando a mochila com uma das mãos, preparada para lutar ou sair correndo.

As portas são abertas, e, quando saio com cautela da traseira da van, a decepção é como um soco na garganta. Eu tinha esperanças de obter pistas, respostas, de saber por que fui pega e por quem. Mas estou em um cômodo simples, todo de concreto e vigas de aço expostas. Em uma das paredes vejo uma porta dupla enorme, tão larga que a van entrou por ali; em outra há uma única porta, feita de metal e pintada do mesmo cinza sem graça do restante. Pelo menos há energia elétrica. Isso significa que estamos em uma cidade reconhecida, ou perto de uma.

A motorista tirou a máscara de gás, mas ainda usa uma máscara de náilon apertada, com buracos na região da boca, do nariz e dos olhos.

— Que lugar é este? — pergunto, esticando o corpo e colocando a mochila no ombro. — Quem é você?

Ela não responde. Está me observando com atenção. Seus olhos são cinzentos, cor de tempestade. De repente ela estica a mão, como se fosse tocar meu rosto. Dou um pulo para trás e esbarro na van. Ela também recua um passo, afastando a mão.

— Espere aqui — diz ela e se vira para sair pela porta dupla por onde entramos, mas seguro seu pulso.

— Quero saber o que está acontecendo — digo. Estou farta de paredes lisas, ambientes fechados, máscaras e jogos. Quero respostas. — Quero saber como você me encontrou e quem mandou me buscar.

— Não sou eu quem pode dar as respostas de que você precisa — fala ela e tenta se soltar.

— Tire a máscara — digo.

Por um segundo penso ver um brilho de medo em seus olhos. Mas logo passa.

— Me solte — pede ela, em voz baixa porém firme.

— Tudo bem — digo. — Eu mesma tiro.

Estico a mão para a máscara. Ela me empurra, mas não rápido o bastante. Levanto um canto do tecido, na altura do pescoço, onde há um pequeno número tatuado na vertical, indo da orelha em direção ao ombro: 5.996. Mas

antes que eu consiga puxar mais a máscara, ela segura meu pulso e me empurra.

— Por favor, Lena — diz ela, e mais uma vez detecto urgência em sua voz.

— Pare de dizer meu nome.

Você não tem o direito de dizer meu nome. A raiva cresce em meu peito; tento bater nela com a mochila, mas ela se abaixa. Antes que eu a ataque de novo, a porta se abre atrás de mim e me viro bem no momento em que Graúna entra no aposento.

— Graúna! — grito, correndo para ela.

Jogo os braços ao redor de seu corpo por impulso. Nunca nos abraçamos, mas ela permite que eu a aperte com força por vários segundos antes de se afastar. Está sorrindo.

— Oi, garota. — Ela passa o dedo de leve pelo corte em meu pescoço e observa meu rosto à procura de outros ferimentos. — Você está um lixo.

Prego está atrás dela, recostado à porta. Também sorri, e mal consigo me controlar para não voar em cima dele também. Apenas aperto a mão que ele estende para mim.

— Bem-vinda de volta, Lena — diz ele. Seus olhos são calorosos.

— Não entendo. — Estou incrivelmente feliz; o alívio irradia em meu peito. — Como vocês me encontraram? Como sabiam onde me procurar? Ela não quis me contar nada, eu… — Eu me viro para indicar a mulher de máscara, mas ela sumiu. Deve ter se esgueirado pelas portas duplas.

— Calma, calma. — Graúna ri e passa um braço ao redor dos meus ombros. — Vamos arrumar algo para você comer, ok? Além do mais, você deve estar cansada. Está cansada?

Ela me leva em direção a Prego; passamos por ele, seguindo pela porta aberta. Devemos estar em alguma espécie de armazém convertido. Escuto outras vozes, conversando e rindo, através das paredes divisórias finas.

— Fui sequestrada — digo, e agora as palavras saem em uma enxurrada. Preciso contar para Prego e Graúna; eles vão entender o que aconteceu, vão conseguir explicar e dar um sentido a tudo. — Depois da manifestação, segui Julian até um dos antigos túneis. E havia Saqueadores lá, e eles me atacaram. Mas eu acho que os Saqueadores deviam estar trabalhando em conluio com a ASD, e…

Graúna e Prego trocam um olhar.

— Escute, Lena — diz Prego com suavidade. — Sabemos que você passou por muita coisa. Mas relaxe, o.k.? Você está a salvo agora. Coma algo e descanse.

Eles me conduziram para uma sala com uma grande mesa de metal dobrável, sobre a qual há alimentos que não como faz uma eternidade: frutas e legumes frescos, pão, queijo. É a coisa mais linda que já vi. O ar tem cheiro de café, café bom e forte.

Mas ainda não consigo me sentar e comer. Primeiro tenho que saber. E preciso que eles saibam: sobre os Saqueadores e as pessoas que vivem no subterrâneo, sobre a batida de hoje de manhã, sobre Julian.

Eles podem me ajudar a salvá-lo: a ideia me ocorre de repente, uma libertação.

— Mas… — começo.

Graúna me interrompe, pousando a mão em meu ombro:

— Prego tem razão, Lena. Você precisa se recuperar. E teremos bastante tempo para conversar quando estivermos na estrada.

— Na estrada? — repito, olhando de Graúna para Prego.

Os dois ainda estão sorrindo para mim, o que provoca uma sensação de formigamento em meu peito. É um sorriso indulgente, como o que os médicos dão às crianças quando vão aplicar injeções dolorosas. *É só uma picadinha, eu prometo*…

— Vamos para o norte — fala Graúna, em um tom alegre demais. — Vamos voltar para o lar. Bem, não o original. Vamos passar o verão nos arredores de Waterbury. Alistar tem mantido contato. Ele ouviu falar de um grande lar perto do perímetro da cidade, com muitos simpatizantes do outro lado, e…

Minha mente se esvaziou.

— Vamos embora? — digo, estupidamente, e os dois trocam outro olhar. — Não podemos ir embora agora.

— Não temos escolha — diz Graúna, e começo a sentir a raiva crescendo no peito. Ela está usando aquela voz cantarolada, como se estivesse falando com um bebê.

— Não. — Balanço a cabeça e cerro os punhos, apertando-os em minhas coxas. — Não. Vocês não entendem? Acho que os Saqueadores estão trabalhando com a ASD. Fui sequestrada com Julian Fineman. Ficamos dias e dias trancados no subterrâneo.

— A gente sabe — diz Prego, mas eu continuo, abraçando a fúria, deixando-a crescer:

— Tivemos que lutar com eles para escaparmos. Eles quase… quase me mataram. Julian me salvou. — O aperto em meu estômago agora passa para a garganta. — E agora eles o levaram, e quem sabe o que vão fazer? Provavelmente vão arrastá-lo direto para o laboratório ou jogá-lo na prisão, e…

— Lena. — Graúna coloca as mãos em meus ombros. — Acalme-se.

Mas não consigo. Estou tremendo de pânico e raiva. Prego e Graúna precisam entender. Precisam.

— Temos que fazer alguma coisa. Temos que ajudá-lo. Temos que…

— Lena. — A voz de Graúna fica mais intensa, e ela me sacode. — Sabemos sobre os Saqueadores, entendeu? Sabemos que eles têm se unido à ASD. Sabemos tudo sobre Julian e tudo que aconteceu lá embaixo. Estávamos procurando você há um tempo em todas as saídas de túneis. Tínhamos esperança de que você conseguisse sair dias atrás.

Isso, por fim, é o que me cala. Graúna e Prego enfim pararam de sorrir. Olham para mim com pena.

— Como assim? — Eu me afasto de Graúna, cambaleio um pouco; quando Prego afasta uma cadeira da mesa, caio sentada pesadamente. Nenhum dos dois responde de imediato, então insisto: — Não estou entendendo.

Prego coloca uma cadeira à minha frente. Examina as próprias mãos e então diz, lentamente:

— A resistência sabe há algum tempo que os Saqueadores têm sido financiados pela ASD. Eles foram contratados para dar aquele show que você viu na manifestação.

— Isso não faz sentido.

Parece que meu cérebro foi coberto por uma névoa densa; meus pensamentos se confundem, e não chegam a lugar algum. Eu me lembro dos gritos, dos tiros, das lâminas brilhantes dos Saqueadores.

— Faz sentido, sim. — É Graúna quem fala. Ela ainda está de pé, os braços ao redor do peito. — Ninguém na Zumbilândia sabe a diferença entre os Saqueadores e nós, os outros Inválidos. Para eles, somos todos iguais. Então os Saqueadores aparecem e agem como animais, e a ASD mostra ao país todo como somos terríveis sem a cura, como é importante que todos sejam tratados

do *deliria* imediatamente. Senão, o mundo vira um inferno. Os Saqueadores são a prova disso.

— Mas… — Penso nos Saqueadores se espalhando pela multidão; monstruosos rostos gritando. — Mas pessoas morreram.

— Duzentas — diz Prego, baixinho. Ele continua sem olhar para mim. — Vinte e quatro policiais. O resto, cidadãos. Não se incomodaram de contar quantos Saqueadores morreram. — Um breve dar de ombros, uma convulsão rápida. — Às vezes o sacrifício de indivíduos é necessário pelo bem-estar do todo.

Essa saiu direto de um panfleto da ASD.

— Tudo bem — digo. Minhas mãos tremem, e agarro as laterais da cadeira. Ainda tenho dificuldade em pensar direito. — Tudo bem. Então o que vamos fazer a respeito?

Graúna lança um olhar a Prego, mas ele mantém a cabeça baixa.

— Já fizemos uma coisa, Lena — diz ela, ainda naquele tom que se fala com bebês.

Mais uma vez sinto um formigamento estranho no peito. Tem alguma coisa que eles não estão me contando. Algo ruim.

— Não entendo. — Minha voz parece oca.

Há alguns segundos de silêncio pesado. Então Prego suspira e diz, por cima do ombro, para Graúna:

— Eu disse, devíamos ter contado a ela desde o começo. Falei que devíamos ter confiado nela.

Graúna não diz nada. Um músculo repuxa em seu maxilar. E de repente eu me lembro de descer a escada algumas semanas antes da manifestação e ouvir os dois brigando.

Só não entendo por que não podemos ser sinceros uns com os outros. Não estamos do mesmo lado?

Você sabe que isso não é realista, Prego. É melhor assim. Você precisa confiar em mim.

É você quem não confia…

Eles estavam brigando por minha causa.

— Contado o quê?

O formigamento está virando uma batida pesada, dolorosa e intensa.

— Vá em frente — diz Graúna a Prego. — Se quer tanto contar a ela, fique à vontade.

Sua voz é mordaz, mas percebo que, por trás disso, ela sente medo. Medo de mim e de minha reação.

— Contar o quê?

Não consigo mais suportar isso: os olhares crípticos, a teia impenetrável de frases ditas pela metade.

Prego passa a mão na testa.

— Tudo bem, olhe — diz ele, falando rápido agora, como se estivesse ansioso para encerrar a conversa. — Não foi um engano você e Julian terem sido levados pelos Saqueadores, entendeu? Não foi um engano. Foi planejado.

Um calor sobe pelo meu pescoço. Passo a língua pelos lábios.

— Planejado por quem? — pergunto, mas já sei: deve ter sido a ASD. Respondo minha própria pergunta: — A ASD.

Mas na mesma hora Prego faz uma careta e diz:

— Por nós.

Um silêncio opressor. Um, dois, três, quatro. Conto os segundos, respiro fundo, fecho os olhos, volto a abri-los.

— O quê?

Ele chega a ficar vermelho.

— Nós planejamos. A resistência.

Mais silêncio. Minha garganta e minha boca parecem cheios de pó.

— Eu… eu não entendo.

Prego evita me encarar de novo. Ele passa os dedos pela beirada da mesa, de lá para cá, de lá para cá.

— Nós pagamos os Saqueadores para que levassem Julian. Bem, quer dizer, a resistência pagou. Uma das pessoas de alta posição no movimento vem se passando por agente da ASD. Não que isso importe. Os Saqueadores fazem qualquer coisa se forem pagos, e só porque foram comprados pela ASD há algum tempo não significa que a lealdade deles não esteja à venda.

— Julian — repito. Um torpor sobe pelo meu corpo. — E eu?

Prego hesita apenas por uma fração de segundo.

— Eles foram pagos para levar você também. Foram informados de que Julian estava sendo seguido por uma garota. E receberam ordens de prender vocês dois juntos.

— E eles achavam que iam receber um resgate por nós — digo. Prego assente. Minha voz soa estranha, como se viesse de muito longe. Mal consigo respirar. Digo, debilmente: — Por quê?

Graúna está há algum tempo parada, olhando para o chão. De repente ela fala:

— Você nunca esteve em perigo. Não de verdade. Os Saqueadores sabiam que não receberiam o pagamento se a machucassem.

Relembro a discussão que ouvi nos túneis, na voz aduladora pedindo que o albino se mantivesse fiel ao plano original, na tentativa dos Saqueadores de arrancar informações de Julian sobre os códigos de segurança. Eles obviamente estavam ficando impacientes. Queriam o pagamento logo.

— Nunca estive em perigo? — repito. Graúna também não olha para mim. — Eu… eu quase morri. — A raiva se espalha como tentáculos quentes em meu peito. — Passamos fome. Fomos atacados. Julian foi espancado, quase morreu. Tivemos que lutar…

— E você lutou. — Graúna enfim olha para mim, e, para meu horror, seus olhos brilham; ela parece feliz. — Você escapou e também tirou Julian de lá em segurança.

Por vários segundos fico sem fala. Estou queimando, queimando, queimando, o verdadeiro significado de tudo que aconteceu me atingindo com força.

— Foi… foi tudo um teste?

— Não — diz Prego com firmeza. — Não, Lena. Você precisa entender. Fazia parte da situação, mas…

Eu me afasto da mesa, dou as costas para sua voz. Quero me encolher o máximo possível. Quero gritar ou bater em alguma coisa.

— Foi maior do que isso, o que você fez. O que nos ajudou a fazer. E tomamos o cuidado de protegê-la. Temos gente nossa no subterrâneo. Pedimos a eles que cuidassem de você.

O homem-rato e Moeda. Não me surpreende que tenham nos ajudado. Foram pagos para isso.

Não consigo mais falar. Tenho dificuldade para engolir. Preciso usar toda a minha energia só para permanecer de pé. A prisão, o medo, os guarda-costas mortos no metrô: tudo culpa da resistência. Nossa culpa. Um teste.

Graúna fala de novo, sua voz cheia de uma urgência silenciosa: um vendedor tentando convencer você a comprar, comprar, comprar.

— Você fez uma coisa muito importante para nós, Lena. Ajudou a resistência mais do que imagina.

— Eu não fiz nada — cuspo, com raiva.

— Você fez tudo. Julian era tremendamente importante para a ASD. Um símbolo de tudo o que a organização representa. Líder do grupo jovem. Só essa divisão da ASD agrega seiscentas mil pessoas, jovens não curados. Não convencidos.

Meu sangue gela de repente. Eu me viro devagar. Prego e Graúna olham para mim esperançosos, como se eu devesse ficar satisfeita comigo mesma.

— O que Julian tem a ver com isso? — pergunto.

Mais uma vez os dois trocam um olhar de relance. Desta vez vejo o que pensam: estou sendo difícil, obtusa. Eu já devia ter entendido a essa altura.

— Julian tem tudo a ver com isso, Lena — diz Graúna. Ela se senta à mesa, ao lado de Prego. Eles são os pais pacientes; eu sou a adolescente encrenqueira. Poderíamos estar discutindo uma nota baixa em uma prova. — Se Julian sair da ASD, se for afastado…

— Melhor ainda: se ele se retirar — acrescenta Prego, e Graúna abre as mãos como se para dizer *Obviamente.*

— Se ele for afastado ou se afastar — prossegue ela —, de qualquer forma isso passa uma mensagem poderosa para todos os não curados que o seguiam e o viam como líder. Eles podem repensar sua lealdade... pelo menos alguns vão. Temos uma oportunidade de trazê-los para o nosso lado. Pense nisso, Lena. É algo que realmente pode fazer diferença. Pode fazer a maré virar a nosso favor.

Minha mente se move devagar, como se estivesse congelada. A batida de hoje de manhã: planejada. Pensei que fosse uma armadilha, e eu estava certa. A resistência estava por trás daquilo. Eles devem ter nos denunciado à polícia e aos reguladores. Entregaram a localização de um dos próprios lares só para pegar Julian.

E eu os ajudei. Penso no rosto do pai dele, apenas o rosto na janela do carro preto: tenso, sério, determinado. Penso na história que Julian me contou sobre o irmão mais velho, de que o pai o trancou no porão, ferido, para morrer sozinho no escuro. E isso apenas por participar de uma manifestação.

Julian estava na cama comigo. Quem sabe como vão puni-lo?

As trevas explodem dentro de mim. Fecho os olhos e vejo os rostos de Alex e o de Julian, fundindo-se e se separando, como em meu sonho. Está acontecendo de novo. Está acontecendo de novo, e mais uma vez é minha culpa.

— Lena? — Escuto uma cadeira sendo puxada, e de repente Graúna está ao meu lado, passando um braço ao redor dos meus ombros. — Você está bem?

— Quer alguma coisa? — pergunta Prego.

Eu me desvencilho de Graúna.

— Me solte.

— Lena — cantarola ela. — Venha cá. Sente.

Ela tenta me alcançar de novo.

— Falei para me soltar.

Eu me afasto dela, cambaleio para trás, esbarro em uma cadeira.

— Vou pegar um pouco de água — diz Prego.

Ele se levanta e segue para um corredor que deve levar aos outros cômodos do armazém. Por um momento ouço um alvoroço e conversas, estridente, acolhedor; depois, silêncio.

Minhas mãos tremem tanto que sequer consigo fechá-las. Se não fosse por isso, eu poderia dar um soco em Graúna.

Ela suspira.

— Entendo que você esteja zangada. Talvez Prego tivesse razão. Talvez devêssemos ter lhe contado o plano desde o começo.

Ela parece cansada.

— Você… você me usou — digo com raiva.

— Você disse que queria ajudar — retruca ela, como se fosse algo muito simples.

— Não. Não assim.

— Você não pode escolher. — Ela se senta de novo e pousa a palma das mãos na mesa. — Não é assim que funciona.

Percebo que ela quer que eu ceda, que me sente, que entenda. Mas não consigo e não vou.

— E quanto a Julian?

Eu me forço a olhar nos olhos dela e tenho a impressão de que ela se encolhera de leve.

— Ele não é problema seu — diz ela, em uma voz um pouco mais dura.

— Ah, é? — Penso nos dedos de Julian em meus cabelos, no calor envolvente de seus braços, na forma como ele sussurrou: *Eu quero saber. Quero saber com você.* — E se eu quiser fazer dele meu problema?

Graúna e eu nos encaramos. Sua paciência está se esgotando. Sua boca está apertada em uma linha de raiva.

— Não tem nada que você possa fazer — diz ela. — Você não entende? Lena Morgan Jones não existe mais. Puf: sumiu. Não tem como ela voltar. Não tem como você voltar. Seu trabalho acabou.

— Então deixamos Julian para trás, para ser morto? Ou jogado na prisão?

Mais uma vez Graúna suspira, como se eu fosse uma criança mimada fazendo birra.

— Julian Fineman é o líder da divisão jovem da ASD… — recomeça ela.

— Sei disso tudo. Você me fez decorar, lembra? E daí? Ele vai ser sacrificado pela causa?

Ela olha para mim em silêncio: uma confirmação.

— Você é tão ruim quanto eles — digo, forçando as palavras a sair apesar da fúria e do nojo que parecem bloquear minha garganta.

Pois esse é o lema da ASD: alguns vão morrer pelo bem do todo. Acabamos nos tornando igual a eles.

Graúna se levanta de novo e vai em direção ao corredor.

— Você não pode se sentir culpada, Lena — diz ela. — É uma guerra, você sabe disso.

— Você não entende? — repito as mesmas palavras que ela me disse muito tempo atrás, no abrigo, depois que Miyako morreu: — Você não pode me dizer o que devo sentir.

Ela balança a cabeça. Vejo uma leve piedade cruzar seu rosto.

— Você… você gostou mesmo dele, então? De Julian?

Não respondo. Só faço que sim com a cabeça.

Graúna esfrega a testa, cansada, e suspira de novo. Por um momento penso que ela vai ceder. Vai concordar em me ajudar. Sinto uma pontada de esperança.

Mas, quando ela olha para mim de novo, seu rosto está recomposto, desprovido de emoção.

— Partimos amanhã para o norte — diz ela simplesmente, e a conversa é encerrada assim.

Julian vai ser sacrificado por nós, e vamos sorrir e sonhar com a vitória: de um tom indistinto de vermelho, que chegará a qualquer momento, um amanhecer da cor do sangue.

O resto do dia é névoa. Vago de aposento em aposento. Rostos se viram para mim cheios de expectativa, sorrindo, e tornam a virar para o outro lado quando não demonstro reação. Esses devem ser os outros membros da resistência. Reconheço apenas um, um homem da idade de Prego que foi uma vez ao Resgate levar nossas novas identidades. Procuro a mulher que me trouxe aqui, mas não vejo ninguém parecido com ela, não ouço ninguém falar como ela.

Perambulo e escuto. Descubro que estamos trinta quilômetros ao norte de Nova York, bem ao sul de uma cidade chamada White Plains. A eletricidade deve ser roubada de lá: temos luz, um rádio, até uma cafeteira elétrica. Um dos cômodos está lotado de barracas e sacos de dormir enrolados. Prego e Graúna já prepararam tudo para nossa partida. Não faço ideia de quantos membros da resistência vão se juntar a nós; presumo que ao menos alguns vão ficar. Fora a mesa dobrável, as cadeiras e um quarto cheio de colchões, não há mobília. O rádio e a cafeteira ficam apoiados no chão de cimento, entre um emaranhado de fios. O rádio fica ligado a maior parte do dia, ecoando pelas paredes, e, aonde quer que eu vá, não consigo fugir das notícias.

"Julian Fineman… chefe da divisão jovem da América Sem Deliria *e filho do presidente da organização…"*

"… ele mesmo uma vítima da doença…"

Em todas as estações de rádio é a mesma coisa. Todas contam uma história idêntica.

"… descoberto hoje…"

"… atualmente em prisão domiciliar…"

"Julian… renunciou ao posto e recusou a cura…"

Um ano atrás, a história nem teria sido relatada nos meios de comunicação. Seria abafada, assim como a própria existência do irmão de Julian foi sem dúvida retirada lenta e sistematicamente dos registros públicos após sua morte. Mas as coisas mudaram desde os Incidentes. Graúna tem razão em um ponto: é guerra agora, e exércitos precisam de símbolos.

"… convenção de emergência do Comitê Regulador de Nova York… julgamento rápido… marcado para execução por injeção letal amanhã às dez horas da manhã …"

"… alguns defendem que as medidas são excessivamente rigorosas… o público protesta contra a ASD e o CRNY…"

Afundo em um estado de torpor, um local suspenso: não sinto mais nada. A raiva desapareceu, assim como a culpa. Estou completamente prostrada. Julian vai morrer amanhã. Ajudei a levá-lo à morte.

Esse era o plano o tempo todo. Não me consola pensar que, se ele fosse curado, provavelmente também morreria. Meu corpo está frio, congelado por completo. Em algum momento, alguém deve ter me dado um casaco de moletom, porque estou vestindo um. Mas ainda assim não me sinto aquecida.

"… declaração oficial de Thomas Fineman…"

"A ASD apoia a decisão do Comitê Regulador… Eles dizem: 'Os Estados Unidos estão em um momento crítico, e não podemos mais tolerar os que querem nos atingir… precisamos dar o exemplo…'"

A ASD e os EUA não podem mais se dar ao luxo da tolerância. A resistência é forte demais. E está crescendo: no subterrâneo, em túneis e abrigos, nos lugares escuros e úmidos a que eles não conseguem chegar.

Portanto vão dar um exemplo sangrento para nós em público, à luz do dia.

No jantar, consigo comer, e embora ainda não olhe para Graúna e Prego, percebo que eles encaram isso como sinal de que estou cedendo. Fingem uma alegria forçada, falam alto demais, contam piadas e histórias para os quatro ou cinco outros resistentes reunidos à mesa. Ainda assim, a voz do rádio se infiltra, penetra pelas paredes, como o sibilar de uma cobra:

"… Mais nenhuma outra declaração, nem de Julian, nem de Thomas Fineman…"

Depois do jantar, vou para a casinha externa: uma pequena cabana a quinze metros da construção principal, do outro lado de uma pequena área de calçamento rachado. É a primeira vez que saio hoje, e a primeira oportunidade que tenho de olhar ao redor. Estamos em uma espécie de armazém bem antigo. Fica no fim de uma rua de concreto longa e sinuosa, cercada de florestas dos dois lados. Ao norte, percebo o brilho das luzes da cidade: deve ser White Plains. E ao sul, contra o céu rosa-pálido do anoitecer, noto um brilho brumoso e circular, a coroa artificial de luzes que indica Nova York. Devem ser umas sete da noite, ainda muito cedo para o toque de recolher e para o apagão obrigatório. Julian está em algum lugar no meio daquelas luzes, naquela mancha de pessoas e prédios. Será que está com medo? Será que está pensando em mim?

O vento é frio, mas carrega o cheiro de terra descongelando e de novos brotos: cheiro de primavera. Penso em nosso apartamento no Brooklyn, fechado agora, ou talvez revirado por reguladores e pela polícia. Lena Morgan

Jones morreu, como Graúna falou, e agora vai haver uma nova Lena, assim como todas as árvores da primavera trazem ramos novos por cima dos antigos, por cima da morte e da podridão. Eu me pergunto quem ela será.

Sinto uma pontada de tristeza. Tive que abrir mão de tanta coisa, de tantos eus e de tantas vidas. Cresci para além dos detritos das minhas vidas antigas, das coisas e pessoas de quem eu gostava: minha mãe. Grace. Hana. Alex.

E agora, Julian.

Não era essa a pessoa que eu queria ser.

Uma coruja pia alto em algum lugar da escuridão que aumenta, como um aviso sutil. É então que me dou conta, a certeza crescendo como um muro de concreto em mim: não era isso o que eu queria. Não foi para isso que fui para a Selva, não era por isso que Alex queria que eu fosse: para virar as costas para as pessoas de quem gosto e enterrá-las, me tornar dura e indiferente por cima de seus cadáveres, como Graúna faz. Não. Isso é o que os zumbis fazem.

Eu não. Deixei muita coisa apodrecer. Já basta tudo de que abri mão.

A coruja pia de novo, e agora o som parece mais agudo, mais claro. Tudo parece mais claro: o estalar das árvores secas; os aromas presentes no ar, intensos e em camadas; um rugir distante, que cresce no ar e então some.

Um caminhão. Eu estava ouvindo sem escutar, mas agora a palavra, a ideia fica clara: não podemos estar longe de uma estrada. Provavelmente a van em que eu estava veio de Nova York, o que significa que deve haver um meio de voltar para lá.

Não preciso de Graúna, nem de Prego. E mesmo que Graúna tenha razão quanto a Lena Morgan Jones (afinal, ela não existe mais), felizmente também não preciso dela.

Volto para o armazém. Graúna está sentada à mesa dobrável, embrulhando porções de comida em retalhos de tecido. Vamos amarrá-los às nossas mochilas e pendurá-los em galhos de árvores quando acamparmos à noite, para que os animais não peguem.

Ou melhor: isso é o que ela vai fazer.

— Oi. — Ela sorri para mim, simpática demais, como foi a noite toda. — Você comeu bem?

Faço que sim com a cabeça.

— Fazia um bom tempo que eu não comia direito — digo, e ela tem um leve sobressalto.

É uma alfinetada, mas não consigo evitar. Eu me encosto na mesa, onde pequenas facas afiadas secam sobre um pano de prato.

Graúna dobra uma das pernas e coloca o pé na cadeira.

— Escute, Lena. Sinto muito por não termos lhe contado antes. Pensei que seria… Bem, só achei que seria melhor assim.

— O teste seria mais autêntico — digo, e ela ergue o olhar depressa.

Eu me curvo para a frente, pouso a mão no cabo de uma faca, sinto os contornos da madeira contra minha pele.

Graúna suspira e desvia o olhar de novo.

— Você deve estar nos odiando — diz ela, mas eu a interrompo:

— Não odeio vocês.

Volto a me erguer, trazendo a faca junto, e a enfio no bolso de trás.

— Sério?

Por um momento ela parece bem mais nova do que de fato é.

— Sério — digo, e ela sorri para mim: um sorriso pequeno, contido, aliviado. Um sorriso sincero. Então acrescento: — Mas também não quero ser como vocês.

O sorriso some. Enquanto estou ali, olhando para ela, percebo que esta pode ser a última vez que a vejo. Sinto uma pontada de dor me atravessar, uma lâmina cravando em meu peito. Não sei se cheguei a amá-la, mas foi ela quem me deu à luz aqui, na Selva. Ela foi mãe e irmã. Mais uma pessoa que vou ter que enterrar.

— Um dia você vai entender — diz ela, e sei que realmente acredita nisso.

Ela me encara com olhos arregalados, desejando com ardor que eu entenda: que as pessoas devem ser sacrificadas por causas, que a beleza pode ser construída em cima dos mortos.

Mas não é culpa dela. Não exatamente. Graúna sofreu muitas perdas, repetidas vezes, e também enterrou a si mesma. Há pedaços seus espalhados por todo lado. Seu coração está aninhado em uma pilha de ossos enterrados na margem de um rio congelado, que vão emergir à medida que a primavera derreter o gelo, um navio-esqueleto surgindo da água.

— Espero que não — respondo o mais gentilmente que posso, e é assim que lhe digo adeus.

Guardo a faca na mochila e vasculho o interior para ter certeza de que ainda tenho as identidades que roubei dos Saqueadores. Serão úteis. Pego um casaco deixado ao lado de uma das camas e, de uma pequena mochila de náilon já pronta para o dia seguinte, roubo algumas barras de cereal e meia dúzia de garrafas d'água. Minha mochila está pesada, mesmo depois de tirar o exemplar da *Shhh* — que nunca mais será necessário —, mas não ouso descartar nenhum suprimento. Se eu conseguir soltar Julian, vamos precisar fugir rápido e para longe, e não faço ideia de quanto tempo levaremos até encontrar um lar.

Cruzo o armazém em silêncio, em direção à porta lateral que leva ao estacionamento e à casinha externa. Passo por apenas uma pessoa, um cara alto e ruivo que olha para mim uma vez e desvia o olhar discretamente. Eis uma habilidade que aprendi em Portland e que nunca esqueci: como me recolher e ficar invisível. Passo depressa pelo cômodo onde a maioria dos resistentes, inclusive Prego, está reunida ao redor do rádio, rindo e conversando. Alguém fuma um cigarro enrolado à mão. Outra pessoa embaralha cartas. Vejo Prego de costas e me despeço mentalmente.

E então estou mais uma vez deslizando pela noite, estou livre.

Nova York ainda lança seu halo de luz no céu ao sul: ainda deve faltar uma hora para o toque de recolher e para o blecaute que atinge a maior parte da cidade. Só os mais ricos, os oficiais do governo e pessoas como Thomas Fineman têm acesso ilimitado à luz.

Começo a correr na direção da estrada, parando de vez em quando para ver se ouço algum caminhão. Na maior parte do tempo é só silêncio, pontuado por corujas piando e pequenos animais deslocando-se na escuridão. A estrada é pouco movimentada. Sem dúvida é usada quase exclusivamente para transporte de carga.

Mas de repente ali está: um rio de concreto comprido e largo, prateado sob o luar que surge. Viro-me para o sul e paro de correr a fim de seguir caminhando, e minha respiração forma vapor à frente. O ar está fresco e frio, fazendo meus pulmões doerem cada vez que inspiro. Mas a sensação é boa.

Mantenho-me à esquerda da estrada, tomando cuidado para não chegar perto demais. Pode haver pontos de verificação no caminho, e a última coisa

de que preciso é ser pega por uma patrulha.

São mais de trinta quilômetros até a fronteira norte de Manhattan. É difícil acompanhar a passagem do tempo, mas acho que no mínimo seis horas se passam até eu ver, ao longe, os muros altos de concreto que marcam os limites da cidade. Demorei para chegar. Não tenho lanterna, e a lua várias vezes se escondeu atrás dos emaranhados de galhos acima de mim, todos interligados: dedos esqueléticos entrelaçados com firmeza. Em alguns momentos só me restou praticamente o tato para achar o caminho. Por sorte, a estrada, à minha direita, refletia um pouco de luz, o que ajudava a me orientar. Sem isso, tenho certeza de que teria me perdido.

Portland era totalmente cercada por um arame barato, que diziam ser eletrificado. Em Nova York, trechos da fronteira são de concreto com arame farpado circular no topo, e existem torres altas de observação a intervalos regulares ao longo do muro, iluminando a escuridão e as silhuetas das árvores do outro lado, na Selva. Ainda estou a centenas de metros da fronteira — as luzes são apenas visíveis, piscando por entre as árvores —, mas fico de quatro e engatinho em direção à estrada, devagar, atenta a quaisquer sons que indiquem movimento. Duvido que haja patrulhas deste lado da fronteira. Mas as coisas estão mudando.

Cautela nunca é demais.

A uns cinco metros da estrada há uma vala comprida e rasa, coberta por uma fina camada de folhas apodrecidas e ainda com poças de chuva e neve derretida em alguns pontos. Desço ali e me deito de barriga para baixo. Isso deve ser suficiente para evitar que me vejam da estrada, mesmo se tiver alguém patrulhando a área. Minha calça de moletom fica úmida e percebo que vou precisar encontrar um lugar para me trocar e roupas novas quando chegar a Manhattan. Não posso andar pelas ruas da cidade assim sem levantar suspeitas. Mas vou pensar nisso depois.

Muito tempo se passa até que ouço o ronco do motor de um caminhão ao longe. Em seguida surgem faróis no escuro, iluminando a neblina, que se retorce em redemoinhos. O caminhão passa ruidosamente por mim — enorme, branco e exibindo o logotipo de uma rede de supermercados — e diminui a velocidade quando se aproxima da fronteira. Eu me apoio nos cotovelos. Há uma abertura no muro da fronteira, pela qual a estrada segue como uma língua de prata, que é fechada por um pesado portão de ferro. Quando o caminhão para, duas pessoas surgem de uma guarita. Contra a luz

dos holofotes de segurança, eles não passam de silhuetas entalhadas portando formas negras de rifles. Estou longe demais para ouvir o que dizem, mas imagino que estejam verificando os documentos do motorista. Um dos guardas contorna o caminhão para inspecioná-lo. Mas não abre a caçamba para checar o que há dentro. Descuidado. Bom sinal.

Nas horas seguintes, observo mais cinco caminhões passarem. Em cada caso o ritual se repete, embora um caminhão, com o logo da Exxon, seja aberto e revistado minuciosamente. Enquanto espero, elaboro um plano. Avanço rumo à fronteira, ainda rente ao chão, e me movo apenas quando a estrada está vazia e a lua se esconde atrás das nuvens pesadas e densas. A apenas doze metros do muro, mais uma vez me abaixo e aguardo. Estou tão perto que consigo ver o rosto dos guardas, ambos homens, quando saem da guarita, periodicamente, para rondar os caminhões que se aproximam. Também ouço trechos de conversas: eles pedem identidades, verificam os documentos e o registro do veículo. O ritual não dura mais do que três ou quatro minutos. Preciso agir rápido.

Eu devia ter escolhido um casaco mais quente do que este, específico para proteger do vento. Pelo menos o frio me mantém desperta.

Quando vejo uma oportunidade de entrar em ação, o sol já está subindo por trás da fina cobertura de nuvens escuras. Os holofotes permanecem acesos, mas sua intensidade diminui por causa da alvorada escura; não estão mais tão cegantes.

Um caminhão de lixo, com uma escada na lateral que leva ao teto de metal, para na frente do portão. Eu me agacho e pego a pedra que escolhi mais cedo na vala. Tenho que flexionar os dedos um pouco para fazer o sangue voltar a circular. Meus membros estão duros e doem de tanto frio.

Um guarda contorna o veículo e conclui a inspeção com o rifle nos braços. O outro está ao lado da janela do motorista, soprando nas próprias mãos, fazendo as perguntas de sempre. *De onde está vindo? Para onde vai?*

Fico de pé, com a pedra na mão direita, e avanço rapidamente em meio às árvores, tomando o cuidado de só pisar em pontos onde as folhas já viraram uma gosma molhada: uma ótima maneira de abafar o som dos meus passos. Meu coração bate com tanta força na garganta que mal consigo respirar. Os guardas estão seis metros à minha direita, talvez menos. Só terei uma chance.

Quando me encontro a uma distância que me permite mirar com segurança, pego impulso e jogo a pedra na direção de um dos holofotes. Há um

miniestouro quando a pedra acerta a lâmpada, e depois o som de vidro caindo. Imediatamente recuo enquanto os guardas se viram de súbito.

— O que foi isso? — diz um deles e corre até o holofote quebrado, tirando o rifle do ombro.

Rezo para o segundo guarda segui-lo. Ele hesita, passando a arma da mão esquerda para a direita. Ele cospe.

Vá, vá, vá.

— Espere aqui — diz ele para o motorista e então também se afasta do caminhão de lixo.

Pronto. Essa é a minha chance, enquanto os guardas estão distraídos examinando o holofote quebrado a doze metros do portão. Preciso me aproximar do caminhão pelo lado do passageiro no ponto cego. Eu me curvo para a frente, tento ficar o menor possível. Não posso correr o risco de o motorista me ver pelo retrovisor. Por vinte apavorantes segundos estou na estrada, completamente exposta, longe das árvores e dos arbustos marrons que me serviram de esconderijo, e neste momento tenho uma lembrança da primeira vez que Alex me levou à Selva: de meu medo de pular a cerca, de como me senti exposta. É uma lembrança crua e apavorada, como se tivessem aberto meu corpo com um corte.

Três metros, um metro e meio, sessenta centímetros. E então estou subindo pela escada, o metal congelando, ferindo meus dedos. Quando chego ao teto, me deito bem esticada, de barriga para baixo sobre uma camada de cocô de passarinho e ferrugem. Até o metal tem cheiro ruim, doce, como lixo podre, um cheiro que deve ter se impregnado ao longo dos anos na estrutura do caminhão. Enfio o rosto no punho do casaco para não tossir. O teto é levemente côncavo e contornado por uma beirada de metal de cinco centímetros, o que significa que pelo menos não corro o risco de escorregar quando o caminhão começar a andar. É o que espero.

— Ei! — exclama o motorista, chamando os guardas. — Vocês vão me deixar passar ou não? Eu tenho hora!

Não há resposta imediata. Parece demorar uma eternidade até que ouço passos voltando até o caminhão e um dos guardas dizendo:

— Tudo bem, pode seguir.

O portão de ferro é aberto e o caminhão se põe em movimento. Deslizo para trás quando o caminhão ganha velocidade, mas consigo fixar as mãos e os pés na beirada de metal; vista de cima, devo parecer uma estrela-do-mar

gigante presa ao teto. O vento me açoita e faz meus olhos arderem: é um frio penetrante, carregando os aromas do rio Hudson, que sei que está próximo. À nossa esquerda, ao lado da estrada, está a cidade: outdoors, postes quebrados e prédios feios com fachadas cinza-arroxeadas, que mais parecem hematomas virados para o horizonte.

O caminhão segue sacudindo pela estrada, e preciso me esforçar muito para me segurar, para não ser jogada na estrada. O frio é uma agonia agora, mil agulhas no rosto e nas mãos, e sou obrigada a fechar bem os olhos, porque estão lacrimejando muito. O dia amanhece escuro e lento. O brilho vermelho no horizonte logo se esgota e desaparece por trás das nuvens inchadas. Começa a chuviscar. Cada gota é um caquinho de vidro perfurando minha pele, e o teto do caminhão se torna escorregadio e fica difícil se segurar.

Felizmente, porém, logo diminuímos a velocidade e saímos da estrada. Ainda é muito cedo, as ruas ainda estão em silêncio quase total. Acima de mim os prédios residenciais parecem gigantes, como dedos enormes apontando para o céu. Sinto cheiro de comida, que chega à rua através de janelas abertas; gasolina e madeira queimando; a proximidade de milhões e milhões de pessoas.

É aqui que fico.

Assim que o caminhão reduz a velocidade na intenção de parar em um sinal, desço pela escada (depois de olhar para a rua para ter certeza de que ninguém está vendo) para o asfalto. O caminhão de lixo segue seu rumo trepidante enquanto bato os pés no chão para tentar recuperar as sensações nos dedos e sopro ar quente nas mãos. Rua 72. Julian me contou que mora na rua Charles, do outro lado da cidade. A julgar pela luz, devem ser quase sete horas agora; talvez um pouco mais, pois a neblina densa torna difícil estimar o tempo com precisão. Não posso correr o risco de ser vista em um ônibus nestas condições, manchada de água e coberta de lama.

Dou meia-volta em direção à autoestrada West Side e ao caminho que leva de norte a sul pelo parque extenso e bem-cuidado paralelo ao Hudson. Assim vai ser mais fácil evitar as pessoas. Ninguém vai passear em um dia chuvoso tão cedo. A essa altura, a exaustão faz meus olhos arderem, e meus pés estão pesados.

Mas cada passo me leva para mais perto de Julian e da pessoa que eu jurei me tornar.

Vi imagens da casa dos Fineman no noticiário, e, quando chego ao emaranhado de ruas estreitas no West Village — tão diferente da grade ordenada que define o restante de Manhattan, e, de certa forma, uma escolha surpreendente de Thomas Fineman —, não demoro a encontrá-la. A chuva continua a cair, e meus tênis fazem um ruído. A casa da família Fineman é inconfundível: é a maior casa no quarteirão e a única ladeada por um muro alto de pedra. Um portão de ferro, coberto de emaranhados marrons de hera, permite uma visão parcial da entrada e de um pequeno pátio marrom, pisoteado e coberto de lama. Percorro a rua uma vez, verificando se há indícios de atividade na casa, mas todas as janelas encontram-se escuras. Se houver guardas vigiando Julian, devem estar lá dentro. Sinto uma onda de prazer ao ler a pichação no muro de pedra dos Fineman: ASSASSINO. Graúna tem razão: a cada dia a resistência cresce.

Mais uma volta no quarteirão, e desta vez observo a rua toda, os olhos atentos em busca de testemunhas, vizinhos xeretas, problemas, rotas de fuga. Embora eu esteja encharcada, fico grata pela chuva. Vai facilitar as coisas. Pelo menos mantém as pessoas dentro de casa.

Vou até o portão de ferro dos Fineman tentando ignorar a ansiedade que me consome. Há um teclado eletrônico, como Julian falou: uma pequena tela de LCD solicita uma senha. Por um momento, apesar da chuva e da luta desesperada do meu coração, só fico ali de pé, impressionada com a elegância da casa: um mundo de elementos belos e modernos, de eletricidade e controles remotos, enquanto metade do país está fadada a escuridão e isolamento, calor e frio, sugando migalhas de energia como cachorros arrancando restos de carne de um osso.

Pela primeira vez me ocorre que esse pode ser o objetivo dos muros e das fronteiras, da intervenção e das mentiras: um punho apertando cada vez mais. É um belo mundo para as pessoas que têm a oportunidade de atuar como esse punho.

Deixo que o ódio cresça dentro de mim. Isso também vai ajudar.

Julian disse que sua família deixava pistas ao redor do portão, lembretes da senha.

Não demoro a descobrir os três primeiros números. No alto do portão, alguém prendeu uma plaquinha de metal com uma inscrição da *Shhh*: FELIZES SÃO OS QUE TÊM UM LUGAR; SÁBIOS SÃO OS QUE

SEGUEM O CAMINHO; ABENÇOADOS SÃO OS QUE OBEDECEM À PALAVRA.

É um provérbio famoso, que, por coincidência, é do Livro de Magdalena; uma passagem que conheço bem. Magdalena é minha homônima. Eu costumava devorar essas páginas, em busca de vestígios da minha mãe, de suas razões e de uma mensagem sua para mim.

Livro 9, provérbio 17. Digito 917 no teclado: se eu estiver certa, só falta um número. Estou prestes a tentar dígitos finais aleatórios quando um movimento no pátio chama minha atenção. Quatro lanternas de papel brancas, com o logo da ASD, estão penduradas na varanda. Balançam ao vento, e uma está quase solta da cordinha que a sustenta; está pendurada de um jeito estranho, como uma cabeça semidecepada, batendo ritmicamente na porta. Exceto pelo logo da ASD, as lanternas parecem o tipo de decoração que se poderia encontrar em uma festa de criança. Parecem estranhamente incongruentes na enorme varanda de pedra, balançando acima do pátio lúgubre.

Um sinal. Tem que ser.

9174. O portão faz um clique quando a fechadura abre, e eu entro.

Fecho o portão ao passar e vou depressa até o jardim, observando o máximo que posso. Cinco andares, incluindo um porão; todas as cortinas fechadas, tudo escuro. Nem me dou o trabalho de tentar a porta principal. Vai estar trancada, e, se houver seguranças em algum lugar, sem dúvida estarão no corredor. Então dou a volta até a lateral da casa e encontro a escada de concreto que leva a uma porta de madeira empenada: é a entrada do porão. Deveria ser possível observar lá dentro através da janela pequena que há em uma das paredes, mas uma grade grossa de madeira tapa por completo a visão. Vou ter que entrar no escuro e torcer para que não haja seguranças nesta entrada.

A porta também está trancada, mas a maçaneta é velha e frouxa, portanto deve ser relativamente fácil de arrombar. Fico de joelhos e pego a faca. Prego uma vez me ensinou a arrombar maçanetas com a ponta fina de uma navalha, sem saber que Hana e eu já tínhamos desenvolvido essa habilidade com perfeição anos antes. Os pais dela trancavam todos os biscoitos e doces em uma despensa. Enfio a ponta da faca no estreito espaço entre a porta e a moldura. Só preciso mexer e torcer por alguns momentos até que sinto a tranca destravar. Enfio a faca no bolso do casaco, pois agora vou precisar dela à mão, depois respiro fundo e empurro a porta para entrar na casa.

Está muito escuro. A primeira coisa que percebo é o cheiro: de lavanderia, de toalhas com aroma de limão e amaciante. A segunda é o silêncio. Eu me apoio na porta enquanto espero meus olhos se adaptarem ao escuro. Começo a distinguir formas: uma lavadora e uma secadora no canto, um ambiente todo entrecortado por cordas de pendurar roupas.

Será que foi aqui que prenderam o irmão de Julian? Será que ele morreu neste lugar, sozinho, encolhido no chão de cimento debaixo de lençóis pingando, com o cheiro da umidade penetrando-lhe nas narinas? Afasto a imagem rapidamente. A raiva só é útil até certo ponto. Depois, transforma-se em fúria, e a fúria nos deixa descuidados.

Permito-me soltar um pouco o ar. Não tem ninguém aqui embaixo comigo; sinto isso.

Ando pela lavanderia, abaixando-me ao passar por várias cuecas penduradas em um varal. Por um instante penso que uma delas pode ser de Julian.

Como a mente tenta se distrair de forma idiota...

Passando pela lavanderia há uma pequena despensa cheia de material de limpeza, e depois uma escada estreita de madeira que leva ao térreo. Vou até lá devagar. A escada está empenada, e os degraus parecem ser do tipo que rangem alto ao serem pisados.

No alto da escada há uma porta. Faço uma pausa, atenta aos sons. A casa está em silêncio, e a ansiedade começa a tomar conta de mim. Isto não está certo. É fácil demais. Deveria haver guardas e reguladores. Deveria haver passos, conversas abafadas: algo além deste silêncio absoluto, pendendo pesado como um cobertor grosso.

Assim que abro a porta e piso no corredor, eu me dou conta: todo mundo já foi. Cheguei tarde demais. Devem ter levado Julian hoje de manhã bem cedo, e agora a casa está vazia.

Ainda assim, tenho a sensação de que preciso conferir cada aposento. Uma sensação de pânico cresce dentro de mim (é tarde demais, ele se foi, acabou), e a única coisa que posso fazer para sufocá-la é me manter em movimento, continuar seguindo em silêncio pelo piso acarpetado e verificar cada armário, como se Julian pudesse surgir de uma das portas.

Dou uma olhada na sala de estar, que tem cheiro de lustra-móveis. As pesadas cortinas estão fechadas, bloqueando a vista da rua. Há uma cozinha impecável e uma sala de jantar formal que parece nunca ser usada; um banheiro com aroma enjoativo de alfazema; uma salinha com a maior tela de

televisão que já vi. Há um escritório, lotado de panfletos da ASD e outros materiais informativos pró-cura. No final do corredor, chego a uma porta trancada. Lembro-me do que Julian contou sobre o segundo escritório do Sr. Fineman. Aqui devem ficar os livros proibidos.

No andar de cima há três quartos. O primeiro está desocupado, com ar estéril e cheiro de bolor. Instintivamente percebo que era o quarto do irmão de Julian e que está fechado desde que ele morreu.

Respiro fundo quando chego ao quarto de Julian. Sei que é o dele. Tem seu cheiro. Apesar de ter servido como prisão, não há sinais de luta. Até a cama está feita, com a coberta azul de aparência macia puxada sobre lençóis listrados em verde e branco.

Por um segundo sinto vontade de deitar em sua cama e chorar, de enrolar seu cobertor em meu corpo como o deixei abraçar minha cintura no Resgate. A porta do armário está ligeiramente aberta; vejo prateleiras cheias de calças jeans surradas e camisas de botão. A normalidade disso quase me mata. Mesmo em um mundo virado de cabeça para baixo, um mundo de guerra e insanidade, as pessoas penduram as roupas; dobram as calças; fazem a cama.

É o único jeito.

O quarto ao lado é bem maior, com duas camas de casal a vários metros uma da outra: o quarto principal. Tenho um vislumbre de mim mesma em um espelho grande na parede, acima da cama, e me encolho de susto. Não vejo meu reflexo há dias. Meu rosto está pálido, magro. Meu queixo está sujo, e a roupa também. Meu cabelo está desgrenhado por causa da chuva. Quem me visse agora pensaria que meu lugar é em um hospício.

Vasculho as roupas da Sra. Fineman e encontro um suéter macio de caxemira e uma calça jeans escura e limpa. Fica larga demais na cintura, mas pareço quase normal quando coloco um cinto. Tiro a faca do bolso do casaco e envolvo a lâmina com uma camiseta, para carregá-la com mais segurança. Enrolo minhas roupas e enfio a trouxinha bem no fundo do armário, atrás da sapateira. Olho para o relógio na mesa de cabeceira. Oito e meia da manhã.

Desço a escada quando vejo uma estante de livros em um largo nicho do corredor e a pequena estátua de um galo na prateleira mais alta. Não consigo explicar o que toma conta de mim nem por que isso importa, mas de repente preciso saber se depois de todos esses anos Thomas Fineman continua guardando a chave do segundo escritório lá. É o tipo de homem que faria isso, mesmo depois de o filho descobrir o esconderijo. Ele confiaria que a surra foi

uma boa lição. Faria como teste e provocação, de forma que toda vez que Julian visse o objeto idiota, lembrasse e se arrependesse do incidente.

A estante não é muito grande, e a última prateleira não é muito alta (tenho certeza de que Julian a alcança com facilidade hoje em dia), mas preciso subir em um banquinho para alcançar o galo. Assim que puxo o enfeite de porcelana, algo faz barulho em sua barriga. Desenrosco a cabeça do animal e o viro, derrubando uma chave de metal em minha mão.

Neste momento ouço o som abafado de passos e uma vez: "Sim, sim, exatamente." Meu coração para: é Thomas Fineman. Do outro lado do corredor, a maçaneta da porta da frente estremece enquanto ele enfia a chave na fechadura.

Pulo do banco por instinto, ainda com a chave na palma da mão, e me viro para a porta trancada. Passo alguns segundos tentando enfiar a chave, e neste tempo ouço a tranca da porta da frente ser aberta, duas delas, na verdade, e fico paralisada no corredor, apavorada, quando uma fresta se abre.

— Droga — diz Fineman. Uma pausa. — Não, Mitch, não foi com você. Deixei cair um negócio aqui.

Ele deve estar ao telefone. No tempo que ele leva parando e pegando o que deixou cair, eu enfio a chave na fechadura e entro silenciosamente no escritório proibido. Fecho a porta uma fração de segundo antes de a porta da frente se fechar também, um ritmo de batimentos duplos.

Os passos avançam pelo corredor. Eu me afasto da porta, como se Fineman fosse sentir meu cheiro. O cômodo está na penumbra; as pesadas cortinas de veludo não estão totalmente fechadas, o que permite que uma listra de luz cinza entre pela janela. Torres de livros e obras de arte estendem-se em espiral até o teto, como totens retorcidos. Esbarro em uma mesa e preciso me virar rápido para pegar um livro pesado com capa de couro no último segundo, antes que caia no chão.

Fineman para em frente à porta do escritório e quase desmaio. Minhas mãos tremem.

Não lembro se coloquei a cabeça do galo de volta no lugar.

Por favor, por favor, por favor, siga em frente.

— Aham — diz ele ao telefone. Sua voz é cruel, e ele usa frases curtas; não é o falar arrastado e veemente que usa quando dá entrevistas de rádio e participa de reuniões da ASD. — Sim, exatamente. Às dez horas. Está decidido.

Outra pausa, e então ele fala:

— Bem, não tenho muita escolha, ou tenho? Que impressão eu passaria se apelasse?

Seus passos seguem escada acima, e solto um pouco o ar, apesar de ainda estar assustada demais para conseguir me mexer. Morro de medo de esbarrar em outro objeto e derrubar uma das pilhas de livros. Então aguardo, imóvel, até que os passos de Fineman voltem a soar escada abaixo.

— Entendi — diz ele, e a voz fica mais baixa; ele está saindo de casa. — Rua 18 com a Sexta Avenida. Northeastern Medical.

Então ouço vagamente a porta da frente abrir e fechar e mergulho de volta no silêncio.

Espero mais alguns instantes antes de me mexer, só para ter certeza de que estou sozinha, de que Fineman não vai voltar. As palmas das minhas mãos estão tão encharcadas de suor que mal consigo recolocar o livro no lugar. É um exemplar muito grande, com letras douradas, e estava na mesa com vários livros idênticos. Acho que deve ser uma espécie de enciclopédia, mas então vejo as palavras COSTA LESTE, NOVA YORK — TERRORISTAS, ANARQUISTAS, DISSIDENTES gravadas em uma das lombadas.

De repente parece que levei um soco no estômago. Eu me abaixo para observar as lombadas mais de perto. Não são livros, são registros: uma lista numerada dos criminosos encarcerados mais perigosos dos Estados Unidos, divididos por área e sistema penitenciário.

Eu deveria ir embora. O tempo está passando e preciso encontrar Julian, mesmo que eu chegue tarde demais para ajudá-lo. Mas igualmente forte está ali a compulsão de encontrá-la: de ver seu nome. A compulsão de ver se ela está nesta lista, embora eu saiba que foi incluída, sim. Minha mãe ficou presa por doze anos na Ala Seis, um lugar de confinamento solitário reservado exclusivamente para os resistentes e agitadores políticos mais perigosos.

Não sei por que me importo. Minha mãe fugiu. Cavou um túnel na parede ao longo dos anos, ao longo de uma década, e saiu por ali como um animal. Agora está livre em algum lugar. Eu a vejo em sonhos, correndo por uma área da Selva sempre ensolarada e verde, onde a comida é sempre abundante.

Ainda assim, preciso ver seu nome.

Não demoro para encontrar *Costa Leste, Maine-Connecticut*. A lista de prisioneiros políticos encarcerados nas Criptas nos últimos vinte anos ocupa cinquenta páginas. Os nomes não estão em ordem alfabética, foram

organizados por data. As páginas são manuscritas, garranchos mais ou menos legíveis; é evidente que este livro passou por muitas mãos. Tenho que me aproximar da janela, da pequena abertura por onde passa a luz, para conseguir ler. Minhas mãos tremem, e apoio o livro no canto de uma mesa, já completamente coberta por outros livros, títulos proibidos dos dias antes da cura. Estou concentrada demais na lista de nomes — cada um, uma pessoa; cada um, uma vida que se definhou atrás de paredes de pedra — para me importar e olhar com mais atenção. É um ligeiro conforto saber que algumas dessas pessoas devem ter escapado depois do bombardeio das Criptas.

Encontro facilmente o ano em que minha mãe foi levada: o ano em que completei seis anos, quando me disseram que ela havia morrido. É uma seção de cinco ou seis páginas e uns duzentos nomes.

Corro os olhos pela página, acompanhando as linhas com o dedo, e me sinto tonta sem motivo. Sei que ela vai estar no livro. E sei que agora ela está bem. Mesmo assim preciso ver; parte dela existe nos traços apagados de tinta que formam seu nome. Sua vida lhe foi tirada por esses traços de caneta — e a minha também.

Encontrei. Minha respiração fica presa na garganta. O nome dela está escrito com capricho, em uma letra cursiva grande e elegante, como se a pessoa responsável pelo registro na ocasião apreciasse as curvas de todos os Ls e As: *Annabel Gilles Haloway. Criptas. Ala Seis, confinamento solitário. Agitadora de nível 8*.

Ao lado dessas palavras está o número de registro na prisão. Também está escrito com capricho e esmero: 5.996.

Minha visão se estreita, e neste momento o número parece estar iluminado por um facho de luz enorme. Todo o restante é escuridão, névoa.

5.996. O número desbotado da tatuagem da mulher que me salvou do Resgate, a mulher mascarada.

Minha mãe.

Agora as impressões que eu tinha dela voltam, mas desconexas, como peças de um quebra-cabeça que não consigo encaixar direito: a voz, baixa e desesperada e também algo mais. Suplicante, talvez? Triste? A forma como ela esticou a mão, como se fosse tocar meu rosto, antes de eu me afastar dela. O modo como ficava repetindo meu nome. A altura: em minhas lembranças ela era muito alta, mas não: é baixa, como eu, não deve passar de um metro e sessenta. Na última vez que a vi, eu tinha seis anos.

É claro que na época ela parecia alta para mim.

Duas palavras me queimam por dentro, e ambas são como mãos quentes apertando minhas entranhas: *impossível* e *mãe*.

Culpa e descrença: destruindo-me, derretendo meu estômago. Eu não a reconheci. Sempre pensei que a reconheceria. Eu imaginava que ela seria exatamente como a mãe de minhas lembranças, de meus sonhos: indistinta, ruiva, risonha. Eu imaginava que teria cheiro de sabonete e limão, que suas mãos seriam macias, tratadas com hidratante.

Agora, é claro, percebo a estupidez disso tudo. Ela passou mais de uma década nas Criptas, em uma cela. Ela mudou, endureceu.

Fecho o livro depressa, com violência, como se isso fosse fazer diferença alguma coisa. Como se seu nome fosse um inseto correndo entre as páginas e eu pudesse imprensá-lo no passado. *Mãe. Impossível.* Depois de tudo, de tantas esperanças, desejos e buscas, estávamos tão perto. Nós chegamos a nos tocar.

E, ainda assim, ela preferiu não se revelar. Preferiu ir embora.

Vou vomitar. Cambaleio cegamente pelo corredor e saio sob o leve chuviscar. Não estou raciocinando, mal consigo respirar. Só quando chego à Sexta Avenida, a vários quarteirões de distância da casa, é que o frio começa a dissipar a névoa de minha mente. E então só percebo que ainda estou segurando a chave do escritório proibido. Não me lembrei de trancá-lo ao sair. Nem sei se fechei a porta da casa — é bem capaz que eu a tenha deixado escancarada.

Agora isso não importa. Nada importa. Vou chegar tarde demais para ajudar Julian. Tarde demais para fazer qualquer coisa além de vê-lo morrer.

Meus pés me levam para a rua 18, onde Thomas Fineman comparecerá à execução do filho. Caminho de cabeça baixa, segurando a faca no bolso.

Talvez não seja tarde demais para me vingar.



O Northeastern Medical é um dos complexos de laboratórios mais vistosos que já vi, com uma fachada de pedra e sacadas curvas, e apenas uma discreta placa de metal acima da pesada porta de madeira indica que é um local de procedimentos médicos. Devia ser um banco ou uma agência dos correios antes, na época em que gastar não era regulado; na época em que as pessoas se comunicavam livremente através de cidades não cercadas. O complexo

transmite grandeza e importância. Mas é claro que Julian Fineman não seria morto em meio às pessoas comuns, em uma das enfermarias públicas ou no hospital do Es.Go.T.O. Para os Fineman, só o melhor, até o fim.

Enfim está parando de chuviscar, o que me permite fazer uma pausa na esquina, na porta recuada de um prédio vizinho. Dou uma rápida olhada nas identidades que roubei dos Saqueadores. Escolho Sarah Beth Miller, uma garota que se parece bastante comigo tanto em idade quanto em aparência, e faço um arranhão na altura dela — um metro e setenta —, para deixar a informação meio ilegível. Faço um corte no número de identificação embaixo da foto. Não tenho a menor dúvida de que o número foi invalidado. Muito provavelmente Sarah Beth Miller está morta.

Ajeito o cabelo, rezando para parecer ao menos razoavelmente decente, e empurro a porta da entrada principal do complexo.

Vejo uma sala de espera decorada com bom gosto: um tapete verde bastante felpudo e mobília de mogno. Um enorme relógio, uma antiguidade pomposa ou trabalhada para aparentar isso, bate discretamente na parede, o pêndulo balançando ritmado. Uma enfermeira está sentada a uma mesa grande. Atrás dela há um pequeno escritório: uma série de arquivos de metal, uma segunda mesa e uma cafeteira, cheia até a metade. Mas o relógio, a mobília cara e até o cheiro de café fresco não conseguem esconder o cheiro típico de laboratório: o aroma químico de desinfetante.

À minha direita há uma porta dupla com maçanetas curvas de metal; deve levar às salas onde a intervenção é feita.

— Posso ajudar? — pergunta a enfermeira.

Vou até ela, coloco as mãos na mesa e digo a mim mesma que devo permanecer calma e confiante.

— Preciso falar com uma pessoa — digo. — É extremamente urgente.

— É sobre alguma questão médica?

Ela tem unhas compridas, arredondadas com perfeição, e um rosto que me faz lembrar um buldogue: papos pesados e grandes.

— É. Quer dizer, não. Mais ou menos. — Vou inventando conforme falo; ela franze a testa, e tento de novo: — Não é assunto médico meu. Preciso fazer uma denúncia. — Baixo a voz para um sussurro: — Atividade não autorizada. Acho que… Acho que meus vizinhos foram infectados.

Ela bate com as unhas mais uma vez na bancada.

— É melhor fazer é uma denúncia oficial em uma delegacia. Você também pode ir a uma das estações regulatórias municipais…

— Não — interrompo-a. Formulários de entrada presos por um clipe estão empilhados ao meu lado; eu os ajeito, olhando rapidamente a lista de médicos, pacientes, problemas (*problemas de sono/sonhos!, humores desregulados, gripe*). Escolho um nome aleatório. — Eu preciso falar com o Dr. Branshaw.

Faço uma oração silenciosa para o Dr. Branshaw ser mesmo homem. É uma suposição razoavelmente segura. O estudo da medicina é demorado e rigoroso, e muitas mulheres inteligentes precisam passar o tempo cumprindo as tarefas de procriar e criar filhos.

— Você é paciente dele?

Ela bate as unhas de novo. Está entediada.

— O Dr. Branshaw vai saber o que fazer. Estou bastante preocupada. Você tem que entender. Moro embaixo dessas pessoas. E minha irmã... ainda não é curada. Também estou pensando nela, sabe. Não tem alguma espécie… sei lá… de vacina que o Dr. Branshaw possa aplicar nela?

Ela suspira. Vira-se para o monitor do computador e aperta algumas teclas depressa.

— O Dr. Branshaw não tem mais nenhum horário para hoje. Todos os nossos profissionais estão ocupados. Um evento excepcional exigiu que…

— É, eu sei. Julian Fineman. Estou sabendo. — Balanço a mão em um gesto de desdém.

Ela franze a testa. Há cautela em seus olhos.

— Como você soube…?

— Está em todos os noticiários — digo, interrompendo-a. Estou assumindo meu papel agora: a filha rica e mimada de um político, talvez um membro sênior da ASD. Uma garota acostumada a conseguir o que quer. — É claro, imagino que vocês quisessem manter tudo em sigilo. Não querem a imprensa perturbando. Não se preocupe, não estão dizendo onde vai acontecer. Mas conheço pessoas que conhecem certas pessoas e… bem, você sabe como essas coisas se espalham. — Eu me inclino para a frente e coloco as mãos na mesa, como se ela fosse minha melhor amiga e eu estivesse prestes a lhe contar um segredo. — Pessoalmente, acho que foi um pouco de burrice, não é mesmo? Se o Dr. Branshaw tivesse realizado logo a cura nele, quando ele já estava aí dentro... Só um cortezinho, uma coisinha de nada, não é assim que funciona? Pois bem, se ele tivesse feito logo a cura, tudo isso poderia ter sido evitado. —

Volto a minha posição anterior. — Vou dizer a ele que é isso o que penso quando o encontrar.

— Este não é um caso do Dr. Branshaw — apressa-se a enfermeira a dizer. — Não podemos culpá-lo.

Reviro os olhos do jeito que Hana fazia quando Andrea Grengol dizia algo bem idiota na aula.

— É claro que é. Todo mundo sabe que o Dr. Branshaw é o médico principal de Julian.

— Não, é o Dr. Hillebrand — corrige ela.

Minha pulsação acelera com o entusiasmo por um momento, mas disfarço revirando os olhos mais uma vez.

— Tanto faz. Você vai chamar o Dr. Branshaw ou não? — Cruzo os braços e acrescento: — Não vou embora enquanto não falar com ele.

Ela me lança um olhar de animal ferido, reprovador, como se eu tivesse beliscado seu nariz. Estou perturbando sua manhã, a tranquilidade rotineira de suas horas.

— Identidade, por favor — diz ela.

Saco do bolso a identidade de Sarah Beth Miller e a entrego a ela. O som do relógio parece ter aumentado: o tique-taque está alto demais, e o ar na sala vibra na mesma cadência. Só consigo me concentrar nos segundos que se passam, aproximando Julian cada vez mais da morte. Obrigo-me a permanecer quieta enquanto ela olha a identidade, franzindo a testa de novo.

— Não dá para ler este número — diz ela.

— Foi parar na máquina de lavar ano passado. — Com um aceno, deixo o assunto de lado. — Olha, eu agradeceria se você pudesse falar com o Dr. Branshaw por mim. Diga a ele que estou aqui.

— Vou ter que anunciá-la pelo sistema de som — diz ela.

Agora a expressão de infelicidade aumentou. Ela lança um olhar triste para a cafeteira, e reparo em uma revista meio escondida debaixo de uma pilha de formulários. Ela sem dúvida está pensando que sua manhã tranquila foi destruída. Ela se levanta com certo esforço. É uma mulher pesada. Os botões do seu uniforme parecem prestes a arrebentar, mal mantendo o tecido sobre os seios e a barriga.

— Sente-se. Vai demorar alguns minutos.

Aceno com a cabeça, assentindo, e ela percorre a fileira de arquivos até desaparecer. Uma porta se abre, e por um momento ouço um telefone tocar e

uma confusão de vozes. Então a porta se fecha de novo e tudo fica em silêncio exceto pelo tiquetaquear do relógio.

No mesmo instante entro pela porta dupla.

A ostentação não chega até este local. Aqui, por fim, há o mesmo piso sem graça de linóleo e as mesmas paredes bege e sujas de tantos laboratórios e hospitais. Imediatamente à esquerda há outra porta dupla com os dizeres SAÍDA DE EMERGÊNCIA; através de um pequeno painel de vidro vejo uma escadaria estreita.

Avanço com pressa pelo corredor, meus tênis guinchando no chão, e vou olhando para as portas dos dois lados. A maioria delas está fechada; algumas estão escancaradas, vazias e escuras.

Uma médica com o estetoscópio pendurado ao pescoço anda em minha direção, consultando um prontuário. Ela me observa com curiosidade quando passo. Mantenho os olhos fixos no chão. Felizmente ela não me para. Seco as palmas das mãos na calça: estão suadas.

O laboratório é pequeno, e, quando chego ao final do corredor, vejo que é dividido de maneira simples: apenas uma passagem corta todo o prédio, e um conjunto de elevadores dá acesso aos outros seis andares. Não tenho nenhum plano; só quero encontrar Julian, vê-lo. Não sei bem o que espero conseguir com isso, mas o peso da faca encostada em minha barriga é reconfortante, um segredo afiado.

Pego um elevador para o segundo andar. Aqui há mais atividade: bipes e conversas murmuradas, médicos entrando e saindo apressados de salas de exame. Enfio-me rapidamente na primeira porta à direita, que por acaso é um banheiro. Respiro fundo, tento me concentrar, tento me acalmar. Nos fundos do cômodo há uma bandeja com uma pilha de copinhos plásticos para exame de urina. Pego um, encho de água até a metade e depois volto para o corredor.

Duas técnicas de laboratório estão em frente a uma das salas de exame. Elas se calam quando me aproximo, e, embora eu esteja evitando contato visual deliberadamente, sinto que elas me observam.

— Posso ajudar? — pergunta uma delas quando estou passando.

As duas parecem iguais, e por um momento acho que são gêmeas. Mas é apenas consequência do cabelo preso, dos uniformes imaculados, do idêntico ar de distanciamento clínico.

Mostro o copo plástico para elas.

— Só preciso levar minha amostra para o Dr. Hillebrand — digo.

Ela se encolhe uma fração de centímetro.

— A sala do Dr. Hillebrand fica no sexto andar — responde ela. — Pode deixar com a assistente dele.

— Obrigada — digo.

Seus olhos me acompanham. O ar está seco, quente demais, e minha garganta dói a cada tentativa de engolir. No final do corredor, passo por uma porta com painéis de vidro. Lá dentro, vários pacientes estão sentados assistindo à tevê em camisolas brancas de papel. Seus braços e pernas estão presos às poltronas.

Empurro a porta que dá acesso à escada. Muito provavelmente o Dr. Hillebrand vai ser o responsável pela morte de Julian, e como a sala dele fica no sexto andar, deve ser lá que ele faz a maior parte do seu trabalho. Minhas pernas estão tremendo quando chego ao sexto andar, e não sei se é por nervosismo, falta de sono ou combinação dos dois. Deixo o copo plástico em um canto e paro por um segundo para recuperar o fôlego. O suor escorre por minhas costas.

Por favor, penso, sem me dirigir a ninguém em particular. Não sei bem o que estou pedindo. Uma chance de salvá-lo. Uma chance de ao menos vê-lo. Preciso que ele saiba que vim procurá-lo.

Preciso que ele saiba que, de alguma forma, em algum ponto dentro dos túneis, eu comecei a amá-lo.

Por favor.

Assim que saio da escada, sei que encontrei o lugar: quinze metros adiante no corredor, Thomas Fineman está de pé do lado de fora de uma sala de exames, de braços cruzados e com vários guarda-costas, falando baixo com um médico e três técnicos de laboratório.

Dois, três segundos. Só tenho alguns segundos até eles se virarem, até que me vejam e me perguntem o que estou fazendo aqui.

A conversa deles é indecifrável a essa distância, pois estão praticamente cochichando, e por um segundo meu coração despenca e penso que é tarde demais, que já aconteceu e Julian está morto.

Mas então o médico — Dr. Hillebrand? — consulta o relógio. As palavras seguintes são mais altas, absurdamente altas no espaço e no silêncio, como se ele gritasse:

— Está na hora.

E quando o grupo começa a se dispersar, meus três segundos acabaram. Entro correndo pela primeira porta que vejo. É uma pequena sala de exames, por sorte vazia.

Não sei o que fazer agora. O pânico cresce em meu peito. Julian está aqui, tão perto mas completamente inalcançável. Havia pelo menos três guarda-costas com Thomas Fineman, e não tenho dúvida de que há mais homens lá dentro. Nunca vou conseguir passar por eles.

Recosto-me na porta, obrigando-me a ficar concentrada, a pensar. Estou em uma antessala pequena. Em uma parede há uma porta que deve levar a uma sala maior, onde são realizadas cirurgias complexas e a intervenção de cura para o *deliria*.

Em uma mesa coberta de papel que ocupa o centro do pequeno espaço há camisolas hospitalares dobradas e uma bandeja de instrumentos cirúrgicos. A sala cheira a água sanitária e é idêntica àquela em que me despi para minha avaliação, quase um ano atrás, no dia em que tudo começou, que me trouxe até aqui, para este novo corpo, este novo futuro. Por um segundo fico tonta e preciso fechar os olhos. Quando volto a abri-los, tenho a sensação de estar me vendo em dois espelhos colocados um de frente para o outro, de ser empurrada do passado para o agora e então de volta para o passado. As lembranças começam a brotar, a crescer: o percurso até o laboratório no ar úmido de Portland, as gaivotas voando em círculos, a primeira vez que vi Alex, a escuridão dentro de sua boca quando ele olhou para mim da galeria de observação, rindo…

É isso: a galeria de observação. Alex me olhava de uma galeria de observação que corria ao longo do comprimento da sala de cirurgia para intervenções. Se este laboratório for como o de Portland, talvez eu chegue à sala de Julian pelo sétimo andar.

Volto com cuidado para o corredor. Thomas Fineman sumiu, e há apenas um segurança. Por um momento fico na dúvida se devo me arriscar a enfrentá-lo (a faca está aqui, pesada, esperando, como uma necessidade), mas ele vira os olhos em minha direção. São desprovidos de cor, severos, como duas pedras; ao vê-los, eu recuo, como se ele tivesse me alcançado, mesmo a essa distância toda, e me batido.

Antes que ele possa dizer qualquer palavra, antes que tenha tempo de registrar minha fisionomia, dobro a esquina de fininho e subo a escada.

O sétimo andar é mais escuro e mais velho do que todos os outros. Aqui o silêncio é total: nenhum murmúrio de conversa a portas fechadas, nada de bipes constantes de aparelhos nem técnicos de laboratório andando pelo corredor de tênis brancos. Tudo está parado, como se não fosse comum perturbarem o ar aqui. Uma série de portas segue pelo corredor à minha direita. Meu coração pula quando vejo que a primeira exibe a placa GALERIA DE OBSERVAÇÃO A.

Desço o corredor na ponta dos pés. Está claro que não tem ninguém aqui em cima, mas o silêncio me deixa nervosa. As portas fechadas são um mau presságio, o ar está pesado e quente como um cobertor; tenho a sensação apavorante de que estou sendo observada, de que todas as portas são bocas, prontas para se abrirem e denunciarem aos berros minha presença.

Há uma placa na última porta: GALERIA DE OBSERVAÇÃO D. As palmas das mãos estão suando tanto que mal consigo girar a maçaneta. No último segundo, tiro a faca do bolso da frente do casaco, só por precaução, e a desenrolo da camiseta da Sra. Fineman. Então me agacho, passo pela porta e entro na galeria de observação. Estou segurando o cabo com tanta força que meus dedos doem.

A galeria é grande e escura; está vazia. Tem formato de L, seguindo por duas paredes da sala de cirurgia abaixo. É completamente fechada com painéis de vidro e possui quatro fileiras de cadeiras, todas com visão para a sala. O cheiro aqui é de cinema: estofamento molhado e chiclete.

Desço os degraus para a galeria, mas permaneço bem abaixada, aliviada porque as luzes estão apagadas. Aliviada também pelo fato de as paredes baixas de gesso que cercam a galeria, debaixo dos pesados painéis de vidro, esconderem-me ao menos parcialmente de quem está embaixo. Tiro a mochila das costas e a coloco com cuidado a meu lado. Meus ombros doem.

Não tenho ideia do que fazer.

As luzes na sala de cirurgia são fortíssimas. Há uma mesa de metal no centro e dois técnicos estão circulando, ajeitando equipamentos, tirando coisas do caminho. Thomas Fineman e alguns homens, os que vi no corredor, foram levados para uma sala adjacente, também cercada de vidro, e, apesar de terem colocado cadeiras ali para eles, estão todos de pé.

O que Fineman estará pensando?, eu me pergunto. Penso rapidamente na mãe de Julian. Onde ela deve estar?

Não vejo Julian em lugar nenhum.

Um flash de luz. Penso *explosão*, penso *correr*, e tudo em mim se contrai, fica tenso e em pânico, até eu reparar que em um canto há um homem com uma câmera e um crachá de repórter preso à gravata. Ele tira fotos do local, e o brilho do flash reflete em todas as superfícies polidas de metal, ziguezagueando pelas paredes.

É claro. Eu devia ter imaginado que a imprensa seria convidada a fotografar o grande evento. Eles precisam registrá-lo e divulgá-lo para que tenha algum significado.

O ódio cresce em mim e, com ele, uma onda cada vez maior de fúria. Poderiam todos arder em chamas.

Há um movimento no canto, na parte da sala escondida debaixo da galeria. Vejo Thomas Fineman e os outros homens se virarem naquela direção. Atrás do vidro, Thomas limpa a testa com um lenço, o primeiro sinal de desconforto que demonstra. O fotógrafo se vira também: flash, flash. Dois momentos de uma cegante luz branca.

Julian entra na sala. Ele vem com um regulador de cada lado, mas anda sozinho, sem ser empurrado. Atrás deles caminha um homem usando a gola alta e branca dos padres; em frente ao peito ele segura um exemplar da *Shhh* de capa dourada, como um talismã para protegê-lo de tudo de sujo e terrível que há no mundo.

O ódio é uma corda apertando meu pescoço.

As mãos de Julian foram algemadas a sua frente, e ele usa um blazer marinho e calça jeans bem passada. Fico pensando se foi escolha dele ou se o obrigaram a se arrumar para a própria execução. Ele está de costas para mim; peço silenciosamente que se vire, que olhe para cima. Preciso que ele saiba que estou aqui. Preciso que saiba que não está sozinho. Estendo a mão sem pensar, tocando o vidro. Quero quebrá-lo em pedaços, pular lá para baixo e levar Julian para longe daqui. Mas jamais daria certo. Eu não conseguiria correr mais do que alguns metros, e aí a execução seria dupla.

Talvez nem fosse má ideia. Não me resta mais nada, nada para que voltar.

Os reguladores pararam ao lado da mesa. As vozes ficam mais altas. Ouço Julian dizer:

— Prefiro não me deitar.

Sua voz está abafada e indistinta (por causa do vidro e da altura), mas ao ouvi-lo tenho vontade de gritar. Agora meu corpo todo é um batimento

cardíaco, uma urgência latejante de fazer algo. Mas estou paralisada, pesada como uma pedra.

Um dos reguladores dá um passo à frente e solta as mãos de Julian. Ele então se vira, e vejo seu rosto. Ele passa as mãos ao redor dos pulsos, várias vezes, e faz uma careta discreta. Quase imediatamente o regulador prende o pulso direito de Julian a uma das pernas da mesa de metal e o empurra pelo ombro, forçando-o a se sentar. Ele não olhou para o pai nem uma vez.

No canto da sala, o médico está lavando as mãos em uma pia grande. A água batendo no metal faz um barulho bem alto. Está silencioso demais. Não é possível que execuções possam acontecer aqui, assim, na luz e no silêncio. O médico seca as mãos e veste um par de luvas cirúrgicas, ajustando cada dedo sob o látex.

O padre dá um passo à frente e começa a ler. Sua voz é um zunido monótono e baixo, abafado pelo vidro:

— E assim Isaque cresceu e era o orgulho de seu pai idoso, e por um tempo um reflexo perfeito da vontade de Abraão…

Ele está lendo uma passagem do Livro de Abraão. É claro. Nesse livro, Deus manda Abraão matar seu único filho, Isaque, depois de Isaque ser infectado pelo *deliria*. E ele cumpre. Leva o filho para uma montanha e lhe enfia uma faca no peito. Eu me pergunto se foi o Sr. Fineman que pediu a leitura dessa passagem. Obediência a Deus, à segurança, à ordem natural: é isso o que o Livro de Abraão nos ensina.

— Mas, quando Abraão viu que Isaque tinha sido maculado, ele pediu em seu coração para ser guiado…

O nome de Julian está preso em minha garganta. *Olhe para mim.*

O médico e dois técnicos de laboratório se aproximam. O médico segura uma seringa. Ele a testa, batendo com o dedo, enquanto um técnico dobra a camisa de Julian até o cotovelo.

Justo neste momento há uma agitação lá embaixo, espalhando-se pela sala de uma vez. Julian ergue o olhar de súbito; o médico se afasta dele e coloca a seringa de volta na bandeja de metal que um dos técnicos segura. Thomas Fineman se inclina para a frente, com a testa franzida, e sussurra algo para um segurança no momento em que uma técnica de laboratório entra de supetão na sala. Não entendo o que ela diz — percebo que é uma mulher, apesar da máscara descartável e do jaleco volumoso e largo demais que ela usa, por causa da trança que lhe desce pelas costas —, mas ela gesticula, agitada.

Alguma coisa está errada.

Aproximo-me um pouquinho do vidro, me esforçando para ouvir o que ela diz. Um pensamento ergue as asas no fundo de minha mente, uma ideia que não entendo muito bem. Tem algo de familiar nessa mulher, no modo enfático como ela gesticula enquanto pede ao médico que vá para o corredor. Ele balança a cabeça, tira as luvas e as enfia no bolso. Dá uma ordem curta antes de sair marchando da sala. Um dos técnicos de laboratório corre atrás dele.

Thomas Fineman dirige-se à porta que dá acesso ao laboratório. Julian está pálido, e mesmo daqui consigo notar que está suando. Sua voz sai mais alta do que o normal, tensa:

— O que está acontecendo? Alguém me diga o que está acontecendo.

A mulher de trança cruzou a sala e está abrindo a porta para Thomas Fineman. Ela enfia a mão no bolso do jaleco quando ele entra na sala com o rosto afogueado.

E justo quando a ideia surge, toma conta de mim (a trança, as mãos, Graúna), há uma explosão, um estalo alto, e a boca de Thomas Fineman se abre, ele cambaleia de maneira estranha e cai no chão enquanto pétalas vermelhas de sangue florescem na frente de sua camisa.

Por um momento a cena toda parece congelar: Thomas Fineman, caído no chão como uma boneca de pano; Julian, com o rosto lívido, na mesa; o jornalista, com a câmera ainda colada ao olho; o padre no canto; os reguladores ao lado de Julian, com as armas ainda presas ao cinto; Graúna segurando uma arma.

Flash.

O técnico de laboratório de verdade grita.

E então tudo é caos.

Mais tiros ricocheteiam pela sala.

— Para o chão! Abaixem-se! — gritam os reguladores.

Crack. Uma bala se aloja no vidro grosso acima de minha cabeça, e a partir dela uma teia de fissuras começa a crescer. É tudo de que preciso. Pego uma cadeira atrás de mim e jogo com força, em arco, rezando para Julian estar de cabeça baixa.

O som é um estrondo, e por uma fração de segundo tudo fica em silêncio de novo exceto pela cascata de vidro, uma chuva cortante. Em seguida pulo pelo muro de concreto e caio no chão. Meus tênis esmagam vidro quando aterrisso,

sem equilíbrio, apoiando uma das mãos no piso: ao erguê-la, vejo que está suja com sangue.

Graúna é um borrão. Ela torce o corpo para se livrar de um regulador, inclina-se para a frente e esmaga o joelho dele com o cabo da arma. Quando ele se dobra de dor, ela coloca o pé nas costas dele e empurra: ouve-se a rachadura quando a cabeça dele bate na pia de metal. E ela já se dirige à sala onde estão os guarda-costas de Fineman e enfia um pequeno bisturi de metal na fechadura da porta para impedir que seja aberta. Ela empurra uma bandeja móvel de metal e a encosta na porta para garantir. Instrumentos médicos se espalham por todos os lados quando eles empurram a porta, gritando, e a bandeja é deslocada alguns centímetros. Mas a porta não abre, pelo menos ainda não.

Estou a três metros de Julian — gritos, tiros e agora um alarme está soando, um grito agudo —, depois a um metro e meio, depois a seu lado, segurando seu braço, seus ombros, querendo apenas senti-lo, ter certeza de que ele é real.

— Lena! — Ele luta contra a algema que prende um de seus pulsos à mesa, tentando se soltar. Agora ele ergue os olhos brilhantes, azuis como o céu. — O que você…?

— Não temos tempo — digo. — Fique abaixado.

Corro em direção ao regulador ainda caído perto da pia. Estou vagamente ciente dos gritos, de Graúna ainda se virando, girando e se abaixando (vista de longe, ela poderia estar dançando), e de explosões abafadas. O jornalista sumiu; deve ter fugido.

O regulador está quase inconsciente. Eu me ajoelho, corto seu cinto rapidamente, pego as chaves e volto para a mesa. A palma de minha mão direita está toda molhada de sangue, mas quase não sinto dor. Faço duas tentativas até conseguir enfiar a chave na tranca da algema; Julian solta o pulso e me puxa para si.

— Você veio — diz ele.

— É claro — respondo.

E então Graúna aparece a nosso lado.

— Hora de ir.

Um minuto, talvez menos, Thomas Fineman está morto, a sala está um caos e estamos livres.

Corremos pela antecâmara quando ouvimos um estrondo metálico e mais gritos. Os guarda-costas devem ter saído da salinha. Pegamos o corredor de

entrada, onde os alarmes soam e já ouvimos passos correndo pela escada.

Graúna aponta com a cabeça para a direita, para uma porta com uma placa que diz ACESSO AO TELHADO, APENAS EM CASO DE EMERGÊNCIA. Então seguimos apressados, em silêncio, nervosos: passamos por ali e chegamos à saída de incêndio. Depois descemos pela escada de metal, um degrau após o outro, até chegarmos à rua. Graúna se livra do jaleco grande demais e da máscara descartável e joga ambos em um lixão debaixo da escada. Eu me pergunto onde ela conseguiu essas coisas, então me lembro da recepcionista grandona, com os seios quase explodindo para fora do jaleco.

— Por aqui — diz Graúna brevemente assim que chegamos ao térreo.

Quando ela vira a cabeça, vejo que tem vários cortes pequenos no rosto e no pescoço; deve ter se ferido com o vidro.

Chegamos a um pátio pequeno e sujo, onde há um conjunto de mobília enferrujada e uma área de grama marrom. É rodeado por uma cerca baixa, que Graúna escala com facilidade. É um pouco mais difícil para mim, e Julian, que está atrás, me ajuda empurrando meu corpo. Minha mão começou a latejar, e a cerca está escorregadia. Chove mais forte agora.

Do outro lado da cerca há outro pequeno pátio, quase idêntico ao primeiro, e outro prédio marrom e sombrio. Graúna vai direto até a porta, que é mantida aberta por um bloco de cimento, e entramos em um corredor escuro com mais portas fechadas com placas douradas. Por um segundo fico em pânico, achando que voltamos ao laboratório. Mas então saímos em um saguão grande, também escuro, e decorado com várias plantas falsas e várias placas que apontam o caminho para EDWARD WU, ADV. E METROPOLITAN VISION ASSOCIATES. Uma porta giratória de vidro nos oferece uma visão pouco nítida da rua: pessoas passando, segurando guarda-chuvas, empurrando umas às outras.

Graúna segue direto para as portas, fazendo uma pausa rápida só para pegar uma mochila que ela deve ter escondido antes atrás de uma das plantas. Ela se vira e joga um guarda-chuva para Julian e outro para mim. Veste uma capa de chuva amarela e puxa o capuz sobre a cabeça, apertando bem para esconder os cortes no rosto.

Saímos para a rua e nos misturamos à multidão de pessoas indo ou vindo de algum lugar, uma multidão sem rosto, uma massa de corpos em movimento. Nunca me senti tão grata pela imensidão de Manhattan, por seu apetite; somos

engolidos pela cidade e ali nos tornamos um e qualquer um: uma mulher de capa amarela; uma garota baixa de casaco vermelho; um garoto com o rosto escondido por um guarda-chuva enorme.

Viramos à direita na Oitava Avenida, depois à esquerda na rua 24. Já saímos do meio da multidão: as ruas estão vazias; os prédios, encobertos; as cortinas e as janelas, fechadas por causa da chuva. Há luzes acesas por trás de cortinas finas acima de nós; aposentos virados para dentro, de costas para a rua. Seguimos incólumes, anônimos, pelo mundo cinzento e chuvoso. Os esgotos estão vazando, cuspindo lixo, pedaços de papel e guimbas de cigarro. Soltei a mão de Julian, mas ele caminha a meu lado, acompanhando meu passo, e estamos quase nos tocando.

Chegamos a um estacionamento, vazio exceto por uma van branca que reconheço: a van disfarçada de veículo do Es.Go.T.O. Penso de novo em minha mãe, mas não é hora de perguntar sobre ela. Graúna destranca a porta dupla da traseira da van e tira o capuz.

— Entrem — diz ela.

Julian hesita por um segundo. Vejo seus olhos percorrendo as palavras: GOVERNO DA CIDADE DE NOVA YORK, DEPARTAMENTO DE ESCOLARIZAÇÃO, GOVERNANÇA, TRATAMENTO E ORDEM.

— Pode vir — digo.

Entro e me sento de pernas cruzadas no chão sujo. Ele entra também. Graúna assente para mim e fecha a porta atrás de nós. Escuto-a se sentar no banco do passageiro. O silêncio prevalece, exceto pelo som da chuva no teto fino de metal. O ritmo cria uma vibração em todo o meu corpo. Está frio.

— O quê…? — pergunta Julian, mas eu o faço se calar.

Não estamos fora de perigo, ainda não, e não vou relaxar até estarmos em segurança fora da cidade. Limpo o sangue da palma da mão com o casaco, depois uso a barra da bainha para estancar o sangramento.

Ouvimos passos altos, a porta do motorista se abre e a voz de Prego resmunga:

— Conseguiu?

A resposta de Graúna:

— Eu estaria aqui se não tivesse conseguido?

— Você está sangrando.

— É só um arranhão.

— Vamos, então.

O motor ganha vida, e de repente tenho vontade de gritar de alegria. Graúna e Prego estão de volta, bicando-se como sempre fizeram, como sempre farão. Eles foram me buscar, e agora vamos para o norte. Estamos do mesmo lado de novo. Vamos voltar para a Selva, e verei Alistar de novo, e Sarah, e Fê.

Vamos nos recolher, como uma planta faz para se proteger da geada, e deixar a resistência com suas armas e seus planos, os Saqueadores com seus túneis, a ASD com suas curas e o mundo todo com sua doença e cegueira. Vamos deixar tudo ruir. Estaremos a salvo, protegidos debaixo das árvores, aninhados como pássaros.

E Julian está comigo. Eu o encontrei, e ele me seguiu. Estico o braço na penumbra, em silêncio, e encontro suas mãos. Entrelaçamos os dedos, e, apesar de ele também não dizer nada, sinto o calor e a energia passando entre nós, um diálogo mudo. *Obrigado*, ele está dizendo, e eu estou respondendo *Estou tão feliz, tão feliz, eu precisava que você ficasse bem.*

Espero que ele entenda.



Não durmo há vinte e quatro horas, e, apesar dos sacolejos da van e do trovejar da chuva, em algum momento adormeço. Só acordo quando Julian chama meu nome baixinho. Estou deitada em seu colo, inspirando o aroma de sua calça jeans. Eu me sento rapidamente, constrangida, e esfrego os olhos.

— Nós paramos — diz ele, apesar de ser óbvio.

A chuva diminuiu. A porta da van bate; Graúna e Prego comemoram com exuberância, bem alto. Devemos estar bem longe da fronteira.

A porta dupla é aberta e ali está Graúna com um sorriso enorme e Prego atrás dela, de braços cruzados e parecendo satisfeito consigo mesmo. Reconheço o velho armazém pela superfície rachada do estacionamento e a casinha atrás de Prego.

Graúna estende a mão e me ajuda a sair da van. Seu aperto é firme.

— Qual é a palavra mágica? — diz ela assim que meus pés tocam no chão. Ela está relaxada agora, sorrindo e tranquila.

— Como vocês me encontraram? — pergunto.

Ela quer que eu diga obrigada, mas não digo. Não é preciso. Ela aperta minha mão antes de se afastar, e sei que ela sabe o quanto estou grata.

— Você só poderia estar em um lugar — diz ela, e seus olhos se desviam rapidamente para Julian, atrás de mim, e depois voltam a me fitar. Sei que é seu jeito de fazer as pazes comigo e admitir que estava errada.

Julian também saiu da van e está sondando ao redor, com os olhos arregalados e a boca aberta. Seu cabelo ainda está molhado, e pequenos cachos começaram a se formar nas pontas.

— Está tudo bem — digo.

Estendo a mão para trás e seguro a dele. A alegria toma conta de mim de novo. Aqui podemos dar as mãos, podemos nos aconchegar para nos aquecermos, podemos dormir grudados à noite, como estátuas planejadas para ficar lado a lado.

— Venham! — Prego está andando de costas, meio saltitante, em direção ao armazém. — Estamos empacotando as coisas para irmos embora. Já perdemos um dia. Alistar deve estar nos esperando com os outros em Connecticut.

Graúna ajeita a mochila nos ombros e dá uma piscadela.

— Você sabe como Alistar fica quando está de mau humor — diz ela. — É melhor a gente ir.

Percebo a confusão de Julian. O tipo do diálogo e os nomes estranhos, a proximidade das árvores, sem poda e sem cuidados, tudo isso deve ser demais para ele. Mas vou ensiná-lo, e ele vai amar. Vai aprender a amar, e amar aprender. As palavras correm por minha mente, tranquilizadoras e belas. Há tempo para absolutamente tudo agora.

— Espere!

Corro atrás de Graúna, que segue Prego para o armazém. Julian fica para trás. Mantenho a voz baixa para que Julian não possa ouvir.

— Você… você sabia? — pergunto, engolindo em seco. Fico sem fôlego, apesar de ter corrido menos de seis metros. — Sobre minha mãe?

Ela olha para mim confusa.

— Sua mãe?

— Shh.

Por algum motivo, não quero que Julian escute; é demais, profundo demais, cedo demais.

Graúna balança a cabeça como se não entendesse.

— A mulher que foi me buscar no Resgate — insisto, apesar de Graúna parecer confusa. — Ela tem uma tatuagem no pescoço, 5.996. É o número de

registro de minha mãe nas Criptas. — Engulo em seco. — Ela é minha mãe.

Graúna estica dois dedos como se fosse tocar em meu ombro, mas pensa melhor e baixa a mão.

— Sinto muito, Lena. Eu não fazia ideia.

Sua voz tem uma suavidade que lhe é rara.

— Preciso falar com ela antes de irmos embora — digo. — Tem algumas… algumas coisas que preciso dizer a ela.

Na verdade, há apenas uma coisa que quero dizer, e só de pensar nisto meu coração se acelera: *Por quê, por quê, por quê? Por que se deixou ser levada? Por que me deixou pensar que você estava morta? Por que não foi me buscar?*

Por que deixou de me amar?

Quando você deixa a palavra entrar, quando permite que se enraíze, ela se espalha como mofo por todos os cantos e espaços escuros que há em você. E com ela vêm as perguntas, os medos trêmulos e frágeis, suficientes para mantê-lo permanentemente acordado. A ASD tem razão quanto a isso, pelo menos.

Graúna une as sobrancelhas.

— Ela foi embora, Lena.

Minha boca fica seca.

— Como assim?

Graúna dá de ombros.

— Ela foi embora hoje de manhã com outros. São de um nível mais alto do que eu. Não sei para onde foram. Não posso perguntar.

— Ela… ela é da resistência, então? — pergunto, embora seja óbvio.

Graúna assente.

— Uma das principais líderes — diz ela com delicadeza, como se isso compensasse tudo. Ela abre as mãos. — É tudo o que sei.

Olho para o lado e mordo o lábio. No sul, as nuvens estão se abrindo, como lã se desenrolando aos poucos, revelando áreas azuis no céu.

— Passei a maior parte da vida pensando que ela estivesse morta — digo.

Não sei por que conto isso a Graúna, nem que diferença vai fazer.

Neste momento ela me toca, afaga meu cotovelo.

— Chegou um cara de Portland ontem à noite, um fugitivo. Fugiu das Criptas depois do bombardeio. Ele não falou muito, não disse nem o nome. Não sei bem o que fizeram com ele lá, mas… — Ela não termina a frase. — Bom, ele pode saber alguma coisa sobre sua mãe. Sobre o tempo que ela passou lá, pelo menos.

— Certo.

A decepção me deixa pesada, entorpecida. Não me dou o trabalho de contar a Graúna que minha mãe ficou na solitária durante todo o tempo que esteve presa. Além do mais, não preciso saber como ela era naquela época. Quero conhecê-la agora.

— Sinto muito — repete Graúna, e percebo que está sendo sincera. — Mas pelo menos você sabe que ela está livre, certo? Está livre e a salvo. — Ela abre um breve sorriso. — Como você.

— É.

Ela está certa, é claro. A decepção é um pouco amenizada. Livres e a salvo: eu, Julian, Graúna, Prego, minha mãe. Vamos todos ficar bem.

— Vou ver se Prego precisa de ajuda — diz Graúna, voltando a seu modo objetivo e prático. — Vamos partir hoje à noite.

Faço que concordo com um movimento de cabeça. Apesar de tudo que aconteceu, é bom falar com Graúna e vê-la assim, pronta para agir. É assim que deve ser. Ela entra no armazém e fico ali por um momento, fecho os olhos e inspiro o ar: aromas de terra molhada e troncos úmidos; um cheiro de renovação. Vamos ficar bem. E, algum dia, vou encontrar minha mãe de novo.

— Lena? — É a voz de Julian, soando baixinho atrás de mim. Eu me viro. Ele está de pé junto à van, com os braços ao longo do corpo, como se tivesse medo de se mover neste novo mundo. — Você está bem?

Vê-lo ali, cercado de árvores por todos os lados e sob as nuvens que se afastam, faz a alegria crescer em mim de novo. De repente vou até ele sem pensar e pulo em seus braços em um impulso tão grande que ele quase cai para trás.

— Sim — digo. — Eu estou bem. Nós dois estamos bem. — Dou uma risada. — Tudo vai ficar bem agora.

— Você me salvou — sussurra ele. Sinto seus lábios se movendo encostados em minha testa. O toque de sua boca faz um calor dançar dentro de mim. — Eu não conseguia acreditar. Nunca imaginei que você viria.

— Eu tinha que ir.

Eu me afasto para olhá-lo, ainda abraçando-o pela cintura. Ele apoia a mão em minhas costas. Apesar de eu ter passado muito tempo na Selva, me ocorre de novo que é um milagre ficar assim com uma pessoa. Ninguém pode nos dizer que não. Ninguém pode nos mandar parar. Escolhemos um ao outro, e o restante do mundo que vá para o inferno.

Julian ergue a mão e afasta uma mecha de cabelo dos meus olhos.

— O que acontece agora? — pergunta ele.

— O que a gente quiser.

A alegria é uma explosão: eu poderia sair voando agora, subir até o céu.

— Qualquer coisa?

O sorriso dele se espalha devagar dos lábios para os olhos.

— Qualquer coisa, tudo — respondo, e Julian e eu buscamos, ao mesmo tempo, os lábios um do outro.

A princípio é um beijo desajeitado: o nariz dele bate em minha boca, depois meu queixo bate no dele. Mas ele sorri, não nos apressamos e encontramos o ritmo um do outro. Passo os lábios de leve nos dele, exploro sua língua suavemente com a minha. Ele enfia os dedos no meu cabelo. Inspiro o aroma de sua pele, fresco e amadeirado, como o de sabonete e folhas misturadas. Nós nos beijamos devagar, com delicadeza, porque agora temos todo o tempo do mundo, nada além de tempo, e espaço para nos conhecermos livremente, e para nos beijarmos o quanto quisermos. Minha vida está começando de novo.

Julian se afasta para me olhar. Ele passa o dedo pela linha de meu queixo.

— Acho… acho que eu peguei de você — diz ele, um pouco sem fôlego. — O *deliria*.

— Amor — falo e aperto sua cintura. — Diga.

Ele hesita só por um segundo.

— Amor — diz ele, experimentando a palavra. Em seguida, sorri. — Acho que gosto da ideia.

— Você vai amar. Pode acreditar.

Fico na ponta dos pés e Julian beija meu nariz, depois passa os lábios pelas minhas bochechas, pela orelha, plantando beijinhos na testa.

— Promete que vamos ficar juntos? — Seus olhos estão mais uma vez de um azul-claro, como uma piscina perfeitamente límpida. São olhos para se nadar e flutuar para sempre. — Você e eu.

— Prometo — digo.

Atrás de nós a porta se abre e eu me viro, esperando ver Graúna, quando uma voz corta o ar:

— Não acredite nela.

O mundo todo se fecha a meu redor como uma pálpebra: por um momento, tudo fica escuro.

Estou caindo. Meus ouvidos são tomados por um forte zunido; fui sugada para dentro de um túnel, um lugar de pressão e caos. Minha cabeça está prestes a explodir.

Ele está diferente. Bem mais magro, e uma cicatriz corta da sobrancelha até o maxilar. No pescoço, logo atrás da orelha esquerda, um pequeno número tatuado se curva ao redor da cicatriz de três pontas que me enganou por tanto tempo, fazendo-me acreditar que ele era curado. Seus olhos, antes de um castanho doce e derretido como xarope, endureceram-se. Agora estão pétreos, impenetráveis.

Só o cabelo está igual: aquela coroa castanha, como folhas no outono.

Impossível. Fecho os olhos e torno a abri-los: o garoto que saiu de um sonho, de outra vida. Um garoto que voltou dos mortos.

Alex.

Sobre a autora



LAUREN OLIVER foi assistente editorial numa grande editora nova-iorquina. Após encantar leitores com seu romance *Antes que eu vá*, Lauren escreveu *Delírio*, que deu origem à série best-seller do *The New York Times*. Formada pela Universidade de Chicago e mestre em Fine Arts pela Universidade de Nova York, hoje se dedica integralmente a seus livros e à Paper Lantern Lit, incubadora de projetos editoriais da qual é sócia e fundadora — passa boa parte do tempo em trens, ônibus e aviões e escreve sem parar, no notebook ou em guardanapos. Vive no Brooklyn, que chama de "o lugar mais feliz da Terra", tem dez tatuagens, gosta de cozinhar, bebe café demais e sempre exagera no ketchup.

Conheça os livros da autora



Antes que eu vá



Delírio



Pandemônio